COLEÇÃO "OBRAS IMORTAIS"

DIREÇÃO DO PROFESSOR

GIULIO DAVIDE LEONI

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

D. GIOSA - INDÚSTRIAS GRÁFICAS S. A. - ATENA EDITÔRA

SÃO PAULO — BRASIL

COLEÇÃO "OBRAS IMORTAIS"

VERGÍLIO

E N E I D A

ESTUDO INTRODUTIVO, GLOSSÁRIO MITOLÓGICO
E TRADUÇÃO EM PROSA DE

G. D. LEONI e NEYDE RAMOS DE ASSIS

ATENA EDITÔRA - SÃO PAULO

VERGÍLIO NO AMBIENTE HISTÓRICO E LITERÁRIO DE SEU TEMPO

Não é difícil resumir em poucas linhas os treze anos que vão da morte de Júlio César à batalha de Ácio (44-31 a. C.): os fatos sucedem-se com uma sequência lógica, que faz desaparecer um por um os protagonistas das últimas lutas civis em Roma, deixando o campo livre ao mais digno, quase ao predestinado a receber a herança de César. Se quisermos ser justos, o império de Roma inicia-se com Júlio César, o primeiro, depois de tantas guerras civis, que compreende as necessidades de uma reorganização do Estado: a velha gloriosa república, nascida para dar a Roma a supremacia sôbre a Itália e sôbre o Mediterrâneo, tinha realizado seu ciclo histórico; outro ciclo histórico abria-se sôbre o vastíssimo império, que parecia não ter confins e principalmente se impusera com a sua poderosa tradição. Quando César cai sob o punhal dos conjurados, parece quase que por um átimo a história se paralisa e que o caminho traçado pelo ditador se perde novamente no labirinto das paixões republicanas; ao contrário, olhando embora só cronològicamente os acontecimentos, percebemos que o assassínio de César retarda, mas não modifica a continuidade lógica da história de Roma. Marco Antônio tenta retomar o poder absoluto; o Senado corre às defesas. Em Roma ficou Otávio, sobrinho de Júlio César, adotado pelo ditador e seu herdeiro: tem vinte anos (nasceu em 63 a. C.), é inteligente e esperto. É mandado com os dois cônsules do ano de 43 contra Antônio: em Moderna, Antônio é vencido, mas morrem os dois cônsules e Otávio toma o comando do exército vitorioso. Voltando para Roma, ofendido pela atitude do Senado que, recusando-lhe o triunfo e o consulado, tenciona pô-lo de lado e tomar a direção dos acontecimentos, o jovem se alia inesperadamente a Antônio e forma com êle o Marco Emílio Lépido (lugar-tenente de Antônio) o segundo triunvirato. O primeiro ato do novo govêrno é o de libertar-se dos inimigos mais próximos: nas listas de proscrição está incluído Cícero, que Otávio abandona ao ódio de Antônio. Depois, a luta contra Marco Bruto e Cáio Cássio, chefes da conspiração anticesariana, fugidos para o Oriente: em Filipos, na Macedônia (42 a. C.) Bruto e Cássio são vencidos; e com êles morre a velha república. Os triunviros, agora já seguros em Roma e

nas províncias, dividem o vasto império: a Antônio o Oriente, a Lépido a África, a Otávio a Itália, a Espanha e a Gália. Otávio assume o encargo de distribuir aos veteranos as terras italianas: o que provoca irritações e revoltas. Delas se aproveita Lúcio, irmão de Antônio, que vai contra Otávio, mas é derrotado em Perugia (40 a. C.). O jovem herdeiro de César sente que não chegou ainda o momento decisivo: um novo acôrdo (a chamada «paz de Brindisi») entre os três homens; e uma nova vitória, contra Sexto, filho de Pompeu, que conseguiu dominar com sua frota o Mediterrâneo (Tarento, 36 a. C.). Pôsto Lépido de lado com astúcia, Otávio pensa em liquidar também Antônio. Mais astuto e mais afortunado que o rival, que no Oriente pompeia entre o fausto dos reis asiáticos e auxilia Cleópatra (que se tornara sua espôsa, tendo repudiado Otávia, irmã de Otávio), o jovem futuro imperador desenvolve uma política de pacificação e de reconstrução; e não lhe é difícil mostrar a necessidade de uma guerra contra Antônio. A guerra é declarada e ganha perto do promontório de Ácio, no litoral adriático da Grécia (31 a. C.). Antônio mata-se; após o suicídio de Cleópatra, Otávio declara o Egito província romana: tornou-se senhor do império.

Mas tornar-se senhor do império não significava para Otávio demorar-se sôbre a vitória alcançada: a luta mais dura começava justamente no momento em que se encerrava a guerra civil. Êle era como um general vencedor, que ficava porém sòzinho no campo de batalha: o fim da guerra marca a hora crítica e decisiva na história do mundo latino. Desde que, meio século antes, Sila assumira a ditadura para assegurar o triunfo da oligarquia senatorial, as instituições tinham perdido qualquer fôrça e apresentavam-se velhas e enferrujadas, deterioradas nos quatro séculos de govêrno republicano. As grandes riquezas estão reunidas em poucas mãos; os proletários, sem ter mais trabalho, porque os escravos os substituiram nos grandes latifúndios, contentam-se com as periódicas distribuições de trigo; a cultura grega, cada vez mais difundida entre o elemento culto e rico, alimenta a tendência para considerar os fatos políticos com o ostensivo descuido de um estranho à vida social: metade dos senadores desertam as sessões do Senado, porque as conversas e os prazeres mundanos interessam mais que as solenes discussões. Os melhores homens afastam-se: pesa sôbre Roma a angustiosa inquietação que é característica dos períodos de decadência. Nem a religião conseguiu manter unidos os homens: era de ontem o clamor de

Cícero, advertindo que os bárbaros tinham fé e respeito pelos animais que adoravam, enquanto os romanos esqueciam deuses e templos. Os jovens iam estudar na Hélade ou, se não podiam, freqüentavam as escolas dos retores gregos, que em Roma tinham círculo. À perturbação política e religiosa junta-se o geral relaxamento dos costumes: a unidade da antiga família romana rompe-se pouco a pouco; a mulher adquire uma perigosa liberdade e torna-se conselheira dos audazes, que satisfaziam a ambição sem escrúpulos, seja mesmo a custo de jogar a vida. Não era mais possível frear essa complexa dissolução, em que Roma caía, vítima da própria potência: voltar às antigas instituições, restaurar os costumes, retomar o caminho de uma civilização, que se mostrara superior a qualquer outra, não era mais do que um sonho de almas solitárias, honestas mas iludidas, agora já fora de seu tempo. Catão o jovem, Bruto, Cícero não estão em posição de salvar a república. Também para Roma soou a hora fatal da evolução histórica: é necessário renovar-se ou morrer. Júlio César foi o renovador; e Bruto, em sua rija mas cega honestidade, mata o homem, não o destino de Roma. O povo, cansado pela luta fratricida, quer a paz e o trabalho; e portanto se põe ao lado do herdeiro de César.

Em 29 a. C. fecha-se o templo de Jano: as guerras terminaram. Otávio pode pensar em reordenar o Estado e consolidar, com uma sábia administração, uma política de paz. Tendo ouvido dizer que Alexandre Magno, após ter conquistado a maior parte do mundo, se preocupava em saber como poderia utilizar ainda o seu tempo, exclama: «Como? Alexandre ignorava então que governar sàbiamente um império vale muito mais que conquistá-lo?». Verdadeira ou falsa, a anedota define claramente e resume a mentalidade de Otávio: êle não foi um general ou um ditador, mas um administrador, inteligente e atilado, perspicaz e prudente. Entende logo o estado da alma do povo e as necessidades do govêrno: desaparecem os adversários mais encarniçados; os poucos que sobram estão cansados e desconfiados: êle segue o exemplo de César, que perdoou os inimigos; até vai além: mostra não querer nada para si, ficando dentro das tradições e das leis do Estado. É o «princeps» que atende ao Senado: cria assim uma diarquia, que, mesmo resumindo-se enfim num govêrno absoluto, tem tôda a aparência de continuar os costumes do liberalismo republicano. A «pax Augusta» tinha uma fascinação particular: era a paz depois da guerra civil, era a paz não do ócio, do trabalho, da volta à terra; era a paz que engrandecia ainda

mais a glória do passado. Embelezando Roma, não satisfazia sòmente às necessidades sociais, mas impunha ainda mais à cidade o símbolo de capital do mundo. Da ruína da luta fratricida Roma renascia maior, eterna, indestrutível, dominadora na paz e na justiça, pronta a perdoar a quem se dobrasse perante sua majestade, pronta a esmagar o rebelde, se ainda um rebelde houvesse. Vencido o perigo, superado o obstáculo, Roma olhava agora para o futuro: um futuro grandioso, que ela possuia em si própria, pois que em si própria sentia a fôrça e o direito.

Perante a realidade do bem, mesmo o maior adversário, se fôr sincero, se abaixa e acaba por colaborar: a unificação das almas provoca um patriotismo não menor que o que surge na hora de extremo perigo. Otávio podia contar com êsse patriotismo, que êle soubera transformar em ideal. E como um temporal faz fugir os camponeses atentos ao duro trabalho dos campos e os impele a refugiar-se numa choupana, debaixo das árvores, num abrigo natural; e êles esperam temerosos que a fúria do vento e da chuva não venha estragar a sua obra, sofrendo pela demora, que retarda o trabalho, descontentes do turbilhão que os enche de lama; mas, passada a última núvem preta, o céu rasga-se num rio de ouro, que novamente dá luz e calor ao trabalho interrompido, e torna a alma cheia de alegria canora, forte o abraço, vigilantes os olhos sôbre a terra que ainda fumega e ferve, grávida da semente que dará o pão e o alimento aos homens; — assim o povo de Roma viu renascer novamente sôbre o império a luz da paz, do trabalho, da grandeza passada, presente e futura. Otávio realizava o milagre: em 27 a. C., um decreto do Senado honrava-o com o título de Augusto. Êle tornava-se quase um deus; e um deus podia parecer, pois que dera a paz.

A paz de Augusto é o equilíbrio mais perfeito do Estado, pois que o Estado é o povo de Roma, que encontrou seu verdadeiro chefe. O equilíbrio político e social de Otávio mudara em equilíbrio de consciência. O ambiente cria a consciência; mas o ambiente deve surgir do equilíbrio de tôdas as manifestações materiais e espirituais. Também a literatura tem sua particular influência. Otávio criou a literatura da sua época. Semelhante a Péricles, que fôra a alma de Atenas quando Atenas era o coração pulsante de tôda a Hélade; precursor dos Senhores da Renascença, que recolheram ao seu redor escritores e artistas para magnificar seus feitos e exaltar seu govêrno, Otávio atraiu a si os literatos do seu tempo, aproveitando a obra moral e social dêles: e teve mais sorte do que

Péricles e do que os Senhores do Humanismo, porque se êles favoreceram o desenvolvimento de personalidades artísticas, Augusto criou uma nova cultura.

Foi dito justamente que, a respeito da literatura, Otávio beneficiou-se de uma qualidade sua e duas circunstâncias favoráveis: a qualidade de ter sido educado êle mesmo para as letras e, por um lado, o fato de ter encontrado um campo livre sôbre o qual podia construir a nova época literária, e por outro, ter encontrado junto de si homens que podiam compreendê-lo e ajudá-lo. Como literato, Augusto não foi além da comum mediocridade de um amador de letras; nem seria útil citar aqui as tentativas de poemas e peças teatrais, orações, epístolas, discussões filosóficas e comentários da sua própria obra política; todavia, é útil observar como, educado por Júlio César, êle teve a alma voltada para a simplicidade do estilo e para as doutrinas estóicas (um estoicismo romanizado, mas nem por isso menos nobre), que deviam ter notável influência sôbre as reformas morais e sociais. Quando Otávio, depois de sua volta do Egito, iniciou a obra de reconstrução administrativa, política e intelectual do império, já tinham desaparecido quase todos os escritores do mundo ciceroniano: César em 44, Cícero um ano depois, Salústio em 35, Pompônio Ático em 32, Varrão em 27, Cornélio em 25; e mais ou menos em 40 a. C. já encerrava seu ciclo a escola dos poetas novos. Havia tempo tinham desaparecido Lucrécio (55 a. C.) e Catulo (54 a. C.). O campo estava livre; e ninguém podia opor-se às idéias de Augusto, idéias que eram profundamente inovadoras e ao mesmo tempo baseadas sôbre uma tradição conservadora: voltar à antiga sadia vida de Roma numa ordem nova.

Os caracteres fundamentais da literatura, que podemos chamar «de Augusto» (e que se desenvolve entre 30 e 15 a. C., isto é, entre a publicação das «Geórgicas» vergilianas e das odes horacianas até o «Carmen Sæculare» de Horácio, e as «Elegias» de Propércio), são substancialmente três: apregoar a paz como bem supremo concedido ao homem e ao cidadão através de uma sábia política econômica; criar a atmosfera do trabalho como conseqüência da paz não baseada no ócio e na inércia, mas forte pelas conquistas materiais e espirituais obtidas depois da luta e da vitória; fazer renascer o espírito imperialístico, que devia dominar como conceito da missão civilizadora da república, que agora se fortalecia novamente nas mãos do Príncipe. Tudo isso devia ser valorizado pela obra literária, que, renovando-se no espírito, reatava-se à tradição antiga. Era enfim uma Renascença da própria literatura; e,

portanto, uma formação do classicismo, interpretado em seu verdadeiro sentido de perfeição. De fato, no desenvolvimento da literatura latina, a época de Augusto, comparada com a precedente e a subseqüente, aparece como modêlo de perfeição absoluta, pois que, renovando um glorioso passado espiritual, dá ao mesmo a experiência de uma nova forma artística Aperfeiçoa-se o sentido estético, desenvolve-se a arte pura: o período de Cícero, cheio de lutas, fôra com prevalência o período da prosa; o período de Augusto, que reflete a fôrça da paz, com prevalência o período da poesia. Cícero, Salústio, César tinham descrito em sua prosa vigorosa a luta; Vergílio, Horácio, Propércio cantam a vida no trabalho e levantam um monumento à glória de Roma; também Tito Lívio, o único grande prosador da idade de Augusto, é em substância um poeta, pois que a sua história não é árida, de matéria objetiva, mas exaltação patriótica, estímulo, epopéia. O classicismo reatava-se à tradição, até a superava, engrandecendo as origens, que superavam os confins da romanidade e iam até à cultura grega: liame particularmente agradável aos romanos, que pobres de tradições próprias, tinham tentado sempre enxertar o passado sôbre o tronco helênico. Assim Horácio não imitava o decadente alexandrinismo grego, mas voltava a Safo e a Alceu; Vergílio voltava a Homero e a Hesíodo; Propércio se reunia de novo à elegia clássica de Mimnermo. Vida e cultura se uniam indissoluvelmente, criando a atmosfera da nova ordem.

Não é inútil observar que essa união nascia em escritores que viveram entre as duas épocas: na mocidade tinham padecido ou suportado as conseqüências das lutas civis, na maturidade se achavam preparados para compreender as idéias de Otávio, que era coetâneo dêles. Vergílio, nascido em 70 a. C., admirador de César, vítima da divisão das terras promovida pelo triúnviros, reflete as ansiedades e os tormentos nas «Bucólicas» e depois nas «Geórgicas», e na «Eneida» levanta o monumento espiritual de Augusto e de Roma; Horácio, nascido em 65 a. C., partidário de Bruto, vítima das confiscações, desabafa seu rancor nos «Epodos» e depois nas «Sátiras», nas «Odes» e nas «Epístolas» espêlha os ideais da renascença; Tito Lívio, nascido em 50 a. C., republicano e partidário de Pompeu, embora não renegando o passado, reconhece na «pax Augusta» a renovação em vão sonhada nos anos da mocidade; Propércio, nascido em 50 a. C., atingido na juventude pelas paixões e pela ruína da luta civil, depois de apartar-se na doce elegia amorosa, é levado a compor as elegias da glória romana. Homens, enfim, que tiraram da experiência do passado a fôrça para construir

o presente. De fato, o último grande poeta, que marca a passagem da idade de Augusto, iniciando a decadência (ou, melhor, o único poeta da segunda parte do reinado de Augusto, entre 15 a. C. e 14 d. C.), não experimentara a dor das lutas e portanto não podia participar da renascença: Ovídio, nascido em 43 a. C., repousa no erotismo mundano, sonha falsas glórias, enche de retórica também as lembranças históricas e morre na lamúria do exílio.

Antes de serem os escritores de Augusto, êles tinham sido as personagens humanas de uma humana tragédia: muitos moços para serem os protagonistas das lutas civis, tinham tido todavia uma mocidade atormentada; por isso eram os mais aptos a compreender as idéias e os incitamentos de seu coetâneo, ao qual a sorte dera o encargo de reconstruir a potência de Roma. Nem tampouco podia impor-lhes, mas sòmente pedir-lhes uma colaboração. É mister afastar essa lenda criada por críticos pobres de psicologia; Augusto não impõe a Vergílio escrever as «Geórgicas» e a «Eneida», nem a Horácio compor as «Odes». Essas obras nascem da intuição dos poetas, de um espírito de cooperação mútua, de uma necessidade moral, que supera as imposições materiais. O momento era propício; e todos compreendiam a nova atmosfera que se vinha criando, todos se esforçavam para criar os benéficos efeitos da renascença. Uma bem-aventurada e fatal exigência dos tempos impunha a obra de colaboração; e assim nasce o «mecenismo», criado por Mecenas, um dos mais preciosos colaboradores de Augusto; nascem os círculos literários de Messala Corvino e de Asínio Polião. Depois de um século, em tempos bem diferentes, Marcial sentenciava: «Sint Maecenates, non deerunt, Flace, Maronis», se houver Mecenas, não faltarão Vergílios. A argúcia do epigramista é verdadeira só em parte, pois que não basta um protetor para criar um artista; mas confirma a observação de que o período de Augusto é obra complexa de homens que acreditaram na potência espiritual de um povo, que fôra forte e podia ainda, através de uma renascença, mostrar novamente a sua fôrça civilizadora sôbre o mundo.

Mais que pintar ou descrever o seu tempo, Vergílio o interpreta; é a alma daquele ambiente espiritual. É o poeta no sentido mais amplo e mais exato da palavra, pois que êle é o incitador e o profeta. A admiração que, ainda quando vivo, o povo lhe prestava, parecia saudar nêle o gênio da estirpe: os elogios de Horácio e de Propércio mostram o reconhecimento de uma grandeza por parte de quem mais amiúde é levado a invejar antes que admirar. Da admiração à idolatria o passo

é breve: os biógrafos procuraram envolver a vida do poeta na lenda; e a lenda fêz de Vergílio, na Idade Média, um ser sobrenatural. Mas deixemos as lendas (mesmo que sejam bonitas, como aquela que descreve o sonho da mãe de Vergílio, a qual viu nascer do próprio corpo um raminho de louro, símbolo da futura glória poética do filho; ou outra lenda que faz nascer o poeta, cantor dos campos, num pequeno fôsso, ao longo da estrada); e do rico material biográfico antigo tiremos o que há de verdadeiro e que nos é necessário para descrever brevemente o homem e a sua obra.

Também Vergílio, como quase todos os poetas da idade de César e reunidos ao redor de Catulo, era da Itália setentrional. Filho de abastados agricultores, nasceu em Andes, que a tradição identifica com a aldeia de Piétole, perto de Mântua (15 de outubro de 70 a. C.). Delicado, doentio desde a mocidade, estudou em Cremona, onde com quinze anos de idade recebeu a toga viril no mesmo dia (assim narra o biógrafo Donato) em que se suicidava Lucrécio: episódio que na supersticiosa Idade Média devia dar valor a tantas lendas virgilianas, mas em todo caso é significativo, como que a passagem ideal de um archote da verdadeira poesia, que das mãos do grande cantor do «De rerum natura» passa ao grande poeta das «Geórgicas». Continuou os estudos em Milão e Roma: pouco interessa saber que teve como mestre o retor Epídio e que se exercitou, sem muito êxito, na oratória; interessa mais lembrar que naquela escola teve como colega Otávio, o futuro Augusto. Na retórica, por certo não podia aclimatar-se a alma sonhadora de Vergílio: aclimatou-se melhor em Nápoles, na escola filosófica do epicurista grego Sirão; e aqui, além da filosofia, que deixou tantos traços na alma do jovem, lhe foi útil a boa e sincera amizade de Vário Rufo (poeta delicado, que Horácio tanto admirou) e de Plócio Tuca (do qual nada conhecemos, mas que foi julgado pelos contemporâneos ótimo amador de literatura). Nesse tempo de meditação e de estudos, Vergílio ia compondo epigramas à moda de Catulo e algum poemeto com reflexos alexandrinos. A primeira produção poética do jovem mantuano está reunida no «Appendix virgiliana», assim impròpriamente chamado, porque essa obra menor de Vergílio foi reunida e publicada pela primeira vez por José Scalígero, na sua edição de Lion (1573): quase todos os críticos concordam em aceitar como não vergilianos os versos do «Appendix»; e decerto aconteceu a Vergílio o mesmo que a muitos outros poetas latinos, isto é, passar aos pósteros como autor de obras menores, devidas à pena de anônimos ou aos esquecimentos dos copistas

ou à tardia tradição; exemplo típico é o «Corpus tribullianum». Mas com Vergílio a crítica foi ou muito rigorosa ou muito cega: no início da sexta écloga, o próprio poeta refere-se a seus primeiros ensaios poéticos, de tipo certamente catuliano, abandonados porque êsse gênero não condizia com seu temperamento. É portanto lícito reconhecer que algo de verdadeiramente vergiliano existe no «Appendix» e além de outras considerações, os raciocínios muito sutis, mas amiude ilógicos, de alguns críticos me induzem a crer que grande parte do «Appendix» seja mesmo de Vergílio (1). Em todo caso, o certo é que o jovem Vergílio, durante a primeira estada em Nápoles, compôs versos: bem diferentes dos que escreverá depois de voltar às suas terras mantuanas e que constituirão a primeira das três grandes obras vergilianas.

O jovem voltava mudado: partira como um dos tantos moços daquela idade, abastado mas camponês, amante da terra; e encontrara-se na barulhenta Roma que tombava na mais completa decadência política e moral. No meio do luxo e da agitação, êle é protegido todavia pela sua firme afeição à terra: tem uma alma pura, mas rica de vida interior, que lhe permite permanecer observador e não participar da luta. É partidário de César; mas quer algo mais: êle, que trazia dos campos a retidão, a saúde moral e o equilíbrio, desdenha a irreflexão e a corrupção. E mais que de Catulo (o mais genial intérprete daquela sociedade dissoluta) aproxima-se de Lucrécio, que cantara a independência absoluta da consciência, a liberdade do espírito, mas não dos costumes: o homem deve dominar a si próprio e as próprias paixões. Em contacto com a florescente terra da Itália meridional, torna-se mais viva em Vergílio a fé na potência construtora da natureza: assim suaviza-se nêle o absolutismo epicureu, pois que às lutas do pensamento une-se a idealidade religiosa. O culto da «pietas» fica intacto em Vergílio, até aumenta: «In primis venerare deos» é a máxima fundamental, o imperativo categórico do jovem camponês, ao qual a negação da imortalidade da alma pelo epicurismo e a mecânica e incessante evolução da matéria deviam dar a mesma sensação de aborrecimento que produz num camponês a vida frívola e barulhenta da cidade. E Vergílio volta para suas terras.

A volta para a pátria planície mantuana deve ter despertado na alma do jovem poeta dois pensamentos, que constituem os dois motivos fundamentais das «Bucólicas»: a diferença do ambiente, entre as terras setentrionais e meridionais da Itália; e a brutal espoliação das quintas, divididas entre os veteranos das guerras civis depois da batalha de Filipos. À alma sonha-

dora de Vergílio a visão dos luminosos campos meridionais dera uma alegria, que contrastava bastante com a monotonia nas neblinas setentrionais: sentimentos de amor à gleba que o viu criança, e à terra, que o encantou jovem estudante e poeta, se alternam nos versos das éclogas: enquanto a visão pacífica de uma Arcádia ideal, onde os pastôres gozam dos prazeres de uma vida simples e amorosa, contrasta violentamente com a dura realidade, que expulsa Vergílio da sua quinta. Nascem as «Bucólicas», lentamente, durante três anos (41-38 a. C.), conforme uma evolução espiritual, que é preciso conhecer bem, para se poder avaliar com sinceridade a gênese e a composição dessa primeira grande obra vergiliana.

A poesia pastoril entrara na literatura latina com os gostos e as tendências dos «poetae novi», conforme o exemplo do grego Teócrito; e agradou também a Vergílio, pois ao amigo Messala Corvino, que lhe enviava da Grécia alguns idílios em grego, pouco antes da batalha de Filipos, o jovem mantuano respondia com muitos elogios (2). É portanto natural que Vergílio olhasse para Teócrito como modêlo, imitado, mas não superado, isto é, não enxertado ainda nas letras latinas. Todavia, êsse era um gênero que se adaptava bem à alma vergiliana, após os primeiros ensaios; e, além disso, muito deviam influenciar os estudos da filosofia epicuréia: adaptam-se bem à construção de um mundo ideal, simples e arcaico, as idéias de individualismo e de egoísmo, sem tormentos e ambições, que eram apregoadas na escola napolitana de Sirão. Enfim, Epicuro e Teócrito dão alma e corpo aos primeiros carmes bucólicos. A imitação é evidente; nem o próprio Vergílio a exclui, quando chama «siciliana» a sua Musa (Ecl. 4: Teócrito era natural de Siracusa). São de Teócrito as situações, a simetria, os conceitos, os diálogos, as frases: o lamento amoroso de um pastor (Ecl. 2), a disputa de canto entre dois pastôres (Ecl. 3 e 7), um canto dialogado entre dois pastôres sôbre assuntos de amor (Ecl. 7) ou mitológicos (Ecl. 5) lembram os modelos gregos. Tudo isso é de Teócrito e de Vergílio; mas o leitor não apressado dos dois poetas pode começar logo a observar que o mundo descrito é substancialmente diferente. O mundo de Teócrito é afetado mesmo quando quer ser realístico: êle ama a vida simples, modesta, calma do campo, com poucos amigos; procura nessa vida o idílio e a alegria, não canta paixões se não são amorosas, e, se o tormento da paixão é necessário, reveste-o de sorridente ironia. É o poeta de tôdas as manifestações da vida humilde, vista em seus episódios mais simpáticos, jucundos, pitóricos. Todavia, é necessário observar que Teócrito procurou essa

vida: viveu nas côrtes da Magna Grécia e do Oriente alexandrino, é um intelectual, um estudioso; e portanto, se canta o aspecto humilde e delicado dos ambientes, antes os procura, depois os ilumina com um sorriso de graça e de jovialidade, que são naturais nêle.

Pois bem, o leitor atento (e, ainda melhor, o que conhece os lugares vergilianos) acha que só a forma literária de Teócrito foi tomada por Vergílio, não o ambiente, não as roupagens: ambiente e personagens são «vergilianos», nascem da mentalidade do poeta latino, compartilham as suas idéias, seus sonhos, suas realidades. A paisagem nas «Bucólicas» não é ideal, nem é (como alguns críticos quiseram demonstrar) a realística paisagem de Teócrito passada através da imitação de Vergílio: os contornos imprecisos, mal identificáveis, as particularidades absurdas ou vagas ou indefiníveis são fruto da incompreensão e da ignorância de quem não conhece a terra de Vergílio. Observou-se que também as personagens são indeterminadas: não pastôres, não homens, mas sombras. A observação está certa em parte: os verdadeiros pastôres, os camponeses são o camponês Vergílio, que tinha alma de poeta. Nem há utilidade em reunir tôdas as incertezas que os críticos quiseram encontrar na composição das «Bucólicas». O que podemos dizer é que tais incertezas são fáceis de explicar, dada a tendência de Vergílio — o que melhor ainda se vê em outras obras — para a alegoria. Além disso, não devemos esquecer que é essa a primeira obra do poeta: a maturidade será demonstrada nas «Geórgicas». Aqui, nas «Bucólicas», há ainda uma tentativa que será resolvida mais tarde maravilhosamente por Vergílio: unir um mundo ideal com um mundo real, o sonho e o desejo com a tradição e a certeza do dia de amanhã. E naquele ambiente, que o poeta via ainda sob a influência das teorias epicuréias, interfere a trágica realidade dos fatos: as «Bucólicas» deviam ser — e isto com efeito se confirma (3) — a representação de um oásis de paz, um pôrto seguro contra o qual bate o vento impetuoso ou a onda tempestuosa da realidade. Realidade histórica: após a batalha de Filipos, as conseqüências das guerras civis tinham chegado até à Itália setentrional e atingiram diretamente Vergílio. Antônio e Otávio realizaram grandes confiscações de territórios em favor de seus veteranos nos municípios que tinham tomado partido pela causa republicana: entre êsses municípios há Cremona; mas não bastando os territórios de Cremona, também os de Mântua são sacrificados. Pouco e mal conhecidas são as circunstâncias históricas dessas confiscações, especialmente no que diz

respeito ao território mantuano; mas como é doloroso e sincero o grito de Vergílio: «Mântua vae, miserae nimium vicina Cremonae!» (Ecl. 9, v. 28). Eis a realidade, trágica e brutal: enfurecem a guerra, as vinganças, as necessidades políticas. E Vergílio fica sem a quinta paterna. No idílico mundo vergiliano desencadeia-se o turbilhão da luta: os fatos reais encontram sòmente alguns reflexos na poesia. É a invocação pela restituição de suas terras; é o pedido duma proteção perante o encarregado das confiscações (4); mas sobretudo é a sombra da dor que envolve a atmosfera e o ambiente das «Bucólicas»: dor que não é tragédia ou resignação, mas sim melancolia e tristeza, que constituem o elemento fundamental de tôda a obra vergiliana. Essa melancolia se encontra espalhada no ambiente, sôbre as personagens, sôbre as cousas: tudo e todos sofrem, a natureza e os homens, sofrem e esperam, pois quem sofre nunca deixa de esperar. A esperança leva Vergílio a compor a quarta écloga, onde celebra o nascimento de uma criança (5), durante cuja vida voltará a paz, uma nova idade de ouro: històricamente, o episódio da efêmera paz de Bríndisi, entre Antônio e Otávio, parecia dar novamente um pouco de tranqüilidade depois da luta civil. A realidade está sempre presente na Arcádia vergiliana, embora a alegria esconda as personagens, embora as personagens sejam pastôres. Vergílio é um pastor, que não esqueceu a sensação de quando pela primeira vez viu Roma, grande, imensa, gloriosa: parecia um altíssimo cipreste, que ergue sua ponta altiva para o céu comparado com Mântua, fraca plantinha, que dobra a cabeça para o chão («verum heac tantum alias inter caput extulit urbes — quantum lenta solent inter viburna cupressi», Ecl. 1, vv. 25-26). Sob o véu da alegoria encontramos a história: dêsse modo, o mundo vergiliano afasta-se cada vez mais do mundo de Teócrito; e pouco a pouco Vergílio entra, com a experiência do passado, no mundo de Augusto. E se o jovem mantuano, despojado da própria quinta, se lembrará do condiscípulo Otávio para reaver seu campo (parece que no princípio lhe asseguraram que a quinta lhe seria devolvida: depois, circunstâncias por nós ignoradas tornaram irrealizável a promessa), assim Mecenas se lembrará do jovem poeta para o qual a publicação das «Bucólicas» tinha chamado, apesar do despeito de alguns poetastros invejosos, muita admiração. As «Bucólicas» davam à cultura latina um novo gênero literário, renovado sôbre o modêlo grego; mas, além disso, mostravam um poeta novo: o primeiro poeta que, enquanto Otávio procurava reconquistar a herança imperial de Júlio César, tinha cantado a paz.

Êle cantava a paz, não só para si, mas para todos. Nenhum poeta manifestara com tão grande e sincera pureza (nem poeta algum a manifestará em dois milênios depois de Vergílio) a felicidade da vida dos campos. Não era uma tendência momentânea ou um momentâneo egoísmo: era a alma de Vergílio, que cantava um problema social e moral. Expulso de sua quinta, sonha ainda com a sua aldeia mantuana: não a deseja para si, mas para todos, para a humanidade, que só num pensamento pode encontrar a salvação — voltar para a terra mãe. Dêsse conceito nasce a segunda obra vergiliana: as «Geórgicas».

A demora com a qual Vergílio compôs as «Geórgicas» modificou consideràvelmente esta obra, que devia tornar-se a obra-prima da literatura poética latina. A idéia do poema nasce do desejo de levar o povo a amar a terra, verdadeira e grande riqueza em todos os tempos; e, conforme a afirmação de um comentador antigo, o poeta foi aconselhado por Mecenas a compor um poema que, de certa forma, continuasse a obra precedente. As «Bucólicas» tinham agradado; Vergílio entrara no círculo de Mecenas e gozava da particular amizade de Otávio. Nada de admirar que Mecenas o tenha aconselhado: mais ainda, incitado, exortado. O poeta confirma essa suposição, quando no início do terceiro livro das «Geórgicas» refere-se aos «haud mollia iussa» do protetor: às insistências, diríamos modernamente, para que o poema fôsse acabado. E não causa admiração: o poeta era vagarosíssimo, escrevia sòmente quando o estro o inspirava, preocupando-se com uma perfeição artística que será uma das melhores qualidades vergilianas. Mecenas tinha razão de recomendar êsse assunto a Vergílio, o único poeta de seu círculo que poderia compor uma obra de valor como exaltação dos campos: Varrão teria escrito (como de fato aconteceu) uma obra erudita; Galo era muito mais atraído pela poesia amorosa; Emílio Macro preferia os poemas didáticos; Rufo pensava na erudição, Domício Marso nos epigramas, Melisso no teatro, Horácio na sátira. Sòmente Vergílio já tinha cantado o amor do camponês pela sua terra: o assunto era apropriado para o poeta e o poeta para o assunto. O momento era propício: após a efêmera paz de Bríndisi, Otávio sentia que se tornava cada vez mais necessária uma política que chamasse para a terra o seu povo cansado de lutas e de sangue. Das guerras voltara um exército de desocupados sem vontade, inquieto, barulhento, que devia ser acalmado: agora o país sofria pela miséria, pela incúria dos camponeses, que se tinham tornado soldados, pelo fenômeno do urbanismo, que tirava

braços à agricultura. Por outro lado, a agricultura fôra uma das glórias e a honra dos antigos romanos e dos povos itálicos. O pensamento de Otávio é claro, lógico, sábio: o camponês está prêso à sua terra, é um conservador tenaz, é um elemento de ordem, é um propagador de tranqüilidade, é um instrumento de paz, é um cidadão que pode dar riqueza e não revolta. Transformar o soldado em camponês não era sòmente obra política, mas civil; e a volta à antiga simplicidade dos costumes devia frear a corrupção que ameaçava perturbar o povo ainda mais que as lutas civis. Tudo isso, antes que pelo povo, devia ser compreendido pelas classes cultas e por essas propagado às classes inferiores: tudo isso devia ser dito com paixão, com convicção com amor. A poesia liga as almas, entra por inúmeros caminhos nos corações e no intelecto, realiza o milagre de fazer «sentir» também as belezas das ocupações humildes, a vida do camponês, mísera e grande, simples e sublime, ativa e pacífica. Ninguém melhor do que Vergílio podia e devia ser o cantor da terra; e o poeta inicia as «Geórgicas».

Em troca da quinta mantuana, da qual fôra desapropriado, o poeta teve uma vila perto de Nápoles; e naquela atmosfera de calor e de luz Vergílio começa seu poema: «Quid faciat laetas segetes...». As primeiras palavras são simples, calmas, quase humildes: «o que torne fecundas as messes», como devem ser cultivadas as árvores, como deve ser criado o gado — será assunto de seu canto. Nesta humildade de palavras já existe a finalidade prática da obra: Vergílio conhece os segredos da vida campesina; além disso, abeberou-se em fontes puras: Catão Varrão, Aristóteles, Teofrasto, Heratóstenes; mas vai até aos poetas: Nicandro, Arato, com alguma reminiscência homérica; e, particularmente, o grande poeta grego da terra: Hesíodo. O próprio Vergílio lembrou Hesíodo, afirmando trazer aquêle canto para terras romanas («Geórgicas, 2, 173); e Propércio dizia do amigo: «Tu cantas os preceitos do antigo poeta ascreu» (Eleg. 2, 32, 77). Mais que um imitador, Vergílio é um filho espiritual de Hesíodo: também o poeta grego nascera num período de crise social e econômica; e formulou na sua obra «Os trabalhos e os dias» um apêlo para a vida agreste. O motivo fundamental do poema de Hesíodo é a triste idéia do conflito entre duas potências opostas, a pobreza e o trabalho: o homem é condenado ao triste jugo da pobreza, nem dela pode subtrair-se senão por meio do trabalho lutando com seus próprios braços, com paciência, com humildade e tenacidade. Dura é a situação, a que a sorte sujeitou o homem; e o homem piora contìnuamente a própria condição com o

egoísmo, a ganância, a violência, a injustiça, a irreligiosidade. Êste amargo pessimismo está mitigado, todavia, pela fé, pela persuasão de que os esforços do trabalho honesto e contínuo acabarão por triunfar sôbre as adversidades, assim como sôbre a violência triunfará a justiça. A espontaneidade da poesia de Hesíodo transborda em cada verso: êle comove-se e comove o leitor com uma simplicidade, um candor e uma modéstia que são valores espirituais e ao mesmo tempo artísticos.

Hesíodo foi poeta essencialmente didático, no sentido não convencional, mas intrínseco da palavra: seu poema não é sòmente fruto da imaginação, mas do pensamento, da experiência, da moral, da economia, da religião. Assim acontece a Vergílio: os quatro livros das «Geórgicas» não tratam só da cultura dos campos e das árvores, da criação do gado e das abelhas. Isto, porém, é apenas um ponto de partida para o poeta, que depois continua o seu canto conforme a sua inspiração e fantasia. No primeiro livro fala dos trabalhos assíduos dos agricultores; mas êsse já não é um motivo suficiente para santificar o trabalho para justificá-lo, para nobilitá-lo? O próprio Júpiter fêz com que os homens trabalhassem, porque do trabalho nasce o progresso e do progresso vem a elevação espiritual, que torna a vida digna de ser vivida: a civilização é uma lenta transformação, que aperfeiçoa as invenções das diferentes artes; e em tudo domina a potência da vontade divina. Assim, do trabalho agrícola e dos instrumentos do camponês, passamos à descrição dos lugares celestes, para explicar as estações, seus modos de aparecer e seus efeitos. O outono e a primavera trazem tempestades: a fé nos deuses pode mitigá-las, mas a experiência pode prevê-las; basta olhar com olhos inteligentes o céu, que não engana o meigo observador: com a morte de Júlio César manifestaram-se prodígios celestes, anunciadores de novas guerras civis. Mas não mais haveria guerras: a paz salvaria o bom agricultor e os deuses salvariam Otávio para que continuasse a benéfica obra do trabalho. O livro, que se abrira com a humilde descrição dos esforços para tirar da terra parte dos seus dons para vantagem comum eleva-se até ao lirismo da religião e do patriotismo. O fim prático da obra torna-se pura poesia através da alma de Vergílio.

As «Geórgicas» são uma obra artìsticamente arquitetônica: o segundo livro segue o primeiro com a mesma lógica proporção, pela qual um arquiteto junto numa casa ao primeiro um segundo andar. A idéia das árvores frutíferas, com a qual se inicia o segundo livro, leva o poeta a elogiar a terra mais fecunda, a Itália: mãe de searas e de heróis. O poeta é

homem: descobre em sua pátria belezas só por êle conhecidas, e quer que também os outros as vejam, as admirem, as amem. Nesses ímpetos líricos Vergílio é sublime: a retórica transforma-se em humanidade. Um ímpeto, um vôo, depois a descrição continua: as qualidades dos terrenos, as plantações das árvores, especialmente a videira e a oliveira. Felizes os camponeses que conhecem quanto bem têm a seu redor! E eis o elogio da vida campesina: a terra lhes oferece o necessário para a vida, sem recorrer às armas, numa paz serena e agradável. É belo, de certo, conhecer as causas de tudo (é evidente a alusão a Lucrécio e a Epicuro); mas belo também é honrar aos deuses agrestes. Quem honra os deuses da terra terá a alma livre da ambição e do temor, ignorará a inveja e a malvadez, viverá na bondade simples dos humildes, que é fôrça e beleza. Assim viveram os antigos itálicos, assim cresceu a Etrúria e Roma tornou-se magnífica. O fim do segundo livro é uma direta conseqüência do fim do primeiro: um hino à fé num melhor futuro social e político. Mas a arquitetura da obra continua: depois da parte dedicada à terra e àquilo que ela produz (livros 1 e 2), segue a parte dedicada à criação dos animais úteis; e o terceiro livro abre-se com a promessa do poeta de levantar em Mântua um templo, em cujo centro Otávio será o deus invocado e abençoado. Sua pequena pátria é o núcleo daquela maior, é uma Roma, é uma Itália, um império em proporções reduzidas, ao qual volta o pensamento para tomar o vôo para maiores alturas. A idéia do bem, com a qual termina o segundo livro, continua no terceiro: Vergílio abraça o universo todo, volta-se com afeto para as plantas e para os animais, colaboradores do homem em sua obra maravilhosa. A humanidade dos animais manifesta-se em seu sofrimento, em suas paixões: o poeta observa-os um por um, descreve-os, interpreta seus sentimentos, que os aproximam tanto do homem. E os homens afeiçoam-se aos animais, alegram-se com êles, com êles sofrem, quando as doenças e as epidemias os dizimam. E vemos o poeta descrever com sentida tristeza, uma epidemia de aftosa, que mata todos os animais: é uma calamidade, que os deuses mandaram aos homens pra castigá-los de sua malvadez. O fim do terceiro livro é arquitetônicamente paralelo ao do primeiro livro, onde são descritos os males causados pelas guerras civis. Mas o poeta não podia encerrar sua obra com uma visão tão triste: o amor à terra dá vida, não morte; e eis o livro do hino à vida, o quarto, dedicado às abelhas, o livro que termina com o maravilhoso episódio de Aristeu: depois de ver destruído seu enxame, o pastor inventa o modo de renová-lo fazendo-o renascer milagrosmaente das

vísceras de um boi imolado à divindade. A morte não marca o fim, mas o princípio de uma nova vida: assim o poeta termina com a visão das abelhas que enxameiam novamente em grupos densos como nuvens, até que pousam sôbre as árvores, cujos ramos fazem dobrar sob o pêso de seus cachos (6).

As «Geórgicas» resultaram portanto bem diferentes da idéia originária: a obra didática, prática, quase propagandística, tornou-se, depois de sete anos de paciente trabalho, o poema sagrado da terra. Nem podia acontecer de outra forma: a situação política mudara, Otávio já era o senhor da paz e preparava-se para tornar grandioso o império com uma série de sábias reformas. Na mente de Vergílio, o poema, que devia suscitar nos romanos o desejo de voltar para a agricultura, mostrava-se como uma obra de pura poesia, onde não há áridas notícias, mas a exaltação lírica da humanidade, acompanhada pela fé dos deuses.

Além de Hesíodo, Lucrécio se apresentou a Vergílio como um grande modêlo: também o poeta do «De rerum natura» soubera superar com a poesia a árida matéria filosófica das idéias epicuréias. Vergílio nas «Geórgicas» supera um e outro: o poeta grego era superado na arte, o poeta latino na idéia. O que Lucrécio destruíra — a fé — Vergílio fazia ressurgir benèficamente no coração do homem. E, de fato, o poema era rico de germes fecundos: o amor do campo se transformara em amor do trabalho, para alcançar a paz das almas e da vida. Era algo maior e melhor, muito superior a quanto Mecenas e Otávio teriam desejado: o admirável equilíbrio artístico de Vergílio cumprira o milagre, não menor do que cumprirá em sua terceira grande obra, a «Eneida».

A tradição crítica quer que também a idéia da «Eneida» tenha sido sugerida ao poeta por Mecenas ou por Otávio; mais ainda: que o próprio Otávio tenha pedido a Vergílio um poema épico, celebrando suas gestas. Hipóteses absurdas, que diminuem tanto o imperador como o poeta. O mais lógico é pensar que haja alguma coisa de verdade na narrativa em que se lembra como, após a volta de Otávio do Oriente, depois da vitória definitiva sôbre Antônio e Cleópatra, durante alguns dias passados em Atela, Vergílio e Mecenas liam para o imperador as «Geórgicas». Nessas reuniões, os três homens (que estavam destinados a permanecer unidos na história espiritual da época) teriam falado da glória de Roma, que estava para renascer mais fulgurante e mais límpida: o germe da «Eneida» teria sido então lançado.

Otávio e Mecenas depois da maravilhosa exaltação da terra e do trabalho, encerrada nas «Geórgicas», incitaram o poeta para a poesia épica; e Vergílio, que já na mocidade fôra atraído por êsse gênero literário (Ecl. 6), aceitou o incitamento. Pensou, talvez, num poema épico sôbre as gestas de Otávio; mas tinha demasiada sensibilidade artística para tornar-se um poeta adulador e palaciano: pressentiu a futura glória de Augusto na passada glória de Roma, uniu o passado ao presente na certeza do futuro, compreendeu (como já compreendera no poema da terra) o sentido religioso do destino, que reatava a grandiosa obra de Otávio às remotas origens do povo romano. E não se deteve na fundação de Roma: foi além (como Névio, como Ênio) à lenda de Enéias, que era considerado como o primeiro ancestral da estirpe romana, aliás o pai da família Júlia, da qual descendiam, últimos grandes rebentos de uma verdejante árvore genealógica, Júlio César e Otávio. Da veneranda cidade de Tróia, destruída pela ira grega, nascia a pequena Roma de Rômulo, a grande Roma de Augusto. Realizava-se a vontade dos deuses numa palingenesia, que transformava a lenda em história: tudo isso devia exaltar o povo, levando-o para caminhos cada vez mais elevados e mais árduos, para as gerações futuras o archote da missão civilizadora recebida pelos antigos: nascera a «Eneida».

As «Geórgicas» terminam com um hino à vida, que renasce da morte: a «Eneida» abre-se com a viagem do éxule Enéias, o único herói que se salvara da destruição de Tróia. Com poucos companheiros, êle vai de terra em terra, à procura de uma nova grande pátria prometida pelos deuses; uma tempestade atira-o sôbre as costas africanas, onde é acolhido por Dido, outra foragida por causa da malvadez do irmão, que lhe usurpara o reino da Fenícia, matando-lhe o marido Siqueu. Dido fundou uma cidade: Cartago. Aqui acolhe Enéias; os dois éxules se entendem na dor e formulam projetos para o futuro. O herói troiano conta (no admirável segundo livro do poema) a última noite de sua cidade condenada pelos deuses; a rainha chama-o para a vida, prometendo-lhe um asilo de paz e de glória. Da dor nasce o amor (a preparação psicológica dessa transformação é descrita com finíssima arte no quarto livro): já estão prontas as bodas, quando os deuses lembram a Enéias que não lhe prometeram a ressurreição de sua pátria sôbre as costas africanas. Assim o herói é obrigado a partir: Enéias não se pode subtrair à fatal vontade divina. E parte, deixando Dido, que nêle depositara sua nova vida e que à nova dor não quer sobreviver. Enquanto os navios troianos deixam o porto,

ela manda preparar a fogueira; mas antes de atirar-se às chamas, atira a maldição, que marcará a eterna inimizade entre Cartago e Roma: na lenda enxerta-se o primeiro elemento histórico.

Enéias, após muitas peregrinações, chega finalmente à Itália, desembarca em Cuma, na Campânia, onde desce ao reino de além-túmulo para conhecer a vontade dos deuses. E no reino dos mortos encontra a infeliz Dido, que foge desdenhosa; encontra o pai Anquises, morto durante a primeira parte da viagem: por êle Enéias conhece o futuro, vê os heróis que ainda não nasceram e formarão a história de Roma, até Augusto e descendentes. Também aqui o elemento histórico surge através da fôrça poética do artista. Com o sexto livro termina a primeira parte do poema, a parte aventurosa, o canto do passado. Agora começa o canto do futuro: Enéias chegou à Itália, à nova pátria: sobe as costas do mar Tirreno, até à foz do rio Tibre, onde reina o rei Latino. O rei soube pelos deuses da chegada de um estrangeiro, com o qual deverá aliar-se em forte pacto e com êle reinar sôbre as populações itálicas. Mas as populações revoltam-se, incitadas por Turno, rei dos Rútulos. Enéias procura aliados e obtém a amizade de Evandro, que reina sôbre a colina do Palatino; e, para vencer os rebeldes, obtém da mãe, a deusa Venus, uma nova armadura, fabricada pelo deus Vulcano. Os dois episódios (narrados no livro oitavo, que forma o núcleo da segunda parte do poema) reatam novamente a lenda à história: o Palatino será o centro de Roma; sôbre as armas de Vulcano estão cinzelados os gloriosos feitos de Roma, desde Rômulo até Otávio. Assim Augusto tem sua glorificação, como herói lendário, que o destino guardou para a maior glória da cidade divina. Os últimos livros do poema contêm uma série de lutas, que Enéias deve superar para tornar-se senhor do lugar: no fim vence em duelo Turno e torna-se rei dos Latinos. A vontade dos deuses cumpriu-se. Começa a proto-história de Roma.

A mania crítica, antiga e moderna, que quer em tôda obra de arte procurar as fontes e as imitações, pôs em evidência quanto Vergílio deve a Homero; mas essa mania é por si mesma fonte de mal-entendidos. Além do fato que tôda verdadeira obra de arte deveria ser julgada com critérios mais estéticos que históricos, é claro que a evolução do pensamento leva necessàriamente a uma transformação; e essa transformação tem suas origens remotas, nem sempre evidentes, amiúde fundidas em um aperfeiçoamento que altera e modifica as partes ou o conjunto. Homero fôra o modêlo; mas Vergílio escreveu uma

obra originalíssima: na «Eneida» há a todo momento influências da «Ilíada» e da «Odisséia» (a crítica chegou a sentenciar que os seis primeiros livros do poema vergiliano espelham a «Odisséia», os outros seis a «Iliada»); mas isso tudo não impede que a «Eneida» tenha características absolutamente suas. Estabelecer paralelos entre as personagens é absurdo: Enéias, Dido, Latino, Turno, Evandro recordam personagens homéricas, mas em definitivo são substancialmente vergilianos. E são vergilianos principalmente porque respondem ao conceito geral da obra. É verdade: em comparação com os heróis de Homero, Enéias parece menos humano, é quase um abúlico, que segue cegamente as ordens divinas e a elas se sujeita mesmo quando (como no episódio de Dido) sua consciência de homem lhe sugeriria uma atitude bem diferente. Todavia, sob esta aparência pouco simpática, Enéias oculta um sentimento de responsabilidade, uma religiosidade, um anseio de cumprir aquilo que o destino lhe impõe: é realmente «pius» no sentido religioso que Augusto desejava ver em cada romano, forte mas não rebelde, pacífico mas não inativo, obediente mas resoluto, bom mas justo. Nisso Vergílio cumpria sua missão de poeta de Augusto, enquanto dava à literatura latina o seu mais belo monumento épico.

Infelizmente, depois de dez anos de trabalho, a obra ficou inacabada: compondo com lentidão, Vergílio elaborou um esbôço em prosa, conforme lhe inspirava o estro, esbôço que se transformava em poesia quando sentia dentro da alma o ritmo da imagem. Mas o poeta não pôde alcançar a perfeição, como nas «Geórgicas»: sinais evidentes de contradições e de incongruências encontram-se na obra, além de cinqüenta e seis versos incompletos. Augusto insistiu para que o poema fôsse terminado: Vergílio leu para seu imperador três livros (o segundo, o quarto e o sexto), que ainda hoje permanecem os mais perfeitos. Para completar a obra, para encontrar novas fontes de estudo e de inspiração, para ver os lugares descritos, o poeta foi levado a visitar a Grécia e a Ásia Menor, em 19 a. C. Havia alguns anos, já tinha intenção de fazer a viagem; e Horácio, numa magnífica ode, lhe desejava uma boa viagem de Roma a Atenas. Quando chegou a Mégara, o ardente verão helênico agravou seu fraco estado de saúde. Augusto encontrou-o e convenceu-o a voltar com êle para a Itália. Chegou a Brindisi, onde morreu: 21 de setembro de 19 a. C. Foi enterrado na vila de Nápoles, onde ainda hoje a tradição mostra o lugar do túmulo (7). Deixou escrito no testamento que se queimasse o manuscrito da «Eneida». Augusto opôs-se à vontade extrema

do poeta: mesmo assim inacabado, o poema era bem digno de Vergílio e de Roma. Dois amigos do poeta, Vário e Tuca, foram encarregados de cuidar da publicação, fazendo no manuscrito as correções necessárias: preferiram justamente publicar o poema como saíra da alma, mais do que da mente do poeta mantuano (8), que interpretara ideal e artisticamente uma idade tôda em três obras, nas quais se espelham com sincera fidelidade o pensamento de Augusto: a paz, a volta para a terra, a eterna missão civilizadora de Roma.

G. D. LEONI

NOTAS DO PREFÁCIO

(1) O «Appendix» compõe-se de dezessete epigramas, reunidos sob o título grego de «Catalepton» (versos vários) e de sete poemetos: «Culex», o mosquito, onde se narra a história de um pastor, que abatido pelo calor adormece à sombra de uma árvore. Uma cobra aproxima-se para mordê-lo; mas um mosquito benéfico pica em tempo o pastor, que acordando mata a cobra, mas esmaga também o inseto. Êsse aparece-lhe, depois, em sonho, queixando-se de sua sorte e descrevendo o mundo de além-túmulo. Ao despertar, o pastor levanta um túmulo ao mosquito. A influência alexandrina do poemeto é evidente, seja pelo enredo dos mitos, seja pela técnica poética: uma comprovação disto está no fato de que, enumerando os personagens do além-túmulo, o mosquito só fala de heroínas, o que se explica pelo gênero do nome «culex», masculino em latim, feminino em grego. — «Copa», a hoteleira, é um gracioso quadro de dezenove dísticos. Não é improvável, conforme testemunhos do tempo, que essa composição seja (ou simule ser) um engôdo poético pôsto na porta de uma taverna; a inscrição descreve os atrativos que o viajante pode encontrar lá: uma moça síria, que serve bom vinho e sabe dançar; a sombra de uma parreira, um fresco riacho, ótima cozinha. O fim da breve poesia é de tom epicureu e lembra Horácio: um copo cheio, uma coroa de flôres, uma jovem, os dados sôbre a mesa; a morte pega-nos pela orelha e avisa-nos de que devemos divertir-nos agora, se ainda é possível. — «Moretum» é uma graciosíssima cena de campo, onde um camponês prepara uma espécie de fogaça («moretum»). — Essas composições são, a meu ver, certamente de Vergílio, embora possamos admitir alguma posterior interpelação. Não são, ao contrário, de Vergílio outras breves obras atribuídas a êle pela tradição, como «Aetna», descrição do vulcão siciliano, da qual a crítica cita como autor Lucílio, amigo de Sêneca; «Dirae», imprecação de um camponês contra um veterano, ao qual deve ceder o próprio campo; «Lydia», nostálgica invocação dum campo, onde se encontra a mulher amada: os últimos dois poemetos são atribuídos antes a Valério Catão, um dos primeiros poetas novos; e «Ciris», poemeto sôbre o mito de Scila, filha do rei de Mégara, transformada em branco alcione (donde o título da obra). — Conforme a tradição, que nos vem dos comenta-

dores Sérvio e Donato, tôdas essas obras são vergilianas: excluí-las tôdas parece-nos excessivo rigorismo crítico; nem é aqui lugar para uma longa discussão, que nos levaria a admitir, contra a opinião de muitos, que são de Vergílio, além dos epigramas, o «Culex», a «Copa» e o «Moretum».

(2) Elegia IX do «Catalepton».

(3) «Bucolicon liber» (ou «Bucolica») contém dez éclogas; mas conforme a opinião comum, essas éclogas deviam ter sido escolhidas, entre as muitas compostas, pelo próprio autor para a publicação: nota-se, de fato, que cada carme leva nos códices o título de «écloga», que quer dizer «escolhida»; mas «écloga» quer dizer também «canto pastoril». Em todo caso, o certo é que, assim como foram reunidos, os cantos não estão seguindo uma ordem cronológica de publicação nem de composição: a única ordem é, talvez, artística, pois os diálogos (éclogas 1, 3, 5, 7, 9) se alternam com os monólogos (éclogas 2, 4, 6, 8, 10).

(4) Donato chama «triumviri agri dividendi» Asínio Polião, Alfeno Varo e Cornélio Galo; e as três personagens são lembradas por Vergílio (Ecl. 8, 11; 8, 27; 10, 3; e em particular na écloga 4). Nada há de estranho em que Donato (e também Sérvio) admita como verdadeira origem das «Bucólicas» o desejo de obter as graças dêsses executores das ordens de Antônio e Otávio (Cf. J. Bayet, «Virgile et les triumvirs agris dividundis» em «Revue des études «latines», 1928, p. 271 sg.).

(5) Vàriamente interpretada, esta écloga deve celebrar o nascimento do filho de Asínio Polião. Também aqui os críticos demonstraram muita fantasia, que todavia se choca contra a evidência lógica e histórica.

(6) Ao episódio de Aristeu unia-se o elogio de Cornélio Galo, então prefeito do Egito, o país que mais cuidava da apicultura; mas quando Galo, que fôra um inteligente colaborador de Augusto, caiu em desgraça e matou-se, o poeta substituiu o elogio por um outro episódio, o de Orfeu e Eurídice. Conforme a lenda o enxame de Aristeu foi destruído, porque o pastor causou, sem o saber, a morte de Eurídice, espôsa de Orfeu. Êste desceu aos infernos para arrancar à morte Eurídice; e teve permissão para reconduzí-la à terra, mas com a condição de que durante a viagem de volta não a olhasse: não pôde resistir, e Eurídice voltou para sempre ao reino dos mortos. Vida e morte encontram-se no episódio: o mortal desaparece, a natureza vive eterna. — O elogio a Galo devia lembrar a Vergílio a última écloga, dedicada justamente ao amigo; e isso nos faz supor uma primeira edição do poema, que nós não conhecemos. A edição que nos ficou é com certeza a segunda, publicada não antes de 26 a. C., enquanto a obra já estava terminada em 30 a. C.

(7) A tradição atribuiu sempre a Vergílio agonizante o célebre dístico, que o mais antigo biógrafo, Próbio, simplesmente diz ter lido sôbre o túmulo do poeta («cuius sepulcro... hoc legitur epigramma»). O dístico («Mantua me genuit, Calabri rapuere, tenet nunc — Parthenope: cecini pascua, rura, duces») é bonito; mas é ilógico pensar ter sido ditado pelo próprio poeta, o qual, pedindo que fôsse destruída a obra inacabada, não poderia tê-la designado com a palavra «duces». É mais fácil pensar que o epitáfio tenha sido composto pelos amigos do poeta.

(8) Os amigos tiraram sòmente os quatro primeiros versos, nos quais o poeta lembrava as obras precedentes; mas também essa questão é muito discutida, e hoje estamos propensos a crer que Vário e Tuca não mudaram nada do manuscrito original: os primeiros quatro versos, que aparecem na biografia de Donato, gramático do IV século depois de Cristo, seriam uma adição posterior.

LIVRO I

À PROCURA DO REINO PROMETIDO

Eu canto as armas e o herói que, primeiro, proscrito pelos fados, veio da costa de Tróia para a Itália e as praias de Lavínio. Êle muito sofreu em terra e no mar, por vontade dos deuses celestiais, por causa do rancor da cruel Juno. Também guerreou e muito padeceu para fundar Lavínio e transportar ao Lácio os seus Penates. Essa foi a origem da raça latina e dos albanos, nossos ancestrais, e das muralhas da excelsa Roma.

INVOCAÇÃO À MUSA

Musa, lembra-me as causas dêste fato: em qual dos seus desígnios divinos a rainha dos deuses sentiu-se lesada, ou que coisa a magoou para que ela impelisse um homem tão piedoso a sofrer tantas desventuras, a afrontar tantas fadigas? Pode acaso existir tanta ira nas almas divinas?

A IRA DE JUNO

Defronte da Itália e das bôcas do Tibre houve, ao longe, uma antiga cidade, opulenta e terrível na guerra: era Cartago, uma colônia tíria. Diz-se que Juno, desprezando Samos, a habitou como sua predileta entre tôdas as terras; ali tinha suas armas e seu carro. E já então queria e procurava fazer dela a rainha das nações, se de algum modo o fado o permitisse. Mas ouvira dizer que, do sangue troiano, proviria uma raça destinada a arrasar as fortalezas tírias; dali um povo, rei de muitas regiões e potente na guerra, haveria de vir para a ruína da Líbia: tal o destino fiado pelas Parcas.

Isso temia a filha de Saturno; e se lembrava do antigo combate que, na vanguarda, havia sustentado diante de Tróia, em favor de sua querida Argos. Nem ainda lhe tinham saído da memória as causas da sua ira e os seus terríveis ressentimen-

tos; no fundo da alma lhe ficou gravada a decisão de Páris e a injúria do desprêzo à sua beleza; e a recordação de uma odiosa raça e das honras prestadas a Ganimedes raptado. Com tudo isso a irritá-la, a deusa havia lançado por todo o oceano os troianos restantes, escapados aos gregos e ao cruel Aquiles, e afastava-os para longe do Lácio. E êles, impelidos pelo destino, erravam, havia muitos anos, através de todos os mares. Tão árduo era criar o poderio romano!

Mal êles, alegres, velejavam das proximidades da Sicília em direção ao alto mar, erguendo com o bronze da proa as salgadas espumas, quando Juno, que guardava no peito a eterna mágoa, disse consigo: «Eu, vencida, desistir desta emprêsa e não poder afastar da Itália o rei dos troianos? Com certeza impede-me o destino. Palas não conseguiu queimar a esquadra dos gregos e até mesmo afundá-los no oceano por causa da culpa e das loucuras de um só, Ajax Oileu? Ela própria, lançando das nuvens o célere raio de Júpiter, dispersou os navios e, com os ventos, agitou as ondas; e arrebatou num turbilhão o herói, que exalava chamas do peito varado, e cravou-o num agudo rochedo. Mas eu, que sou a rainha dos deuses, irmã e espôsa de Júpiter, há tantos anos combato o mesmo povo. E depois disso, pode alguém adorar a deusa Juno ou, suplicante, trazer ofertas aos seus altares?»

A revolver tais pensamentos no seu irado coração, a deusa dirigiu-se para a Eólia, pátria das tempestades, lugar repleto de furiosos ventos. Ali, numa vasta caverna, o rei Éolo reprime com seu poder os ventos rebeldes e as fragorosas tempestades e os retêm presos e acorrentados. Éles se revoltam e rugem em redor das barreiras, enchendo os montes de grande rumor. E Éolo, sentado numa alta rocha com o cetro na mão, abranda os ânimos e modera as cóleras; se não o fizesse, por certo os rápidos ventos carregariam consigo os mares e as terras e o alto céu e os arrastariam pelos ares. E, temendo que isto acontecesse, o Pai onipotente os encerrou em negras espeluncas e colocou por cima uma grande massa de altos montes; e deu-lhes um rei que, segundo a lei estabelecida, soubesse

reprimi-los ou dar-lhes rédeas sôltas, conforme lhe fôsse ordenado. A êsse rei, Juno, em tom de súplica, assim se dirigiu:

— Éolo, a quem o pai dos deuses e rei dos homens deu o poder de acalmar as ondas e de erguê-las por meio do vento, um povo meu inimigo navega o mar Tirreno e, para a Itália, vai levando Tróia e os Penates vencidos. Dá fôrça aos ventos, mete a pique os navios e afunda-os bem; ou dispersa os troianos e espalha seus corpos pelo mar. Tenho a meu serviço quatorze ninfas de belíssimo corpo; Deiopéia, que é a mais formosa, uni-la-ei contigo por um indissolúvel matrimônio e dá-la-ei solenemente a ti; em paga do favor que ora me fazes, viva ela contigo para sempre e te torne pai de uma bela prole.

A tais palavras, Éolo respondeu:

— Cabe a ti, ó rainha, empreender o que queres; a mim, cumpre-me obedecer às tuas ordens. Tu obténs para mim todo êste reino e esta autoridade e o favor de Júpiter; tu concedes que eu tome parte nos banquetes dos deuses e me fazes senhor das chuvas e das tempestades.

Dito isso, com a lança virada golpeia o cavo monte: pela abertura feita, os ventos se lançam como um exército em marcha e sopram em turbilhão. Jogam-se sôbre o mar e, juntos, Euro e Noto e o proceloso Áfrico o arrancam todo das profundas moradas e atiram à praia enormes ondas. Gritam os homens, rangem os navios. Sùbitamente as nuvens arrebatam aos olhos dos troianos o céu e a luz do dia; uma negra noite lança-se sôbre o mar. Trovejam os céus, raios freqüentes clareiam o espaço, e tôdas as cousas indicam aos homens a presença da morte. Um calafrio tolhe os membros de Enéias; êle solta um gemido, estende para o céu as duas mãos e exclama:

— Ditosos, muitas vêzes ditosos aquêles aos quais coube morrer na presença dos pais, sob as altas muralhas de Tróia! Ó Diomedes, o mais forte do povo dos gregos! Pudesse eu ter tombado nos campos troianos e, pela tua mão, ter libertado esta alma, ali onde jaz, pelo dardo de Aquiles, o terrível Heitor; onde jaz o enorme Sarpédon, onde o Simoente arrebatou e

leva, a rolar sob as ondas, tantos escudos e elmos e cadáveres de homens vigorosos!

Enquanto assim dizia, a procela, que o Aquilão faz sibilar, golpeia de frente o navio e ergue as ondas até o céu. Quebram-se os remos; então a proa vira, oferecendo às vagas o flanco do barco, e a água em excesso parece formar um abrupto monte. Pendem uns navios do cimo da onda; a outros a água, fendendo-se, mostra, por entre as vagas, a terra do fundo; o mar enfurece até as areias. Noto arrasta três naus e as atira de encontro às rochas ocultas (rochas que afloram no meio do mar como um dorso monstruoso e às quais os itálicos chamam «Altares»). Doloroso espetáculo! Para os recifes, para os baixios, Euro, do alto mar, impele outras três e quebra-as de encontro aos escolhos e cerca-as com um montão de areia. Uma, que transportava os lícios e o fiel Orontes, enorme onda, caindo do alto, a golpeia na pôpa. Enéias mesmo o vê. O pilôto é arrancado de seu pôsto, cai para a frente e rola de cabeça para baixo; mas a vaga, impelindo o navio por todos os lados, o faz voltear três vêzes no mesmo lugar e a rápida voragem o devora. Surgem no vasto abismo alguns homens que nadam e, através das ondas, as armas dos heróis, e tábuas, e as riquezas de Tróia. E já a tempestade arruinou o sólido navio de Ilioneu e o do forte Acates e o que levava Abante e o que conduzia o velho Aletes; todos recebem nas junturas frouxas dos flancos o aguaceiro inimigo e se abrem em fendas.

NETUNO INTERVÉM

Entretanto, Netuno percebeu que o mar se agitava com grande murmúrio e a tempestade se desencadeara e as águas refluiam dos profundos abismos; e irritou-se muitíssimo. Ergueu sôbre a mais alta onda a cabeça serena e olhou para o mar. Viu, através do oceano, a frota de Enéias dispersada e os troianos opressos pelas ondas e pelo desmoronamento do céu. Não lhe passaram desapercebidas as fraudes e as iras de Juno, sua irmã. Chamando Euro e Zéfiro, lhes diz:

— Acaso, ó ventos, apossou-se de vós uma confiança tão grande em vossa origem que ousais, sem o meu consentimento,

agitar céus e terras e levantar tamanhas massas de água? Ah! se eu... Mas o melhor é acalmar as ondas. De outra vez não tereis um castigo tão suave. Fugi depressa e dizei o seguinte ao vosso rei: a mim, e não a êle, a sorte concedeu o govêrno do mar e o terrível tridente. Êle possui os selvagens rochedos que são, ó Euro, as vossas moradas; que em tal côrte Éolo se ufane e que reine no bem fechado cárcere dos ventos.

Assim diz; e, mais rápido ainda, acalma as túmidas ondas, afugenta as nuvens acumuladas e traz de volta o sol. Cimótoe e Tritão, esforçando-se juntos, arrancam os navios do agudo escôlho; o próprio deus, com seu tridente, os ergue, abre-lhes as vastas Sirtes, abranda o mar; e atravessa, com as leves rodas de seu carro, a superfície das águas. Assim sucede quando, no meio de um grande povo, a sedição irrompe e o ignóbil vulgo se enfurece e já voam as tochas e as pedras e o rancor fornece as armas; se, porém, surge então um homem influente pelo seu patriotismo e pelos seus serviços, todos se calam e se detêm, atentos, e êle, com suas palavras, governa as almas e abranda os corações. Assim, cessa completamente o ruído do mar desde que o deus, olhando para as águas, dirige seus cavalos, que o transportam sob o céu já limpo, e dá-lhes rédeas sôltas, voando com o célere carro.

Fatigados, os homens de Enéias procuram atingir o litoral mais próximo e se dirigem para a costa da Líbia. Existe ali uma baía profunda e retirada. O pôrto é formado pelos flancos fronteiros de uma ilha, contra os quais tôda onda vinda do alto mar se quebra e se abre em longas sinuosidades. De um lado e de outro, erguem-se para o céu enormes rochas e dois picos iguais; e, sob a elevação, estende-se, em silêncio, o mar tranqüilo; acima se levanta, tal qual um cenário, negro bosque de árvores tremulantes, terrìvelmente escuro. Defronte há uma gruta formada por rochas suspensas, dentro da qual existem doces águas e bancos de pedra viva; ali moram as ninfas. Nesse pôrto os navios fatigados se detêm sem amarra nenhuma; não os retém a âncora com o seu curvo dente. Para ali segue Enéias, depois de ter reunido as sete naus que lhe haviam sobrado. Descem os troianos, ansiosos pela terra, e

se apossam da areia desejada e se estendem na praia; dos membros lhes goteja a água salgada. E Acates, antes de tudo, tira da pedra uma faísca, recolhe em fôlhas a chama, cerca-a de gravetos que a alimentam e põe fogo na lenha. Cansados de sofrer, tiram então dos navios o trigo estragado pela água e os instrumentos de fazer o pão; e se dispõem a torrar nas chamas e a moer com uma pedra os grãos que se salvaram do naufrágio.

Entrementes, Enéias sobe a um rochedo e perscruta o mar em tôda a extensão para ver se divisa algum sinal de Anteu a lutar com o vento, e as birremes frígias, ou Cápis, ou as altas pôpas com as armas de Caíco. Nenhuma nau á vista. Mas, na costa, enxerga três veados a vaguear seguidos por todo o rebanho, que pasta pelo vale em longa fila. Pára, então, e agarra depressa o arco e as ligeiras flechas que o fiel Acates segurava. E derruba primeiro os veados que iam à frente, erguendo as altas cabeças de chifres ramosos; depois põe em fuga o resto do bando e o persegue com dardos através dos frondosos bosques. Não se detém antes de ter, vitorioso, prostrado sete animais enormes, pois era êsse o número dos navios. Vai então para o pôrto e reparte a caça com os seus. Divide depois o vinho com o qual o bom Acestes enchera os tonéis na costa da Sicília e lhos dera ao partirem; e consola, com estas palavras, os corações aflitos:

— Companheiros, na verdade já não desconhecemos as atribulações; outras mais graves tendes sofrido; às de agora, também, um deus há de pôr têrmo. Vistes de perto a cólera de Cila e os rochedos cujo interior ressoa, conhecestes as rochas dos ciclopes. Animai-vos, pois, e afastai o temor que vos aflige; algum dia, talvez, ser-nos-á agradável recordar até mesmo êstes fatos. Através de várias desventuras, através de tantos riscos decisivos, dirigimo-nos para o Lácio, onde o destino nos promete tranqüilas moradas; deve ali ressurgir, por vontade dos deuses, o poderio de Tróia. Prossegui e aguardai essa felicidade.

Assim diz e, embora o oprimam enormes cuidados, toma um ar de esperança e recalca a tristeza no mais fundo da

alma. Êles se põem a preparar a caça para a próxima refeição: arrancam as peles dos veados e descobrem as carnes; uns cortam em pedaços e varam com espetos as carnes trementes, outros colocam na praia vasilhas de bronze e acendem fogo em volta. O alimento os revigora e, deitados na relva, saciam-se de vinho e gorda caça.

Depois de matarem a fome e afastarem os pratos, conversam longamente sôbre os companheiros perdidos, hesitantes entre a esperança e o mêdo, sem saber se estão vivos ou se sofrem os males extremos e já não ouvem quando são chamados. Mais do que todos, o piedoso Enéias lamenta, em seu íntimo, ora a desgraça do ardoroso Orontes, ora a de Âmico, e o cruel destino de Lico, e o forte Gias, e o forte Cloanto.

A PROMESSA DE JÚPITER

E já acabavam de falar quando Júpiter, olhando das alturas o mar cheio de velas e a extensão das terras e as praias e as vastas nações, detém-se no mais alto do céu e fixa os olhos nos reinos da Líbia. E, estando o deus a meditar sôbre êles, Vênus, profundamente triste, com os olhos brilhantes banhados de lágrimas, lhe diz:

— Tu, que com leis eternas diriges os fatos dos homens e dos deuses e os atemorizas com teu raio, que tão grande crime o meu Enéias e os troianos podem ter cometido contra ti, para que, depois de haverem suportado tantas calamidades, o orbe inteiro se lhes feche a fim de não chegarem à Itália? Mas é certo haveres prometido que um dia, com o correr do tempo, dali teriam origem os romanos, dali os chefes provindos do renovado sangue de Teucro, os quais dominariam completamente o mar e as terras tôdas. Por que mudaste de idéia, meu pai? Eu, na verdade, me consolava da queda e das tristes ruínas de Tróia compensando, com a sorte prometida, o destino infeliz; agora, porém, a adversidade continua perseguindo êsses homens, que a tantas desventuras já foram impelidos. Que têrmo tu porás a tais fadigas, ó grande rei? Antenor conseguiu escapar do meio dos gregos e entrar

no golfo da Ilíria e ultrapassar seguro os reinos dos liburnos, situados no interior, e a nascente do Timavo, de onde, através de nove bôcas, segue o rio, com grande murmúrio dos montes, tal qual um mar impetuoso, e golpeia os campos com as águas ruidosas. Ali, apesar de tudo, fundou Antenor a cidade de Pádua, fêz os troianos se estabelecerem, deu um nome a seu povo, fixou as insígnias de Tróia e agora, sepultado, descansa em suave paz. Mas nós, teus descendentes, aos quais prometes o mais alto do céu, tu nos abandonas, — ai de nós! — por causa da ira de uma só deusa; perdemos os navios e somos afastados para longe das praias da Itália. É êste o prêmio da piedade? Assim nos devolves o cetro?

O pai dos homens e dos deuses, mostrando o rosto sorridente com o qual torna sereno o céu tempestuoso, beijou de leve os lábios da filha; depois, assim falou:

— Não tenha mêdo, Vênus: o destino dos teus permanece imutável; tu verás a cidade e os prometidos muros de Lavínio e erguerás até os astros do céu o generoso Enéias. Não mudei de opinião. Já que êste cuidado te aflige, falarei, pois, e manifestarei os segredos do fado, chegando ainda mais longe: êle fará na Itália uma guerra grandíssima, vencerá povos selvagens, dará aos seus leis e instituições até que o terceiro verão o veja reinando sôbre o Lácio e o terceiro inverno haja passado após a sua vitória sôbre os rútulos. Mas o jovem Ascânio, ao qual se dá agora o cognome de Julo (era Ilo enquanto Ilion manteve o poderio), encherá com seu govêrno, durante trinta anos, a seqüência do tempo, até que Ilia, a real sacerdotisa, grávida por obra de Marte, tenha dois filhos gêmeos. Então Rômulo, soberbo, vestido com a fulva pele da lôba nutriz, continuará a descendência de Enéias, fundará a cidade de Marte e dará aos romanos o nome, tirado do seu. Quanto a mim, nem limites nem prazo estabeleço ao poderio dêles: eu lhes dei um império sem fim. E até a cruel Juno, que agora abala com seu mêdo o mar, a terra e o céu, passará a melhor opinião e, como eu, protegerá os romanos, nação togada, senhores dos povos. Assim me apraz. E, com o passar dos lustros, virá o tempo em que a casa de Assáraco

há de oprimir, com a servidão, Ftia e a famosa Micenas e reinará em Argos dominada. Dessa nobre raça nascerá o troiano César Augusto, que estenderá o seu império até o Oceano e a sua fama até os astros; será Júlio, do nome do grande Julo. Carregado de espólios do Oriente, tu, um dia, tranqüila, o hás de receber no céu; também êle será invocado pelas preces dos homens. Com êle, cessadas as guerras, os duros séculos abrandar-se-ão. A antiga Lealdade e Vesta e Quirino, com Remo, seu irmão, darão as leis; trancar-se-ão com barras de ferro as terríveis portas da Guerra; e dentro, o ímpio Furor, com suas mãos atadas atrás das costas por cem elos de bronze, rugirá horrendo com a bôca sangrenta.

Asim falou e enviou das alturas o filho de Maia a fim de que as terras da nova cidade de Cartago se abrissem hospitaleiras para os troianos e Dido não os expulsasse de seu reino, ignorando o que o destino havia determinado. O deus voa, remando com as asas através do vasto espaço e, rápido, chega às costas de Líbia. E logo cumpre as ordens; os púnicos, segundo a vontade divina, deixam de lado os seus ferozes sentimentos; e a rainha, sobretudo, se dispõe pacìficamente e forma para com os troianos benignas intenções.

ENÉIAS VÊ SUA MÃE

Mas o piedoso Enéias, que, durante a noite, em muitas coisas refletira, logo ao romper do benéfico dia resolveu sair e explorar os lugares desconhecidos e procurar saber a que praias o vento o trouxera e quem morava ali — se homens ou animais selvagens —, pois via regiões incultas; e referir aos companheiros as notícias colhidas. Esconde sua frota numa cavidade formada pelos bosques, sob uma rocha cavada, de modo a ficarem os navios cercados de árvores e de negras sombras; êle próprio avança, seguido apenas por Acates, brandindo na mão dois dardos de largo ferro. No meio da floresta sua mãe lhe aparece e lhe vêm ao encontro com o rosto e as maneiras de uma moça e armada tal qual uma virgem espartana ou qual a trácia Harpálice, que excita os cavalos e excede

na corrida o veloz Euro. Pois pendurara aos ombros o arco ligeiro, como uma caçadora, e deixara os cabelos esparsos ao vento e prendera com um nó as bordas ondulantes da veste erguida até acima dos joelhos. E antes que Enéias dissesse alguma coisa, assim falou:

— Olá, moços; dizei-me se vistes aqui, por acaso, alguma de minhas irmãs a vaguear munida da aljava e vestida com a pele malhada de um lince, ou a seguir, aos gritos, a carreira de um espumante javali? — Assim disse Vênus; e seu filho lhe respondeu:

— Nenhuma de tuas irmãs foi vista ou ouvida por mim, ó virgem... Como te hei de chamar? Não tens, na verdade, um rosto mortal nem falas com voz humana. És por certo alguma divindade; a irmã de Apolo, por acaso? ou uma deusa do sangue das ninfas? Sê-nos propícia e, quem quer que sejas, alivia o nosso sofrimento. Dize-nos sob que céu e em que praias do mundo fomos finalmente atirados: pois andamos errantes e o vento e os vagalhões para aqui nos trouxeram sem que nós conheçamos os homens e o lugar. Havemos de imolar muitas vítimas diante dos teus altares.

Vênus diz então:

— Na verdade, eu não me julgo digna de tal honra; o costume das virgens tírias é trazer a aljava e atar no alto das pernas os coturnos de púrpura. Tu estás vendo os reinos púnicos e cidadãos tírios e uma cidade de Agenor; estás, porém, em território líbico, onde habita uma gente indomável na guerra. Quem governa o Estado é Dido, a qual, fugindo do irmão, saiu de Tiro. Longa é a história da injúria que sofreu, longas as peripécias. Contarei só os fatos principais. Ela era casada com Siqueu, o fenício que mais ouro possuia e por quem a infeliz sentia um grande amor; a êle o pai a entregara virgem, e em primeiras núpcias a unira. Mas a Pigmalião, irmão de Dido, que era o mais cruel dos criminosos, pertencia o govêrno de Tiro. Entre êle e o cunhado surge o ódio. Ímpio e cego pelo amor do ouro, êle, às ocultas, diante do altar doméstico, mata o incauto Siqueu, sem se preocupar com o amor da irmã. Durante muito tempo escondeu a façanha e, perverso, inventando mil mentiras, conseguiu iludir, com baldada esperança, a aflita amante. Ela, porém, vê aparecer-lhe em sonho a própria imagem do marido insepulto, que erguia um rosto estranhamente pálido; êle lhe mostra o altar ensangüentado e o peito transpassado pela arma e lhe revela todo o oculto crime de sua casa. Dá-lhe então o conselho de fugir bem depressa e de sair da pátria; para ajudar a viagem, lhe indica seus antigos tesouros enterrados, ignorado acervo de ouro e prata. Abalada por tais revelações, Dido prepara a fuga e os companheiros. Todos os que sentiam grande ódio ou tremendo receio do tirano se reúnem a ela. Apossam-se de navios que, por acaso, estavam preparados e os carregam de ouro. As riquezas cobiçadas pelo avaro Pigmalião são levadas ao mar; é a mulher quem comanda o empreendimento. Chegam aos lugares onde agora verás que surgem as enormes muralhas e as cidadelas da nova Cartago; e compram um pedaço de chão de tal tamanho que o pudessem cobrir com uma pele de touro; daí o nome de Birsa. Vós, porém, quem sois, afinal, e de que praias viestes e para onde ides?

Enéias, suspirando, assim lhe respondeu com uma voz que saía do fundo do peito:

— Ó deusa, se eu me puser a recordar, desde a mais remota origem, as nossas desventuras e tu tiveres tempo de ouvir a longa história, Vésper recolherá no Olimpo o dia antes que eu chegue ao fim. Nós viemos da antiga Tróia. Acaso chegou até vossos ouvidos o nome de Tróia? Através de mares adversos, arribamos às praias da Líbia, trazidos pelo capricho da tormenta. Eu sou o piedoso Enéias, cuja fama chegou até o céu, e transporto comigo, nos navios, os Penates arrancados ao inimigo. Ando em busca da Itália, pátria de onde saíu a minha gente, a qual descende do supremo Júpiter. Embarquei no mar Frigio, com uma frota de vinte navios; a deusa minha mãe mostrava-me o caminho e eu seguia o meu destino; a custo se salvaram sete naus, avariadas pelo vento e pelas ondas. Eu próprio, desconhecido e privado de tudo, percorro os desertos da Líbia, rechaçado da Europa e da Ásia.

Vênus não mais o pôde ouvir e assim o interrompeu em meio às tristes queixas:

— Quem quer que sejas, não creio que tu vivas odiado pelos deuses do céu, pois pudeste chegar a esta cidade tíria. Prossegue, pois, e vai daqui às portas da rainha. Eu, se meus pais não se enganaram ensinando-me em vão a ciência dos augúrios, anuncio que te são restituídos os homens e a esquadra, que a mudança dos ventos impeliu para um lugar seguro. Olha aquêles dez cisnes, alegres, em fileira, que a ave de Júpiter, vinda da etérea plaga, há pouco perseguia através do espaço; agora, em longa fila, vemo-los pousar sôbre a terra ou olhar para onde outros pousaram. Assim como êles, depois de voltejar em bando pelo céu e de soltar seus cantos, voltam à terra batendo alegremente as asas, da mesma forma os teus navios e os teus jovens companheiros ou já se acham no pôrto ou estão a entrar sob as velas pandas. Prossegue, pois, e dirige teus passos para onde conduz êste caminho.

Assim falou e, quando se afastava, o róseo pescoço resplandeceu e, do alto da cabeça, os cabelos perfumados de ambrosia exalaram um odor divino; e as vestes lhe desceram até os pés e, no andar, revelou-se uma deusa. Êle reconheceu a mãe, que fugia, e lançou-lhe estas palavras:

— Por que tantas vêzes, cruel tu também, iludes teu filho com uma falsa aparência? Por que não me é dado apertar a tua mão e ouvir-te e responder sem fingimentos?

Fazendo tais censuras, dirigiu-se às muralhas. Vênus, porém, cercou com uma escura nuvem os caminhantes e os envolveu num espêsso véu de neblina a fim de que ninguém os pudesse ver nem molestá-los ou provocar demoras ou perguntar por que motivo vinham. E, através dos ares, foi-se a Pafos e, alegre, reviu a sua cidade, onde, no templo a ela dedicado, cem altares se aquecem com o incenso da Sabéia e exalam o perfume das frescas grinaldas.

ENÉIAS EM CARTAGO

Êle se põe a andar ràpidamente para onde leva a estrada; e já subiam o outeiro que, do alto, domina Cartago e olha

para os fronteiros baluartes. Enéias admira a grandeza da cidade, antes simples agrupamento de casebres, admira as portas e o ruído da turba e as ruas calçadas. Os tírios, cheios de ardor, trabalham sem cessar: parte se ocupa em prolongar os muros, em construir a cidadela, em rolar, com as mãos, as pedras para cima; parte, em escolher um lugar para a casa e cercá-lo com um sulco. Elegem os juízes e os magistrados e um senado digno de respeito. Alguns aqui escavam os portos, outros ali colocam os fundos alicerces dos teatros e talham em pedra enormes colunas, que serão pomposos ornamentos para os futuros espetáculos. Parecem abelhas que, no comêço do estio, se azafamam ao sol pelos campos floridos: e fazem voar os filhotes crescidos do enxame ou condensam o líquido mel e enchem as celas com o doce néctar ou recebem a carga das que chegam ou, formando um batalhão, expulsam das colmeias o bando inativo dos zangões; ferve a labuta, os perfumosos méis cheiram a tomilho.

— Como êles são felizes! Já erguem suas muralhas!

Assim diz Enéias e contempla os tetos da cidade. Coisa maravilhosa, êle aí se introduz envolto numa nuvem e caminha entre os homens e não é visto por ninguém.

No meio da cidade existe um bosque muito cheio de sombra, onde os cartagineses, logo que chegaram trazidos pelas ondas e pela tempestade, desenterraram um sinal que a rainha Juno lhes indicara: uma cabeça de fogoso cavalo, prenúncio de que, através dos séculos, haveriam de ter fama na guerra e fáceis meios de subsistência. Ali Dido, a sidônia, construía um vastíssimo templo, rico pelas ofertas recebidas, grande pelo poder da divindade; tinha soleiras de bronze, que se erguiam sôbre degraus, e traves cravejadas de bronze e brônzeas portas de gonzos estridentes. Neste bosque, uma cousa inesperada se apresenta a Enéias e, pela primeira vez, lhe alivia o temor; aqui, pela primeira vez, êle ousa esperar a salvação e estar mais confiante em meio aos sofrimentos: enquanto, aguardando a rainha, êle examina cada pormenor do enorme templo e admira em seu íntimo a habilidade dos artistas e a perfeição

das obras e pensa nas riquezas que a cidade deve possuir, vê, pintadas em série, as batalhas de Tróia e tôda a guerra, cuja fama já se espalhara pelo mundo inteiro, e os Atridas e Príamo e Aquiles, que foi cruel para com as duas partes. Enéias se detém e fala a chorar:

— Que lugar, ó Acates, qual a região da terra que ainda não se encheu das nossas desventuras? Eis Príamo! Também aqui o valor é honrado e há lágrimas para os infortúnios e as desgraças humanas tocam o coração. Liberta-te do mêdo: esta fama te haverá de trazer algum auxílio.

Assim diz e sacia sua alma contemplando as figuras pintadas e, a gemer, banha o rosto num caudal de lágrimas. Pois via os combatentes em volta de Pérgamo e, de um lado, os gregos que fugiam perseguidos pelos jovens troianos, de outro, os troianos em fuga diante do carro do emplumado Aquiles. Não longe, reconhece, a chorar, as brancas tendas de Reso, que o sono profundo entregou ao inimigo: o sanguinário Diomedes devastou-as com grande morticínio e levou para os seus acampamentos os fogosos cavalos do trácio, antes que pudessem provar os pastos de Tróia e beber a água do Xanto. Noutra parte, vê Tróilo a fugir, perdidas as armas. Desditoso menino, incapaz de medir-se com Aquiles! Os cavalos o puxam e êle, caído, pende do carro, mas sem largar as rédeas; a cabeça e os cabelos arrastam-se por terra e a lança, virada para baixo, traça sulcos no pó. Entrementes, as mulheres troianas, com os cabelos soltos, dirigiam-se ao templo da hostil Palas e levavam-lhe um peplo e a imploravam aflitas, batendo no peito com as mãos; mas a deusa inimiga tinha os olhos fixados no solo. E Aquiles, por três vêzes, tinha arrastado Heitor em redor das muralhas de Tróia, e agora vendia, a pêso de ouro, o corpo sem vida. Ao ver tal cena — os espólios, os carros, o próprio cadáver do amigo e Príamo estendendo as mãos inermes —, Enéias solta, do mais fundo do peito, um imenso gemido. Reconhece, depois, a si próprio, a combater em meio aos chefes gregos, reconhece as tropas orientais e as armas do negro Mêmnon. Pentesiléia, impetuosa, comanda o batalhão das Amazonas, que têm broquéis em forma de crescente, e luta

com ardor entre mil inimigos; trazendo o boldrié dourado prêso sob o seio descoberto, essa guerreira ousa — ela, uma virgem — combater com varões.

DIDO

Enquanto o troiano Enéias olha tais maravilhas e pasma e queda-se imóvel, todo absorto na contemplação, eis que a rainha, a belíssima Dido, vai ao templo, rodeada por um grande cortejo de jovens tírios. Tal qual Diana — quando rege os coros nas margens do Eurotas ou nos cumes do Cinto, seguida por mil Oreádes que, de todos os lugares, se reúnem a ela, e leva no ombro a aljava e, caminhando, é a mais bela dentre as companheiras, de modo que Latona sente no coração secreto júbilo — assim era Dido, assim ela avançava deslumbrante no meio dos tírios, apressando os trabalhos da edificação da sua cidade. Então, diante das portas do santuário, sob a abóbada do templo, sentou-se num alto trono, cercada por homens armados. E dava aos homens instituições e leis e distribuía em partes iguais, ou tirando a sorte, os trabalhos públicos, quando, de súbito, Enéias vê que se aproximam, seguidos por grande multidão, Anteu e Sergesto e o forte Cloanto e outros troianos que a negra tempestade dispersara no mar e levara para outras longínquas praias. Êle se espanta, e Acates também, turbados ambos pela alegria e pelo mêdo: ardiam em desejo de apertar-lhes as mãos; entretanto, a incerteza do que sucedera perturba as suas almas. Ambos se contêm e, envoltos na nuvem, observam, esperando saber qual a sorte dos seus homens, em que praia deixaram a esquadra, por que motivo vinham; pois alguns escolhidos de cada navio caminhavam a suplicar benevolência e, por entre o clamor, dirigiam-se ao templo. Depois de terem entrado e obtido ordem de falar diante da rainha, Ilioneu, o mais velho de todos, assim principiou com voz serena:

— Ó rainha, a quem Júpiter concedeu fundar uma nova cidade e refrear, com a justiça, nações soberbas; nós, infelizes troianos que os ventos arrastaram por todos os mares, te

suplicamos: afasta dos navios o ímpio fogo, poupa esta gente piedosa e olha a nossa causa com mais benevolência do que os outros. Nós não viemos devastar com as armas os lares da Líbia nem levar para a praia o produto de um saque: os vencidos não têm tanta coragem nem tamanha arrogância. Existe um lugar que os gregos indicam com o nome de Hespéria, antiga região potente por suas armas e seu solo fecundo; homens onétrios a habitaram. Diz-se que os descendentes dêles agora chamam Itália a sua terra, por causa do nome de seu chefe. Para ali nós nos dirigíamos quando o chuvoso Orion surge da água e nos conduz para ocultos abismos e, com ventos furiosos, nos dispersa, vencidos pelo mar, no meio das vagas e dos ínvios rochedos. Poucos conseguimos chegar às vossas praias. Mas que espécie de homens é esta? que nação tão bárbara permite tal costume? Não deixam que a praia nos acolha, atacam-nos, repelem-nos até dos extremos de suas terras. Se desprezais a espécie humana e as armas dos mortais, temei, porém, os deuses, que guardam na memória as boas e as más ações. Nosso rei era Enéias; ninguém houve mais justo do que êle, nem maior na piedade ou nos combates. Se o destino conserva ainda êsse homem, se êle respira ainda o ar celeste e não o sepultaram as sombras da morte, não devemos ter mêdo, nem te arrependerás de o haveres, tu primeiro, auxiliado. Também em terras da Sicília nós possuímos cidades e armas e o ilustre Acestes, que é de origem troiana. Permite-nos puxar para a praia os navios, que os ventos estragaram, e, nas tuas florestas, preparar pranchas e talhar remos. Se nos fôr possível seguir para a Itália com os companheiros e com o chefe salvo, iremos felizes para a Itália e para o Lácio. Mas se tu, ó excelente chefe dos troianos, não estás salvo, se o mar da Líbia te encerra e nem nos resta a esperança de Julo, sigamos ao menos para os mares da Sicília, para as casas já prontas de onde para cá viemos, e dirijamo-nos ao rei Acestes.

Assim falou Ilioneu e todos os troianos soltavam gritos de aprovação. Então Dido, baixando os olhos, falou brevemente:

— Não temais, ó troianos, não vos preocupeis. Por ser difícil a minha situação e recente o meu reino, sou obrigada a tomar tais medidas e a proteger-me guarnecendo as fronteiras. Quem desconhece a raça dos homens de Enéias, quem desconhece a cidade de Tróia, suas grandes emprêsas e seus heróis e a guerra e o vasto incêndio? Nós, os cartagineses, não temos o espírito tão bronco nem é tão longe da cidade tíria que o Sol atrela os seus cavalos. Quer procureis a grande Hespéria e os campos de Saturno, quer a terra do monte Érix e o rei Acestes, eu vos despedirei seguros, com o meu auxílio, e vos proverei de todos os recursos. E se quereis ficar comigo neste reino, é vossa a cidade que eu construo. Ponde em sêco os navios: tratarei sem nenhuma diferença os troianos e os tírios. E oxalá o próprio rei Enéias aqui estivesse, oxalá o vento o trouxesse para o mesmo lugar onde vos trouxe! Eu enviarei fiéis exploradores pelas praias e ordenarei que vão até os confins da Líbia a fim de ver se êle, aqui lançado, anda errante por alguma floresta ou alguma cidade.

Animados por tais palavras, o forte Acates e o herói Enéias há muito ardem por romper a nuvem; Acates é o primeiro a falar e diz a Enéias:

— Ó filho de uma deusa, qual é agora o teu parecer? Vês tudo em segurança, vês salvos a esquadra e os companheiros: falta um só, mas nós mesmos o vimos afundar entre as ondas; tudo o mais corresponde ao que disse tua mãe.

Mal havia falado, a nuvem que os cercava se desfez de repente e transformou-se em límpido ar. Surge Enéias de pé, no meio de um vivo esplendor, com o rosto e os ombros de um deus; de fato, a própria mãe lhe insuflara a beleza dos cabelos, o púrpureo fulgor da juventude, o encanto do olhar cheio de vida; assim as mãos do artista adornam o marfim e cingem de fulvo ouro a prata ou o mármore de Paros. Então de súbito, entre o espanto geral, dirige-se à rainha:

— Aqui está quem vós procuráveis, o troiano Enéias, que escapou aos mares da Líbia. Só tu, ó Dido, te compadecestes das indizíveis provações de Tróia; e tu nos associas à cidade e ao palácio, a nós, que somos simples restos dos gregos, des-

pojados de tudo, já exaustos de tôdas as desgraças que sofremos em terra e no mar; nem nós nem todos os troianos espalhados pelo vasto mundo te podemos, ó Dido, agradecer devidamente. Se, porém, existem divindades que se ocupam dos homens piedosos, se em alguma parte têm valor a justiça e a consciência, que os deuses te concedam o merecido prêmio. Ditoso o tempo em que nascestes! Notáveis os pais que geraram tal filha! Enquanto os rios correrem para o mar, enquanto as sombras deslizarem pelas curvas dos montes, enquanto o céu alimentar os astros, hei de perpetuar os teus louvores, a tua glória e o teu nome, qualquer que seja a terra que me chame.

Assim falou e deu a mão direita ao amigo Ilioneu, a esquerda a Seresto, depois aos outros, ao forte Gias e ao forte Cloanto.

Fica a sidônia Dido admirada de ver o herói e do estranho fato; e assim diz:

— Ó filho de uma deusa, que destino te persegue através de tão grandes perigos? que fôrça te chama a praias selvagens? És tu o célebre Enéias, o filho que a fecunda Vênus deu ao troiano Anquises junto às águas do frígio Simoente? Lembro-me de que Teucro, expulso da pátria, veio a Sídon, buscando um novo reino, e Belo o ajudou. Belo, meu pai, havia devastado a fértil Chipre e ali dominava. Desde aquêle tempo eu conheço as desgraças de Tróia e o teu nome e o dos reis gregos. O próprio Teucro, embora inimigo de Tróia, elogiava-a muito e pretendia descender de uma antiga família troiana. Vamos, pois, ó jovens, entrai em minha casa. Também a mim, um destino igual ao vosso lançou-me em muitas provações e quis finalmente que eu me estabelecesse nesta terra. Conheço os sofrimentos sei, pois, ajudar os que sofrem.

Assim falou e conduziu Enéias ao palácio real e ordenou cerimônias nos templos dos deuses. Enquanto isso, enviou à praia, aos companheiros de Enéias, vinte touros, cem grandes porcos de eriçado dorso e cem gordos cordeiros com suas mães, presentes de dia de festa! Enfeita-se o interior da casa, onde um luxo real esplendia. Nas salas, prepara-se o banquete;

arrumam-se os tapetes de riquíssima púrpura, trabalhados com arte e, sôbre as mesas, muita prataria e vasos de ouro onde estavam esculpidos os grandes feitos dos antepassados da rainha, uma série longuíssima de fatos continuada de herói em herói, desde a remota origem da nação.

Enéias, pois que o amor paterno não lhe deixava sossegar a alma, manda ir depressa Acates aos navios para dar tais notícias a Ascânio e trazê-lo à cidade; todo em Ascânio está o pensamento do afetuoso pai. Manda, além disso, que se tragam os presentes salvos da ruína de Tróia: um manto que as figuras bordadas a ouro entesavam e um véu entretecido de amarelas fôlhas de acanto. Eram adornos da grega Helena, maravilhoso presente de Leda, sua mãe; e ela os levara quando, de Micenas, partira para Pérgamo a fim de contrair a ilícita união. E, ainda, o cetro que Ilíona, a filha mais velha de Príamo, um dia sustentara; e seu colar de pérolas e sua coroa de ouro e pedras preciosas. Cumprindo prontamente as ordens de Enéias, Acates dirige-se aos navios.

A FRAUDE FATAL

Vênus, entretanto, medita novos planos e novos artifícios: que Cupido, com o rosto e a aparência transformados, venha em lugar do meigo Ascânio e excite, com presentes, o amor da rainha e lhe infiltre no íntimo ardente paixão. Pois ela teme a casa mal segura de Dido e a perfídia dos cartagineses e sofre ao pensar na terrível Juno; e, à noite, aumentam seus cuidados. Dirige-se, portanto, ao deus alado, o Amor, e assim lhe diz:

— Meu filho, que és a minha fôrça e o meu grande poder e és o único a desprezar os dardos do pai supremo, que mataram Tifeu, a ti eu recorro e peço, suplicante, o teu divino auxílio. Sabes como o rancor da cruel Juno lança de praia em praia o teu irmão Enéias e muitas vêzes te afligiste com o nosso sofrimento. A fenícia Dido agora o retém e o demora com palavras carinhosas. E eu temo porque não sei que fim terá essa hospitalidade na cidade de Juno; ela não descansará

num momento assim decisivo. Por isso eu penso em apossar-me da rainha por meio de um ardil e em despertar-lhe a paixão para que nenhuma divindade a faça mudar mas, ao contrário, sinta por Enéias um grande amor, como eu própria sinto. Escuta agora de que maneira o poderás fazer: chamado por seu querido pai, o princepezinho, que é agora o meu maior cuidado, apronta-se para ir à cidade dos sidônios, levando os presentes salvos do mar e do incêndio de Tróia. Eu o esconderei, adormecido, no meu templo, no alto da Citera ou no Idálio, para que êle não posa saber dos meus ardis e nem surgir no meio. Tu, por uma noite apenas e não mais, simularás a sua fisionomia e, menino que és, tomarás as feições dêsse menino, que tu conheces; e quando Dido, cheia de alegria, te tomar em seu colo entre as mesas reais e as libações de Baco, te abraçar e te der suaves beijos, tu lhe incutirás o ardor secreto e, sem que ela perceba, o teu veneno.

O Amor obedece à mãe querida: tira as suas asas e se põe a caminho, imitando, contente, o andar de Julo. Entretanto, Vênus espalha pelos membros de Ascânio um sono tranqüilo e o leva no colo para um bosque sagrado, nas alturas da Idália, onde a suave e odorosa manjerona o rodeia de flôres e de agradável sombra. E já Cupido, obedecendo às ordens, ia alegre, guiado por Acates, e levava aos tírios os régios presentes. Quando chegou, já a rainha se deitara sob um esplêndido dossel, num leito dourado guarnecido de magníficas cobertas. Já havia chegado, com os jovens troianos, o herói Enéias; e todos se deitaram sôbre os leitos cobertos de púrpura. Os escravos lhes trazem água para as mãos e servem pão em cestos e oferecem toalhas de pele fina. No interior do palácio há cinqüenta criadas que têm a seu cargo colocar os pratos em longa fila e acender o fogo na lareira; e cem outras e outros tantos criados da mesma idade, que põem na mesa as iguarias e arrumam os copos. Chegam em grande número os convidados tírios e vão deitar-se nos recamados leitos. Admiram os presentes de Enéias, admiram Julo e os olhos brilhantes do deus e as suas fingidas palavras e o manto e o véu ornado de acanto amarelo. E, mais que todos, a infeliz fenícia, destinada

a uma perda fatal, não consegue saciar a sua alma; ela olha e se excita, impressionada ao mesmo tempo pelos presentes e pelo menino. Êste, depois de abraçar Enéias e pendurar-se-lhe ao pescoço e saciar o grande amor do suposto pai, dirige-se à rainha. Os olhos desta e tôda a sua alma, prendem-se a êle; e Dido o aperta muitas vêzes contra o seio, sem saber, a infeliz, que poderoso deus se senta em seus joelhos. Êle, porém, pensando em Vênus, sua mãe, começa aos poucos a apagar em Dido a lembrança de Siqueu; e procura fazer que na alma já fria, no coração que há muito deixara de amar, domine o amor do vivo.

Quando acabaram de comer, retirados os pratos, foram servidas grandes taças de vinho coroadas de flôres. Ressoa pelas salas e pelos grandes átrios o ruído das vozes. As lâmpadas acesas, que pendem dos áureos tetos emoldurados, e as tochas, com suas chamas, superam as trevas. Pede então a rainha a pátera carregada de gemas e de ouro, que Belo e seus descendentes costumavam usar em tais ocasiões; e enche-a de vinho. Feito silêncio, diz:

— Ó Jupiter, tu, que, segundo dizem, nos deste as leis da hospitalidade, faze com que êste dia seja de festa para os tírios e para os que vieram de Tróia e fique na memória dos nossos descendentes. Assista-nos Baco, que inspira alegria, e a boa Juno! E vós, ó tírios, celebrai de bom grado êste festim.

Assim disse e verteu sôbre a mesa a oferenda do vinho; e, feita a libação, tocou de leve a taça com os lábios. Deu-a então a Bícias, convidando-o a beber; êle bebeu prontamente a espumante pátera, esvaziou a áurea taça cheia. E, depois dêle, os outros nobres bebem. Iopas, de longa cabeleira, canta ao som da cítara de ouro; o grandíssimo Atlante o ensinara. Êle celebra as fases da lua e os eclipses do sol, a origem dos homens e dos animais, a causa da chuva e dos raios, e Arcturo e as chuvosas Híades e as duas Ursas, e a razão pela qual os dias de inverno têm tanto pressa em mergulhar no oceano e as noites custam a passar.

Os tírios o aplaudem repetidamente, os troianos fazem o mesmo. E a infeliz Dido prolongava a noite a conversar sôbre

vários assuntos e bebia o amor a grandes tragos, fazendo mil perguntas sôbre Príamo, fazendo mil perguntas sôbre Heitor; e queria saber com que armas tinha vindo o filho da Aurora, como eram os cavalos de Diomedes, qual o valor de Aquiles.

— Vamos, meu hóspede, — diz ela — conta-nos desde o início as insídias dos gregos e as desventuras do teu povo e as tuas peripécias, pois já há sete anos que vagueias por tôdas as terras e por todos os mares.

LIVRO II

A NARRAÇÃO DE ENÉIAS: A QUEDA DE TRÓIA

Calaram-se todos e olhavam atentos para Enéias. Então, do alto leito, o herói assim principiou:

— Ordenas, ó rainha, que eu renove uma indizível dor, narrando como os gregos destruíram a potência e o desditoso reino de Tróia e aquêles fatos tristíssimos que eu próprio vi e nos quais tomei grande parte. Quem, ao narrar tais coisas, — mesmo que fôsse um mirmidão ou um dólope ou um soldado do cruel Ulisses — conteria as lágrimas? E já a noite úmida foge do céu e os astros em declínio convidam ao sono. Mas, se tens tanto desejo de conhecer as nossas desventuras e de ouvir brevemente o último esfôrço dos troianos — embora a minha alma se horrorize ao lembrá-lo e fuja sempre à dor de tal recordação —, começarei.

O CAVALO DE MADEIRA

Alquebrados pela guerra e repelidos pelo destino, os chefes gregos, após tantos anos de cêrco, constroem um cavalo grande como um monte, cujo corpo fabricam com abeto cortado; a deusa Palas os inspirava. Simulam um voto pelo regresso à pátria; a notícia se espalha. Ali, no escuro bôjo, furtivamente encerram guerreiros dos melhores, escolhidos por sorte, e enchem por completo, com soldados armados, as enormes cavidade do ventre.

Está à vista Tênedos, ilha famosíssima, que foi opulenta enquanto existiam os reinos de Príamo e agora é sòmente uma enseada e um abrigo pouco seguro para os navios. Para lá conduzidos, escondem-se no litoral deserto. Nós pensamos que êles tivessem partido e velejassem com destino a Micenas. Assim, Tróia tôda libertou-se da longa aflição. Abrem-se as portas; é agradável sair e ver os acampamentos gregos e os postos desertos e a praia abandonada: aqui acampava o bata-

lhão dos dólopes, ali o cruel Aquiles; aqui ficavam os navios, ali costumavam os homens exercitar-se em linha de batalha. Alguns olham espantados o presente funesto da casta Minerva e admiram o tamanho do animal; e Timetes — ou por traição ou porque o destino de Tróia já assim determinava — é o primeiro que nos exorta a trazer o cavalo para dentro dos muros e a colocá-lo na cidadela. Mas Cápis e aquêles que pensavam melhor, mandam jogar no mar o suspeito presente, cilada dos gregos, ou queimá-lo, pondo-lhe fogo embaixo, ou furar e sondar os profundos esconderijos do ventre. O povo, incerto, divide-se em opiniões contrárias. Então Laocoonte, à frente de numerosa multidão, corre furioso do alto da cidadela e, ainda longe, grita:

— Ó infelizes cidadãos, que loucura tão grande é essa? Credes que os inimigos se retiraram? Ou julgais que alguma oferta grega possa estar isenta de traição? É assim que conheceis Ulisses? Ou os gregos estão ocultos dentro dêste madeiro ou isto é um engenho forjado contra as nossas muralhas, para espiar nossas casas e desabar sôbre a cidade, ou alguma outra insídia aí se esconde. Não confieis no cavalo, ó troianos. O que quer que isto seja, temo os gregos, mesmo quando oferecem presentes.

Assim falou e, com tôda a sua fôrça, atirou a enorme lança contra o flanco do animal, contra o ventre abaulado nas junturas; ela ficou tremendo e, com o abalo do ventre, as cavidades ressoaram e deram um gemido. E, se não fôssem os desígnios dos deuses, se não fôsse a cegueira de nossa alma, seríamos levados a abrir com o ferro os esconderijos gregos; e Tróia ainda estaria de pé e tu ainda existirias, ó alta cidadela de Príamo!

O ARDIL DE SINÃO

Mas eis que pastôres troianos, fazendo grande algazarra, traziam ao rei um jovem com as mãos atadas atrás das costas. A fim de conseguir isto mesmo e de abrir para os gregos a cidade de Tróia, o desconhecido se lhes entregara espontâneamente quando êles vinham e, confiado na própria coragem, estava preparado para uma e outra cousa: ou levar a cabo o seu ardil ou sucumbir à morte certa. De todos os lados acorrem, curiosos, os moços troianos, que cercam e se põem a insultar o prisioneiro.

Escuta agora as insídias dos gregos e aprende, pelo crime de um, a conhecê-los todos. Pois logo que êle, inerme e perturbado, parou entre os presentes, que o fitavam, e percorreu com os olhos a multidão troiana, assim falou:

— Pobre de mim! que terra, que mares me podem receber? que coisa resta ainda a êste infeliz, para o qual já não há lugar entre os gregos, para o qual também os troianos hostis reclamam a pena de morte?

A tais lamentações abrandaram-se os ânimos e todo o rancor desapareceu. Nós o encorajamos para que dissesse qual a sua raça e a que vinha e com que esperança se fizera prender pelos troianos. Êle, perdendo finalmente o mêdo, disse o seguinte:

— O que quer que me possa acontecer, vou confessar-te, ó rei, tôda a verdade: e antes de tudo, eu não negarei que sou um grego; pois, se a sorte cruel fêz de Sinão um desgraçado, não há de fazer dêle um falso e um mentiroso. Talvez algum dia o nome de Palamedes, descendente de Belo, tenha chegado, com sua grande glória, aos teus ouvidos; por ter sido acusado de traição com uma infame prova mas, na verdade, porque se opunha à guerra, os gregos condenaram à morte êsse inocente; lamentam no agora, que êle não mais existe. Desde os primeiros anos da guerra, meu pai, que era pobre, mandou-me para o exército como companheiro dêsse Palamedes, do qual eu era parente. Enquanto êle tinha autoridade e era acatado nas assembléias dos reis, também eu gozei de algum renome e glória. Depois que, pelo ódio do pérfido Ulisses — eu não falo de fatos ignorados —, êle passou às regiões celestes, eu, aflito, levava uma vida obscura e triste e, no íntimo, indignava-me com a desgraça do amigo inocente. Insensato, não me calei e prometi vingá-lo se alguma ocasião se me apresentasse, se algum dia voltasse triunfante para Argos, minha pátria;

e as minhas palavras provocaram ásperos ódios. Êsse foi o princípio da minha desgraça: desde então Ulisses sempre me amedrontava com novas acusações, desde então espalhava entre o povo palavras ambíguas e, consciente de seu crime, procurava armas contra mim. E, de fato, não sossegou até que Calcante, seu cúmplice... Mas, por que estou a recordar inùtilmente êstes fatos desagradáveis? Por que vos detenho? Se tendes na mesma conta todos os gregos, se vos basta ouvir que sou um dêles, sacrificai-me sem demora: seria êste o desejo de Ulisses; os Atridas vos ofereceriam um alto preço.

Mas nós estávamos ansiosos por interrogá-lo e conhecer os fatos, pois ignorávamos a enorme maldade e astúcia dos gregos. O impostor, todo trêmulo, prosseguiu:

— Muitas vêzes os gregos, cansados da longa guerra, pensaram em preparar a fuga, em deixar Tróia e ir embora. E oxalá o tivessem feito! Muitas vêzes, porém, quando iam partir, impediu-os o mar tempestuoso, aterrou-os o vento. E, principalmente, desde que êste cavalo se ergueu, construído com tábuas de bôrdo, as nuvens ressoaram por todo o céu. Aflitos, enviamos Eurípilo a consultar os oráculos de Apolo e êle trouxe do santuário estas tristes palavras: «Com sangue da virgem imolada aplacastes os ventos, ó gregos, quando partistes para a costa de Tróia. Com sangue deveis suplicar o regresso; deveis aplacar os deuses com o sangue de um grego». Quando o povo escutou tais palavras, aterraram-se as almas e um gélido tremor percorreu as entranhas: a quem o destino reservava tal sorte? Quem seria exigido por Apolo? Então Ulisses, com grandes gritos, arrasta para o meio de nós o adivinho Calcante e o intima a dizer-nos qual seria a vontade dos deuses. E muitos já me profetizavam o atroz crime daquele astucioso ou, calados, previam o que ia acontecer. Durante dez dias Calcante não falou; reservado, negava-se a indicar o nome de alguém e assim levá-lo à morte. Enfim, a custo, obrigado pelos gritos de Ulisses, rompe o silêncio e, como já haviam combinado, me designa para o sacrifício. Todos concordam e deixam voltar-se contra um

só desgraçado o mal que cada um teria para si. Chegara o dia nefasto; preparavam já o sacrifício, a farinha salgada, as fitas em redor de minha fronte. Fugi à morte, confesso-o, rompi as correntes e à noite, encoberto pelas trevas, escondi-me entre as ervas de um pântano até que êles se fizessem ao mar, se é que se fizeram. Já não tenho nenhuma esperança de ver a velha pátria nem meus queridos filhos e meu saudoso pai; talvez os façam pagar pela minha fuga e castiguem esta culpa com a morte daqueles infelizes. Eu te suplico, pois, pelos deuses celestes, pelos numes que conhecem a verdade, pela justiça que ainda existe incorruptível entre os homens — se é que existe alguma —: tem piedade de tão grande infortúnio, tem piedade desta alma que sofre sem o merecer.

A tais lamentações nós lhe concedemos a vida e até tivemos pena dêle. O próprio Príamo foi o primeiro a ordenar que lhe tirassem das mãos as apertadas correntes e lhe disse em tom amigável:

— Quem quer que sejas, esquece agora os gregos, que perdeste; serás um dos nossos. Responde sem mentir ao que te pergunto: para que construíram êste enorme e monstruoso cavalo? quem teve essa idéia? que pretendem obter? é uma oferenda ou uma máquina de guerra?

Assim falou e êle, instruído pelas fraudes e pela astúcia grega, levantou para os astros as mãos livres das correntes e disse:

— Tomo-vos por testemunhas, ó astros eternos, com o vosso inviolável poder; e a vós, ó altares e horríveis espadas das quais eu fugi, ó sacras fitas que eu levei como vítima: os deuses me permitem romper os laços sagrados que me ligam aos gregos, os deuses me permitem odiar êsses homens e revelar tudo o que êles escondem; nenhuma lei me prende à pátria. Tu, porém, ó Tróia, mantêm as tuas promessas e, conservada por mim, conserva a tua palavra, já que digo a verdade e te recompenso com grandes serviços. Tôda a esperança dos gregos e a confiança na guerra empreendida sempre se apoiou no auxílio de Palas. Mas desde que o ímpio Diomedes e Ulisses, êsse inventor de crimes, resolveram arrancar do templo con-

sagrado a fatal estátua de Palas e, após matar os guardas da alta cidadela, tomaram com as mãos ensangüentadas a sagrada imagem e ousaram tocar as fitas virginais da divindade, desde então a esperança dos gregos dissipava-se e pouco a pouco desaparecia, suas fôrças alquebravam-se, o espírito da deusa se afastava deles. E Palas o demonstrava com prodígios que não deixavam dúvidas. Logo que a imagem foi colocada no acampamento, seus olhos fixos soltaram brilhantes chamas, um suor salgado lhe correu pelos membros e três vêzes — coisa extraordinária! — ela, por si mesma, pulou do chão, com o escudo e a lança a tremer. Imediatamente Calcante anuncia que devem embarcar e fugir, que Pérgamo não pode ser destruída pelas armas dos gregos a não ser que voltem a Argos para tomar novamente os auspícios e de lá reconduzam o favor divino que, na primeira travessia, tinham trazido consigo nos recurvados navios. E, se êles partiram para Micenas, estão agora preparando as armas e a aliança com os deuses; e vão de novo atravessar o mar e aqui chegarão de improviso. Assim Calcante interpretou aquêles presságios. Por seu conselho, para substituir a imagem de Palas e aplacar a deusa ofendida, fabricaram esta efígie, que deve reparar o funesto sacrilégio. Calcante, porém, mandou que construissem êste enorme cavalo de madeira e o erguessem até o céu a fim de que não pudesse passar pelas portas nem ser conduzido para dentro dos muros nem proteger o povo, como antes. Pois, se vossas mãos violassem a oferenda a Minerva, uma grande desgraça sucederia ao império de Príamo e aos troianos; — que os deuses voltem contra o próprio Calcante êsse agouro! — mas se vós mesmos a conduzisseis para a vossa cidade, então, pelo contrário, a Ásia haveria de ir, com uma grande guerra, até as muralhas gregas; tal o destino que esperariam os nossos netos.

Êste astucioso ardil do perjuro Sinão nos fês acreditar no que êle dizia; e os embustes e as lágrimas fingidas apanharam aquêles que nem Diomedes, nem Aquiles de Larissa, nem dez anos de cêrco, nem mil navios conseguiram vencer.

A MORTE DE LAOCOONTE

Nesse momento, para desgraça nossa, algo ainda maior e muito mais terrível se nos apresenta e surpreende e abala as nossas almas. Laocoonte, que fôra escolhido por sorteio para ser sacerdote de Netuno, estava imolando um enorme touro diante do altar dos sacrifícios solenes. Mas eis que, de Tênedos, — é horrível contá-lo! — duas serpentes de enormes anéis atiram-se ao mar e, pelas águas fundas e tranqüilas, dirigem-se juntas às nossas praias; seus peitos erguem-se no meio das ondas, suas cristas côr de sangue levantam-se mais alto do que as vagas, o resto do corpo desliza sôbre a água e as imensas vértebras ondulam em espiral. O mar ressoa e espuma; e já chegavam à terra, com os olhos ardentes injetados de sangue e de fogo, e lambiam, com as línguas inquietas, as sibilantes bôcas. Ao vê-las, dispersamo-nos, pálidos de mêdo. Elas, sem hesitar, dirigem-se para Laocoonte: primeiro cercam e enlaçam os pequenos corpos dos dois filhos dêle e mordem e devoram os infelizes; depois agarram o pai, que lhes corre em auxílio com armas, e prendem-no com os enormes anéis; os dorsos escamosos envolvem duas vêzes o meio do corpo, duas vêzes o pescoço de Laocoonte; e as cabeças e os pescoços delas erguem-se mais altos do que êle. As sagradas fitas cobrem-se de baba e de negro veneno. O sacerdote tenta romper com as mãos aquêles laços e lança aos céus horríveis gritos, tal qual muge o touro mal ferido que escapa do altar e sacode da nuca o machado. Entretanto, as duas serpentes fogem e se arrastam em direção aos templos que estão no alto, vão para a rocha da cruel Minerva e se escondem aos pés da deusa, sob o redondo escudo. Então todos sentem um novo receio penetrar-lhes nas almas assustadas; e afirmam que Laocoonte pagou pelo crime cometido, pois profanou com a lança a madeira sagrada, brandiu contra os flancos do cavalo a arma criminosa. Gritam que a imagem deve ser levada para o templo e que se deve implorar a proteção da deusa. Derrubamos uma parte dos muros, abrimos as muralhas da cidade. Atiram-se todos ao trabalho: colocam

rodas sob os pés do cavalo, prendem-lhe ao pescoço uma corda de estôpa. A máquina fatal, cheia de armas, atravessa os muros: as moças ainda virgens e os rapazes cantam hinos sagrados e sentem prazer em tocar a corda com a mão. E ela avança e penetra ameaçadora até o centro da cidade. Ó minha pátria, ó Tróia, morada dos deuses, ó muros dos troianos, que a guerra tornou célebres! Quatro vêzes, mesmo na soleira da porta, o cavalo parou, quatro vêzes, no ventre, as armas ressoaram. Nós, porém, insistimos tolamente; cegava-nos a loucura. E colocamos no santuário o monstro funesto. Então também Cassandra abriu seus lábios anunciando a desgraça que viria; mas os deuses quiseram que os troianos jamais acreditassem em Cassandra. Nós, desgraçados para os quais aquêle dia seria o último, enfeitamos com folhagens festivas, em tôda a cidade, os templos dos deuses.

A MISSÃO DE ENÉIAS

Entrementes, o céu voltou-se e a noite surgiu do Oceano e envolveu, com sua grande sombra, a terra, o firmamento, e a insídia dos gregos. Espalhados pela cidade os troianos calaram-se; o sono apoderou-se dos corpos fatigados. E já a esquadra grega, com os navios em ordem, avançava de Tênedos, sob o silêncio amigo da lua velada, rumo às praias que bem conhecia; quando da nave real, ergueram-se chamas — o sinal combinado —, Sinão, protegido pelos cruéis desígnios dos deuses, abriu furtivamente o esconderijo de madeira e fêz sair os gregos encerrados no ventre do cavalo. Aberto êste, voltaram ao ar livre, alegres por sair do ôco lenho: pela corda pendurada deslizaram os chefes Tessandro e Estênelo e o cruel Ulisses e Acamante e Toas e Neoptólemo, neto de Peleu, e o príncipe Macaão e o próprio Epeu, que fabricara aquêle estratagema. Invadem a cidade sepultada no sono e no vinho; matam as sentinelas, abrem as portas a todos os companheiros e reúnem os exércitos cúmplices.

Era a hora em que o primeiro sono começa para os infelizes mortais e, por graça dos deuses, os penetra um suavíssimo

prazer. Eis que, em sonho, parece-me ver Heitor junto de mim, tristíssimo, a chorar copiosamente, sujo de sangue e pó, os pés inchados prêsos por correias, tal qual outrora, quando a biga o arrastava. Pobre de mim! Em que estado êle estava, tão diferente daquele Heitor que voltara coberto dos despojos de Aquiles ou depois de incendiar os navios dos gregos; trazia a barba suja e os cabelos duros de sangue e as numerosíssimas feridas que recebera junto aos muros da pátria! Eu, no sonho, chorando também, chamei-o antes que me falasse e lhe disse estas tristes palavras:

— Ó luz de Tróia, esperança firmíssima dos troianos, por que te demoraste tanto? De que praias tu vens, Heitor tão desejado? Em que estado te vemos depois de tanto cansaço, depois que os homens e a cidade sofreram tantas atribulações! Como sujaste assim indignamente o teu sereno rosto? Por que estas feridas que vejo?

Êle, porém, nada me respondeu nem ligou importância às minhas inúteis perguntas; mas, soltando do fundo do peito surdos gemidos disse:

— Ai! foge, ó filho de uma deusa, escapa a estas chamas. O inimigo ocupou a cidade, desaba inteiramente a alta Tróia. Já se fêz o bastante pela pátria e por Príamo: se a alguém fôsse possível rechaçar o inimigo, eu o teria feito. Tróia confia a ti seu culto e seus Penates; toma-os por companheiros do teu destino, procura para êles muralhas poderosas: tu as construirás enfim, após percorreres os mares.

Assim falou e, do recôndito santuário, trouxe com suas mãos a poderosa Vesta, suas fitas sagradas e seu eterno fogo.

Entrementes, por todos os lados, a cidade agitava-se, cheia de aflição; e embora a casa de meu pai, Anquises, ficasse isolada e cercada de árvores, os gritos se ouviam cada vez mais distintos e o estrondo das armas se aproximava. Acordo em sobressalto, subo ao mais alto terraço e fico parado, com os ouvidos atentos; assim um pastor espantado escuta, de cima de um rochedo, inesperado ruído quando, ao sôpro furioso dos ventos, o fogo cai sôbre a seara ou quando um grande

rio engrossado pelas águas dos montes inunda os campos, as fecundas colheitas e o trabalho dos bois e, em seu curso, arrasta as florestas.

OS ÚLTIMOS COMBATES

Então a verdade aparece, a cilada dos gregos torna-se patente. Já desabara, abatida pelo fogo, a grande casa de Deífobo e, perto, arde a de Ucalegonte. As águas, em tôrno do cabo Sigeu, refletem o incêndio. Erguem-se os gritos dos homens e o clangor das trombetas. Fóra de mim, apanho as armas, sem saber para quê; mas ardia em desejo de reunir para a luta um grupo de companheiros e de correr com êles à cidadela; a cólera e o ardor arrastam meu espírito e ocorre-me que é belo morrer no combate.

Mas eis que Panto, filho de Ótris, sacerdote do templo de Apolo na cidadela, tendo escapado aos gregos, trazia, êle mesmo, os objetos sagrados e os deuses vencidos e um netinho seu e, desvairado, corria para a nossa casa.

— A que ponto chegaram as coisas, ó Panto? Que defesa nos resta?

Mal eu dissera isso, êle me respondeu com um gemido:

— Chegou para Tróia o último dia, a hora inevitável. Já não há troianos, já não existe Tróia com sua grande glória! Júpiter, cruel, transportou tudo para a Grécia; os gregos dominam a cidade incendiada. Na cidadela, o grande cavalo ali postado despeja guerreiros; e Sinão, vitorioso, provoca incêndios e nos insulta. Junto às nossas portas, abertas de par em par, estão os outros, aos milhares, tantos quantos um dia vieram da grande Micenas; outros ocupam com armas as estreitas ruas: empunham espadas cujas pontas cintilam, prontas para matar. Com dificuldade, os primeiros guardas das portas tentam combater e resistem numa luta desordenada.

Asim falou o filho de Ótris; e a vontade dos deuses impeliu-me para o meio das chamas e das armas, para onde me chamavam a triste Erínia, o tumulto e os gritos que se erguiam até o céu. À luz da lua vejo Ripeu e Épito, fortíssimo na

guerra, Hípanis e Dimante, que se reúnem a mim e se agrupam ao meu lado; e também o jovem Corebo, filho de Migdão, que por acaso naqueles dias viera a Tróia, abrasado de um louco amor por Cassandra e, como futuro genro, trazia auxílio a Príamo e aos troianos; infeliz, que não deu atenção aos avisos proféticos da noiva! Eu, quando os vi reunidos e dispostos a lutar, assim falei, a fim de encorajá-los ainda mais:

— Jovens de coração inùtilmente heróico, vêdes em que estado estamos: todos os deuses por cuja proteção se mantinha êste império retiraram-se dos santuários, abandonaram os altares; vós correis em socorro de uma cidade incendiada. Se tendes o firme desejo de seguir a quem ousa tentar o último esfôrço, morramos, pois; atiremo-nos no meio das armas. Há uma só salvação para os vencidos: não esperar nenhuma salvação.

Dessa forma, cresceu o ardor nas almas dos jovens. Então, qual lôbos rapaces na escuridão da noite quando a terrível fome os impele como cegos e os filhotes deixados no covil os esperam com a garganta sêca, assim nós, através dos dardos e dos inimigos, caminhamos para uma morte certa e dirigimo-nos ao centro da cidade. A negra noite voa em redor de nós e envolve-nos com sua sombra. Quem teria palavras para descrever a calamidade, o morticínio daquela noite? Quem teria lágrimas bastantes para chorar as nossas desgraças? Após tantos anos de glória, cai por terra a antiga cidade: pelas ruas, pelas casas, pelas portas sagradas dos templos, espalham-se muitíssimos cadáveres. E não só os troianos são mortos: por vêzes a coragem retorna ao peito dos vencidos e os gregos vencedores sucumbem. Por tôda a parte, uma cruel desolação; por tôda a parte, o horror e a visão constante da morte.

Primeiro Androgeu, seguido por uma grande multidão de gregos, apresenta-se a nós e, não nos conhecendo, pensa que somos uma tropa aliada e nos fala espontâneo, com palavras amigas:

— Apressai-vos, homens! Que lentidão é essa? Outros saqueiam e destroem a cidade incendiada: vós só agora desceis dos navios?

Assim falou e, como não lhe déssemos nenhuma resposta segura, percebeu imediatamente que havia caído no meio dos inimigos. Tomado de espanto, calou-se e recuou. Como alguém que, ao andar numa áspera moita, de repente pisou numa cobra e, com mêdo, desviou-se depressa do réptil, que erguia a cabeça irritada e o escuro pescoço intumescido, assim Androgeu ao nos ver, fugiu assustado. Lançamo-nos sôbre os inimigos, cercamo-los com muitíssimas armas e os deitamos por terra, em desordem, pois êles não conheciam o lugar e estavam aterrorizados. A sorte favorece a nossa primeira tentativa. Então Corebo, exultante e encorajado pelo sucesso, diz:

— Companheiros, visto que a sorte, pela primeira vez nos indica o caminho da salvação, visto que se nos mostra favorável, prossigamos: troquemos os escudos, coloquemos em nós os emblemas dos gregos. Fraude ou valor, que importa quando se trata de um inimigo? Êles próprios nos fornecerão as armas.

Dito isso, pôs o capacete de penacho, tomou o trabalhado escudo de Androgeu e ajustou ao flanco a espada grega. Ripeu, Dimante e todos os jovens fazem alegremente a mesma coisa: cada um se arma com os recentes despojos. Caminhamos misturados com os inimigos mas sem a proteção dos deuses; e, na escuridão da noite, travamos numerosos combates e mandamos ao Orco muitos gregos. Uns fogem para os navios, buscam segurança na praia; outros, tomados de vergonhoso pavor, sobem de novo ao enorme cavalo e se escondem no conhecido bôjo.

A VITÓRIA DOS GREGOS

Mas, ai! Não pode o homem confiar nos deuses quando êstes não o querem proteger. Eis que Cassandra, a virgem filha de Príamo, com os cabelos esparsos, é arrastada do templo de Minerva e eleva inùtilmente ao céu os olhos ardentes; os olhos, pois lhe haviam acorrentado as delicadas mãos. Corebo, enfurecido, não pôde suportar êsse espetáculo e atirou-se no meio dos que a levavam, disposto a morrer. Nós todos o seguimos e lançamo-nos sôbre densa fileira de inimigos. Somos então cobertos pelos dardos dos nossos, disparados do alto do templo. O engano provocado pela forma das armas e dos penachos gregos dá origem à mais triste das matanças. Depois os gregos, a rugir, irados por lhes têrmos tomado a donzela, atacam-nos de tôdas as partes: o terrível Ájax e os dois Atridas e todo o exército dos dólopes. Assim, por vêzes, quando uma tempestade se desancadeia, chocam-se ventos contrários: Zéfiro, Noto e Euro, orgulhoso de seus cavalos orientais; e as florestas estalam e o espumante Nereu, com seu tridente, torna-se furioso e agita as águas no mais fundo do mar. Reaparecem também aquêles que, na escuridão da noite, havíamos pôsto em fuga com o nosso estratagema e perseguido por tôda a cidade; são os primeiros a perceber o ardil dos escudos e das armas e a notar a diferença da nossa pronúncia. Somos logo esmagados pelo número dêles. Corebo é o primeiro que cai, sob os golpes de Peneleu, diante do altar da deusa poderosa na guerra; cai também Ripeu, o mais justo, o mais íntegro dos troianos: os deuses julgaram-no de maneira diversa. Tombam Tímanis e Dimante, transpassados pelas armas dos próprios companheiros; a Panto não valeu, quando tombava, a sua grandíssima piedade nem a faixa de Apolo. Quanto a mim, tomo por testemunhas as cinzas de Tróia e as fogueiras fúnebres dos meus: no momento da ruína, não evitei os dardos dos gregos e nem perigo algum; e fiz o bastante para morrer na luta, se o destino o quisesse.

Depois arrancamo-nos de lá, Ífito, Pélias e eu: Ífito, já de muita idade, andava devagar; Pélias, ferido por Ulisses, arrastava-se. Logo o clamor nos chama ao palácio de Príamo. Ali o combate estava intensíssimo, como se em nenhuma outra parte houvesse lutas, como se ninguém mais morresse na cidade. Vimos a terrível peleja, vimos os gregos que se lançavam contra a casa, e o limiar bloqueado pela tartaruga for-

mada. Encostam escadas às paredes, sobem pelos degraus mesmo diante das portas e com a mão esquerda seguram os escudos, que os protegem dos dardos, enquanto com a direita agarram as bordas do teto. Por seu lado, os troianos derrubam as tôrres e todo o telhado da casa: com tais armas, ao ver tudo perdido, pretendem defender-se até a morte; e lançam para baixo as traves de ouro, nobres ornatos dos antepassados. Outros, empunhando espadas, ocupam as portas de baixo e as guardam em fileiras cerradas. Nós recobramos ânimo para correr em socorro do palácio real, levar auxílio aos nossos homens e dar fôrça aos vencidos.

Atrás do palácio havia uma entrada, uma porta secreta e uma passagem que ligava entre si as partes da casa; por ali a infeliz Andrômaca — enquanto se mantinham os reinos de Príamo — costumava entrar sem ser acompanhada, para ver os sogros e trazer ao avô o pequeno Astíanax. Transponho essa pasagem e subo ao mais alto da casa, de onde os infelizes troianos atiravam com a mão inúteis dardos. Uma tôrre elevava-se a pique e erguia-se do teto até o céu; dali se avistava Tróia inteira e os conhecidos navios e os acampamentos dos gregos. Nós a cercamos e a atacamos com armas de ferro no lugar onde as altas plataformas apresentavam junturas que podiam ceder, arrancamo-la das altas bases e deitamo-la abaixo; ela de súbito vacila, rui com estrondo e cai extensamente sôbre os batalhões gregos. Outros, porém, os substituem e, entrementes, não cessam as pedras nem os projéteis de tôdas as espécies.

Defronte mesmo do vestíbulo, no limiar da primeira porta, Pirro exulta e suas armas de bronze reluzem. Parece uma serpente nutrida de ervas venenosas, que volta à luz depois de se ter escondido, inchada, sob a terra, durante o frio inverno; e agora, com nova pele, brilhante de juventude, desenrola, com o peito erguido, seu dorso luzidio e dirige-se ao sol, vibrando a língua de três pontas. Ao mesmo tempo o enorme Perifante e o escudeiro Automedonte, condutor dos cavalos de Aquiles, e com êles tôda a juventude de Ciros, aproximam-se do palácio e atiram fogo ao teto. Na vanguarda, o próprio Pirro, apanhando um machado de dois gumes, tenta quebrar a espêssa soleira da porta e arrancar dos gonzos as fôlhas ornadas de bronze; e corta uma trave, cava o duro carvalho e abre uma larga brecha, uma enorme janela. Aparece o interior do palácio, mostram-se os longos átrios, os aposentos de Príamo e dos antigos reis; de pé, junto da entrada, vêem-se homens armados. E o interior da casa enche-se de gemidos, de aflição, de pânico. Prantos femininos ressoam por tôda a habitação. O clamor chega até às douradas estrêlas. Assustadas, as mulheres erram através das amplas salas, abraçam-se às portas, dão-lhes beijos.

A MORTE DE PRÍAMO

Pirro ataca com o mesmo ardor do pai: nem as trancas nem os próprios guardas o conseguem deter; a porta desaba aos golpes furiosos do aríete, as fôlhas abaladas desprendem-se dos gonzos. Os gregos abrem caminho com violências, forçam a entrada e, dentro, trucidam os primeiros que encontram. E enchem de soldados armados os vastos aposentos. Quando um rio impetuoso rompe os diques, sai de seu leito, vai em redemoinho, superando obstáculos, e, violento, despeja sôbre as terras o excesso de água e, por todos os campos, arrasta rebanhos e estábulos, não é tão grande o seu furor. Eu mesmo vi Neoptólemo a matar brutalmente, vi à porta os dois filhos de Atreu, vi Hécuba e suas cem noras, vi Príamo junto dos altares, a profanar com sangue os fogos sagrados que êle próprio acendera. Aquelas cinqüenta alcovas, das quais êle esperava tantos netos, caem por terra com suas portas soberbas, carregadas de ouro e de espólios dos bárbaros; os lugares poupados pelas chamas, ocupam-nos os gregos.

Talvez queiras saber qual foi o destino de Príamo. Quando viu a tomada e a queda da cidade, as portas do palácio derrubadas e o inimigo dentro, o velho em vão suspendeu a seus ombros trêmulos pela idade a couraça há muito desusada, cingiu-se de uma inútil arma e, disposto a morrer, dirigiu-se às cerradas fileiras dos inimigos. No meio do palácio, sob o

céu descoberto, havia um enorme altar, perto do qual velhíssimo loureiro se inclinava, envolvendo os Penates na sua sombra. Ali Hécuba e as filhas, como pombas que fogem da negra borrasca, sentavam-se inùtilmente em volta do altar, encostadas umas às outras, abraçando as imagens dos deuses. Quando viu Príamo revestido das armas juvenis, ela lhe disse:

— Meu infeliz espôso, que loucura tão grande te levou a cingir essas armas? Para onde corres? Êsse auxílio, essa defesa não nos podem valer neste momento; nem mesmo o meu Heitor o poderia, se ainda fôsse vivo. Vem, enfim, para cá: êste altar nos há de proteger a todos ou, então, morrerás conosco.

Assim dizendo, atrai a si o velho e o faz sentar-se num assento sagrado. Mas eis que Polites, um dos filhos de Príamo, tendo escapado a Pirro, que o queria matar, foge pelas longas galerias, através dos dardos e dos inimigos e erra, ferido, pelos átrios abandonados. Pirro, violento, o persegue, querendo feri-lo com a arma inimiga; e logo o agarra e golpeia com a lança. Êle foge ainda e, finalmente, cai diante dos pais e expira, derramando muito sangue. Príamo, então, sentindo-se à morte, não se contém nem pode reprimir a voz e a cólera:

— Ah! — exclama êle — se existe no céu alguma justiça que vingue tais afrontas, os deuses te paguem como mereces e te dêem a devida recompensa por êste crime e por esta ousadia, pois me fizeste ver diante de mim a morte de meu filho e ultrajaste com êste assassínio meus olhos de pai! No entanto, o grande Aquiles, do qual mentes que és filho, não procedeu assim com o inimigo Príamo: êle respeitou os direitos e a confiança do suplicante, devolveu-me o cadáver de Heitor para que o sepultasse e me mandou de volta para os meus reinos.

Assim falou o velho e atirou sem fôrça um dardo inofensivo, que em vão foi prender-se à beirada do escudo. Pirro lhe disse então:

— Pois irás, como meu mensageiro, contar isso a Aquiles, meu pai. Lembra-te de narrar-lhe os tristes feitos do degenerado Neoptólemo. Agora, morre!

Dizendo isto, arrastou para o próprio altar o trêmulo ancião, a escorregar no sangue abundante do filho; com a mão esquerda agarrou-lhe os cabelos e com a direita ergueu a espada cintilante, que lhe enterrou no flanco até o punho.

Foi êste o fim de Príamo, assim o destino o fêz morrer tendo diante dos olhos o incêndio de Tróia e a queda de Pérgamo, êle, que outrora reinara soberbo sôbre tantos povos e terras da Ásia. Jaz sôbre a praia o enorme tronco, a cabeça decepada, o cadáver sem nome.

O TERROR DE ENÉIAS

Nesse momento, pela primeira vez, um terrível horror apossou-se de mim. Fiquei aterrado. Quando vi o rei expirar com a horrível ferida, veio-me à lembrança a imagem de meu querido pai, que tinha a mesma idade. Lembrei-me de Creusa, que ficara sozinha, de minha casa exposta ao saque e dos perigos que corria o meu pequeno Julo. Olhei em volta de mim, buscando os companheiros: exaustos, todos me haviam deixado; em desespêro, saltaram do alto do palácio ou lançaram-se às chamas. Restava apenas eu.

Então, à entrada do templo de Vesta, avistei Helena, que se escondia, silenciosa, sentada num canto. Enquanto eu vagueava olhando tudo ao meu redor, a luz das chamas permitiu-me vê-la. A odiosa mulher, Erínia de Tróia e de sua própria pátria, receava os troianos, irados pela ruína da cidade, receava os castigos dos gregos e a cólera do espôso abandonado; por isso ocultara-se junto do altar e ali estava sentada. A ira me abrasou o coração; pensei em vingar a queda de minha pátria, em castigar a criminosa Helena: «Essa mulher, incólume, há de rever Esparta e a Grécia, sua terra; irá como rainha, triunfante; acompanhada por uma multidão de troianas e servidores frígios, verá de novo o marido, os filhos, a casa do pai. Príamo, porém, terá tido uma violenta morte; Tróia terá sido incendiada; a costa troiana ter-se-á tantas vêzes banhado de sangue! Não, não será assim! Embora não haja

glória alguma em castigar uma mulher, embora tal vitória não seja honrosa, serei louvado se der cabo desta celerada e fizer com que ela receba a merecida punição; e será um prazer para mim ter saciado a minha alma, que ardia por vingança, e ter aplacado as cinzas dos meus.»

Tais cousas eu pensava, transportado de cólera, quando a meus olhos se apresentou, mais nítida que nunca, brilhando em clara luz no meio das trevas, minha poderosa mãe; mostrava-se em sua aparência divina, tão bela e majestosa como a costumam ver os habitantes do céu. Tomou-me a mão direita e me conteve; depois, com sua rósea bôca, assim falou:

— Meu filho, que dor tão grande é essa, que excita uma ira tão violenta? Por que êsse furor? Onde está tua afeição para conosco? Não irás antes ver onde deixaste teu pai, Anquises, velho e cansado, e se Creusa, tua espôsa, e Ascânio, teu filho, ainda vivem? Em volta dêles, por todos os lados, combatem os gregos e, se eu não velasse por êles, já teriam sido mortos pelas chamas ou varados pela espada inimiga. Não é a beleza odiosa da espartana ou a culpa de Páris; é a inclemência dos deuses, sim, dos deuses, que arruina a opulência de Tróia e a faz cair do alto da sua grandeza. Olha: vou dissipar completamente a nuvem que agora, escura e úmida, perturba os teus olhos mortais e te envolve em trevas. Não tenhas mêdo de obedecer à tua mãe nem te recuses a seguir os seus conselhos: aqui, onde tu vês por terra as construções, as pedras arrancadas às pedras e nuvens de fumaça misturada com pó, Netuno sacode os muros com o grande tridente, abala os alicerces, arranca a cidade inteira de seus fundamentos. Ali, na vanguarda, a terrível Juno ocupa a porta Céia e, furiosa, cingindo uma espada, chama dos navios as tropas dos aliados. Olha: já a Tritônia Palas posta-se sôbre a alta cidadela, brilhando nas trevas, terrível com sua Górgona. O próprio Pai dos deuses estimula a coragem e as fôrças vitoriosas dos gregos, êle próprio incita as divindades contra as armas de Tróia. Foge, meu filho, põe têrmo a teus esforços. Eu nunca te abandonarei; levar-te-ei seguro à casa de teu pai.

Disse isso e escondeu-se nas espêssas trevas da noite. Vejo então as faces terríveis dos poderosos deuses inimigos de Tróia. Parece-me que Ílion inteira rui em chamas, que a cidade de Netuno é abalada em seus fundamentos. É como quando, sôbre os altos montes, os lavradores golpeiam um velho choupo e, à porfia, tentam derrubá-lo com muitas machadadas: durante longo tempo a árvore se ergue ameaçadora, tremem as fôlhas, a copa oscila, até que, pouco a pouco, vencida pelos golpes, solta o último gemido e cai, arrancada do cume.

Eu desço e, protegido pela deusa, passo incólume por entre o fogo e os inimigos: os dardos cedem-me lugar, as chamas se afastam.

A RECUSA DE ANQUISES

Logo que cheguei à casa paterna, nossa velha morada, procurei meu pai em primeiro lugar, desejando, antes de tudo, levá-lo para o alto dos montes. Êle, porém, não desejava sobreviver à ruína de Tróia nem suportar o exílio.

— Tentai a fuga — dizia — vós, que sois jovens e conservais todo o vosso vigor. Se os deuses me quisessem prolongar a vida, ter-me-iam guardado a minha casa. É bastante, é demais já ter visto uma vez a queda da pátria e ter sobrevivido à cidade tomada. Dizei-me, pois, adeus, como a um cadáver, e parti. Eu mesmo buscarei a morte no combate; o inimigo ma dará por piedade e por cobiça dos meus despojos. Não me importa ficar sem sepultura. Já há muito, odiado pelos numes, arrasto inútil vida, desde que o Pai dos homens e dos deuses tocou-me com o sôpro do raio, feriu-me com seu fogo.

Êle insistia em dizer tais cousas e permanecia imóvel. Eu e Creusa, minha espôsa, e Ascânio e tôda a casa lhe pedíamos que não quisesse arruinar a todos juntamente consigo e tornar mais pesada a sorte que nos oprimia. Mas êle discordava firme no seu assento e na sua resolução. Senti-me novamente arrastado ao combate e, na minha desgraça, desejei a morte; que outra decisão, que outro destino me restava?

— Julgaste, meu pai, que eu poderia partir e deixar-te? Palavra tão ímpia saiu da tua bôca de pai? Se apraz aos deuses que nada reste desta grande cidade, se queres ajuntar a tua perda e a dos teus à ruína de Tróia e estás a isso decidido, eis a porta aberta para tal desgraça: em breve, deixando Príamo ensangüentado, aqui estará Pirro, que mata o filho na presença do pai e mata o pai defronte dos altares. Foi para isto, minha divina mãe, que me salvaste das armas e do fogo? para que eu veja o inimigo dentro de minha casa, e Ascânio e meu pai e Creusa, com êles, tombarem no sangue um do outro? Às armas, homens! Tomai as armas! O momento fatal chama os vencidos. Deixai que eu vá de novo contra os gregos; permiti que eu reveja e recomece a luta. Não, hoje não morreremos sem vingança!

Então cinjo de novo a espada, enfio na correia do escudo a mão esquerda, ajusto-o, e lanço-me para fora da casa. Mas Creusa, à porta, abraçando-me os joelhos, prende-se a mim e mostra-me o pequeno Julo:

— Se vais para morrer, leva-nos também a todos os perigos; mas se tu, experiente na guerra, pões alguma esperança nas armas que tomas, defende esta casa em primeiro lugar. A quem entregas o pequeno Julo e teu pai e aquela que outrora dizias tua espôsa?

Assim gritava ela e enchia de gemidos tôda a casa, quando, de súbito, produziu-se estupendo prodígio: sôbre a cabeça de Julo, que tínhamos nos braços, sob os nossos olhos aflitos, uma pequena língua de fogo derrama luz — assim nos parece — e a chama, inofensiva, lambe suavemente os seus cabelos e cresce em redor das suas têmporas. Nós, apavorados, apressamo-nos a sacudir-lhe os cabelos em chamas e a apagar com água o fogo sagrado. Mas Anquises, meu pai, olhou alegre para os céus e, estendendo as mãos, assim falou:

— Ó Júpiter onipotente, se por acaso as preces te comovem, olha para nós; sòmente isto eu te peço; e, se o merecemos pela nossa piedade, ajuda-nos, enfim, ó Pai, e confirma êste presságio.

Mal o velho dissera tais palavras, ouviu-se à nossa esquerda o estrondo de um trovão repentino e, através das trevas, correu uma estrêla caída do céu, formando uma cauda luminosa. Vimo-la deslizar sôbre o alto telhado da casa e esconder-se, brilhante, nas florestas do Ida, marcando-nos o caminho; seu longo rastro ficou a brilhar e, pelos arredores, espalharam-se ao longo vapores de enxofre. Então meu pai, vencido, se levanta, invoca os deuses e adora a estrêla sagrada:

— Agora já não devo demorar-me: seguir-vos-ei e irei para onde me levardes, ó deuses de meus pais; guardai minha casa, guardai meu neto. Êste presságio vem de vós e Tróia está debaixo da vossa proteção. Sim, meu filho, eu cedo: não me recuso a ir contigo.

Assim falou; e já, através da cidade, ouve-se mais distintamente o crepitar do fogo e os incêndios lançam mais perto as suas chamas.

— Vamos, pois, meu querido pai, agarra-te ao meu pescoço: eu próprio te levarei nos ombros e esta carga não me será pesada. O que quer que aconteça, sofreremos os dois o mesmo risco, teremos a mesma salvação. O pequeno Julo venha comigo e minha espôsa siga de longe os nossos passos. Vós, ó servos, prestai atenção ao que vos digo: fóra das portas da cidade existe um velho templo de Ceres, isolado, e perto, um antigo cipreste que a veneração dos nossos antepassados conserva há muitos anos. Por diferentes caminhos, chegaremos a êsse lugar. Tu, meu pai, toma em tuas mãos os objetos sagrados: eu saí há pouco da matança e de tão grande guerra; não é lícito que os toque antes de me ter purificado em água corrente.

A FUGA

Dito isso, cubro com uma pele de leão meus largos ombros e o pescoço curvado e recebo a carga. O pequeno Julo segura a minha mão direita e segue-me com seus passinhos; atrás vem minha espôsa. Avançamos pelos lugares mais escuros. E eu, que há pouco não me abalava antes os dardos atirados

contra mim nem ante o exército dos gregos hostis, agora qualquer brisa me amedronta, qualquer ruído me assusta e faz parar, receando igualmente por meu fardo e por meu companheiro. E já me aproximava das portas e parecia-me chegar ao fim do caminho quando, de repente, tivemos a impressão de ouvir perto de nós o ruído de muitos passos; e meu pai, olhando através do escuro, gritou:

— Foge, meu filho, foge: êles se aproximam. Vejo o brilho dos escudos, o reluzir das armas.

Naquele instante, não sei que deus hostil acabou de tirar-me a razão, já perturbada pelo mêdo. Corro, afastando-me do caminho, tomo outra direção; enquanto isso, ai! um triste destino roubava-me Creusa, minha espôsa. Não sei se parou, se errou o caminho ou, cansada, ficou para trás; desde então não a tornei a ver. Nem percebi que a tinha perdido nem me lembrei dela até que chegamos à elevação onde ficava o velho templo de Ceres. Quando, afinal, ali nos reunimos todos, só ela faltou; em vão esperam-na os companheiros, o filho, o marido. Fora de mim, acuso homens e deuses; foi o fato mais doloroso que eu testemunhei na queda da cidade. Entrego aos companheiros Ascânio, Anquises e os Penates troianos e escondo-os num fundo vale; cinjo minhas brilhantes armas e volta a Tróia. Estou disposto a afrontar de novo todos os perigos, a percorrer tôda a cidade, a arriscar a vida novamente. Volto primeiro aos muros e à escura soleira da porta por onde eu tinha saído, observo e sigo os rastros que deixáramos e, no meio das trevas, esforço-me por vê-los. Em todos os lugares sinto mêdo e o próprio silêncio me apavora. Dali dirijo-me à minha casa a fim de ver se ela, por acaso, havia ido para lá. Os gregos tinham invadido e ocupavam todo o palácio. Nesse momento, devorador incêndio sobe, atiçado pelo vento, até o mais alto do teto; as chamas se levantam, o fogo se ergue furiosamente até o céu. Prossigo e vejo de novo a casa de Príamo e a cidadela; e já, sob os pórticos desertos do templo de Juno, Fênix e o cruel Ulisses, escolhidos para guardar os espólios, estão a vigiá-los. Para ali são trazidos, de tôdas as partes, e ali se amontoam os tesouros de

Tróia roubados aos templos em chamas, as mesas dos deuses, as crateras de ouro maciço, as vestes das quais os gregos se tinham apoderado. De pé, em redor, estão em longa fila os meninos e as mães apavoradas.

Ousei mesmo soltar gritos no meio das trevas, enchi as ruas com os meus brados e, em minha aflição, inùtilmente os redobrei, chamando por Creusa muitas e muitas vêzes. Estava a procurá-la sem cessar, numa busca precipitada pelas casas da cidade, quando um triste fantasma, a sombra da própria Creusa, me apareceu diante dos olhos e era maior do que eu a conhecera. Fiquei estupefato, com os cabelos hirtos, a voz prêsa à garganta. Então ela falou-me e, com estas palavras, afastou meus cuidados:

— Por que, meu querido espôso, queres assim entregar-te a essa dor insana? Isto não sucedeu sem o consentimento dos deuses. Não quer o destino que daqui leves Creusa contigo, não o permite aquêle que governa o alto Olimpo. Tu deves suportar um longo exílio, deves sulcar os vastos mares; e chegarás à Hespéria, onde o rio lídio, o Tibre, desliza suavemente por entre as férteis plantações dos homens: ali terás prosperidade e um reino e a filha de um rei por espôsa; não chores mais por tua querida Creusa. Eu, descendente de Dárdano e nora da deusa Vênus, não verei as casas soberbas dos mirmidões ou dos dólopes nem irei servir as mulheres dos gregos; a grande Mãe dos deuses me retém nesta terra. E agora, adeus! Conserva amor ao filho que tivemos.

Dito isso, deixou-me, embora eu, em pranto, lhe quisesse falar longamente e, tênue, dissipou-se nos ares. Três vêzes eu tentei rodear com os braços o seu pescoço; três vêzes a imagem, que eu debalde agarrara, fugiu de minhas mãos como um sôpro de vento, tal qual um efêmero sonho. E a noite terminara quando voltei, enfim, à minha gente.

Surpreso, vejo então que novos companheiros haviam chegado em grande número: homens, mulheres, tôda uma multidão de infelizes reunidos para o exílio. Tinham vindo de tôdas as partes, com as almas e os pertences preparados

para cortar os mares em busca de uma terra qualquer onde eu quisesse fundar uma colônia.

E já, sôbre os altos cumes do Ida, a estrêla da manhã se levantava, trazendo o dia; e os gregos mantinham bloqueadas as portas da cidade e nada mais nos restava fazer. Cedo, pois, ao destino e, com meu pai nos ombros, sigo para as montanhas.

LIVRO III

A NARRAÇÃO DE ENÉIAS: OS REVESES DO EXÍLIO

Depois que aos deuses aprouve destruir o reino da Ásia e o povo inocente de Príamo, e a esplêndida Tróia, construída por Netuno, jazia inteira por terra a fumegar, os auspícios divinos impeliram-nos a procurar, em terras desertas, longínquos exílios. Junto da própria Antandro e dos montes frígios do Ida, construímos uma esquadra, sem saber para onde nos levariam os fados e onde nos seria concedido parar; e reunimos os homens. Logo no início do verão, meu pai, Anquises, mandou-nos confiar ao destino os nossos navios. Deixo então, a chorar, as praias e o pôrto de minha pátria e as planícies onde fôra Tróia. Com o filho, os companheiros e os Penates, nossos grandes deuses, vou, exilado, para o alto mar.

UM TERRÍVEL PRODÍGIO

Numa vasta planície, a alguma distância, está a belicosa terra que os trácios cultivam, onde reinou outrora o enérgico Licurgo; antigos vínculos de hospitalidade e a aliança dos Penates ligaram-na a Tróia enquanto perdurou nossa fortuna. Para ali sou levado e, junto de uma enseada onde entrei com má sorte, construi os muros da primeira cidade, chamada Enos, nome tirado do meu.

Estava eu oferecendo sacrifícios a Vênus, minha mãe, e aos outros deuses, para que ajudassem a obra começada; e imolava um vigoroso touro ao rei supremo dos que habitam o céu. Ali perto havia casualmente uma colina e, no alto, uma moita de pilriteiros e uma murta eriçada de espessos ramos. Aproximei-me e tentei arrancar um verde arbusto para cobrir os altares de ramos com fôlhas; vi então espantoso prodígio, uma cousa singular: quando arrancava do solo o primeiro arbusto, quebrando-lhe as raízes, correram dêle gotas de sangue escuro e pútrido, que sujou a terra. Um frio horror saco-

de-me os membros; meu sangue pára, gelado pelo mêdo. Tento de novo tirar um flexível ramo de outro arbusto e descobrir as causas do mistério; e, da casca do outro, corre também um sangue escuro. Remoendo na alma muitos pensamentos, eu invocava as ninfas campestres e o deus Marte, que protege os campos dos getas, para que me fôssem favoráveis e tornassem propício aquêle presságio e afastassem o mau agouro. Mas quando, pela terceira vez e com maior esfôrço, eu ataquei os ramos apoiando os joelhos na areia — devo ou não dizê-lo? — ouviu-se um triste gemido vindo de dentro do outeiro e dali saiu uma voz que me disse:

— Por que, ó Enéias, despedaças um infeliz? Poupa um homem já sepultado; não manches as tuas piedosas mãos. Eu nasci em Tróia; não sou para ti um estrangeiro. Não é das plantas que corre êste sangue. Foge desta terra cruel, desta praia inóspita. Eu sou Polidoro. Aqui os dardos me transpassaram e cobriram, formando uma seara de ferro que cresceu em agudas hastes.

Apavorado, hesitante, quedei-me estupefato, com os cabelos hirtos, a voz prêsa à garganta. Êste Polidoro, o infeliz Príamo o havia mandado, secretamente e com muito ouro, ao rei da Trácia para que o educasse; pois começava a desconfiar das armas troianas e via sitiada a sua cidade. Quando Tróia foi vencida, quando a Fortuna se afastou de nós, aquêle rei, ligando-se ao partido e às armas vitoriosas de Agamenão, violou tôdas as leis humanas e divinas, matou Polidoro e apossou-se do ouro. A que não impeles os peitos mortais, ó execrável fome de ouro?

Quando o espanto cessou, contei aos chefes do povo, e primeiro a meu pai, o divino prodígio e pedi os seus pareceres. Todos tinham a mesma opinião: devíamos deixar aquela terra manchada pelo crime, sair do país, onde a hospitalidade fôra profanada, e confiar aos ventos os nossos navios.

Preparamos então os funerais de Polidoro: amontoamos muita terra sôbre a colina, erguemos aos manes os tristes altares adornados de escuras fitas e de negro cipreste; em volta se postavam as mulheres troianas com os cabelos soltos,

segundo o rito. Fizemos a oferenda de taças de leite quente e espumante e de vasos cheios de sangue das vítimas; encerramos a alma em seu sepulcro e, em voz alta, lhe dissemos adeus.

O ORÁCULO DE APOLO

Logo que o mar se apresentou seguro e os ventos deixaram as águas tranqüilas e o brando sôpro do Austro nos chamava ao largo, meus companheiros puseram na água os navios e encheram a baía. Saímos do pôrto, deixamos ao longe a terra e a cidade.

No meio do mar existe uma ilha sagrada, caríssima à mãe das Nereidas e a Netuno Egeu; tal terra, que errava ao longo das costas e das praias, o deus que leva o arco prendeu-a, benévolo, à montanhosa Mícono e a Gíaro e concedeu-lhe ficar imóvel e ser habitada e desprezar os ventos. Dirijo-me para lá; estávamos cansados e ela nos recebeu, hospitaleira, no seu seguro pôrto. Descemos e saudamos a cidade de Apolo. Ânio, que era ao mesmo tempo rei daquele povo e sacerdote de Febo, vem ao nosso encontro com as têmporas cingidas pelas fitas e pelo louro sagrado; e reconhece Anquises, seu velho amigo. Apertamos-lhe a mão em sinal de hospitalidade e entramos na sua casa.

Estava eu a invocar o deus diante do seu velho templo de pedra:

— Dá-me, ó Apolo, uma casa que seja minha; depois de tantas fadigas, dá-nos muralhas e descendência e uma cidade que dure sempre; protege a segunda cidadela de Tróia, que escapou aos gregos e ao cruel Aquiles. A quem devemos seguir? para onde nos mandas? onde nos devemos estabelecer? Dá-nos um presságio, ó Pai, penetra em nossos espíritos.

Mal eu havia dito tais palavras, pareceu-me, de súbito, que tudo tremia, o templo e o loureiro do deus, e todo o monte, em tôrno, se agitava e, no santuário aberto, a tripeça mugia. Prostramo-nos por terra e uma voz chegou aos nossos ouvidos:

— Ó duros descendentes de Dárdano, a mesma terra de onde provindes, pois deu origem a vossos ancestrais, vos rece-

berá de volta em seu fecundo seio. Procurai a vossa antiga mãe. Ali a casa de Enéias reinará sôbre tôda a região, e reinarão os filhos de seus filhos e os que dêles nascerem.

Assim falou Apolo; e tais palavras causam uma grande alegria, um confuso alvorôço: todos perguntam quais são as muralhas para onde Febo chama os exilados e manda-os voltar. Então meu pai, lembrando as tradições dos velhos, diz:

— Ouvi, ó chefes, e conhecei aquilo que esperais. No meio do mar acha-se Creta, a ilha do grande Júpiter, onde é o monte Ida e o berço da nossa gente. Possui cem grandes cidades, que são riquíssimos reinos. Se eu estou bem lembrado daquilo que ouvi, foi de Creta que Teucro, o primeiro dos nossos ancestrais, chegou às praias da Tróada e escolheu o lugar para fundar um reino. Ainda não existia Tróia nem a cidadela de Pérgamo; só o fundo dos vales era habitado. De Creta nos veio a Mãe dos deuses, que habita o monte Cibele, vieram-nos os címbalos dos coribantes e o nome de Ida dado aos nossos bosques; de Creta nos vieram os mistérios do culto da deusa e a figura de seu carro puxado por leões atrelados. Vamos, pois, sigamos para onde nos levam as ordens dos deuses; aplaquemos os ventos e busquemos os reinos cretenses. Se Júpiter nos ajudar, no terceiro dia nossa esquadra estará junto às praias de Creta.

Assim disse e imolou, ao pé dos altares, as devidas vítimas: um touro a Netuno, um touro a ti, ó belo Apolo; à Tempestade, uma ovelha negra; aos Zéfiros propícios, uma branca.

NOVAS TRIBULAÇÕES

Corria a notícia de que o rei Idomeneu, expulso dos reinos paternos, havia partido e as praias de Creta estavam desertas; nosso inimigo deixara o país e as casas abandonadas nos esperavam. Saímos do pôrto de Ortígia e voamos pelo oceano; passamos pelas colinas de Naxos, onde se celebram as Bacanais, e pela verde Donusa, por Oléaro e pela nívea Paros, pelas Cíclades esparsas no mar e por mares semeados de ilhas. Ergue-se a grita dos marinheiros, que porfiam nos vários mis-

teres e se encorajam para chegarmos a Creta, a terra dos nossos antepassados. Do lado da pôpa levanta-se um vento que nos impele e finalmente arribamos às antigas terras dos curetes. Ávido, construí as muralhas da desejada cidade; chamei-a Pérgamo e, com êste nome, alegrei minha gente; e a exortei a amar os seus lares e a elevar uma cidadela que os protegesse.

E já os navios tinham sido postos em sêco e os jovens ocupavam-se das novas núpcias e das novas lavouras e eu lhes impunha leis, quando de súbito o ar corrompeu-se e uma triste peste atacou os corpos, as árvores, as searas e veio um ano de mortes. Os homens perdiam a vida ou arrastavam os corpos doentes. Sírius queimava então os campos estéreis, as ervas secavam, as plantações mirradas negavam-nos alimento. Meu pai aconselhou-nos a novamente transpor o mar e ir ao oráculo de Apolo em Ortígia, pedir-lhe clemência e perguntar quando terminariam as nossas aflições, onde buscaríamos auxílio e para onde nos deveríamos dirigir.

Era noite e, sôbre a terra, todos os sêres dormiam. Diante de meus olhos adormecidos surgiram então as sagradas imagens dos deuses, os Penates de Tróia, que eu transportara pela cidade em chamas; uma luz abundante os clareava, pois a lua cheia derramava-se através das janelas. Pareciam falar e, com estas palavras, dissipar meus cuidados:

— Apolo te anuncia aqui aquilo que diria se voltasses a Ortígia; êle mesmo enviou-nos à tua casa. Quando Tróia foi incendiada, nós seguimos a ti e às tuas armas e, sob o teu comando, atravessamos o mar tempestuoso; nós mesmos havemos de erguer até os astros os teus descendentes e à sua cidade daremos um império. Para êsses grandes netos, deves preparar grandes muralhas; não fujas às longas fadigas do exílio. É preciso que mudes de região. Não são estas as praias que o deus de Delos te aconselhou; Apolo não mandou que te estabelecesses em Creta. Existe um lugar que os gregos indicam com o nome de Hespéria, antiga região que as armas e o solo fecundo tornam poderosa; homens onétrios a habitaram. Diz-se que os descendentes dêles agora chamam Itália a sua terra por causa do nome de seu chefe. Essa deve ser a vossa

morada; dali saiu o venerável Dárdano e Jásio, aquêle herói que deu origem à nossa raça. Vamos, pois, levanta-te e, alegre, refere ao velho pai estas palavras, das quais não se pode duvidar. Que êle se dirija a Corinto e às terras da Ausônia; Júpiter recusa-te os campos de Creta.

Aquilo não era um sonho mas parecia-me reconhecer, diante de mim, seus traços, seus cabelos velados pelas fitas sagradas, seus rostos ali preentes; e um suor frio corria por todo o meu corpo. Atônito com essa visão e com a voz dos deuses, salto do leito, ergo para o céu a mãos e a prece, derramo sôbre o fogo vinho puro. Terminada a oferenda, alegre aviso Anquises, conto-lhe com clareza o ocorrido. Concorda êle em que era incerta a nossa origem, em que eram dois os ancestrais, em que caíra num estranho êrro sôbre a nossa antiga pátria; e então recorda:

— Meu filho, que as desgraças de Tróia atribulam. A única a anunciar-me tais fatos foi Cassandra. Agora me lembro de que ela apontava para a nossa gente êste futuro e falava de um reino na Itália. Mas quem teria acreditado que os troianos iriam para a Hespéria? quem, naquele tempo, se deixaria persuadir pelas profecias de Cassandra? Curvemo-nos à vontade de Apolo e, bem avisados, sigamos o caminho melhor.

Assim falou e todos aplaudimos suas palavras e lhe obedecemos. Abandonamos também essa cidade, onde deixamos alguns homens, levantamos as velas e, com nossos navios, percorremos o mar.

NA ILHA DAS HÁRPIAS

Quando já nos fizéramos ao largo e não mais se avistava terra alguma, apenas céu e água, então uma nuvem negra surgiu sôbre nossas cabeças, trazendo a escuridão e a tempestade; e as ondas eriçaram-se nas trevas. Os ventos agitam o mar, erguem-se os vagalhões e nós, dispersos, somos atirados pelo vasto abismo. A chuva encobre a luz do dia, as úmidas trevas não nos permitem divisar o céu e raios freqüentes rompem as nuvens. Lançados fora da nossa rota, erramos

sôbre as incertas ondas. O próprio Palinuro diz que não pode distinguir o dia da noite e, no meio das vagas, não se recorda do caminho. Assim, durante três dias de incerteza, em meio à escuridão que nos cegava, e durante três noites sem estrêlas, vagueamos pelo mar. No quarto dia, enfim, vimos uma terra que se elevava sôbre as águas, mostrando ao longe suas montanhas e espirais de fumaça. Amainamos as velas e remamos com fôrça, sem demora; os marinheiros, curvados sôbre os remos, revolvem as espumas e cortam as escuras águas. Salvo da tempestade, desembarco, eu primeiro, na praia de uma das Estrófades. As ilhas que os gregos chamaram de Estrófades erguem-se no meio do mar Jônio; ali moram a terrível Celeno e as outras Hárpias, depois que a casa de Fineu se fechou para elas e o mêdo as fêz deixar as suas antigas mesas. Não há monstro mais feio do que elas nem, das águas do Estige, brotou algum flagelo ou maldição dos deuses que fôsse mais cruel. São aves com rosto de mulher, um ventre que solta um fluxo asqueroso, mãos em forma de garras, faces sempre pálidas de fome. Logo que entramos no pôrto para onde a tempestade nos levara, avistamos aqui e ali gordas manadas de bois nos campos e, no meio das ervas, um rebanho de cabras sem nenhum guardião. Com nossas armas, lançamo-nos sôbre os animais e convidamos, para a partilha, os deuses e o próprio Júpiter. Depois, na enseada, arrumamos leitos de relva e banqueteamo-nos com as gordas carnes. Mas de repente, com espantoso vôo, as Hárpias vêm dos montes; sacodem as asas com grande ruído, roubam-nos os alimentos, sujam tôdas as coisas com seu imundo contacto; e sua voz sinistra se mistura ao repelente odor. Tornamos a arrumar as mesas, ao longe, num lugar retirado, sob uma pedra oca cercada de árvores e de terríveis sombras; e de novo pusemos fogo sôbre os altares. Novamente, de suas escuras moradas, vindo de um ponto diverso do céu, a ruidosa turba voa em redor da prêsa com os seus pés aduncos e suja com a bôca os nossos alimentos. Ordeno então aos meus companheiros que tomem as armas e movam guerra àqueles entes cruéis. Êles fazem como eu lhes mandara e dispõem suas espadas e escudos escondidos na

relva. Quando as Hárpias desceram a fazer ruído pelas curvas da praia, Miseno, que espreitava sôbre uma elevação, deu o sinal com a trombeta. Avançam os meus companheiros e, naquele estranho combate, tentam ferir as hediondas aves marinhas. Mas golpe algum varou-lhes as penas nem lhes feriu o corpo e elas deslizaram pelo céu em rápida fuga, deixando a prêsa comida e seus repugnantes excrementos. Apenas uma pousou no alto da rocha; era Celeno, que nos gritou estas palavras de mau agouro:

— Então, ó troianos, é por terdes matado os nossos bois e abatido os nossos novilhos que vós nos fazem guerra? ou quereis expulsar do reino paterno as Hárpias, que não vos fizeram nenhum mal? Pois ouvi e guardai o que vos digo; são cousas que o Pai onipotente predisse a Febo Apolo, e êste a mim, e eu, a mais poderosa das Fúrias, vos revelo: invocastes os ventos e demandais a Itália; chegareis à Itália, servos-á permitido entrar no pôrto. Mas não cercareis de muralhas a cidade que vos é destinada antes que uma fome terrível, castigo da injúria que nos fizestes, vos obrigue a roer e a devorar as vossas mesas.

Assim falou e, voando, fugiu para a floresta. Um súbito mêdo gela o sangue dos meus companheiros; perdem a coragem e querem pedir a paz não mais com armas e sim com votos e preces, quer elas sejam deusas, quer sejam aves cruéis e agoureiras. E, da praia, meu pai, Anquises, com as mãos estendidas para o céu, invoca as grandes divindades e promete os devidos sacrifícios:

— Ó deuses, afastai de nós êsses males; livrai-nos de tal desgraça e protegei-nos, pois somos piedosos.

Manda então arrancar da praia a corda e soltar as amarras. Noto incha as velas e, através das ondas espumantes, fugimos para onde nos conduzem o pilôto e o vento.

O ENCONTRO COM ANDRÔMACA

E já aparece no meio do mar a ilha de Zacinto com seus bosques, e Dulíquio e Same e a rochosa Néritos. Evitamos os

escolhos de Ítaca e maldizemos a terra natal do cruel Ulisses. E logo se nos mostram os nebulosos picos do promontório Leucate e o templo de Apolo, temido pelos navegantes. Para ali nos dirigimos, fatigados, e aproximamo-nos de uma pequena cidade. Das proas lançam-se as âncoras, as pôpas amarram-se à costa.

Finalmente alcançáramos terra, o que não esperávamos; purificamo-nos, pois, em honra de Júpiter, queimamos sôbre os altares as oferendas prometidas e celebramos nas praias de Ácio os jogos troianos. Meus companheiros, nus, com o óleo a escorrer dos membros, praticam os jogos; estão felizes por terem escapado a tantas cidades gregas e conseguido fugir em meio a tantos inimigos. Entrementes, o sol completa o grande ciclo do ano e os gélidos ventos do inverno encapelam as ondas. Na porta do templo eu penduro o côncavo escudo de bronze que usava o grande Abante e assinalo o fato com êste verso: **Enéias consagra esta arma tomada aos gregos vencedores.**

Ordeno então que deixemos o pôrto, que os remadores tomem seus lugares. Meus homens, à porfia, ferem o mar e cortam as ondas. Em breve perdemos de vista as elevadas cidadelas dos feácios, passamos pela costa do Epiro, entramos no pôrto da Caônia, aproximamo-nos da cidade de Butroto. Aqui chega aos nossos ouvidos a notícia de fatos incríveis: Heleno, filho de Príamo, reinava sôbre cidades gregas, tornara-se senhor do cetro e da espôsa de Pirro, o descendente de Eaco; e Andrômaca de novo fôra entregue a um marido troiano. Fiquei estupefato e meu peito abrasou-se em curioso desejo de interrogar o herói e informar-me de tão estranhos acontecimentos. Afastei-me do pôrto, deixando as praias e os navios.

Nesse momento, por acaso, num bosque fronteiro à cidade, junto às águas de um rio ao qual se dera o nome de Simoente, Andrômaca oferecia às cinzas de Heitor a refeição habitual e os presentes fúnebres e invocava seus manes diante de um cenotáfio de verde relva e de dois altares que ela erguera para chorá-lo. Quando me viu chegar e, estupefata, viu em redor de mim os guerreiros troianos, ficou a olhar-me fixamente,

gelada e cheia de espanto ante o grande prodígio. Vacilava e sòmente depois de longo tempo pôde afinal falar:

— És na verdade tu, ó filho de uma deusa? Trazes-me notícias verdadeiras? Vives? Mas, se morreste, onde está Heitor?

Assim falou e deu largas ao pranto e seus gritos encheram o lugar. Perturbado, eu mal consigo responder àquela mulher fora de si e digo-lhe com palavras entrecortadas:

— Sim, eu vivo e arrasto a minha vida através dos maiores infortúnios; não duvides: é verdade o que vês. E que desgraça te aconteceu depois que fôste separada de tão grande marido? Ou uma felicidade bem merecida visitou a Andrômaca de Heitor? Ainda és espôsa de Pirro?

Ela baixou os olhos e falou com voz fraca:

— Como foi feliz, mais do que tôdas, a virgem filha de Príamo condenada a morrer sob as altas muralhas de Tróia, junto ao túmulo do inimigo! Ela não sofreu partilha alguma nem tocou, prisioneira, o leito de um senhor vitorioso. Eu, que, das cinzas da pátria, fui arrastada por diversos mares, suportei os desdéns e a soberba do jovem filho de Aquiles e tive de partir na escravidão. Depois êle aspirou à mão de Hermíona, neta de Lela, e quis casar-se com a espartana; e, sendo eu escrava, passou-me a seu escravo Heleno para que me possuísse. Mas Orestes, abrasado de amor pela noiva que lhe fôra roubada e incitado pelas Fúrias, que o perseguiam por causa do seu crime, surpreendeu Pirro desprevenido e o degolou diante do altar de Aquiles. Com a morte de Neoptólemo, uma parte dos reinos foi entregue a Heleno, que, em honra do troiano Cáon, deu aos campos o nome de Caônios e a tôda a região o de Caônia, e ergueu nas alturas esta outra cidadela troiana, outra Pérgamo. E tu? Que ventos e que destino te conduziram? Que deus te fêz chegar, sem que nada soubesses, às nossas praias? E o pequeno Ascânio? Vive ainda? Quando êle te nasceu, já Tróia... Êle, embora pequenino, sente a perda da mãe? Desperta nêle a máscula coragem de Enéias, seu pai, e de seu tio Heitor?

Enquanto ela, a chorar, fazia tais perguntas e longa e inùtilmente suspirava, o herói filho de Príamo, Heleno, vinha das muralhas com uma grande escolta; êle nos reconhece e nos conduz, feliz, ao seu palácio e, a cada palavra, derrama lágrimas copiosas. No caminho, eu reconheço uma pequena Tróia, uma reprodução de Pérgamo e um riacho de pouca água com o nome de Xanto; e beijo o limiar da porta Céia. E, como eu, também os troianos desfrutaram da cidade amiga. O rei os recebia nos seus vastos pórticos; no interior do palácio, com as taças na mão, libavam o vinho diante dos alimentos servidos em pratos de ouro.

A PREDIÇÃO DE HELENO

Passaram-se os dias e já os ventos nos convidavam a levantar as velas e o tecido de linho se intumescia ao sôpro do Austro. Dirijo-me ao rei adivinho e lhe peço:

— Ó troiano, intérprete dos deuses, que compreendes os desígnios de Febo, as suas proféticas tripeças, o loureiro de Claros, os astros, os cantos das aves e o vôo propício dos pássaros, dize-me que perigos devo evitar agora. Pois tôda a minha rota foi traçada por oráculos favoráveis e todos os deuses me persuadiram, com suas divinas ordens, a seguir para a Itália, a procurar essa longínqua terra; sòmente a Hárpia Celeno nos anunciou um novo e indizível prodígio e nos profetizou cruéis vinganças dos deuses e uma terrível fome. Com que meios poderei superar tão grandes provações?

Então Heleno, tendo antes imolado novilhos, conforme o costume, implora a indulgência dos deuses e tira da venerável fronte as fitas sagradas; e, com sua própria mão, leva-me, ó Febo, ao limiar do teu templo, onde a divina majestade me enche de perturbação. Depois o sacerdote, com sua bôca inspirada, anuncia êstes fatos:

— Ó filho de uma deusa! Que tu navegas sob os mais poderosos auspícios é cousa manifesta pela maneira como o rei dos deuses regula o destino e faz correr os acontecimentos e pela ordem em que os fatos sucedem; portanto, do muito

que há de acontecer, pouco tenho eu a revelar-te para que possas, com maior segurança, percorrer mares desconhecidos e ancorar num pôrto da Ausônia. As Parcas impedem Heleno de conhecer o resto e Juno, a filha de Saturno, proibe-lhe que o diga. Primeiramente, a Itália, que tu, ignorando a distância, já cres próxima e em cujos portos vizinhos te dispões a entrar, acha-se separada de ti por um longo e difícil caminho e extensas regiões. Teus remos deverão vergar-se nas águas da Sicília, teus navios deverão percorrer o mar da Ausônia e passar pelos lagos infernais e pela ilha Eéia, de Circe, antes que possas organizar a tua cidade numa terra segura. Dar-te-ei um sinal, que guardarás no fundo da tua alma: quando tu, cheio de ansiedade, encontrares sob as azinheiras da costa, junto às águas de um rio solitário, uma enorme porca branca, que pariu trinta alvos porquinhos, deitada no chão com seus filhotes em volta das tetas, será êsse o lugar da cidade, o têrmo certo das tuas provações. E não tenhas receio das mesas que haveis de morder: os fados acharão o seu caminho e Apolo, invocado por ti, proteger-te-á. Evita, porém, estas terras, esta parte da costa italiana que fica próxima daqui e é banhada pelas ondas bravias do nosso mar: tôdas as cidades são ali habitadas pelos maldosos gregos. Lá os locros de Narício ergueram muralhas e o cretense Idomeneu cobriu de soldados os campos da Calábria; lá Filoctetes, o chefe melibeu, protegeu com um muro a pequena cidade de Petília. E além disso, quando os teus navios, depois de atravessarem o mar, se detiverem e, sôbre altares erguidos na praia, cumprires teus votos, cobre tua cabeça com um véu de púrpura para que nenhum rosto inimigo surja entre as chamas acesas em honra dos deuses e perturbe os presságios. Observem teus homens o rito dos sacrifícios; observa-o tu mesmo; e os vossos descendentes mantenham-se piedosos nesta religião. Mas quando tu partires e o vento te levar para perto das praias sicilianas e desaparecerem as barras do estreito Peloro, deves dar uma grande volta e buscar à esquerda o mar e a terra; evita a praia e as ondas da direita. Dizem que êsses lugares foram outrora separados pela fôrça de um grande terremoto: tamanhas mutações pode operar o

tempo! As duas terras formavam apenas uma: o oceano se interpôs violentamente e separou a Hespéria da Sicília e, com a água agitada prêsa no estreito passo, banha os campos e as cidades das terras divididas. À direita está Cila, à esquerda a terrível Caribdes, que três vêzes por dia chupa para o seu sorvedouro as grandes ondas do fundo abismo do mar e três vêzes de novo as vomita nos ares e a água expelida vai açoitar os astros. Mas Cila, prêsa numa escura caverna, põe fora as cabeças e atrai os navios para as rochas. Ela, na parte superior do corpo, até a cintura, tem o aspecto de um sêr humano e um belo peito de moça; na parte inferior é um hediondo monstro marinho em que se unem ventres de lôbos e caudas de delfins. É melhor não teres pressa, dares uma grande volta e dobrares o promontório de Paquino, na Sicília, do que veres, mesmo uma só vez, a monstruosa Cila sob a vasta caverna e os rochedos onde ressoam os latidos dos cães côr do mar. Além disso, se Heleno tem alguma ciência, se suas predições merecem algum crédito, se Apolo lhe enche a alma de verdades, de uma só cousa, filho de uma deusa, quero avisar-te e, em vez de tudo o mais, eu te repetirei apenas isto: invoca em tua prece, em primeiro lugar, o grande poder da deusa Juno, de coração, votos solenes e vence com ofertas suplicantes a potente senhora; e enfim conseguirás o teu intento e, quando te afastares da Sicília, ser-te-á permitido chegar a terras italianas. Quando ali chegares e te aproximares da cidade de Cumas e dos lagos sagrados do Averno com suas ruidosas florestas, verás a inspirada profetisa que, na funda caverna, canta os destinos e grava em fôlhas de árvores sinais e palavras. A virgem põe em ordem todos os versos proféticos que escreve nas fôlhas e os deixa guardados no seu antro; e êles permanecem imóveis e não saem do lugar. Mas se, ao mover-se a porta sôbre os gonzos, um tênue vento agita e dispersa as leves fôlhas, nunca depois ela se preocupa de apanhá-las e pô-las no lugar ou de reunir os versos que voam pela caverna; os consulentes se vão sem resposta, detestando a morada da Sibila. Tu, quando ali estiveres, embora os companheiros te censurem e a necessidade de prosseguir a via-

gem chame imperiosamente os teus navios para o alto mar e haja ventos favoráveis, não julgues tão grande perda de tempo ver a Sibila que deixes de ir pedir os seus oráculos; ela mesma os deverá cantar, deverá consentir em responder-te. Ela te falará dos povos da Itália, das guerras que hão de vir, dos trabalhos que deves suportar ou de como os evitarás e, se lhe suplicares, ensinar-te-á uma rota feliz. Tais são as cousas que me é permitido aconselhar-te. Vai, pois, e, com teus feitos, eleva até o céu a grandeza de Tróia.

Depois que o adivinho, com palavras amigas, assim me falou, mandou levar para os meus navios grandes presentes de marfim e de ouro e colocou nos barcos muita prata e bacias de Dodona, uma couraça de malha tecida com três fios de ouro e um elmo de bela cimeira e grande penacho, armas de Neoptólemo. Também meu pai recebeu presentes. Deu-nos ainda cavalos, deu-nos pilotos, completou o número dos remadores e forneceu armas aos meus homens. Entrementes, nos navios, Anquises mandava erguer as velas para, sem demora, aproveitar o vento propício. Com profundo respeito, o intérprete de Febo lhe falou:

— Ó Anquises, escolhido para a gloriosa união com Vênus, amado pelos deuses e duas vêzes salvo da ruína de Tróia, eis diante de ti a terra da Ausônia: corre, com os teus navios, a apoderar-te dela. Contudo, é necessário que, agora, apenas a costeies: a região da Ausônia que Apolo te abre é mais longe. Põe-te a caminho, feliz com a piedade do teu filho. Mas, por que me alongo? Por que, enquanto falo, retardo os ventos que se erguem?

Por sua vez Andrômaca, a quem entristecia êste último adeus, traz a Ascânio vestes bordadas com fios de ouro e uma clâmide frígia, presentes dignos dêle, oferece-lhe muitos tecidos e lhe diz:

— Recebe também, meu menino, estas lembranças feitas pelas minhas mãos; e que te provem o grande afeto de Andrômaca, a espôsa de Heitor. Toma-as: são os últimos presentes da tua família, ó única imagem que me resta do meu Astíanax.

Êle tinha os teus olhos, as tuas mãos, o teu semblante; era da mesma idade e, se vivesse ainda, estaria crescido como tu.

Eu, ao partir, dizia-lhe com lágrimas nos olhos:

— Vivei felizes: já se cumpriu o vosso destino. Nós somos chamados de uma e outra prova; vós já conseguistes o repouso: não deveis percorrer nenhum mar nem buscar as terras da Ausônia, que sempre recua; olhais a imagem do Xanto e a Tróia que as vossas mãos edificaram sob melhores auspícios e que será, assim o desejo, menos exposta aos gregos. Se algum dia eu entrar no Tibre e vir os muros prometidos ao meu povo, quero que estas cidades, unidas pelo sangue, e êstes povos vizinhos, do Epiro e da Hespéria, sejam, pelo espírito, uma só Tróia, pois que ambas descendem de Dárdano, ambas conheceram as mesmas provações. E que êste desejo permaneça em nossos descendentes.

A VIAGEM PROSSEGUE

O mar nos conduz para junto dos montes Cerâunios, vizinhos dali, de onde é mais curta a travessia para a Itália. Enquanto isso, o sol se põe e os montes se cobrem de sombra. Tiramos à sorte os remadores e, deitados junto das ondas, no seio da terra desejada, descansamos espalhados pela praia; o sono penetra nos membros cansados. A Noite, puxada pelas Horas, não atingira ainda o meio do seu curso; mas o ativo Palinuro levanta-se do leito e observa todos os ventos e apreende com os ouvidos os sopros do ar; nota todos os astros que caminham pelo céu silencioso, espreita o Arcturo e as chuvosas Híades, as duas Ursas e Oríon armado de ouro. Ao ver que tudo é harmonia no céu sereno, dá, do alto da pôpa, um retumbante sinal. Nós levantamos acampamento e seguimos nossa rota sob as asas abertas das velas.

E já, afugentadas as estrêlas, a Aurora enrubescia, quando avistamos ao longe escuras colinas e uma terra baixa: a Itália. «A Itália!» — grita primeiro Acates —; e meus companheiros saúdam a Itália com alegre clamor. Então meu pai, Anquises, coroa de flôres uma grande taça, enche-a de vinho e, de pé na alta pôpa, invoca os deuses:

— Ó deuses, senhores do mar, da terra e das tempestades, dai-nos um caminho fácil e fazei com que sopre um vento favorável.

Tornam-se mais intensas as desejadas brisas e o pôrto se abre já próximo e no alto se vê o templo de Minerva. Meus homens recolhem as velas e dirigem as proas para a praia. Do lado oriental o pôrto curva-se em arco; a espuma salgada banha os rochedos situados defronte e a parte interior fica escondida, pois rochas em forma de tôrres lançam seus braços como duas muralhas e o templo parece mais longe da praia. Vi então um primeiro presságio: quatro cavalos brancos como a neve, a pastar numa vasta planície. E Anquises, meu pai, assim falou:

— Ó terra estrangeira, tu nos trazes a guerra: para a guerra são armados os cavalos; de guerra nos ameaçam êstes potentes animais. Mas às vêzes êstes quadrúpedes são habituados a atrelar-se a um carro e a aceitar as rédeas sob o jugo: há também esperança de paz.

Então invocamos o santo poder de Palas, a deusa de armas sonoras, que primeiro acolheu nossa alegria triunfante; e fizemos aquilo que Heleno nos recomendara como o mais importante: diante dos altares, velamos a cabeça com um véu frígio e, de acôrdo com o rito, queimamos à Juno de Argos os sacrifícios ordenados.

Sem demora, logo que terminamos, com exatidão, as nossas oferendas, voltamos para o mar as pontas das vergas que sustentam as velas e deixamos aquela cidade grega e aquêles lugares suspeitos. Dali se avista o gôlfo onde, se é verdadeira esta tradição, Hércules fundou Tarento; defronte ergue-se o templo de Juno Lacínia e os muros de Caulônia e o tempestuoso Cilaceu. Então, distante, surge das ondas, na Sicília, o Etna; e de longe escutamos o imenso gemido do mar que bate sôbre as rochas e as vozes das ondas a se quebrar na costa, onde as águas se erguem e, impetuosas, misturam-se à areia. Meu pai, Anquises, diz:

— Certamente é aqui a famosa Caribdes; eis os escolhos,

eis as horríveis rochas de que nos falava Heleno. Tirai-nos daqui, companheiros, remai com fôrça, todos juntos.

Êles cumprem a ordem e Palinuro é o primeiro que volta para a esquerda a proa do seu navio, fazendo-a ranger; e tôda a esquadra, levada pelo vento e pelos remos, dirige-se para a esquerda. O mar encapelado ergueu-nos até o céu e, quando a onda se afastou, descemos até os infernos. Três vêzes os escolhos cavernosos soltaram um gemido, três vêzes vimos a espuma jorrar para o alto e escorrer do céu.

POLIFEMO

No entanto, o vento e o sol, cansados, nos deixaram e nós, que não sabíamos o caminho, chegamos às praias dos ciclopes.

O pôrto, ao abrigo dos ventos, é vasto e seguro; mas perto, com horríveis desmoronamentos, o Etna troveja. Às vêzes lança para o céu uma escura nuvem, que forma um torvelinho de fumo côr de pez e fagulhas ardentes, e levanta um turbilhão de chamas que vai lamber os astros. Às vêzes vomita para o alto grandes pedras, que são vísceras arrancadas ao monte; e, gemendo, atira para o ar muita lava e agita-se até o fundo. Dizem que o corpo de Encélado, meio queimado pelo raio, está debaixo dessa massa, e o enorme Etna, colocado por cima, solta a chama pelas fornalhas de suas crateras; e cada vez que êle, cansado, muda de posição, tôda a Sicília treme com ruído e o céu se cobre de fumaça. Durante aquela noite, escondidos nas selvas, suportamos o horrível prodígio sem vermos qual a causa do ruído; pois não havia as luzes dos astros, estava escura a região sidérea, o céu era nublado e, na noite sombria, uma nuvem retinha a lua.

E já, com a estrêla da manhã, surgia o dia seguinte e a Aurora expulsara do céu a úmida sombra quando, de súbito, uma estranha figura de homem desconhecido, extremamente magro e de aspecto miserável, vem da floresta e estende as mãos para a praia. Olhamos para êle: horrìvelmente sujo, a barba a pender sôbre o peito, as vestes prêsas por espinhos,

mas, quanto ao resto, um grego, um daqueles que tinham sido enviados contra Tróia nos exércitos de sua pátria. Quando êle viu de longe as roupas e as armas troianas, hesitou um pouco, com ar assustado, e deteve o passo. Mas logo correu para a praia e fêz, chorando, esta súplica:

— Eu vos imploro pelos astros, pelos deuses do céu e por êste ar que respiramos: tirai-me daqui, ó troianos; levai-me para onde quiserdes: isto me será suficiente. Sei e confesso que sou soldado grego e fiz guerra aos Penates de Tróia. Por isso, se é tão grave o meu crime e a ofensa que vos fiz, cortai-me em pedaços, lançai-me às ondas e afundai-me no grande mar: se devo morrer, quero ao menos morrer por mãos humanas.

Assim disse e abraçou os meus joelhos e, agarrado aos meus joelhos, estorcia-se. Nós o exortamos a falar e a dizer-nos quem era, qual a sua ascendência, que infortúnio padecia. Meu próprio pai, Anquises, sem mais esperar, dá a mão ao jovem e, com êste gesto amigo, o encoraja. Êle, perdendo finalmente o mêdo, diz:

— Minha pátria é Ítaca. Fui companheiro do infeliz Ulisses. Meu nome é Arquemênides. Meu pai, Adamasio, era pobre e por isso eu parti para Tróia; oxalá tivesse ficado na minha humilde condição! Os meus companheiros, quando deixavam, cheios de mêdo, a bárbara morada do ciclope, me esqueceram na vasta caverna e aqui me abandonaram. Casa de sangue e de sangrentas refeições, escura, enorme! Êle próprio, um gigante, chega às altas estrêlas. Que os deuses livrem a terra de tal peste! Ninguém ousa fitá-lo nem falar-lhe. O alimento dêle são as entranhas e o negro sangue das suas vítimas. Eu mesmo o vi, inclinado para trás no meio do antro, despedaçar contra a rocha dois dos nossos, que agarrara com a grande mão; e o solo, inundado, nadava no sangue. Vi-o comer os membros, de onde corria o sangue escuro, e as carnes, quentes ainda, tremerem-lhe sob os dentes. Mas teve o seu castigo, pois Ulisses de Ítaca não suportou tais cousas nem, em tão grande perigo, se esqueceu de quem era. Quando o ciclope, farto de alimento e embriagado, pousou a cabeça pesada e estendeu-se, imenso, pela gruta, a vomitar, dormindo, o sangue

putrefato e pedaços de carne misturados com sangue e com vinho, nós, tendo antes invocado os grandes deuses e tirado à sorte a tarefa de cada um, juntos o cercamos por todos os lados e, com um pau pontudo lhe furamos o ôlho, o único que tinha, oculto sob as rugas da tôrva fronte, e que parecia um escudo de Argos ou o globo do sol. Finalmente, alegres, vingamos as almas dos nossos companheiros! Mas fugi, infelizes, fugi e rompei as amarras; pois, selvagens e grandes como Polifemo, que encerra no antro e ordenha as lanosas ovelhas, cem outros monstruosos ciclopes habitam aqui e ali nas curvas desta praia e vagueiam pelas altas montanhas. Já três vêzes os cornos da lua se encheram de luz desde que estou a arrastar a vida nas florestas, entre as covas desertas das feras, e olho os enormes ciclopes que saem das grutas e tremo ao ruído dos pés e das vozes. As árvores me dão um pobre alimento, bagas e pilritos duros como pedras; e arranco raízes de ervas e as como. Olhando para todos os lados, vi finalmente os vossos navios aproximarem-se da costa. A vós eu me entreguei, quem quer que fôseis: basta-me o ter fugido àquela gente ímpia. Prefiro que vós me tireis esta mísera vida, não importa qual a morte que me deis.

Mal havia dito isso quando vimos, no alto de um monte, o próprio pastor Polifemo, que se movia enorme e vinha para a conhecida praia. Monstro horrendo, disforme, gigantesco, ao qual fôra arrancado o ôlho. Segurava um pinheiro cortado, com o qual dirigia e firmava seus passos; e as lanudas ovelhas o seguiam: era êste seu único prazer, seu único consôlo na desgraça. Êle entrou na água e avançou para dentro; então, rangendo os dentes e gemendo, lavou o sangue que escorria do ôlho vazado; e caminhava já pelo alto mar sem que as ondas lhe molhassem os imensos flancos. Nós, cheios de mêdo, apressamo-nos em fugir para| longe; recebemos conosco o suplicante, que bem o merecia, cortamos em silêncio as amarras e, curvados, remando, fendemos as águas. Êle o percebeu e voltou os passos em direção ao ruído. Mas como não pôde agarrar-nos com a mão nem, andando, acompanhar as ondas do mar Jônio, ergueu um imenso clamor que fêz

tremer as vagas tôdas e espantou tôda a terra da Itália e ressoou nas cavernas do Etna. Atraído por aquêles gritos, o povo dos ciclopes correu das florestas e dos altos montes para o pôrto e encheu a praia. E nós vimos, de pé, com o olhar inùtilmente tôrvo, êsses irmãos do Etna, que erguem até o céu as suas cabeças de gigantes. Uma horrível reunião! Pareciam os grandes carvalhos ou os coníferos ciprestes que formam, no cimo dos montes, as altas florestas de Júpiter ou os bosques sagrados de Diana.

A ÚLTIMA PROVAÇÃO

Um terrível mêdo fêz-nos precipitadamente soltar as amarras e estender as velas ao vento propício sem saber aonde íamos. Ao contrário, Heleno nos aconselhara a não navegar junto a Cila e a Caribdes, pois que nos dois caminhos, com pouca diferença, há perigo de morte. Resolvemos voltar atrás. E eis que, do estreito de Peloro, surge Bóreas, enviado em nosso auxílio. Passamos além das rochas vivas da foz do Pantágias e do gôlfo de Mégara e das baixas terras de Tapsos. Tais lugares nos eram mostrados por Aquemênides, o infeliz companheiro de Ulisses, que já havia errado ao longo daquelas costas e agora de novo as percorria, em sentido contrário. À entrada do gôlfo de Siracusa, defronte do cabo Plemiro, que as ondas açoitam, estende-se uma ilha à qual os antigos habitantes deram o nome de Ortígia. Dizem que para ali o rio Alfeu, da Élida, abriu um oculto caminho e agora mistura suas águas às ondas da Sicília pela bôca da fonte Aretusa. Segundo as ordens recebidas, adoramos as grandes divindades do lugar; e atravessamos então as terras que o Heloro inunda e fertiliza. Dali costeamos os altos escolhos e as rochas alongadas do Paquino e avistamos Camerina, cujos habitantes o destino proibiu de mover-se; e, ao longe, as planícies do Gela e a cidade de Gela, que tomou o nome do seu impetuoso rio. Depois a montanhosa Agrigento, outrora terra de fogosos corcéis, nos mostra, ao longe, suas possantes muralhas. Levado pelo vento, deixo atrás Selinunte, a cidade das palmeiras, e

navego junto aos escolhos do Lelibeu, perigosos por causa das suas pedras ocultas. Então me recebeu o pôrto e a triste praia de Drepano. Aqui, depois de ter sofrido tantas procelas, — pobre de mim! — perco meu pai, Anquises, minha consolação em todos os cuidados e em tôdas as desgraças. Aqui me deixaste acabrunhado, ó excélente pai, que em vão escaparas a tão grandes perigos! Nem o adivinho Heleno, quando me anunciou muitos horrores, me predisse êste luto, nem a cruel Celeno mo predisse. Foi esta a minha última provação, foi êsse o têrmo das minhas longas viagens. Dali um deus me fêz chegar às vossas praias.

Assim o herói Enéias narrava, êle só, o destino que os deuses lhe deram e descrevia as suas navegações; e todos, atentos, o escutavam. Calou-se afinal e, tendo acabado, quedou-se em silêncio.

LIVRO IV

UM AMOR IMPOSSÍVEL

Entretanto a rainha, já dominada por um intenso amor, alimenta a ferida em seu peito e se consome num ardor secreto. Muitas vêzes lhe vem ao pensamento o grande valor daquele homem e a grande glória da sua família; os traços e as palavras dêle ficaram-lhe gravados na memória e o amor não lhe permite dar ao corpo um tranqüilo repouso.

A CONFIDÊNCIA

No dia seguinte, apenas a Aurora havia afastado do céu a úmida sombra e, com o facho de Febo, iluminava as terras, ela, fóra de si, dirigiu-se à irmã, que a compreendia bem:

— Ó Ana, minha irmã, que sonhos me apavoram e tiram-me o sossêgo! Que hóspede extraordinário entrou em nossa casa, que bela aparência, que coragem! Como é forte na guerra! Creio mesmo, e com tôda a certeza, que é filho de um deus, pois o mêdo é o sinal da baixa origem. Que destino infeliz o perseguiu! Que guerras conta ter suportado! Se eu não tivesse na alma a decisão firme e imutável de não mais me casar depois que a morte do meu primeiro amor me desiludiu, se eu não me tivesse desgostado do leito e das tochas nupciais, seria êste, talvez, o único capaz de levar-me a tal culpa. Pois confesso-te, Ana: depois da morte de Siqueu, meu infeliz espôso, depois que o crime de meu irmão manchou nossos Penates, sòmente êste mudou meus sentimentos e fêz minha alma vacilar. Reconheço os sinais da antiga chama. Contudo, a violar o pudor e a infringir suas leis, prefiro que a terra se abra aos meus pés ou que o Pai onipotente me envie, com um raio, para o reino das sombras, das pálidas sombras e da noite profunda do Érebo. Aquêle que primeiro me uniu a si levou o meu amor; que êle o tenha consigo e o guarde no sepulcro.

Assim falou e se pôs a chorar e as lágrimas banharam-lhe o regaço. Ana lhe respondeu:

— Minha irmã queridíssima, vais então consumir tôda a tua mocidade triste e sòzinha, sem provar a alegria dos filhos e os prazeres de Vênus? Acreditas que as cinzas dos mortos se preocupam com isso? Outrora, em teu luto, nenhum pretendente te impressionou, nem na Líbia, nem antes em Tiro; recusaste Iarbas e outros chefes nascidos na terra da África, tão gloriosa. De acôrdo. Mas agora vais combater também um amor que te agrada? Não pensas em que lugar te estabeleceste? De um lado cercam-te os getulos, povo invencível na guerra, os númidas, que cavalgam sem freios, e a inóspita Sirte; de outro, uma terra deserta, sem água, e os barceus, que perturbam tudo em redor; sem falar nos levantes de Tiro e nas ameaças de teu irmão. Creio mesmo que foi por um favor dos deuses e com o auxílio de Juno que o vento trouxe para cá os navios troianos. Que cidade tu aqui verás, que reinos hão de surgir de tal união! Aliada aos troianos, quanto hás de elevar a glória de Cartago! Pede agora mesmo a permissão dos deuses e, aceitos os teus sacrifícios, dedica-te ao hóspede e urde pretextos para o reter: o inverno que agita o mar, as chuvas trazidas por Oríon, os navios avariados, o céu tempestuoso.

Com essas palavras, avivou no coração de Dido a chama de um imenso amor, infundiu-lhe esperanças na alma hesitante e libertou-a dos escrúpulos. Primeiro dirigem-se aos templos e buscam, de altar em altar, a indulgência dos deuses. Segundo o costume, escolhem ovelhas e as imolam a Ceres, a legisladora, a Febo, ao deus Baco e, antes de todos, a Juno, que vela sôbre os laços conjugais. A própria Dido, em tôda a sua beleza, segura a taça e verte o vinho por entre os chifres de uma vaca branca; depois passeia ante as imagens dos deuses, em redor dos altares banhados de sangue. Consagra o dia aos sacrifícios e, inclinada sôbre os peitos abertos das reses, consulta ansiosa as vísceras palpitantes. Mas, ai! são tolos os arúspices! De que servem, para um apaixonado, os templos e as ofertas? A chama devora o frágil coração, no

peito vive a tácita ferida. A infeliz rainha, abrasada de amor, erra, fora de si, pela cidade tôda; assim a incauta corça que, nos bosques de Creta, o pastor perseguiu e transpassou com a flecha leva, sem que êle o saiba, o ferro volátil e percorre na fuga as florestas e os bosques dicteus, com a arma fatal prêsa a seu flanco. Ora Dido conduz Enéias através da cidade, mostra-lhe com orgulho as riquezas de Cartago, que está pronta para o acolher, e começa a falar e deixa a frase em meio. Ora, ao cair do dia, deseja um banquete tal qual o da véspera e, delirante, roga que Enéias lhe conte de novo as desgraças de Tróia e de novo lhe pende dos lábios. Depois, quando êles se foram, e a lua, por sua vez, oculta a luz e os astros em declínio convidam ao sono, ela, sòzinha na casa vazia, se atira, abatida, sôbre o leito no qual êle estivera. Distante, ela vê, ela ouve o amado ausente; às vêzes retém em seus braços Ascânio, que é o retrato de Enéias, e busca, neste enlêvo, iludir o indizível amor. Já não se erguem as tôrres começadas, os jovens não mais se exercitam nas armas, não cuidam mais de aparelhar os portos e baluartes seguros para a guerra; interrompem-se as obras; os enormes e ameaçadores muros e os andaimes que se erguem até o céu ficam inacabados.

O ARDIL DE JUNO

Quando Juno, a espôsa de Júpiter, percebeu o mal que dominava Dido e viu que nem mesmo o cuidado de seu renome lhe obstava a paixão, foi ter com Vênus e assim falou:

— De fato, essa é uma grande honra, um belo troféu, um título glorioso e memorável para ti e teu filho: uma fraca mulher foi vencida pela fraude das duas divindades. Eu notei que tu temes as nossas muralhas e julgas suspeitas as casas da altiva Cartago. Mas qual será o fim desta nossa discórdia? Até onde irá tanta rivalidade? Por que não fazemos, ao invés, uma paz que dure sempre e um casamento como garantia? Tens o que desejaste de todo o coração: Dido está abrasada de amor e a paixão lhe penetra o mais íntimo. Reunamos

pois os nossos povos e governemos com iguais poderes; deixemos que Dido obedeça ao marido troiano e que te entregue os tírios como dote.

Vênus percebeu que Juno falava com segunda intenção, querendo transferir para as terras da Líbia o reino destinado à Itália; e assim lhe respondeu:

— Quem haveria de ser tão insensato que recusasse estas propostas e preferisse combater contigo? Seja feito o que dizes, contanto que a Fortuna o favoreça. Estou, porém, incerta quanto aos fados; não sei se Júpiter deseja uma cidade só, de tírios e troianos, se aprova que êstes povos se misturem ou façam aliança. Tu és a espôsa dêle: podes, com tuas súplicas, sondar-lhe o pensamento. Vai, eu te acompnharei.

Juno lhe respondeu:

— Eu me encarrego disso. Escuta agora de que maneira se pode fazer o que deve ser feito; dir-te-ei em poucas palavras: Enéias e a infeliz Dido se preparam para ir caçar amanhã, na floresta, logo que o sol se erguer e iluminar a terra com seus raios. Enquanto os cavaleiros estiverem no afã de estender as rêdes em tôrno da mata, farei com que se rompa sôbre êles uma nuvem escura e cheia de granizo e, com trovões, abalarei o céu inteiro. A comitiva se dispersará, envolta em treva espêssa. Dido e o chefe troiano irão à mesma gruta. Eu estarei presente e, se posso contar com o teu consentimento, uni-los-ei em matrimônio e dá-la-ei a êle para sempre. Lá será o casamento.

Vênus concorda e aceita a proposta; e sorri ante o ardil que Juno imaginara.

Entrementes, a Aurora apareceu, deixando o Oceano. Quando se ergueu a estrêla da manhã, os jovens escolhidos saíram da cidade com as rêdes, os laços, os largos venábulos; galopam os cavaleiros africanos com os cães de fino faro. À porta do palácio, os nobres de Cartago esperam a rainha, que se demora em seus aposentos; e o cavalo adornado de ouro e púrpura morde, fogoso, os freios espumantes. Finalmente ela sai, com um grande cortejo, vestindo uma clâmide sidônia de

orla bordada; de ouro é sua aljava, de ouro o nó que lhe prende os cabelos, de ouro o broche que lhe suspende a veste de púrpura.

Julo avança também, alegremente, avança a comitiva dos troianos; e Enéias, o mais belo de todos, coloca-se ao lado de Dido e junta sua gente à da rainha. Tal como Apolo, quando deixa o inverno da Lícia e as águas do Xanto e vai para a materna Delos e recomeça as danças e, ao redor dos altares, os cretenses, os dríopes e os tatuados agatirsos se reúnem e saltam, e êle próprio avança pelos cumes do Cinto e ajusta e prende com uma frágil coroa de folhagens os cabelos esparsos e os cinge de ouro e, nos ombros, as armas lhe ressoam — assim garboso caminhava Enéias, tão grande era a beleza que se irradiava do seu nobre semblante.

Chegam aos altos montes e às inacessíveis furnas; e eis que as cabras selvagens se lançam de cima da rocha e descem correndo os cumes; e os veados, por sua vez, abandonam os montes, atravessam ligeiros a planície e fogem em bandos poeirentos. Entretanto, no meio do vale, Ascânio se diverte com o fogoso cavalo e ultrapassa, a correr, ora êste, ora aquêle; e quer que um javali apareça espumante entre o manso rebanho ou que um fulvo leão desça dos píncaros.

O céu, entrementes, começa a turvar-se, reboam trovões e cai uma chuva de pedras; amedrontados, Ascânio e os tírios e os troianos se dispersam no campo à procura de abrigo. Torrentes de água lançam-se dos montes. Dido e o chefe troiano chegam a mesma gruta. A Terra e Juno, a deusa que preside aos matrimônios, dão o primeiro sinal. Brilham raios no céu, cúmplice dessa união; e, no alto das montanhas, as ninfas soltam gritos. Nesse dia iniciou-se a desgraça de Dido, a causa de sua morte; não lhe importa o decôro nem a reputação; ela não pensa mais num amor às ocultas: chama-o casamento e, com êste nome, encobre a sua falta.

A MENSAGEM DE JÚPITER

Logo a Fama percorre as grandes cidades da Líbia; a Fama, que é o mais veloz de todos os contágios. Vive de movi-

mento e o caminhar lhe aumenta as fôrças; no início humilde e tímida, logo se ergue nos ares e, andando pelo chão, tem a cabeça escondida nas nuvens. Dizem que a Terra, por estar irritada com os deuses, gerou esta última filha, irmã de Céu e de Encélado; é um monstro enorme, de pés velozes e de asas ligeiras e — cousa prodigiosa! — sob quantas penas tem no corpo, possui olhos espertos e outras tantas línguas e outras tantas bôcas ruidosas e outros tantos ouvidos aguçados. De noite ela voa por entre o céu e a terra, a sibilar nas trevas, e o doce sono jamais lhe abaixa as pálpebras; durante o dia ela, vigilante, senta-se no cimo dos tetos ou no alto das tôrres e apavora as cidades anunciando, implacável, a verdade e a mentira. Naquela ocasião, divertia-se em aturdir os povos com mil boatos e narrava igualmente o feito e o não feito: viera Enéias, de sangue troiano, e a bela Dido consentia em se unir com êsse homem e agora êles passavam todo o inverno em prazeres, a se amar, esquecidos dos seus reinos e tomados de uma torpe paixão. A feia deusa fez correr tal notícia pela bôca dos homens; e, sem parar, dirige-se ao rei Iarbas e, com seus boatos, inflama-lhe o peito e enche-o de cólera.

Iarbas era filho de Júpiter Amão e da ninfa Garamântis, que fôra raptada pelo deus. Nos seus vastos domínios, erguera a Júpiter cem grandíssimos templos e consagrara cem altares nos quais ardia o fogo perene, eterna sentinela dos deuses; o sangue das vítimas banhava o solo, guirlandas de flôres ornavam as portas dos templos.

Fora de si, excitado pela triste notícia, dizem que êle, ao pé dos altares, entre as estátuas dos deuses, orou longamente a Júpiter, fazendo-lhe súplicas com as mãos voltadas para o céu:

— Ó Júpiter onipotente, a quem agora o povo mauritano, deitado nos leitos de cobertas bordadas, oferece vinho após o banquete, vês o que está acontecendo? Ou é em vão que nós sentimos mêdo quando tu, meu pai, lanças os raios, e os fogos do céu, que aterram as almas, caem ao acaso, com um inútil ruído? A mulher que vagueava pelos meus territórios e fundou, num terreno comprado, uma cidadezinha e recebeu de

mim um pedaço de praia para arar e as condições da posse, não me quis aceitar por marido e acolheu Enéias como um senhor dentro dos seus domínios. E agora aquêle novo Páris, com uma efeminada comitiva, a barba e os cabelos úmidos de perfume e cingidos por um barrete frígio, goza da sua prêsa; e eu levo oferendas aos teus templos e te presto um imerecido culto!

O Todo-poderoso viu-o abraçar o altar e escutou suas preces: voltou os olhos para as muralhas da rainha e para os amantes, que se haviam esquecido da boa fama. Dirige-se então a Mercúrio e lhe dá estas ordens:

— Vai, meu filho, chama os Zéfiros e desce, com tuas asas, até o chefe troiano, que agora se deixa ficar em Cartago, sem pensar nas cidades que o destino lhe concedeu. Vai falar-lhe; através das rápidas brisas, leva-lhe a minha mensagem. Não foi um homem assim que sua mãe, a mais bela das deusas, nos prometeu e não foi para isso que ela o livrou, duas vêzes, das armas dos gregos; mas para que êle governasse a Itália grávida de impérios e a bradar por guerras; e propagasse a raça nascida do nobre sangue de Teucro e impusesse leis ao universo inteiro. Se não o incita a honra de tão grande destino, se não quer trabalhar para a sua própria glória, acaso vai privar da cidade de Roma o filho, Ascânio? Que planeja êle? Com que esperança permanece entre gente inimiga e não pensa nos campos de Lavínio e em seus descendentes itálicos? Que êle se ponha a navegar! Esta é a minha ordem, esta a minha mensagem.

Assim falara Júpiter. Mercúrio preparou-se para cumprir a ordem do grande pai: primeiro atou aos pés suas sandalias de ouro, cujas asas o levam pelos ares, sôbre as águas e a terra, rápido como o vento; depois tomou sua vara: com ela o deus evoca do Orco as pálidas almas e conduz outras para o triste Tártaro, concede e tira o sono, abre os olhos dos mortos; por meio dela movimenta os ventos e corta o céu nublado.

Êle se põe a voar e logo avista o cume e os escarpados flancos do vigoroso Atlante, que sustenta o céu sôbre a fronte,

de Atlante, cuja cabeça cercada de pinheiros e de sombrias nuvens, a chuva e o vento batem perpètuamente; e a neve que cai lhe cobre os ombros e, do queixo senil, correm torrentes de água, e o gêlo lhe endurece a rude barba. Aqui, librando-se nas asas, se deteve, pela primeira vez, o deus de Cileno; daqui, com tôda a fôrça, êle se lança em direção ao mar, tal como a ave que, ao longo das praias, em redor dos rochedos, voa baixo, quase a tocar as águas. Assim o filho do monte Cilene, deixando o avô materno, corta os ventos e voa, por entre o céu e a terra, para a costa arenosa da Líbia.

Apenas êle, com os seus pés alados, tocou os arrabaldes de Cartago, logo avistou Enéias, que se ocupava da construção de baluartes e de novos edifícios. Trazia uma espada cravejada de jaspe amarelado e dos ombros pendia-lhe um reluzente manto de púrpura tíria: eram presentes que lhe havia feito a rica Dido e ela própria bordara com fino ouro o pano. Sem delongas, o deus lhe vai dizendo:

— Tu agora, para agradar a espôsa, estás a colocar os alicerces da soberba Cartago e a erguer uma bela cidade? Ah! esqueceste o teu reino e o teu fado! O próprio rei dos deuses, cujo poder governa o céu e a terra, manda-me a ti, do luminoso Olimpo. Êle ordenou que eu, através das rápidas brisas, trouxesse esta mensagem: que planejas? com que esperança estás a perder tempo nas terras da Líbia? Se não te importa a honra do teu grande destino, se não queres lutar pela tua própria glória, pensa em Ascânio, que está crescendo, nas esperanças que se têm em Julo, teu herdeiro, a quem cabe o reino da Itália e o solo de Roma.

Assim disse Mercúrio e, enquanto falava, deixou a forma humana e se desvaneceu em tênue fumo. Enéias permaneceu calado, aturdido por aquela visão, com os cabelos hirtos de pavor, a voz prêsa à garganta. Assombrado ante tal advertência e tal ordem dos deuses, anseia por fugir e por deixar aquela boa terra. Mas, que fazer agora? com que palavras aproximar-se da apaixonada rainha? por onde começar? Sua alma divide-se então entre os mais diversos projetos, passa ràpidamente de um a outro, pensa em tudo; em sua hesitação,

parece-lhe ser êste o partido melhor: chama seus companheiros Mnesteu e Sergesto e o valente Seresto: que êles ocultamente aparelhem a esquadra, reúnam os troianos na praia, aprestem as armas e dissimulem a causa dêsses novos preparativos; êle, entretanto, como a excelente Dido nada sabe nem espera que seja rompido um afeto tão grande, procurará aproximar-se dela e ver qual seja o momento melhor para falar-lhe e a maneira correta de portar-se. Êles, alegres, obedecem de pronto e fazem o que lhes foi mandado.

A CÓLERA DE DIDO

A rainha, porém, percebeu o ardil. Quem poderá enganar uma mulher que ama? Ela é a primeira a adivinhar o que sucederia, ela, que tem receios mesmo quando tudo está seguro. Exatamente isto a impiedosa Fama diz à amante: que estão armando a esquadra e preparando a viagem. Fora de si, cheia de cólera, ela erra em delírio pela cidade tôda, tal qual uma bacante excitada ao ver passar os objetos do culto na ocasião das trienais orgias, quando a estimulam os gritos em honra de Baco e a atraem os clamores que se ouvem à noite no monte Citerão. Enfim, é ela quem procura Enéias:

— Além de tudo, pérfido, esperavas poder dissimular tão grande atrocidade e às ocultas partir de minha terra? O nosso amor e a aliança que fizemos não te retêm, nem a morte cruel da qual eu morrerei? Perverso! Tu preparas a esquadra embora seja inverno e tens pressa de ir para o alto mar apesar das procelas. Por que razão? Se não fôsses em busca de terras e de cidades estrangeiras, se a velha Tróia existisse ainda, tu navegarias para Tróia por entre tempestades? Queres fugir de mim? Por tua mão e pelas minhas lágrimas — pois a mim, infeliz, nada mais resta —, por aquela união que prenunciava o nosso casamento, se eu te fiz algum bem, se algum dia te fui agradável, tem pena desta casa que se arruína; e se ainda te importam meus pedidos, eu te suplico: abandona essa idéia! Por tua causa os povos da Líbia e os reis da Numídia me odeiam e os próprios tírios estão contra mim. Por tua causa,

também, perdi a minha honra e a antiga fama, que era bastante para erguer-me até o céu. Meu hóspede, — êste é o único nome que me resta do espôso! — a quem tu me abandonas quase morta? E por que vivo ainda ? Para que meu irmão me destrua as muralhas ou Iarbas me conduza como escrava à Getúlia? Se, pelo menos, antes dessa fuga me houvesses feito conceder um filho, se eu visse a brincar no palácio um pequeno Enéias que me lembrasse ao menos o teu rosto, eu não me sentiria inteiramente traída e abandonada!

Assim falou. E êle, com o pensamento na mensagem de Júpiter, tinha os olhos imóveis e lutava por conter em seu peito a emoção. Finalmente lhe disse estas poucas palavras:

— Rainha, podes enumerar tudo quanto te devo; eu nunca o negarei. E nem me cansarei de recordar-te enquanto de mim mesmo eu me lembrar, enquanto a alma governar meu corpo. Para me desculpar, dis-te-ei apenas isto: eu não quis enganar-te e fugir às ocultas. Não penses tal. Nunca te prometi os fachos nupciais e nem vim para isso. Se o fado permitisse que eu dispusesse a vida a meu arbítrio e arranjasse à vontade os meus encargos, eu gostaria de viver em Tróia, honrando as amadas relíquias dos meus; e o grande palácio de Príamo existiria ainda e eu próprio teria levantado para os vencidos uma nova Pérgamo. Agora, porém, Apolo de Grínia e os oráculos lícios me ordenaram que parta para a Itália. A Itália, êste é o meu amor, esta é a minha pátria! Se a ti, que és fenícia, detêm a vista da cidade líbia e os muros de Cartago, por que não queres que os troianos enfim se fixem na Ausônia? Também a nós é lícito ir procurar um reino em outras regiões. Quantas vêzes a noite cobre a terra com as úmidas sombras e se levantam os brilhantes astros, a tôrva imagem de meu pai, Anquises, me admoesta em sonhos e me aterra; admoesta-me ainda a lembrança de Ascânio e do dano que eu faço ao meu querido filho privando-o do reino da Itália e das terras a êle destinadas. Agora também o emissário dos deuses, mandado pelo próprio Júpiter (eu o juro por mim e por ti), trouxe-me, através das rápidas brisas, a sua mensagem. Eu mesmo vi o deus, no meio de um clarão, penetrar

na cidade e, com êstes ouvidos, escutei sua voz. Deixa de atormentar com as tuas queixas a mim e a ti; contra a minha vontade eu sigo para a Itália.

Enquanto êle falava, ela, desde o início, o olhava raivosa, com os olhos inquietos. Depois mediu-o de alto a baixo, em silêncio. E gritou-lhe furiosa:

— Pérfido! tu não tens uma deusa por mãe nem Dárdano por pai da tua raça! Gerou-te o áspero Cáucaso de duros rochedos e tigres da Hircânia te amamentaram. Por que disfarçar o que sinto? Que ofensa maior posso esperar? Êle se lamentou ao ver meu pranto? Êle me olhou? Acaso êle, abatido, chorou, teve pena da amante? Posso eu imaginar algo mais triste? Agora já nem a grande Juno e nem o Pai dos deuses me olham com piedade. Não se pode confiar em ninguém. Náufrago e indigente, eu o acolhi e, insensata, lhe dei parte no reino; reparei seus navios avariados, salvei da morte os homens. Ah! como isto me irrita! Agora, as respostas de Apolo, os oráculos lícios! E o mensageiro dos deuses, mandado pelo próprio Júpiter, traz pelos ares ordens terríveis! Com certeza os deuses do céu se dão a tal trabalho, tais cuidados perturbam seu repouso! Eu não te vou reter nem replicar-te. Vai, os ventos te levem para a Itália, busca através das ondas o teu reino. Mas, se os deuses justos têm algum poder, no meio de rochedos haverás de esgotar todos os sofrimentos e de chamar por Dido muitas vêzes. Distante, embora eu te acompanharei com as tochas fúnebres e, quando a fria morte tiver separado a minha alma do corpo, minha sombra estará em todos os lugares aonde fores. Pagarás o teu crime, perverso! E eu o saberei; esta notícia chegará até mim nas regiões infernais.

Dito isso, interompeu-se bruscamente e, esgotada, fugiu à luz do dia. Enéias, hesitante e receoso, dispunha-se a falar-lhe longamente; ela, porém, se foi, sumiu-se de seus olhos. As criadas a amparam, levam-na desmaiada para o quarto de mármore e a colocam no leito.

Mas o piedoso Enéias, embora desejasse ardentemente aliviar-lhe a dor e confortá-la, falar-lhe e afastar dela os pen-

samentos tristes, obedeceu, porém, ao mandado dos deuses e, por entre gemidos, a alma alquebrada pelo grande amor, voltou para junto da esquadra.

PREPARA-SE A PARTIDA

Os troianos, então, atiram-se ao trabalho e puxam para o mar os navios todos. Flutuam as quilhas untadas de pez; e êles, na ânsia de partir, fazem remos de galhos com folhagens, trazem madeira bruta das florestas. Ei-los que saem da cidade, acorrendo de todos os pontos. Parecem as formigas quando, prevendo o inverno, elas devastam grandes montes de trigo e os levam para casa: o exército negro avança pelos campos em estreitas fileiras e vai carregando, no meio das ervas, a sua prêsa; uma parte se esforça com os ombros e empurra enormes grãos; outra mantém o batalhão em linha, censura as que se atrasam e, no caminho inteiro, o trabalho fervilha.

Como sofria Dido ao ver tais cousas! Que gemidos soltava ao divisar, do seu alto palácio, o grande movimento pelas praias e todo o mar a encher-se de clamores! A que não impeles os peitos mortais, ó inclemente Amor! Excitada, ela chora de novo e de novo recorre a pedidos e curva ante o amor o orgulho suplicante; quer tudo experimentar a fim de que não lhe suceda morrer inùtilmente:

— Ana, vês como êles se apressam por tôda a praia? Vieram de tôda parte e se reuniram; as velas erguidas já esperam os ventos, marinheiros alegres já coroaram as pôpas. Eu contava com esta grande mágoa; saberei, minha irmã, suportá-la. Faze a esta infeliz apenas um favor: sòmente a ti aquêle perjuro queria bem e a ti confiava seus mais secretos pensamentos; só tu sabias como chegar a êle e quais os momentos favoráveis. Vai, minha irmã, e fala em tom de súplica ao soberbo inimigo: eu não jurei em Aulis, com os gregos, destruir os troianos, eu não mandei navios contra Pérgamo nem profanei as cinzas e os manes de Anquises, seu pai. Por que êle se nega cruelmente a ouvir minhas palavras? Para onde quer correr? Que êle conceda à infeliz amante esta última

graça: espere, para a fuga, a estação propícia e ventos favoráveis. Eu já não peço a nossa antiga união, que êle traiu, nem que êle se prive do belo Lácio e abandone o seu reino. Peço-lhe apenas uma curta demora, uma trégua, o tempo de acalmar minha paixão, até que o meu destino, após ter-me abatido, me ensine a sofrer. Tem pena de tua irmã. Esta é a última graça que lhe rogo; se êle ma conceder, com a minha morte eu lha hei de pagar sobejamente.

Ela assim suplicava; e a infeliz irmã leva e torna a levar a Enéias tais lamentos. Lamento algum, porém, o demoveu; não foi sensível a palavra alguma. O destino o impedia; um deus fechou os seus brandos ouvidos. Quando os ventos dos Alpes, soprando de todos os lados, disputam entre si a queda de um carvalho enrijecido pelos anos, zunem, sacodem o tronco, e a alta fronde vem cobrir a terra, mas a árvore apega-se aos rochedos, com a copa no céu e as raízes no Tártaro. Assim o herói era assaltado daqui e dali por contínuos pedidos e, em seu nobre coração, sentia dor profunda; sua mente, porém, continuava imutável e em vão suas lágrimas corriam.

Então a infeliz Dido, apavorada ante o triste destino que a espera, invoca a morte; não quer mais contemplar a abóbada celeste. Para que mais se firme no seu intento de deixar a vida, ela, ao colocar ofertas nos altares carregados de incenso, vê uma cousa terrível: as águas sagradas tornarem-se negras e, como um mau agouro, o vinho derramado se transformar em sangue. Não contou a ninguém o que vira; nem à sua própria irmã. Ainda mais: havia em seu palácio um santuário de mármore que ela venerava com um culto especial, ornando-o de fitas brancas e de sagrada folhagem: era consagrado ao seu primeiro espôso; dali, quando as trevas da noite envolviam a terra, parecia-lhe ouvir a voz de Siqueu a chamá-la. E muitas vêzes, na cumeeira da casa, um mocho solitário gemia como que num canto fúnebre, soltava longos gritos lamentosos. E qual uma terrível advertência, muitas profecias de antigos vates a amedrontavam. O próprio Enéias a atormentava cruelmente em sonhos; parecia-lhe sempre que, abandonada a si mesma, percorria um longo caminho e,

em terras desertas, procurava os seus tírios. Ela se assemelhava a Penteu, que, em delírio, via turbas de Fúrias e dois sóis e duas Tebas lhe aparecerem; assemelhava-se a Orestes, filho de Agamenão, quando em cena o perseguem e êle foge da mãe armada de tochas e de negras serpentes, enquanto no limiar estão sentadas as Fúrias vingadoras.

O PLANO FATAL

Quando, pois, vencida pela dor, Dido perdeu a razão e decidiu morrer, planejou ela própria, sòzinha, o modo e o tempo; e sem mostrar no rosto a sua resolução, como se uma esperança lhe serenasse a fronte, assim se dirigiu à sua triste irmã:

— Felicita-me, irmã: encontrei a maneira de reaver o amante ou livrar-me do amor. Nos confins do oceano, já onde o sol se põe, há uma extrema região, a dos etíopes; ali o enorme Atlante faz girar sôbre o ombro o céu cravejado de estrêlas brilhantes; foi-me indicada uma sacerdotisa vinda de lá, da raça dos massilos; ela era guardiã do templo das Hespéridas, vigiava os ramos da árvore sagrada e dava alimento ao dragão, espalhando-lhe em frente líquido mel e soporíferas sementes de papoula. Ela me assegura que pode, com os seus encantamentos, acalmar as almas que quiser, mandar a outras almas as duras provações, deter a água dos rios, fazer com que as estrêlas retrocedam, chamar de noite os manes. Verás como a terra muge debaixo de seus pés e os freixos silvestres descem das montanhas. Aos deuses e a ti, querida irmã, e à tua cabeça, que me é cara, tomo por testemunhas de que mau grado meu recorro às artes mágicas. Tu, em segrêdo, ergue até o céu, no pátio interno, uma pira sôbre a qual sejam postas as armas que aquêle homem ímpio deixou penduradas no quarto, e tôdas as suas vestes, e o leito nupcial no qual eu me perdi. Eu quero — e manda-me a sacerdotisa — destruir as lembranças dêsse maldito homem.

Dito isso, quedou-se em silêncio e a palidez cobriu-lhe o rosto. Ana, contudo, não pensou que nesse estranho sacrifício

sua irmã ocultasse os próprios funerais e nem imaginou uma paixão tão grande nem receou que houvesse algo mais grave do que na ocasião da morte de Siqueu. E preparou o que ela havia mandado.

A rainha, porém, quando no pátio interno se ergueu até o céu a enorme pira de pinho resinoso e de carvalho, adornou o lugar com guirlandas e fôlhas de cipreste; e colocou no alto, sôbre o leito, a imagem de Enéias, as roupas e a espada que êle havia deixado; ela sabia bem o que ia acontecer. Em redor se erguem os altares; e a sacerdotisa, com os cabelos soltos, por três vêzes invoca em voz alta inúmeros deuses, o Érebo, o Caos, a tríplice Hécate, os três rostos da virgem Diana. Ela havia espargido uma água que figurava a do Averno; e vai buscar peluginosas ervas cortadas ao luar por foices de bronze e cujo suco é um veneno terrível, e um afrodisíaco tirado da fronte de um poldro recém-nascido, arrebatado à mãe. Prestes a morrer, a própria Dido, junto dos altares, com a veste a sôlta e um dos pés descalços, tendo nas mãos piedosas a farinha sagrada, chama por testemunhas do seu triste destino os deuses e os astros. Então, se existe algum nome justo e lembrado que cuide dos amantes infelizes, ela o invoca.

Era noite e, na terra, os corpos cansados gozavam do plácido sono, as florestas e o mar impetuoso se tinham aquietado; era a hora em que o curso dos astros anda em meio, todo o campo se cala, os animais e as aves coloridas e tudo quanto habita as águas dos extensos lagos e as moitas da áspera mata, tudo dorme no silêncio da noite. Acalmam-se as penas, os corações se esquecem das fadigas. Mas não descansa a infeliz fenícia, não mais se entrega ao sono; seus olhos e seu peito não acolhem o repouso noturno: suas mágoas redobram, o amor surge de novo, enfurece e flutua no grande esto da cólera. Ela tem uma idéia fixa e a revolve em sua alma:

— Então, que hei de fazer? Devo buscar de novo os meus antigos pretendentes e tornar-me ridícula? Devo, suplicante, ir procurar maridos númidas, eu, que os rejeitei já tantas vêzes? Ou seguirei a esquadra dos troianos e, como escrava, obede-

cer-lhes-ei? Acaso êles não agradecem o auxílio que lhe dei? não guardam na memória a lembrança dos meus antigos benefícios? Mas suponhamos que eu o queira fazer; quem mo permitirá? quem há de receber nos soberbos navios uma mulher odiosa? Ah! tu não conheces, infeliz, tu ainda não sentiste a perfídia do povo de Laomedonte? E então? Sòzinha e fugitiva hei de acompanhar êsses navegadores triunfantes? ou irei rodeada dos tírios, com todos os meus homens? aquêles que eu a custo tirei de Sidon, levá-los-ei de novo para o mar, mandarei que de novo levantem as velas? É melhor que eu morra, pois que o mereci; que, com um ferro, me livre desta dor. Tu, ó irmã, tu, dominada pelas minhas lágrimas, lançaste êstes males sôbre a minha alma apaixonada e me entregaste ao inimigo. Por que não me foi dado levar uma vida sem culpa, livre do matrimônio, como as feras, e não experimentar tais sofrimentos? Por que eu não guardei, como havia prometido, fidelidade às cinzas de Siqueu?

A MALDIÇÃO

Tais lamentos rompiam do peito de Dido; enquanto isso, Enéias, já certo de partir, após ter tudo preparado, dormia na pôpa. Em sonho lhe aparece novamente, com o mesmo rosto, a figura do deus e o adverte ainda; em tudo se parece com Mercúrio: na voz, na côr, na cabeleira loura, no corpo jovem e belo.

— Ó filho de uma deusa, nesta situação tu podes conciliar o sono e não vês os perigos que se erguem ainda ao teu redor? Insensato, não ouves os ventos propícios que estão a soprar? Aquela mulher resolvida a morrer, medita ardis e um crime terrível e excita os estos da cólera. Por que não foges depressa enquanto o podes fazer? Daqui a pouco verás navios cartagineses agitarem o mar; verás brilhar fachos cruéis e tôda a costa em fogo se a Aurora te encontrar ainda nesta terra. Vamos, deixa-te de demoras. Cousa sempre mutável e inconstante é a mulher!

Assim falou e desapareceu na escuridão da noite. Enéias, aterrado por essa rápida visão, ergue-se do sono e apressa e estimula os companheiros:

— Homens, despertai e tomai vosso lugar nos bancos; erguei depressa as velas. Um deus enviado do alto céu me incita de novo a apressar a fuga, a cortar as amarras. Nós te seguimos, santa divindade, quem quer que tu sejas e, de bom grado, pela segunda vez cumprimos tua ordem. E tu, assiste-nos, sê benévolo, ajuda-nos e faze com que brilhem no céu estrelas favoráveis.

Assim disse e arrancou da bainha a fulgurante espada e cortou, com a lâmina, as amarras. Então o mesmo ardor se apodera de todos e, arrebatados, êles se lançam ao trabalho: afastam-se da costa e o mar desaparece, coberto pela esquadra; remando com fôrça, revolvem as ondas espumantes e sulcam as águas azuis.

E já a Aurora, deixando o leito púrpureo de Titono, começava a banhar com nova luz as terras. Quando, do alto do palácio, a rainha viu clarear a manhã e a esquadra avançar com as velas alinhadas e percebeu que as praias estavam desertas e o pôrto vazio, sem os remadores, muitíssimas vêzes golpeou com a mão o belo peito e arrancou os louros cabelos.

— Por Júpiter! — grita ela — êle se vai, então? o estrangeiro zombou da minha realeza? e os outros, de tôda a cidade, não aprestam as armas, não o perseguem, não tiram meus navios dos estaleiros? Ide, levai depressa o fogo, lançai dardos, remai! Mas, que digo? onde estou? que loucura transtorna o meu espírito? Pobre Dido! Agora percebeste a crueldade dêle? Seria bom que a tivesse percebido quando lhe entregavas os teus reinos! Eis a fidelidade e os juramentos do homem que — dizem — leva os pátrios Penates e carregou nos ombros o pai acabrunhado pelos anos! E eu não poderia tê-lo aprisionado, ter-lhe esquartejado o corpo e espalhado nas ondas os pedaços? não poderia ter matado com a espada os seus companheiros e o próprio Ascânio e tê-lo servido ao pai num banquete? Mas, nessa luta, o êxito seria duvidoso. Que o fôsse! Que deveria recear, já que hei de morrer? Pode-

ria ter pôsto fogo em seus navios, incendiado as toldas, destruído o pai, o filho e a raça inteira, e a mim mesma após êles... O Sol, que com teus raios iluminas tôdas as obras do mundo e tu, ó Juno, que és a mediadora e a testemunha destas paixões, ó Hécate, que à noite és invocada aos gritos nos trívios das cidades, ó Fúrias vingadoras, ó deuses que assistis a Dido moribunda, ouvi estas palavras e voltai para mim, na minha desventura, a vossa proteção, pois que eu a mereço, e escutai minhas preces. Se é forçoso que êsse maldito homem chegue a um pôrto, que alcance a terra, se assim o exigem os fados de Júpiter e êste têrmo é imutável, seja ao menos atacado na guerra pelas armas de um povo corajoso, seja expulso de seus territórios, arrancado ao carinho de Julo e peça, suplicante, algum auxílio e veja a horrível matança dos seus; e, depois de se ter sujeitado às leis de uma paz vergonhosa, não goze do reino e nem da vida desejada, mas morra antes do tempo e fique insepulto na areia. É isto o que eu desejo, êste é o último voto que me sai, com o meu sangue. E vós, ó tírios, com o vosso ódio persegui a sua raça e tôda a descendência dos troianos e enviai às minhas cinzas esta dádiva. Que nenhuma amizade ou aliança haja entre os nossos povos. Dos meus restos mortais se erga um vingador, o qual, com ferro e fogo, acosse os colonos troianos, agora e no futuro e sempre que possível. Praias inimigas, mares inimigos, armas inimigas, eis meus votos; combatam êles próprios e os seus descendentes!

A MORTE DE DIDO

Assim fala e não fixa em nada o pensamento e quer, o quanto antes, pôr têrmo à odiosa vida. Então dirige-se a Barce, a ama de Siqueu, pois que a sua jaz sepultada na antiga pátria. E lhe diz brevemente:

— Cara ama, vai chamar minha irmã: dize-lhe que depressa se purifique com água corrente e traga consigo as vítimas e as oferendas que me foram prescritas para a expiação. Que ela venha assim preparada; e tu, também, cinge a

tua fronte com a sagrada fita. Desejo terminar o sacrifício a Júpiter Estígio, cujos preparativos eu comecei segundo o rito, e pôr um têrmo a êstes sofrimentos e queimar sôbre a pira a imagem do troiano.

Assim falou; e a ama, zelosa, apressava seu passo senil. Entretanto, agitada e selvagem em seu terrível plano, Dido revolve os olhos injetados de sangue, as faces a tremer, salpicadas de manchas, mostrando a palidez da morte próxima; corre para o interior da casa e, em delírio, galga os degraus da alta pira, desembainha a espada de Enéias, presente que ela havia desejado mas não para êste fim. Olhou as vestes troianas e o conhecido leito, demorou-se um momento a chorar e a lembrar-se; atirou-se depois sôbre a cama e disse estas palavras derradeiras:

— Vestes que me foram caras enquanto o destino e os deuses permitiram, recebei minha alma e libertai-me dêstes sofrimentos. Acabei minha vida; cheguei ao têrmo do caminho que a sorte me traçou e agora a minha grande sombra descerá sob a terra. Fundei uma cidade magnífica, vi as minhas muralhas, vinguei meu marido e puni meu irmão e inimigo; e seria feliz muitíssimo feliz, se jamais os navios troianos houvessem alcançado as nossas praias.

E tendo assim falado, colou no leito o rosto.

— Morrerei sem vingança — disse ainda —. Pois seja assim; assim mesmo me agrada descer às sombras. Do alto mar, o impiedoso troiano contemple êste fogo e leve consigo o mau presságio da minha morte.

Em meio a tais palavras, as criadas a vêem cair sob o golpe da espada, vêem o sangue espumar sôbre a arma e lhe banhar as mãos. Levanta-se um clamor no alto átrio. A Fama vagueia, qual uma bacante, através da cidade tomada de horror. Lamentos, gemidos, gritos feminis ressoam pelas casas; no céu retumba alarido tão grande como se Cartago ou a antiga Tiro ruísse inteiramente, ou chamas furiosas se agitassem pelos tetos dos homens e dos deuses.

A irmã o escutou; trêmula, apavorada, ferindo o rosto com as unhas e o peito com os punhos, ela se precipita, em

nervosa carreira, por entre a multidão, e chama pelo nome a moribunda:

— Então era isto, minha irmã? Estavas-me enganando? Era isto o que me preparavam os fogos, os altares e esta pira? Tu me deixaste só. Que é mais triste? Haveres desprezado na morte a companhia da tua irmã? Oxalá me tivesses chamado a partilhar do teu destino: o mesmo golpe, a mesma hora teria levado a ambas. Ou ter eu, com as minhas próprias mãos, levantado esta pira e, com a minha voz, chamado os deuses pátrios e depois me ausentado, cruel, no momento em que aí te colocavas? Tu, minha irmã, mataste a ti e a mim e ao teu povo e aos ancestrais sidônios e à tua cidade... Deixai que eu lhe lave as feridas e, se um sôpro de vida paira ainda em seus lábios, que o meu beijo o recolha.

Assim tendo falado, subiu os altos degraus; e, abraçando a irmã quase morta, a aquecia em seu peito e gemia e enxugava com a veste o negro sangue. Dido esforçou-se por levantar os olhos pesados e desmaiou de novo; em seu peito, a profunda ferida sibilava, a sangrar. Três vêzes, apoiando-se no braço, ela se ergueu; três vêzes tombou sôbre o leito e, com os olhos incertos, buscou no alto a luz do céu e gemeu por havê-la encontrado.

Então a onipotente Juno compadeceu-se daquele longo sofrimento, daquela penosa agonia; e enviou, do Olimpo, Íris para que libertasse dos vínculos do corpo a alma em luta. Pois, como não perecia de morte natural ou por castigo mas, na sua desgraça, impelida por súbita loucura, morria antes do tempo, Prosérpina ainda não lhe havia tirado da loura cabeça o cabelo fatal e nem a condenara ao Orco Estígio. Íris, portanto, com as asas de açafrão cheias de orvalho, trazendo pelo céu, sob os raios do sol, mil variegadas côres, desce voando e paira sôbre Dido:

— Eu recebi a ordem de levar a Plutão seu sagrado tributo e te liberto dêsse corpo.

Assim falou e, com a mão direita, arrancou-lhe o cabelo; ao mesmo tempo, todo o calor do corpo se esvaiu e a vida extinguiu-se nos ares.

LIVRO V

A VIAGEM CONTINUA

Enéias, entretanto, seguro de seu rumo, fazia-se ao largo com a esquadra e, enquanto cortava as ondas, que o sôpro do Aquilão enegrecia, contemplava as muralhas de Cartago, já iluminadas pelas chamas da infeliz rainha. Não se sabia a causa da enorme fogueira; sabia-se, porém, quão duro é o sofrimento de um grande amor traído e do que é capaz uma mulher fora de si; e, no íntimo, os troianos concebiam tristes pressentimentos.

A HOMENAGEM A ANQUISES

Quando os navios chegaram ao alto mar e não se via mais nenhuma terra e tudo em volta era água e céu, sôbre a cabeça dêles se deteve sombria nuvem, trazendo escuridão e tempestade e, nas trevas, as ondas se encresparam. O próprio pilôto Palinuro gritou da alta pôpa:

— Ai! por que motivo estas nuvens pesadas envolveram o céu? que estás preparando, ó deus Netuno?

Mandou então que remassem com fôrça e amainassem as velas a fim de as colocar, oblíquas, contra o vento; e assim falou:

— Ó nobre Enéias, mesmo que Júpiter mo assegurasse, eu não esperaria chegar à Itália com êste tempo. Os ventos mudaram e sopram de lado, vindos do escuro poente, e o ar se torna denso e nublado. Nós não somos capazes de resistir nem de fazer um esfôrço tão grande. O Acaso é mais forte do que nós; obedeçamos, pois, e voltemo-nos para onde nos chama. Se bem me lembro e reconheço os astros, que já observei, creio não estarem longe as praias seguras de teu irmão Érix e os portos da Sicília.

O piedoso Enéias respondeu:

— Há muito tempo eu vejo que assim exigem os ventos e tu inùtilmente procuras resistir-lhes. Muda de direção. Alguma terra me pode ser mais grata do que essa, onde se encontra o troiano Acestes e onde estão sepultados os ossos de meu pai? onde eu poderia preferir que os cansados navios aproassem?

Dirigem-se então para o pôrto e ventos favoráveis lhes enchem as velas; a esquadra é velozmente conduzida por sôbre o mar e, alegres, abordam afinal às conhecidas praias.

De longe, Acestes vê admirado a chegada dos navios amigos e, do alto do monte, corre para êles; os dardos e a pele de uma ursa líbia davam-lhe um aspecto selvagem. Era filho de uma mulher troiana e do rio Criniso; lembrado de seus ancestrais, felicita os troianos que voltam, recebe-os alegre no seu agreste domínio, como amigo os socorre e abranda-lhes o cansaço.

Logo que, no oriente, o primeiro clarão do novo dia expulsou as estrêlas, Enéias chamou de tôda a praia os companheiros para uma assembléia e falou-lhes do alto de um outeiro:

— Ó grandes descendentes de Dárdano, nascidos do nobre sangue dos deuses, os meses passaram e completou-se um ano desde que sepultamos os restos mortais de meu divino pai e lhe consagramos os altares fúnebres. Se não me engano, êste é o dia que será para mim sempre triste e sempre celebrado. Assim quiseste, ó deuses! Mesmo se estivesse exilado nas getúlias Sirtes ou em Micenas, aprisionado no mar Egeu, cada ano eu faria os meus sacrifícios e a solene procissão, conforme o rito, e cobriria os altares com as devidas oferendas. Mas agora estamos junto às cinzas e aos ossos de meu pai e creio que não foi sem o desígnio dos deuses que os ventos nos trouxeram a êste pôrto amigo. Vamos, pois! Celebremos todos um solene sacrifício: peçamos-lhe ventos favoráveis e que êle conceda possa eu, após ter fundado a minha cidade, oferecer-lhe cada ano sacrifícios como êste, nos templos a êle dedicados. Acestes, que é de origem troiana, vos dá dois bois para cada navio; chamai para o banquete os pátrios Penates e aquêles que Acestes, o nosso hospedeiro, cultua. Depois,

quando a Aurora do nono dia mostrar aos homens a benfazeja luz e iluminar a terra com seus raios, proporei jogos aos troianos: primeiro uma corrida de barcos; depois, quem é bom corredor, quem confia em sua fôrça e excele no atirar os dardos e as ligeiras flechas ou julga-se capaz de lutar com o duro cesto, apresentem-se todos e aspirem aos prêmios da vitória. Guardai silêncio e cingi vossas frontes com ramos.

Tendo assim falado, velou a fronte com o materno mirto. Hélimo, o velho Acestes e o pequeno Ascânio fazem o mesmo; e os outros jovens imitam Ascânio. Da assembléia, com milhares de homens, Enéias se dirige para o túmulo, rodeado pelo grande cortejo. Ali, segundo o rito das libações, derrama sôbre a terra dois copos de vinho puro, dois de leite fresco, dois de sangue das vítimas, e atira flôres de côres vivas. E assim diz:

— De novo eu te saúdo, ó meu divino pai, eu vos saúdo, ó alma, ó sombra, ó cinzas do meu progenitor, que eu salvei em vão! Não me foi permitido procurar contigo as terras da Itália, os campos que o destino me reserva e êsse Tibre da Ausônia.

Assim falara Enéias e eis que lustrosa serpente saiu das profundezas do sepulcro, arrastando, enorme, em sete curvas, seus sete anéis; e enlaçou tranqüilamente a tumba e deslizou no meio dos altares. Tinha nas costas manchas azuladas e um brilho dourado fazia reluzir as suas escamas; era como o arco-iris, que, sob os raios do sol, lança nas nuvens mil variedas côres. Pasmou Enéias ante essa visão. O réptil, por fim, serpeando devagar por entre os vasos e os polidos copos, provou os alimentos e, inofensivo, deixou as oferendas delibadas e voltou para o fundo do sepulcro.

Ante êste augúrio, Enéias recomeçou com mais ardor o sacrifício em honra de seu pai, pensando que o réptil seria o Gênio daquele lugar ou um mensageiro de Anquises. Imola, segundo o costume, duas ovelhas de dois anos, dois porcos e dois novilhos de negro dorso; e despeja o vinho dos vasos e invoca a alma do grande Anquises e seus manes saídos do Aqueronte. Também os companheiros, cada qual segundo as

suas posses, de boa vontade trazem oferendas, que enchem os altares, e imolam novilhos; outros colocam em ordem os vasos de bronze e, ajoelhados na relva, lançam brasas por baixo dos espetos e assam a carne.

O CERTAME NAVAL

O dia esperado chegara e já os cavalos do Sol conduziam, com luz serena, a nova Aurora. A notícia dos jogos e o nome do ilustre Acestes atraíram os povos vizinhos. Em alegre reunião, enchem as praias, curiosos de ver os companheiros de Enéias e alguns dispostos a também tomar parte no certame. Primeiro colocam-se diante dos olhos, no meio do circo, os prêmios destinados aos vencedores: trípodes sagradas, verdes coroas e palmas, armas e vestes de púrpura, um talento de prata e um de ouro; e no centro, de uma elevação, a trombeta anuncia o início dos jogos.

Quatro naves iguais, escolhidas de tôda a esquadra, começam a disputa com os pesados remos. Mnesteu conduz, com fortes remadores, a veloz «Baleia»; Mnesteu, que em breve será italiano e dará o nome aos Mêmios. Gias conduz a enorme «Quimera» de enorme volume, que parece uma cidade; e os jovens troianos a impelem dispostos em tríplice fila, nas três erguendo ao mesmo tempo os remos. O grande «Centauro» leva Sergesto, do qual tira seu nome a casa Sérgia. E «Cila», côr do mar, leva Cloanto, do qual descende o romano Cluêncio.

Ao longe, no mar, defronte da espumosa praia, há um rochedo que as ondas por vêzes cobrem e golpeiam quando os ventos do inverno ocultam nas nuvens os astros; com o mar tranqüilo, queda-se silencioso e se eleva como uma plataforma entre as águas imóveis, lugar muito agradável para os mergulhões tomarem sol. Ali o nobre Enéias estabeleceu uma meta de verdes e frondosos ramos de carvalho, um sinal para os navegantes, de onde deveriam voltar após contorná-lo num largo circuito. Tiram à sorte os lugares e, nas pôpas, os próprios comandantes refulgem ao longe, ornados de ouro e púrpura. Velam-se os outros jovens com coroas de choupo; brilham, untados de óleo, com os ombros nus. Sentam-se nos bancos, os braços estendidos para os remos. Atentos, esperam o sinal; a ânsia que os faz vibrar e o ardente desejo de glória consomem os palpitantes corações. Quando a trombeta soltou seu claro som, todos, sem demora, lançaram-se da linha de partida; gritos de marinheiros ferem o céu, movem-se os braços, e as águas batidas espumam. Abrem sulcos iguais e todo o mar se fende, cortado pelos remos e pelos tridênteos esporões. Não são tão velozes os carros na corrida de bigas, quando saem das barreiras e se arremessam e devoram o espaço, nem mais ardentes os cocheiros quando, postos os cavalos a correr, acodem as rédeas sôltas e pendem para a frente, inclinados a fim de os chicotear. Então os aplausos e os gritos dos homens e os votos dos partidos repercutem por todo o bosque que cerca a praia, onde ecoa o ruído, e o clamor ressoa, abalando as colinas. Gias passa os demais e corre à frente, em meio aos aplausos da turba. Cloanto o segue; tem melhores remos, mas o pêso do barco o torna lento. Atrás, a igual distância, a «Baleia» e o «Centauro» disputam o terceiro lugar; e ora a «Baleia» o obtém, ora, vencida, é ultrapassada pelo enorme «Centauro», ora correm juntos e, lado a lado, suas longas quilhas sulcam as águas salgadas. E já se aproximavam do rochedo e atingiam a meta, quando Gias, que ia à frente, vencedor da metade da corrida, interpelou Menetes, seu pilôto:

— Para onde me levas afastando-te tanto à direita? Dirige-te para ali; passa rente ao rochedo, deixa que, à esquerda, os remos o toquem. Que os outros vão pelo alto mar.

Assim falou; Menetes, porém, temendo ocultos escolhos, desviou a proa para o largo.

— Menetes — chamou de novo Gias com grandes gritos —, onde vais? Por que te afastas? Dirige-te aos escolhos!

Vê então Cloanto que se aproxima e já o alcança. Êste, mais para dentro, resvala à esquerda entre a nave de Gias e os sonoros rochedos e, de repente, deixa atrás o primeiro, passa a meta e ganha o mar aberto. Violenta cólera ardeu no coração do jovem Gias, as lágrimas correram por suas faces; esque-

ceu o decôro e a segurança dos seus companheiros e, do alto da pôpa, jogou no mar, de cabeça para baixo, o lento Menetes. Êle próprio tomou o leme, fêz-se pilôto, exortou seus homens e voltou a barra para o lado da terra. Entretanto, Menetes, que a idade e o pêso da roupa molhada tornavam moroso, a custo emergiu e escalou o rochedo e sentou-se sôbre a pedra sêca. Riram os troianos vendo o cair e debater-se; riram ao vê-lo vomitar a água salgada.

Brilhou então para os dois últimos, Sergesto e Mnesteu, uma doce esperança de vencer Gias assim retardado. Sergesto toma lugar à frente e aproxima-se do rochedo mas não ultrapassa o rival com todo o navio; fá-lo em parte: o esporão da «Baleia» alcança a sua pôpa. Mnesteu, entretanto, andando pelo meio do navio, por entre os companheiros, assim os exorta:

— Vamos, vamos, remai com fôrça, companheiros de Heitor, que, no último dia de Tróia, escolhi como meus. Mostrai agora aquêle vigor, aquela coragem que tivestes nas Sirtes da Getúlia, no mar Jônio e nas ameaçadoras águas do Málea. Mnesteu já não busca o primeiro lugar; não luto por vencer, mas como gostaria! Vençam aquêles aos quais tu, Netuno, o concedeste. É, porém, vergonhoso chegar por último; conseguí isto ao menos, companheiros: afastai de vôs essa vergonha!

Êles, num último esfôrço, curvam-se sôbre os remos; e, sob os grandes golpes, treme a pôpa de bronze, desaparece o mar. O ofegante respiro sacode-lhes os membros e seca-lhes a bôca; por todo o corpo o suor lhes corre em bica. O próprio acaso lhes oferece a desejada glória. Pois quando Sergesto, mais para dentro, em seu ardor impele a proa na direção das pedras e avança pelo estreito espaço, o infeliz fica prêso às pontas do rochedo. Abalam-se as rochas, estalam os remos de encontro às agudas pontas, a proa se choca e fica suspensa. Os marinheiros param e se erguem, fazendo um grande clamor; tiram croques e varas guarnecidas de ferro e recolhem do mar os remos quebrados. Entretanto, o feliz Mnesteu, que o sucesso tornou mais ardoso, com o movimento rápido dos remos e os ventos por êle invocados, ganha o mar livre e corre fàcilmente. Quando uma pomba que tem sua casa, seu doce ninho, na

escura cavidade de uma rocha, sùbitamente expulsa voa para os campos, ela sai assustada, batendo fortemente as asas; mas, logo que desliza pelo ar tranqüilo, avança lenta no límpido céu e já não move as asas velozes; assim Mnesteu, assim a «Baleia» fende, na carreira, as últimas vagas, assim, levada por seu próprio impulso, ela vai a voar. E primeiro deixa atrás Sergesto, que luta por livrar-se do alto rochedo e das estreitas passagens e em vão pede auxílio e procura avançar com os remos quebrados; alcança depois o próprio Gias e a enorme «Quimera», que se deixa passar, pois ficou sem pilôto. E agora só Cloanto, já no fim da carreira, o está vencendo; procura alcançá-lo e, com tôdas as fôrças, o persegue. Redobra a algazarra e todos, com seus votos, encorajam o perseguidor; e os gritos reboam no ar. Cloanto e os seus ficam indignados ante a idéia de perder a glória que já julgavam sua e a honra que tinham obtido; e dariam, pela vitória, a própria vida. O sucesso os anima: êles podem porque crêem poder. E talvez os dois navios, postos lado a lado, ganhassem o prêmio, se Cloanto não se abrisse em preces e, estendendo as duas mãos para o mar, não invocasse os deuses com promessas:

— Ó deuses que tendes o govêrno do mar cujas águas percorro, se eu vencer, prometo colocar ante os vossos altares, na praia, um touro branco; e lançarei as vísceras nas salgadas ondas e derramarei o vinho das libações.

Assim falou e, no fundo das águas, o ouviram o côro das Nereidas e de Forco e a virgem Panopéia; e o próprio deus Portuno, com sua mão poderosa, o impeliu. Mais rápido que o vento e que uma alada flecha, o navio correu para a terra e entrou até o fundo do pôrto.

Então o filho de Anquises, tendo chamado, segundo o costume, todos os participantes da corrida, através de um arauto declara Cloanto vencedor e lhe coroa a fronte com verdes louros. Como recompensa, deixa que escolham, para cada navio, três novilhos e levem vinho e um grande talento de prata; e acrescenta, para os comandantes, os prêmios melhores: para o vencedor, uma clâmide bordada de ouro, em volta da qual a rica púrpura melibéia corre em duplo meandro.

Ali tecido via-se o jovem príncipe a perseguir com dardos, nas florestas do Ida, os velozes veados; parecia ofegante; e, do Ida, o arrebata a ave que leva as armas de Júpiter e o conduz pelos ares nas suas curvas garras: em vão seus velhos guardiães estendem as mãos para o céu e o ladrar dos cães se levanta furioso. E àquele que, por seu valor, obteve o segundo lugar, Enéias dá, para ornamento e defesa nas lutas, uma couraça tríplice, tecida com finas malhas de ouro, a qual êle próprio tomara a Demóleo quando o vencera sob os altos muros de Tróia, junto do rápido Simoente. Os criados Fegeu e Ságaris a custo carregavam nos ombros a grossa couraça; mas outrora, vestido com ela, Demóleo perseguia, a correr, os troianos desgarrados. Ao terceiro, Enéias dá duas bacias de bronze e copos de prata com figuras em relêvo. E todos, orgulhosos dos prêmios, as frontes cingidas por fitas côr de púrpura, já se iam, quando Sergesto, tendo-se libertado com grande habilidade, mas não sem pena, do terrível rochedo, perdidos muitos remos, privado de tôda uma ordem de remadores, conduzia sem glória, por entre as risadas, o seu navio. Como muitas vêzes uma serpente surpreendida de través sôbre a via é atropelada pelas rodas de bronze de um carro, ou um viandante, com violenta pedrada, deixa-a ferida e semimorta e ela em vão, fugindo, dá longas voltas com o corpo, e uma parte continua feroz, com os olhos ardentes, erguendo, soberba, a sibilante cabeça, mas a outra parte, mutilada pela ferida, a retém e é inútil o esfôrço de apoiar-se em seus nós, de se dobrar sôbre si mesma — assim, com os remos quebrados, o navio se movia lentamente. Ergueu, porém, as velas e, com as velas cheias, entrou no pôrto. Alegre por se ter conservado o navio e estarem de volta os companheiros, Enéias oferece a Sergesto a recompensa prometida: dá-lhe uma escrava hábil nos trabalhos de Minerva, a cretense Fóloe, com dois filhos de peito.

A CORRIDA

Terminada esta competição, o piedoso Enéias dirigiu-se para um campo coberto de relva e cercado de todos os lados

por colinas arqueadas e selvosas; no meio, o vale formava uma arena de anfiteatro. Para ali o herói se dirigiu, rodeado por uma grande comitiva, e sentou-se sôbre uma elevação. E, prometendo prêmios, incitou aquêles que quisessem tomar parte na rápida corrida e expôs as recompensas. De tôda a parte correm, misturados, homens de Tróia e da Sicília e, em primeiro lugar, Niso e Euríalo; Euríalo, notável pela beleza e pela florescente mocidade; Niso, por sua pura afeição para com aquêle jovem. Seguiu-os o príncipe Diores, da ilustre estirpe de Príamo. Depois, Sálio e Patro, um dos quais era acarniano e o outro, árcade, de uma família tegéia. Depois, dois jovens sicilianos, Hélimo e Pánopes, habituados às selvas, companheiros do velho Acestes. E muitos outros, cujo nome obscuro jaz esquecido. No meio dêles, Enéias assim falou:

— Ouvi estas cousas, prestai-me muita atenção: nenhum de vós irá embora sem um presente meu. A cada um darei dois brilhantes dardos cretenses de ferro polido e um machado de dois gumes com entalhes de prata. Esta será a recompensa comum a todos. Outros prêmios terão os três primeiros e coroarão suas frontes com a clara folhagem da oliveira. O vencedor receberá um cavalo ornado de fáleras; o segundo, uma aljava de amazona cheia de flechas trácias, contornada por um largo boldrié de ouro e prêsa em baixo por uma fivela de gema polida; o terceiro ir-se-á satisfeito com êste elmo grego.

Assim falou. E êles tomam seus lugares e, ouvido o sinal, imediatamente deixam a barreira, devoram o espaço, espalham-se como uma nuvem, olham todos para a meta. Niso é o primeiro que se afasta do grupo e brilha ao longe, diante de todos aquêles corpos nus, mais rápido que os ventos e que as asas do raio. O mais próximo dêste, mas com grande intervalo, é Sálio. Euríalo é o terceiro. Hélimo segue Euríalo, atrás do qual Diores corre; pende-lhe sôbre o ombro e os pés de ambos se chocam; e, se houvesse mais espaço, êste, deslizando para a frente, passaria o outro ou deixaria a vitória indecisa. E, já quase no fim da pista, chegavam cansados ao têrmo da corrida, quando Niso, infeliz, escorregou no sangue, pois casualmente aí se derramara o sangue dos novilhos imo-

lados, o qual banhara a terra e as verdes ervas. O jovem, já vencedor e triunfante, não pôde firmar no solo os pés, que vacilavam, e caiu para a frente, na imunda lama e no sagrado sangue. Não se esqueceu, porém, do seu querido Euríalo: ergueu-se escorregando e opôs-se a Sálio; e êste também caiu estendido na areia viscosa. Salta Eurialo e, graças ao amigo, toma a dianteira e voa, sob os aplausos e as aclamações. Em seguida vem Hélimo e a terceira palma pertence a Diores.

Então Sálio enche com seus gritos todo o enorme anfiteatro e reclama diante dos chefes, que se sentam nos primeiros lugares, a glória que lhe fôra roubada por fraude. O favor da platéia protege Eurialo, protegem-no suas belas lágrimas, pois o valor agrada mais quando se apresenta num corpo bonito. Diores o secunda e o apoia em altas vozes, pois ter-se-á apenas aproximado da vitória e em vão chegado em terceiro lugar se o primeiro prêmio fôr dado a Sálio. O chefe Enéias então lhes diz:

— Vossos prêmios, ó jovens, vos estão assegurados e ninguém mudará a ordem da vitória. Seja-me, porém, permitido compadecer-me da infelicidade de um amigo que não a mereceu.

Assim falou e deu a Sálio a enorme pele de um leão getulo, de denso pêlo e unhas douradas. Niso então diz:

— Se tão grandes são as recompensas dos vencidos e tu te compadeces dos que caem, que justo prêmio darás a Niso? Pois mereci com o meu valor o primeiro lugar e o teria obtido se a sorte não houvesse zombado de mim, como de Sálio.

Assim falando, mostrava o rosto e os membros sujos de úmida lama. O excelente chefe lhe sorriu e mandou buscar um escudo, obra de arte de Didimão, que os gregos haviam arrancado ao templo de Netuno; e o dá, como belo presente, ao distinto jovem.

O PUGILATO

Terminada a corrida e distribuídos os prêmios, Enéias diz:

— Agora, se alguém tem no peito valor e coragem, que se apresente e erga os braços com os cestos atados às mãos.

Assim diz e expõe os prêmios do combate: para o vencedor, um novilho cingido de fitas de ouro; como consolação para o vencido, uma espada e um belo capacete. Não há demora; imediatamente, com sua imensa fôrça, apresenta-se Dares, que se levanta entre um murmúrio de admiração; era o único que costumava medir-se com Páris; e foi êle também que, junto ao túmulo onde repousa o grande Heitor, derrubou o enorme Brutes, até então vitorioso, o qual se apresentava como descendente da família do brebício Ámico, e o estendeu moribundo sôbre a fulva areia. Foi êsse Dares o primeiro que ergueu a altiva cabeça, disposto a combater, e ostentou os largos ombros e desdobrou os braços e os lançou, um após o outro, golpeando com seus sôcos o ar. Procura-se outro que se oponha a êle; mas ninguém, em tão grande assembléia, ousa armar as mãos com os cestos e enfrentar tal homem. Êle, portanto, alegre, julgando que todos renunciavam à disputa, fica parado aos pés de Enéias e, sem esperar mais, com a mão esquerda toma o touro pelo chifre e assim diz:

— Ó filho de uma deusa, se ninguém ousa entregar-se ao combate, por que eu ficar aqui? Até quando devo esperar? Manda que eu leve o prêmio.

Erguem-se murmúrios de aprovação e todos os troianos pedem que lhe seja entregue a recompensa prometida. Então Acestes censura àsperamente a Entelo, pois se sentara junto dêle sôbre um leito de verdejante erva:

— Entelo, debalde fôste outrora o mais valente dos heróis. Podes tu suportar que se leve sem luta recompensa tão bela? Onde está agora o nosso deus, aquêle Érix que tu em vão dizes ser o teu mestre? Onde a fama espalhada por tôda a Sicília e os troféus que pendem do teu teto?

— Não — responde êle —, o mêdo não me fêz perder o gôsto do louvor e o desejo de glória; mas a velhice me entorpece e gela-me o sangue; no corpo enlanguecem as fôrças exaustas. Se eu tivesse agora a juventude que torna êsse impudente orgulhoso e confiante, não seria por causa do prêmio e do belo novilho que eu iria à luta; eu não faço questão de recompensas.

Tendo assim falado, lançou no meio do circo dois cestos de enorme pêso com os quais o valoroso Érix costumava armar os braços quando ia às lutas. Pasmaram-se todos: enormes couros de sete grandes bois os reforçavam, cosidos com ferro e chumbo. Mais do que todos, o próprio Dares fica pasmado, e, de longe, os recusa; e o generoso filho de Anquises vira de um lado e de outro aquêle pêso, desenrola as enormes correias. e o velho então prossegue:

— Que seria se vôs tivésseis visto os cestos com que se armou o próprio Hércules e o funesto combate que se travou nesta mesma praia? Teu irmão Érix, ó Enéias, tinha então cérebro; com elas enfrentou o grande Hércules. Com elas eu próprio costumava lutar quando um sangue melhor me dava fôrças e a velhice inimiga ainda não havia encanecido aqui e ali as minhas têmporas. Mas já que o troiano Dares não aceita que eu use estas nossas armas, se assim apraz ao piedoso Enéias e o aprova Acestes, que me instiga a lutar, igualemos as fôrças. Eu renuncio aos cestos de Érix, não tenhas mêdo; e tu, descalça os cestos troianos.

Tendo assim falado, deixou cair dos ombros o grosso manto e descobriu os grandes membros, os braços, os fortes ossos e se postou, enorme, no meio da arena. Então o divino filho de Anquises tomou dois cestos iguais e atou às mãos de ambos armas idênticas. Êles logo se aprumam, erguidos nas pontas dos pés, e levantam, sem mêdo, os braços para o céu. Afastam para trás a cabeça erguida, a fim de evitar os golpes; as mãos se misturam, a luta começa. Um tem o pé mais ágil e confia na sua mocidade. O outro é forte, com os seus grandes membros; treme, porém, seus joelhos frouxos vacilam e uma respiração penosa sacode-lhe o enorme corpo. Em vão os dois homens trocam muitos golpes e os reiteram sôbre os cavos flancos, os peitos ressoam, as mãos passam freqüentes em redor das orelhas e das têmporas e, sob os duros sôcos, os queixos estalam. O pesado Entelo mantém-se firme na mesma postura e, de olhos vigilantes, evita os golpes com um simples desvio; Dares, como quem ataca uma alta cidade com máquinas de guerra ou sitia uma fortaleza situada sôbre um

monte, tenta ora um ora outro acesso, percorre com astúcia o lugar todo e investe com assaltos vários e impotentes. Entelo mostrou a dextra ameaçadora e ergueu-a bem; o ágil Dares previu o golpe que vinha do alto e o evitou desviando-se ràpidamente; a fôrça de Entelo perdeu-se no ar e êle próprio, pesado, caiu fortemente ao chão com seu enorme corpo, tal qual às vêzes cai, no Erimanto ou no grande Ida, um pinheiro oco e desarraigado. Erguem-se os troianos e os jovens da Sicília; paixões diversas os excitam e os gritos sobem até o céu. Acestes é o primeiro que acorre e, condoido, ergue da terra o amigo e coetâneo. Mas a queda não detém nem amedronta o herói, que volta à luta com mais ardor, pois a ira o estimula. O brio e a consciência do seu valor lhe despertam as fôrças, e êle persegue Dares e o faz fugir precipitadamente por tôda a arena, reiterando seus golpes ora com a mão direita ora com a esquerda. Não lhe dá trégua nem repouso. Como uma grande chuva de pedras crepita nos telhados, assim o herói, sem se deter, desfecha, com uma e outra mão, serrados golpes e faz Dares voltear. Então o paternal Enéias não permitiu que a cólera de Entelo fôsse mais longe nem que êle, em sua ira, fizesse crueldades; pôs fim à luta e tirou-lhe das mãos o exausto Dares, consolando-o com estas palavras:

— Infeliz, que loucura tão grande se apossou da tua alma? Não sentes que a tua fôrça já não é a mesma e que os deuses se voltam contra ti? Cede à divindade.

Assim dizendo, separou, com suas palavras, os dois lutadores. Amigos fiéis levam Dares para os navios; êle arrasta os joelhos feridos, balança a cabeça e solta pela bôca escuro sangue e, com o sangue, os seus dentes. A chamado de Enéias, os amigos de Dares recebem a espada e o capacete, deixando para Entelo a palma e o touro. Então o vencedor, com a alma a transbordar, orgulhoso do prêmio, assim falou:

— Ó filho de uma deusa, e vós, ó troianos, vêde estas cousas e sabei que fôrça eu tive no corpo quando era jovem e de que morte arredastes e livrais Dares.

Assim diz e, detendo-se diante do touro que ali estava em pé, como prêmio da luta, afasta para traz a mão direita e do alto desfecha um duro golpe de cesto entre os chifres do animal; bate-lhe nos ossos, abre-lhe o cérebro. Derruba o boi, o qual, tremendo, cai por terra exânime. Entelo diz ainda:

— Eu te ofereço, ó Érix, em vez de Dares, esta vítima, que é mais apropriada; e, como vencedor, aqui deponho meu cesto e minha arte.

A PROVA DAS FLECHAS

Enéias, a seguir, convida aquêles que por acaso queiram competir em atirar as rápidas flechas e propõe os prêmios. E, com a forte mão, ergue o maestro da nave de Seresto e, no alto do mastro, com uma corda, prende uma pomba para servir de alvo. Reunem-se os atiradores e um elmo de bronze recebe os nomes para o sorteio; o primeiro que sai, em meio a aclamações, é o de Hipocoonte, filho de Hírtaco; segue-se o de Mnesteu, há pouco vencedor na corrida naval, Mnesteu coroado de verde oliva. O terceiro é Euritião, irmão do ilustríssimo Pândaro, que outrora, havendo recebido a ordem de violar o pacto, foi o primeiro a atirar um dardo no meio dos gregos. O último nome que ficou no fundo do elmo foi o de Acestes, o qual ousou, também êle, tentar êsse exercício juvenil.

Cada um então, com tôdas as suas fôrças, verga o arco e tira as flechas da aljava; e é a do jovem filho de Hírtaco a primeira que, lançada pela estridente corda, voa através do céu, cortando os ares, e chega ao têrmo e crava-se na madeira do mastro. Êste tremeu e a pomba, assustada, agitou as asas e bateu-as com fôrça, fazendo ressoar tudo em redor. Depois o ardente Mnesteu firmou-se, com o arco retesado, mirando o alto do mastro, o ôlho e a flecha voltados para o alvo. Foi, porém, infeliz e não conseguiu acertar na ave: rompeu os nós da corda de linho que lhe atava o pé e a prendia no alto do mastro; ela, voando, fugiu por entre os ventos e as escuras nuvens. Euritião, que tinha já a flecha pronta no arco entesado, ràpidamente invocou o irmão e lhe fêz um voto; visou

a pomba, que já, alegre, batia as asas no céu aberto, e atingiu-a sob uma escura nuvem. Ela tombou exânime; deixou a vida entre os astros etéreos e, caindo, trouxe de volta a flecha que a transpassara.

Restava só Acestes, que ficara sem prêmio; o velho, porém, atira para o céu, faz retinir o arco e exibe a sua arte. Então, sùbitamente, aos olhos de todos se apresenta um prodígio que deveria ser de grande significado: um notável evento o demonstrou depois; as vozes terríveis dos vates tardiamente interpretaram êsse augúrio. A flecha, que voava através das transparentes nuvens, se inflamou e marcou seu caminho com um sulco de fogo; e se extinguiu e se desvaneceu nos tênues ares, tal qual as estrêlas que, muitas vêzes, se despregam do céu e atravessam o espaço e, voando, arrastam uma cauda. Os troianos e os homens da Sicília hesitam, atônitos, e invocam os deuses do céu. Mas o nobre Enéias não negou o presságio: abraçou o alegre Acestes, cumulou-o de grandes presentes e assim falou:

— Toma, meu pai, pois o potente rei do Olimpo quer que tu recebas estas honras, apesar de excluído pela sorte. Terás êste prêmio, que vem mesmo do velho Anquises: uma taça ornada de figuras em relevo, que outrora o trácio Cisseu deu a meu pai como um grande presente, para que a levasse como lembrança e prova do seu afeto.

E, tendo assim falado, cingiu-lhe a fronte com verdes louros e proclamou-o primeiro vencedor. O bom Euritião não invejou a honra e a preferência, embora sòmente êle houvesse abatido a ave no alto do céu. Depois de Euritião, recebeu o prêmio o que rompera os nós e, por último, aquêle que cravara no mastro a sua ligeira flecha.

O CERTAME INFANTIL

Mas o chefe Enéias, antes mesmo de se ter acabado esta disputa, chama para junto de si o aio e companheiro do pequeno Julo, Epitides, e em segrêdo fala-lhe ao ouvido:

— Anda, vai dizer a Ascânio que, se já preparou os gru-

pos de meninos e tudo dispôs para as corridas de cavalos, conduza, em honra do avô, seus pelotões e se apresente armado.

Enéias, por sua vez, ordena que se afaste tôda a multidão espalhada ao longo do circo e que se deixe o campo livre. Os meninos avançam aos pares sob os olhos dos pais e brilham sôbre os dóceis cavalos; e tôda a juventude da Sicília e de Tróia ergue um murmúrio de admiração ao vê-lo desfilar Todos têm na cabeça uma coroa cortada segundo o costume e trazem dois dardos de corniso com pontas de ferro; alguns carregam no ombro brilhantes aljavas; flexível colar de ouro torcido lhes desce do pescoço até o alto do peito. São, ao todo, três turmas de cavaleiros que desfilam comandadas por três chefes; cada um é seguido por doze meninos que reluzem em duas filas com três instrutores. O primeiro pelotão de jovens é aquêle que, orgulhoso, tem por chefe o pequeno Príamo, o qual traz o nome do avô; é teu nobre filho, ó Polites, o qual há de aumentar a glória da Itália; monta um cavalo trácio de duas côres, com manchas brancas, branca a ponta dos pés, branca a soberba fronte. O segundo chefe é Atis — do qual têm origem os Ácios latinos —, o pequeno Átis, estimado pelo pequeno Julo. E o último é Julo, o mais belo de todos; monta um cavalo sidônio que a formosa Dido lhe havia dado como lembrança e prova de seu afeto. Os outros jovens montam cavalos sicilianos do velho Acestes. Os troianos recebem com aplausos os tímidos cavaleiros e olhando-os se alegram, pois reconhecem os traços dos seus ancestrais. Quando êles estavam preparados, depois de percorrerem tôda a pista a cavalo, alegres sob os olhos dos seus, Eupites, de longe, lhes dá o sinal com um grito e um estalo de chicote. Cada fila corre para um lado diverso, desdobram-se e afastam-se os três pelotões; a um novo comando, voltam atrás e correm uns contra os outros, com as lanças em riste. Depois empreendem outras carreiras e outras voltas, frente a frente mas à distância, e se entrelaçam em círculos e, com suas armas, fazem combates simulados; e ora fogem, mostrando as costas, ora voltam-se e lançam dardos contra os inimigos, ora, feita a paz, cavalgam em filas paralelas. Diz-se que outrora, na alta

Creta, o labirinto apresentava, entre escuras paredes, um caminho intrincado e o insidioso engano de mil ruas, de modo que meandros impossíveis de se reconhecer e de onde não se podia voltar interrompiam o percurso; assim, na corrida, os filhos dos troianos confundem suas pegadas e entrelaçam no jôgo as fugas e as batalhas. Parecem os delfins que cortam, nadando, os mares de Cárpato e da Líbia e brincam nas ondas. Ascânio, quando erguia as muralhas de Alba-Longa, foi o primeiro a retomar tal jôgo e o costume desta corrida; e ensinou os antigos latinos a celebrá-lo como êle próprio tinha feito em menino e, com êle, os jovens troianos. Os albanos o ensinaram a seus filhos e dêles, a seguir, a grande Roma o recebeu e conservou a tradição dos ancestrais. Tal jôgo hoje leva o nome de Tróia e os meninos o de tropa troiana. E assim terminaram os jogos celebrados em honra do divino Anquises.

O INCÊNDIO DA ESQUADRA

Então, pela primeira vez, a Fortuna mudou e tornou-se adversa. Enquanto, com variados jogos, êles rendiam solenes honras ao sepulcro de Anquises, a deusa Juno, filha de Saturno, mandou Íris do céu à esquadra troiana e fêz com que soprassem ventos propícios para a partida; não satisfeita ainda na antiga mágoa, revolvia em sua mente muitos planos. A virgem Íris apressou-se através do arco de mil côres e, sem que ninguém a visse, desceu pelo rápido caminho. Avistou a grandíssima assembléia, percorreu as praias, viu o pôrto deserto e a esquadra abandonada. Ao longe, porém, num solitário recanto da costa, as mulheres troianas choravam, apartadas, a perda de Anquises; e tôdas, chorando, olhavam para o mar profundo. Estavam cansadas, e tantos escolhos, tanto mar restava-lhes a percorrer! Era isto o que tôdas diziam. Fartas de suportar as fadigas do oceano, querem uma cidade. Íris, que bem conhece a arte de fazer mal, lança-se entre elas, deixando a forma e a veste divina. Transforma-se em Béroe, a velha espôsa do tmário Dóriclo, que foi nobre, teve renome e filhos. E assim se introduz no meio das troianas e lhes diz:

— Ó infelizes que, durante a guerra, a mãe dos gregos não arrastou à morte sob os muros da pátria! Ó raça desditosa, que trágico fim a sorte te reserva? Já corre o sétimo ano depois da queda de Tróia, desde que somos levadas a percorrer todos os mares e tôdas as terras, entre tantos rochedos inóspitos, sob tantos céus tempestuosos, enquanto, através do oceano, como joguete das ondas, perseguimos a Itália, que nos foge. Aqui estão as terras fraternas de Érix e a hospitalidade de Acestes; quem impede Enéias de erguer suas muralhas e dar uma cidade aos seus concidadãos? Ó pátria, ó Penates em vão arrebatados ao inimigo! Já nenhuma cidade será chamada Tróia? Em lugar nenhum eu tornarei a ver os rios de Heitor, o Xanto e o Simoente? Vamos, vinde comigo, queimai êstes navios infelizes. Vi em sonhos a imagem da profetisa Cassandra, que me entregava fachos acesos: «Procurai aqui a vossa Tróia; aqui é a vossa casa», disse ela. Agora é tempo de agirmos; não deve haver demora depois de tão grande prodígio. Eis aqui quatro altares erguidos a Netuno; o próprio deus nos dá as tochas e a coragem.

Assim dizendo, adiantou-se, tomou com ímpeto o funesto fogo e, erguendo a mão direita, agitou-a com fôrça e o atirou. Excitam-se as mentes, pasmam as almas das mulherse troianas. Então uma delas, Pirgo, a mais velha de tôdas, que fôra a ama de tantos príncipes filhos de Príamo, assim falou:

— Não, ó mulheres, esta não é a vossa Béroe, a do Reteu, espôsa de Dóriclo. Notai os sinais da majestade divina, os olhos brilhantes, o ardor, o rosto, o som da voz, a maneira de andar. Eu mesma há pouco deixei Béroe doente, desolada porque só ela faltaria a êste sacrifício e não poderia prestar a Anquises as devidas honras.

Assim falou. E as mulheres, a princípio hesitantes, olhavam de revés para os navios, indecisas entre o angustioso desejo da terra onde estavam e o reino para onde as chamava o destino. Então a deusa subiu pelo céu com as asas estendidas e, no rápido vôo, traçou sob as nuveis um enorme arco. Atônitas por êste prodígio e tomadas de furor, tôdas põe-se a gritar e arrebatam o fogo dos santuários; outras esbulham os

altares, atiram folhagens, ramos e tochas. O fogo se desencadeia e se enfurece através dos bancos, dos remos e das pintadas pôpas de abeto.

Eumelo leva ao sepulcro de Anquises e aos assentos do teatro a nova de que os navios tinham sido incendiados; e os troianos, com os seus próprios olhos, vêem as negras fagulhas que esvoaçam numa nuvem de fumo. Ascânio é o primeiro que, tal qual estava quando alegre dirigia os jogos eqüestres, dirige-se a galope para o acampamento perturbado; cansados da corrida, os instrutores não conseguem retê-lo.

— Que estranha loucura é essa? — grita êle. — Que pretendeis agora, ó infelizes cidadãs? Não é o inimigo, não é o campo contrário dos gregos, são as vossas esperanças que vós incendiais. Eis-me aqui, sou eu, o vosso Ascânio.

E lança diante delas o elmo de brinquedo com o qual movia, no jôgo, a guerra simulada. Ao mesmo tempo Enéias e todos os troianos acorrem. As mulheres, porém, amedrontadas, dispersam-se e fogem em desordem pela praia, a fim de esconder-se nas florestas, em qualquer gruta que encontrem. Envergonhadas do que haviam feito, fogem à claridade. Tornadas a si, reconhecem os seus e expulsam Juno do coração.

Mas nem por isso as chamas e o incêndio detêm a sua fôrça indomável; sob a madeira molhada a estôpa arde, a vomitar densa fumaça, o calor lentamente devora as quilhas e o mal desce por tôdas as peças; e nada vale o esfôrço dos heróis nem as torrentes de água atiradas. Então o piedoso Enéias arranca dos ombros a veste e, com as mãos estendidas, invoca o auxílio dos deuses:

— Ó Júpiter onipotente, se ainda não odeias os troianos, se ainda a tua antiga piedade olha para as desgraças humanas, concede, ó Pai, que nossa esquadra escape agora ao fogo, livra da destruição nossos fracos recursos. Ou tu mesmo, se eu o mereço, destrói com um raio aquilo que resta, aniquila-o com tua própria mão.

Mal havia soltado tais palavras, sombrio temporal desencadeou-se com desusada fôrça, trazendo chuva a cântaros. Ao ruído dos trovões, os montes e as planícies estremecem; de

todo o céu se precipita a água impetuosa de negras nuvens acumuladas pelos ventos e cobre os navios e encharca a madeira meio queimada. O fogo enfim se extingue por completo e todos os navios, exceto quatro, salvam-se do incêndio.

UMA NOVA CIDADE

Mas o nobre Enéias, abalado por esta cruel tribulação, remoia consigo graves pensamentos, sem saber se devia, esquecido dos fados, fixar-se em terras da Sicília ou tentar atingir a costa da Itália. Então o velho Nautes, que a Tritônia Palas instruiu, tornando-o notável, mais que todos, na grande arte da adivinhação — pois ela lhe inspirava as respostas sôbre o que pressagiava a terrível ira dos deuses ou o que exigia a ordem do destino — consolou Enéias falando-lhe assim:

— Ó filho de uma deusa, sigamos para onde tantas vêzes nos chamaram os fados; o que quer que aconteça, deve-se sempre vencer a sorte suportando-a. Aqui tens o troiano Acestes, de origem divina: associa-o aos teus projetos, une-te a êle, que assim o quer. Entrega-lhe os homens que te estão sobrando com a perda dos navios e aquêles que se desgostaram da tua grande emprêsa e do teu destino; separa os muito idosos e as mulheres cansadas do mar e todos os que não têm vigor e temem o perigo: deixa que os fatigados construam suas muralhas nesta terra; darão à cidade, se tu o permites, o nome de Acesta.

Excitado por essas palavras do velho amigo, Enéias, em seu íntimo, debate-se entre mil apreensões. E já a negra Noite, trazida por sua biga, percorria a abóbada celeste; então, sùbitamente, pareceu-lhe que a imagem de seu pai, Anquises, descida do céu, assim lhe dizia:

— Ó filho, que outrora, enquanto eu era vivo, me fôste mais caro do que a própria vida, ó filho atribulado pelas desgraças de Tróia, aqui venho por ordem de Júpiter, que afastou da tua esquadra o fogo e afinal, do alto do céu, teve piedade de ti. Segue os ótimos conselhos que agora te deu o velho Nautes; leva para a Itália a elite dos jovens, os mais corajosos.

No Lácio, um povo cruel e selvagem deverá ser vencido por ti. Vai antes à casa infernal de Plutão e, pelas profundezas do Averno, vai conversar comigo, ó meu filho. A mim não me retêm as tristes sombras do ímpio Tártaro mas habito os doces Campos Elísios, onde se reúnem os homens piedosos. Para ali a casta Sibila guiar-te-á após haveres derramado muito sangue de vítimas negras. Então conhecerás tôda a tua descendência e a cidade que te é oferecida. E agora, adeus! A fria Noite atinge o meio de seu curso e já o Sol inexorável me faz sentir o hálito dos seus ofegantes corcéis.

Assim falou e, como fumo, se esvaeceu no tênue ar.

— Para onde vais assim depressa? para onde corres? — diz Enéias — por que me foges? quem te arranca aos meus braços?

Assim dizendo, aviva entre a cinza o fogo adormecido e, com o trigo sagrado e com a acerra cheia, honra o deus Lar de Pérgamo e o santuário da antiga Vesta. Chama sem demora os companheiros, e Acestes em primeiro lugar, e lhes refere a ordem de Júpiter, os conselhos do amado pai e a decisão agora firme em seu espírito. Nada lhe retarda os projetos; Acestes anui aos seus desejos. Transferem as mulheres para a nova cidade, deixam os cidadãos que querem ficar, os que não ambicionam grande glória. Os outros consertam os bancos dos remeiros, trocam nos navios as traves roídas pelas chamas, preparam os remos e as amarras; são poucos numerosos mas estão prontos para a guerra. Entrementes, Enéias marca com o arado o lugar das muralhas e sorteia os terrenos para as casas; determina que uma nova Tróia ali exista, que ali exista uma nova Tróada. E o troiano Acestes se alegra de ali ser rei e institui tribunais, convoca os senadores e lhes propõe as leis. Depois, em honra de Vênus Idália, edificam no cume do Érix um templo que se ergue até o céu; e o túmulo de Anquises terá seu sacerdote e seu vasto bosque sagrado.

E já todo o povo se tinha banqueteado durante nove dias e sôbre os altares se haviam efetuado os sacrifícios. Plácidos ventos acalmaram as águas e o Austro, que de novo soprava incessante, chamava-os para o alto mar. Imenso pranto se

ergue por tôda a curva praia; dia e noite prolongam-se os abraços. Já as próprias mulheres e aquêles mesmos aos quais antes parecia terrível a face do mar e insuportável a vontade divina desejam ir e sofrer até o fim as fadigas da viagem. O bom Enéias os consola com palavras amigas e, a chorar, recomenda-os a Acestes, que era do mesmo sangue. Manda a seguir que se imolem a Érix três novilhos e às tempestades uma ovelha nova e que, uma após outra, se soltem as amarras. Êle próprio, sòzinho, de pé na proa, a cabeça cingida por uma coroa de fôlhas de oliveira, a pátera na mão, joga nas águas do mar as entranhas das vítimas e despeja as libações de vinho puro. Um vento que se ergue do lado da pôpa acompanha a partida; os homens, à porfia, batem o mar e sulcam as ondas.

O AUXÍLIO DE NETUNO

Vênus, porém, preocupada, dirige-se a Netuno e solta do peito êstes queixumes:

— A grande ira de Juno e seu ódio me obrigam, ó Netuno, a descer a tôdas as preces; nem o tempo a acalma e nem piedade alguma, nem a abrandam a ordem de Júpiter e os desígnios dos fados, e ela não sossega. Não lhe basta o haver, com seu nefando ódio, destruído e arrancado a cidade do solo da Frígia nem o ter arrastado por tôdas as penas os restos de Tróia: persegue até os mortos. Ela deve saber os motivos de tão grande furor. Tu próprio me és testemunha da enorme borrasca que ela ergueu de súbito nos mares da Líbia; com as procelas de Éolo misturou ao céu todo o mar e em vão ousou fazê-lo em teu império. Agora impeliu ao crime as mulheres troianas e cruelmente incendiou os navios e, perdida a esquadra, forçou-os a deixar os companheiros em terra estranha. Permite que os restantes naveguem seguros pelo mar, permite, eu te rogo, que atinjam o laurêncio Tibre, pois o que eu peço já lhes foi concedido e as Parcas lhes dão aquelas muralhas.

Então o filho de Saturno, o domador do alto mar, assim respondeu:

— Tu, ó Vênus, tens todo o direito de confiar em meus reinos, de onde saíste. Além disso, eu mereço a tua confiança,

pois muitas vêzes reprimi os furores e a grande violência do céu e do mar e, em terra, não cuidei menos do teu Enéias; e Xanto e o Simoente o testemunham. Quando Aquiles, perseguindo as tropas amedrontadas dos troianos, as impelia para as suas muralhas e matava milhares, e os rios gemiam, cheios de cadáveres, e o Xanto não podia encontrar seu caminho e correr para o mar, eu então, com uma nuvem, arrebatei Enéias, pois nem os deuses e nem as suas fôrças o favoreciam no combate com o vigoroso filho de Peleu; eu o fiz, embora o meu desejo fôsse arrasar completamente os muros da perversa Tróia, obra das minhas mãos. Também agora continuo com os mesmos sentimentos; não tenhas mêdo. Êle irá seguro para o pôrto do Averno, como tu queres. Hás de chorar sòmente a perda de um homem, caído na água; um só dará a vida pela salvação dos outros todos.

Depois de haver, com estas palavras, acalmado e alegrado o coração da deusa, atrelou com tiras de ouro os fogosos cavalos, colocou-lhes os espumantes freios e deu-lhes rédeas sôltas. O carro azulado voa ligeiro por sôbre o mar; as ondas se abaixam, a túmida superfície das águas se aplaina sob o ruidoso eixo, as nuvens fogem do vasto céu. Surgem então, com suas formas diversas, os companheiros do deus: as enormes baleias, Glauco e seu côro de velhos, Palêmon, o filho de Ino, os rápidos Tritões e todo o exército de Forco; à esquerda, Tétis e Mélita, a virgem Panopéia, Niséia e Espio e Tália e Cimódoce.

Então uma doce alegria comove a alma inquieta de Enéias; manda que se ergam sem demora todos os mastros e se estendam as velas sóbre os braços das vêrgas. Todos ao mesmo tempo fixam as escotas e soltam os rizes ora à direita, ora à esquerda; todos ao mesmo tempo movem em direções opostas as altas antenas. E ventos favoráveis impelem a esquadra.

O FIM DE PALINURO

À frente de todos, Palinuro guiava a cerrada fila dos navios; é por êle, sob o seu comando, que os outros devem regular a rota. E já a úmida noite atingira, no céu, metade

do seu curso e, sob os remos, os marinheiros, espalhados pelos duros bancos, se entregavam ao plácido repouso, quando o ligeiro Sono, descendo dos astros etéreos, fendeu o ar escuro e afastou as sombras; a ti êle procura, ó Palinuro, a ti, inocente, traz funestas visões. O deus se senta na alta pôpa, com os traços de Ferbas, e diz estas palavras:

— Ó Palinuro, filho de Iásio, o próprio mar leva a esquadra, sopram ventos constantes. É a hora do repouso; reclina a cabeça, furta ao trabalho os olhos cansados. Eu próprio tomarei, por algum tempo, os teus encargos.

Mal levantando os olhos, Palinuro responde:

— A mim tu aconselhas que esqueça a face tranqüila do mar e as calmas ondas? que eu confie neste monstro? Que? entregarei Enéias às falácias dos ventos e do céu, eu, que tantas vêzes fui enganado por uma falsa serenidade?

Assim dizendo, agarrava o leme com firmeza e não o largava e tinha os olhos fixos nos astros. Mas eis que o deus lhe agitou com fôrça sôbre as têmporas um ramo molhado nas águas do Letes, que a virtude do Estige tornara soporífero; e o pilôto, que ainda resistia, fechou os olhos cobertos de sono. Apenas êsse repentino torpor lhe relaxara os membros, o deus se inclinou sôbre êle e o atirou nas calmas ondas, com o leme e uma parte da pôpa arrancada; êle caiu de cabeça para baixo e, repetidas vêzes, chamou inùtilmente os companheiros. E o alado sono se ergueu, voando, nos límpidos ares.

A esquadra, porém, percorria no mar um caminho seguro, segundo as promessas do deus Netuno. E costeava já os escolhos das Sirenes, que eram, naquele tempo, perigosos e brancos dos ossos de muitos náufragos; ao choque freqüente das águas, os roucos rochedos ressoavam ao longe. Enéias então percebeu que perdera o pilôto e vagueara a esmo. E à noite êle próprio, gemendo muito, governou o navio no meio das ondas, com a alma abalada pela desgraça do amigo:

— Ó Palinuro, por teres confiado demais na serenidade do céu e do mar, ficarás insepulto numa areia desconhecida.

LIVRO VI

A VISÃO DO FUTURO

Assim diz a chorar. E faz correr a esquadra e chega finalmente à costa de Cumes, colônia de Cálcis. Voltam as proas para o mar e o forte dente das âncoras segura os navios e as curvas pôpas orlam o litoral. Um bando de ardentes jovens lança-se para a terra da Hespéria; alguns procuram as sementes do fogo ocultas nas veias da pedra; outros percorrem rápidos as selvas, densa morada das feras, e mostram os rios encontrados.

NA GRUTA DA SIBILA

Entretanto, o piedoso Enéias busca a colina onde, do alto, vela o templo de Apolo e, a alguma distância, o enorme antro, abrigo solitário da terrível Sibila, a quem o deus profético de Delos transmite a sua vontade e a sua grande sabedoria e desvenda o futuro. E já chegam ao bosque sagrado de Hécate e ao dourado templo.

Diz-se que Dédalo, fugindo dos reinos de Minos, ousou confiar-se ao céu com as rápidas asas e, pelo inusitado caminho, nadou na direção das gélidas Ursas e afinal pousou levemente sôbre êsse outeiro da colônia de Cálcis. Ali, de volta à terra pela primeira vez, consagrou a Apolo seus remos aéreos e construiu o enorme templo. Nas portas esculpiu a morte de Androgeu. De um lado, os infelizes atenienses, condenados a pagar por seu crime, cada ano, sete dentre seus filhos; ali está a urna do sorteio. E no batente oposto, a terra de Gnosso, que se eleva sôbre o mar; ali está Pasífae — que, apaixonada de um selvagem touro, uniu-se a êle por meio de um ardil — e o Minotauro, o filho misto, de dupla forma, lembrança de uma união abominável. Ali, o famoso edifício, construído com tanto trabalho, e seus inextricáveis caminhos; mas o próprio Dédalo, compadecido do grande amor de uma princesa, des-

lindou os enganos e desvios da construção, guiando-lhe os cegos passos com o auxílio de um fio. E tu também, ó Ícaro, terias grande parte na admirável obra de teu pai, se a dor não o impedisse: por duas vêzes êle tentou esculpir em ouro a tua queda, por duas vêzes deixou cair as suas mãos paternas.

E os troianos continuariam a percorrer com os olhos tôdas as esculturas, se Acates que êles haviam mandado à frente, não aparecesse acompanhado por Deífobe, filha de Glauco, sacerdotisa de Apolo e de Diana, a qual assim falou ao rei:

— Não é êste o momento de contemplar tais espetáculos; agora seria preferível imolar sete novilhos de um rebanho ainda não jungido e outras tantas ovelhas novas, escolhidas segundo o costume.

Assim falou a Enéias e os troianos realizaram sem demora os sacrifícios ordenados. Então ela os chamou para o interior do templo. O flanco da rocha eubeana é cortado de maneira a formar enorme antro, para onde conduzem cem largos caminhos e cem aberturas, das quais se lançam outras tantas vozes, as respostas da Sibila. Tinham êles chegado à entrada quando a virgem gritou:

— É o momento de interrogar os fados: o deus, eis o deus!

Enquanto, defronte das portas, dizia tais cousas, mudou sùbitamente de feições, mudou de côr e os cabelos se lhe despentearam; seu peito tornou-se ofegante, o delírio lhe encheu o impetuoso coração. Quando o poder do deus se aproxima e a bafeja, ela parece maior e já não fala com voz humana.

— Tu tardas a fazer votos e preces, troiano Enéias! Tu tardas — disse ela — mas antes disso não se abrirão as grandes portas desta atônita morada.

Dito isso, calou-se. Um calafrio percorre os fortes membros dos troianos e o rei, do fundo da alma, solta estas preces:

— Apolo, que sempre tiveste piedade das grandes desgraças de Tróia, que guiaste o dardo troiano e as mãos de Páris contra o corpo de Aquiles, sob o teu comando penetrei tantos mares que cercam vastas terras até o remoto povo

massiliano e as praias que se estendem ao longo das Sirtes. Agora, afinal, chegamos à costa da Itália, que nos fugia. Oxalá a má sorte de Tróia não nos tenha seguido até aqui. E vós todos, ó deuses e deusas aos quais Ílion e a grande glória da Dardânia desagradaram, agora é justo que vós poupeis o povo troiano. E tu, ó muito santa profetisa que prevês o futuro, eu não te peço um reino que o destino não me concedeu: permite que os troianos e os errantes Penates, os perseguidos numes de Tróia, se estabeleçam no Lácio. Então elevarei a Apolo e a Diana um templo todo de mármore e instituirei dias de festa com o nome de Apolo. Tu também terás nos meus domínios um grande santuário onde eu determinarei que os teus oráculos e os segredos do destino sejam ditos ao meu povo e te consagrarei, ó benfazeja, seletos sacerdotes. Mas não escrevas os teus versos proféticos em fôlhas que podem voar em desordem, como um brinquedo dos rápidos ventos: peço-te que tu mesma os cantes.

A PREDIÇÃO

Então Enéias deixa de falar. Mas a profetisa ainda resiste a Apolo e, como uma bacante, erra ferozmente pelo antro, procurando expulsar de seu peito o poderoso deus; tanto mais êle fatiga sua bôca raivosa, domando-lhe o selvagem coração, e a acalma oprimindo-a. E já as cem enormes portas do santuário abrem-se por si mesmas e trazem pelos ares os oráculos da sacerdotisa:

— Escapaste, por fim, aos grandes perigos do mar; a terra, porém, reserva-te outros ainda maiores. Os troianos entrarão nos reinos de Lavínio, não te preocupes com isso; mas lamentar-se-ão também de haver entrado. Vejo guerras, horríveis guerras e muito sangue a espumar no Tibre. Nem o Simoente nem o Xanto nem os acampamentos gregos te hão de faltar. Outro Aquiles foi gerado no Lácio e, também êste, filho de uma deusa. Juno, hostil aos troianos, nunca estará ausente. E tu, na tua angústia, a que nações, a que cidades da Itália não terás implorado um auxílio! Ainda uma vez, a mulher

de outra nação, o casamento com a estrangeira será a causa de tão grande desgraça dos troianos. Tu, porém, não cedas à adversidade: enfrenta-a com mais coragem do que tua sorte o permitiria. Por uma cidade grega ser-te-á aberto — tu não o crerias! — o primeiro caminho da salvação.

Dito isso, a Sibila de Cumas cantou, do fundo da gruta, terríveis enigmas e rugiu no seu antro, envolvendo em sombras a verdade. Assim Apolo sacode os freios à delirante profetisa e lhe finca no peito os aguilhões.

Logo que o delírio cessou e a raivosa bôca aquietou-se, o herói Enéias pôs-se a falar:

— Nenhuma provação me aparece, ó virgem, com uma face nova e inesperada: eu tudo previ e, comigo, já em tudo pensei. Peço-te apenas isto: visto que afirmam ser aqui a entrada do inferno e o tenebroso pântano formado pelo transbordamento do Aqueronte, possa eu chegar à presença do meu querido pai; ensina-me o caminho e abre a porta sagrada. Eu o carreguei nos meus ombros por entre as chamas e os mil dardos que nos perseguiam e o retirei do meio dos inimigos; e êle, embora enfermo, me acompanhou e, além do que permitem as fôrças e a condição de um velho, suportava tôdas as viagens pelo oceano, tôdas as ameaças do mar e do céu. Enfim, êle pediu-me e ao mesmo tempo me ordenou que eu te procurasse suplicante e entrasse em tua morada. Rogo-te, ó benfazeja, tem piedade do pai e do filho, pois que tu podes tudo e não foi em vão que Diana te confiou os bosques sagrados do Averno. Se Orfeu pôde ir buscar os manes da espôsa munido de uma cítara trácia de harmoniosas cordas, se Pólux resgatou o irmão alternando sua morte com a dêle e tantas vêzes fêz e refez êsse caminho... E Teseu? e o forte Hércules? Também eu sou descendente do poderoso Júpiter.

Assim êle orava, com a mão sôbre o altar; e a profetisa lhe respondeu:

— Ó troiano filho de Anquises, nascido do sangue divino, é fácil a descida ao Averno: noite e dia está aberta a porta do sombrio Plutão. Mas voltar atrás, sair para a luz do alto, eis

a questão, eis a emprêsa difícil. Sòmente alguns, que eram filhos de deuses e aos quais favorecia a amizade de Júpiter ou que ardente valor ergueu até o céu, o conseguiram. Florestas se interpõem e o Cocito, correndo em negras curvas, rodeia o lugar. Se tens tão grande desejo, tanta avidez de atravessar duas vêzes o lento Estige e ver duas vêzes o sombrio Tártaro, se te agrada entregar-te à temerária emprêsa, escuta antes o que deves fazer. Numa frondosa árvore se oculta um ramo consagrado a Prosérpina: suas fôlhas e a flexível haste são de ouro; protege-o todo o bosque sagrado, encerram-no as sombras do obscuro vale. Mas não é dado penetrar as entranhas da terra senão a quem houver antes colhido da árvore o ramo de fôlhas de ouro. É êste o presente que a bela Prosérpina determinou lhe seja levado. Arrancado o primeiro, nasce um outro ramo de ouro e a vara se cobre de fôlhas do mesmo metal. Ergue os olhos e procura-o; e, tendo-o encontrado, corta-o com a mão, segundo o rito. Virá fàcilmente e por si mesmo se são os fados que te chamam; caso contrário, nenhuma fôrça o poderá vencer e nem com o duro ferro tu conseguirás arrancá-lo. Além disso, ah! tu não o sabes: enquanto me interrogas e te demoras à minha porta, o corpo de um dos teus companheiros jaz sem vida, e êsse cadáver mancha tôda a frota. Dá-lhe, antes de tudo, a devida morada, fecha-o num sepulcro. Traze aos altares ovelhas negras: seja êsse o teu primeiro sacrifício. Sòmente com estas condições poderás visitar os bosques sagrados do Estige e o reino onde não há caminho para os vivos.

Dito isso, calou-se, com os lábios cerrados.

O RAMO SAGRADO

Enéias afasta-se do antro com o rosto tristonho, os olhos cravados no chão, a remoer consigo os misteriosos acontecimentos. O fiel Acates o acompanha e vai com as mesmas preocupações. Conversam longamente sôbre diversas cousas, perguntam quem seria o companheiro morto, o cadáver a ser sepultado, do qual falara a profetisa. E, quando chegaram,

viram Miseno em sêco, na praia: sucumbira a uma morte que não havia merecido.

Miseno, filho de Éolo, insuperável em chamar os guerreiros com a trombeta e, com o toque, animar a batalha, fôra companheiro do grande Heitor e ao lado dêle afrontara os combates; o clarim e a lança o tornaram famoso. Depois que Aquiles venceu Heitor e lhe tirou a vida, o fortíssimo herói não quis seguir um chefe inferior; fêz-se então companheiro de Enéias. Mas justamente agora, enquanto fazia ressoar as águas soprando numa concha oca e, insensato, desafiava os deuses com seu toque, Tritão, cheio de inveja, — se é que se pode acreditá-lo — agarrara o herói e o afogara entre as pedras, nas espumosas ondas.

E todos em tôrno, principalmente o piedoso Enéias, soltam grandes lamentos. E, sem demora, cumprem as ordens da Sibila; chorando, apressam-se a erguer, em forma de altar, a pira fúnebre e em levantá-la até o céu. Vão para a velha floresta, profunda morada de feras. Tombam os pinheiros, as azinheiras ressoam aos golpes dos machados, as cunhas cortam o tronco dos freixos e os carvalhos fáceis de fender; dos montes rolam enormes ornos. Enéias é o primeiro a dar-se a tais trabalhos; exorta os companheiros, arma-se com os mesmos instrumentos. Entretanto, olhando a imensa selva, no triste coração remói êstes cuidados e espontâneamente exprime êste voto:

— Tudo o que a profetisa disse a respeito de Miseno foi muitissimo exato, infelizmente. Agora, oxalá aquêle ramo de ouro se nos mostre na árvore, no meio de tão grande floresta!

Mal êle havia dito tais palavras, por acaso duas pombas vieram voando do céu, mesmo sob seus olhos, e pousaram no verde solo. Então o grandíssimo herói reconheceu as aves de sua mãe e, alegre, orou:

— Oh! sêde meus guias e, se existe algum caminho, dirigi-vos através dos ares para a parte do bosque onde o precioso ramo ensombra a terra fecunda. E tu, minha divina mãe, não me abandones na minha incerteza.

Assim tendo falado, deteve o passo, observando que sinais lhe dariam, para onde se dirigiriam. Elas voavam, procurando alimento e adiantavam-se até onde o olhar as podia seguir. Depois, quando chegaram às bôcas do Averno, que exala um forte cheiro, ergueram-se rápidas e, voando pelo ar puro, as duas pousaram sôbre a árvore que Enéias desejava, onde, através dos ramos, refulgiu um diferente brilho de ouro. Como nas selvas, no brumoso inverno, costuma o visgo renascer com nova folhagem sôbre uma outra árvore e circundar com seus frutos dourados o arredondado tronco, assim aparecia o ramo de ouro sôbre a escura azinheira, e suas fôlhas brilhantes crepitavam ao brando vento. Enéias logo agarrou e quebrou àvidamente o ramo, que resistia, e levou-o à morada da profetisa Sibila.

Entrementes, na praia, os troianos pranteavam Miseno e rendiam à insensível cinza as honras supremas. Primeiro levantaram uma enorme pira de pinho resinoso e carvalho cortado e cobriram os lados de escuras folhagens e ergueram defronte os fúnebres ciprestes e ornaram o alto com refulgentes armas. Alguns aquecem água em vasos de cobre, que fervem no fogo, e lavam e ungem o corpo gelado. Ergue-se um gemido. Colocam então no leito funerário o pranteado cadáver e lançam sôbre êle suas costumeiras vestes côr de púrpura. Alguns carregam o grande ataúde — penoso dever! — e, com os rostos voltados para o lado oposto, aproximam da pira as tochas e as sustentam, segundo o costume de seus ancestrais. Queimam-se as oferendas ali acumuladas: o incenso, os alimentos, as crateras cujo óleo fôra derramado. Depois que a cinza assentou e a chama aquietou-se, lavaram os restos com vinho, do qual se impregnou o quente pó; e Corineu encerrou numa urna de bronze os ossos recolhidos. Êle mesmo, três vêzes, rodeou os homens levando água pura e, borrifando-a levemente com um ramo de fecunda oliveira, os espargiu e purificou; e pronunciou as últimas palavras. O piedoso Enéias ergueu ao companheiro um enorme sepulcro, onde pôs as armas, o remo e a tuba do herói, ao pé de um alto monte que, por

isso, é agora chamado Miseno e eternamente, através dos tempos, guardará êsse nome.

A DESCIDA AOS INFERNOS

Depois disso, apressou-se em fazer o que a Sibila lhe recomendara. Havia uma caverna pedregosa, profunda e horrenda, de enorme bôca, protegida por um lago negro e pelas sombras dos bosques; sôbre ela nenhuma ave poderia voar sem dano, tal o vapor que se exalava das sombrias fauces e se erguia até a abóbada do céu. Por isso os gregos deram ao lugar o nome de Aornos. Ali a sacerdotisa colocou primeiro quatro novilhos de dorso negro e sôbre as frontes dêles derramou as libações de vinho; cortou os pelos do alto da cabeça, no meio dos chifres, e lançou-os no fogo sagrado como primeiras oferendas, invocando em voz alta Hécate, que reina no céu e no Érebo. Outros cravaram as facas sôbre os pescoços das vítimas e recolheram em páteras o tépido sangue. O próprio Enéias, com sua espada, imolou à mãe das Eumênides e à sua grande irmã uma ovelhinha de negro velo e a Prosérpina uma vaca estéril. Depois, à noite, ergueu altares ao rei do Estige e atirou nas chamas tôda a carne dos touros, derramando gordo óleo sôbre as ardentes vísceras. E eis que, aos primeiros sinais do sol nascente, a terra começou a mugir debaixo de seus pés e os cimos das florestas se agitaram e viram-se cadelas ulular no escuro à chegada da deusa.

— Longe, longe daqui, profanos — grita a profetisa —. Retirai-vos de todo o bosque sagrado. E tu, põe-te a caminho e tira da bainha a tua espada; agora, Enéias, coragem e firmeza!

Nada mais diz e, inspirada, lança-se à abertura da caverna; e êle acompanha com passos seguros o andar de seu guia.

Ó deuses que tendes o império das almas, ó tácitas Sombras, ó Caos, ó Flegetonte, lugares de trevas e de amplo silêncio, permiti-me narrar o que ouvi, permita-me a vossa divina vontade revelar as cousas ocultas nas sombrias profundezas da terra.

Envoltos na obscuridade, êles caminhavam através da noite solitária, pelas casas vazias e pelos vãos domínios de Plutão, como quem anda pelas florestas à luz escassa da lua velada, quando Júpiter cobre de trevas o céu, e a negra noite tira a côr às cousas. Ante o próprio vestíbulo, logo à entrada do Orco, o Pranto e os Remorsos vingadores colocaram seus leitos; ai moram as pálidas Doenças e a triste Velhice e o Mêdo e a Fome, que é má conselheira, e a feia Pobreza — terríveis visões! — e a Morte e a Fadiga e o Letargo, que é irmão da Morte, e os Prazeres mórbidos da alma e, sôbre o limiar, à frente de quem entra, a mortífera Guerra e os férreos catres das Fúrias e a louca Discórdia com seus cabelos de víboras presos por fitas ensangüentadas. No meio, um copado olmo estende, enorme, seus ramos e seus galhos seculares; dizem que ali se alojam, apinhados, os Sonhos vãos, presos por tôdas as fôlhas. E muitos fantasmas de feras diversas habitam nos portais: centauros e monstros biformes como Cila, e Briareu, gigante de cem braços, e a Hidra de Lerna, a sibilar horrìvelmente, e a Quimera armada de chamas e as Górgonas e as Hárpias e Gerião, a sombra de tríplice corpo.

Então Enéias, tomado de um súbito receio, ergue ràpidamente a espada e apresenta às sombras que o ameaçam a lâmina desembainhada. E lançar-se-ia sôbre elas e em vão as golpearia com a arma se a sua sábia companheira não o tivesse advertido de que eram tênues almas sem corpo que voejavam sob a vã aparência de fantasmas.

OS INSEPULTOS

Dali parte o caminho que leva até as águas do medonho Aqueronte: é um impetuoso rio de lôdo, uma enorme voragem que borbulha e atira no Cocito todo o limo. O horrendo barqueiro Caronte, terrìvelmente sórdido, guarda as águas dêste rio; do queixo lhe desce uma longa e inculta barba branca, seus olhos fixos ardem como fogo, dos ombros lhe pende um sujo manto, prêso por um nó. Êle mesmo impele com um cro-

que e manobra sòzinho as velas do seu barco côr de ferro, no qual transporta os mortos; é já muito velho, mas da fresca e robusta velhice dos deuses.

Para as margens do rio se precipita tôda uma multidão desordenada: mães e espôsos, corajosos heróis que findaram a vida, meninos e virgens, jovens que foram postos sôbre as piras ante os olhos dos pais; são tão numerosos como as fôlhas que se desprendem e caem nas florestas aos primeiros frios do outono ou como as aves que se unem em bandos, vindas do alto mar para o interior das terras quando a fria estação as afugenta através do oceano e as impele para as regiões ensolaradas. Todos, de pé, pediam a Caronte que os fizesse passar primeiro; e estendiam as mãos, no desejo de ir para a margem oposta. Mas o duro barqueiro recolhia ora êstes, ora aquêles, e afastava e impelia os demais para longe das margens. Admirado e perturbado por aquêle tumulto, Enéias assim falou:

— Dizei-me, ó virgem, que significa esta aglomeração junto do rio? que pretendem as almas? por qual distinção umas são afastadas da margem, outras cortam com os remos as sombrias águas?

A velha sacerdotisa respondeu brevemente:

— Ó filho de Anquises, que és, por certo, da raça dos deuses, tu estás vendo as águas do Cocito, fundas e estagnadas, e o pântano do Estige, por cuja divindade os próprios deuses temem fazer um juramento falso. Tôda esta multidão que vês são as almas daqueles que estão insepultos e privados das honras fúnebres. O barqueiro é Caronte. Aquêles que transporta pelo rio são os que se acham sepultados. Não lhe é permitido fazê-los atravessar estas horrendas margens e estas roucas ondas antes que seus ossos tenham repousado numa sepultura. Êles erram durante cem anos e volteiam ao longo desta margem; então, recebidos na barca, vêem afinal as desejadas águas.

O filho de Anquises parou, deteve o passo a pensar em mil cousas, compadecido daquela cruel sorte. Viu então, tristes e privados das honras fúnebres, Leucáspis e Orontes, o comandante da esquadra lícia; tendo êles partido de Tróia com Enéias através de mares tempestuosos, o vento os fêz submergir, envolvendo na água o navio e a tripulação. E eis que vem o pilôto Palinuro, que há pouco, enquanto observava os astros, caíra da pôpa e fôra atirado no meio das ondas. Quando a custo, na espêssa escuridão, Enéias distinguiu essa alma desolada, foi o primeiro a lhe falar:

— Qual dos deuses te roubou de nós, ó Palinuro, e te afundou no meio do mar? Dize-me. Pois Apolo, que antes não havia mentido, só nesta resposta me enganou: profetizava que tu, no mar, estarias seguro e chegarias à terra da Ausônia. Acaso é esta a segurança prometida?

E êle respondeu:

— Não te enganou o oráculo de Apolo, ó filho de Anquises, ó meu chefe, e nem um deus me afundou no mar. O leme cuja guarda me havias confiado e ao qual eu me agarrava, dirigindo a nossa navegação, foi, por acaso, arrancado com muita fôrça e eu, atirado nas ondas, o arrastei comigo. Mas juro pelos mares agitados: não receei por mim tanto quanto temi que o teu navio, despojado do leme e sem pilôto, sucumbisse entre as enormes ondas que se erguiam. Durante três noites de tempestade, o vento desencadeado sôbre as águas me arrastou através do imenso mar; no quarto dia, erguido no alto de uma onda, eu, com dificuldade, avistei a Itália. Nadando, pouco a pouco aproximava-me da terra; e atingia já um lugar seguro quando, ao agarrar com as mãos crispadas as ásperas saliências de um rochedo, sob o pêso da roupa molhada, uma gente selvagem me atacou com armas, esperando, em sua ignorância, fazer um saque. Agora as ondas possuem o meu corpo e os ventos o fazem rolar junto da praia. Eu te suplico, pois, ó herói invencível, pela doce luz e pelas brisas do céu, por teu pai, pela esperança de Julo, que está a crescer, tira-me desta desgraça: lança terra sôbre o meu cadáver. Tu o podes fazer: basta ires ao pôrto de Vélia. Ou então, se existe algum meio, se a deusa tua mãe te mostra algum (pois não creio que te disponhas a atravessar tal rio e o pântano do Estige sem o consentimento dos deuses), dá a mão a êste infeliz, faze-me atravessar contigo estas águas para que eu, na morte, possa ao menos repousar em tranqüila morada.

Assim dissera êle e a profetisa então pôs-se a falar:

— De onde te vem, ó Palinuro, um desejo tão louco? Sem sêres sepultado, tu queres ver as águas do Estige e o horrendo rio das Fúrias e, sem sêres chamado, passar à outra margem? Não esperes mudar com tuas preces a decisão dos deuses. Lembra-te, porém, destas palavras, que te consolarão na tua dura sorte: levados por prodígios celestes que se estenderão pelas cidades, os que habitam perto de Vélia purificarão os teus restos mortais e te erguerão um túmulo, ao qual prestarão solenes honras; e o lugar terá, para sempre, o nome de Palinuro.

Estas palavras lhe afastaram as mágoas e, por algum tempo, expulsaram a dor do triste coração; alegrou-o o fato de uma terra ter o seu nome.

A TRAVESSIA

Prosseguem então o caminho e aproximam-se do rio. Assim que o barqueiro, do meio do Estige, viu que êles caminhavam através do silencioso bosque em direção ao rio, antes que falassem, gritou com maus modos:

— Quem quer que sejas tu, que armado te diriges para os meus rios, detém o passo e daí, de onde estás, dize já porque vens. Esta é a região das Sombras, do Sono e da Noite que adormenta; não me é permitdo transportar corpos vivos no meu barco. E, de fato, eu não tive alegrias por haver aqui recebido Hércules ou Teseu e Perítoo quando êles vieram, embora fôssem heróis invencíveis e filhos de deuses. Um, pela fôrça, acorrentou o guardião do Inferno e o arrastou, a tremer, do trono de Plutão; os outros tentaram tirar a rainha do próprio leito do rei.

A isso, a profetisa de Apolo respondeu brevemente:

— Nós não meditamos tais perfídias; não te irrites! Nem estas armas trazem a guerra. O enorme cão de guarda ficará no seu antro a amedrontar eternamente com seus latidos as almas sem corpo e a casta Prosérpina ficará no palácio de seu tio. O troiano Enéias, notável na piedade e nos combates,

desce às trevas profundas do Érebo para ver o seu pai. Se a idéia de tão grande piedade não te comove, reconhece, porém, êste ramo.

E mostrou-lhe o ramo, que ocultava sob suas vestes. Então a alma do barqueiro, intumescida pela ira, se acalmou. Ela nada mais disse; e êle, admirando a sagrada oferenda, o ramo do destino, que tornava a ver depois de muito tempo, voltou a escura pôpa e aproximou-se da margem. Então afastou as almas que se sentavam nos longos bancos, esvaziou os corredores e recebeu no barco o forte Enéias. O barco, feito de juncos ligados entre si, gemeu sob o pêso e, pelas frestas, encheu-se de água lamacenta. Atravessou, por fim, e deixou incólumes, a profetisa e o herói sôbre uma informe vasa e verdes ulvas. Defronte, o enorme Cérbero, deitado numa gruta, feroz, atroa o reino dos mortos com os latidos das três bôcas. A profetisa, vendo que já se erguiam as serpentes sôbre os pescoços dêle, lançou-lhe uma mistura soporífera de grãos preparados e de mel. Êle, com excessiva gula, escancarou suas três bôcas e engoliu o que lhe foi lançado; e eis que, deitado por terra, relaxou o monstruoso corpo e se estirou, enorme, por tôda a gruta. Adormecido o cão de guarda, Enéias franqueou a entrada e, rápido, afastou-se da margem do rio que não se pode atravessar duas vêzes.

A ALMA DE DIDO

Logo se ouvem vozes e um imenso vagido: são as almas chorosas das crianças que, no limiar da vida, foram privadas da doce existência e roubadas ao regaço materno; o dia funesto arrebatou-as e imergiu-as na morte prematura. Junto destas acham-se aquêles que foram condenados à morte por falsa acusação. E êste lugar, na verdade, não é atribuído sem a sentença de juízes indicados por sorteio: Minos, como um pretor, agita a urna, convoca o conselho das Sombras e investiga as vidas e as culpas.

Perto dali, tristonhos, têm lugar aquêles que, sem haver cometido nenhum crime, causaram a própria morte e, des-

gostosos da vida, rejeitaram suas almas. Como prefeririam agora estar no alto e sofrer a pobreza e os duros trabalhos! Mas a isso se opõem a justiça divina e o sombrio paul; retém-nas a lúgubre água, interpõe-se o Estige que as encerra com suas nove voltas. Não longe dali se estendem por todos os lados os vales do Pranto; assim são chamados. Aqui, solitários caminhos encobertos por uma floresta de mirtos escondem aquêles que um duro amor, com seu cruel veneno, consumiu. As angústias do amor não os deixam nem mesmo na morte. Nesse lugar Enéias vê Fedra e Prócris e a triste Erifila, que mostra as feridas de seu cruel filho, e Evadna e Pasífae; com elas, Laudâmia e Cênide, outrora uma jovem e agora mulher, que o destino fêz voltar à sua antiga forma. Entre elas a fenícia Dido vagueava pela grande floresta, com a ferida ainda fresca; o herói troiano, logo que se deteve junto dela e — tal como, no comêço do mês, se vê ou se julga ter visto surgir a lua no meio das nuvens — reconheceu no escuro a vaga sombra, pôs-se a chorar e lhe falou com suave afeto:

— Infeliz Dido, era então verdadeira a notícia de que tinhas morrido, de que te suicidaste com a espada? E fui eu a causa de tua morte? Juro pelos astros, pelos deuses do céu e por tudo o que há de sagrado debaixo da terra: contra a minha vontade, ó rainha, eu parti de teu pôrto. Forçaram-me as ordens dos deuses, que agora me obrigam a caminhar por entre estas sombras, por êstes lugares horrendos e selvagens e através da funda escuridão; e eu não podia pensar que a minha partida te havia de trazer sofrimento tão grande. Pára, deixa-me ver-te. De quem estás fugindo? Pela última vez o destino permite que eu te fale.

Com tais palavras Enéias procurava abrandar aquela alma cheia de cólera, que o olhava torvamente, e lhe excitava o pranto. Ela, porém, virando-lhe o rosto, pôs-se a fitar o solo e, como se fôsse uma dura rocha ou um mármore de Páros, tais palavras não lhe modificaram a expressão. Por fim, zangada, correu a refugiar-se no umbroso bosque; ali Siqueu, seu primeiro marido, retribui seu afeto e lhe corresponde com um

amor igual. E enquanto ela se afastava, Enéias a seguia longamente com os olhos cheios de lágrimas, compadecido e abalado por tão grande infortúnio.

O ENCONTRO COM DEÍFOBO

Êle retoma com esfôrço o caminho que lhe era permitido. E chegam à última destas regiões, onde, apartados, se reúnem aquêles que foram notáveis na guerra. Ali Enéias encontra Tideu e Partenopeu, famoso pelas suas armas, e a pálida imagem de Adrasto. Ali estão os troianos tombados na guerra e muito pranteados pelos homens: Glauco e Medonte e Tersíloco, e os três filhos de Antenor, e Polibetes, sacerdote de Ceres, e Ideu, que ainda segura o carro e as armas; e Enéias, vendo-os todos em longa fileira, solta um gemido. Em volta do herói, à direita e à esquerda, apinham-se as almas; elas não se contentam de o ter visto uma vez; agrada-lhes retê-lo e até seguir-lhe os passos e saber por que motivo veio. Mas os chefes dos gregos e as falanges de Agamenão, quando viram Enéias e suas armas que refulgiam nas trevas, foram tomados de um imenso terror; uns lhe voltam as costas, como outrora, quando fugiam para os seus navios, outros emitem um débil grito e, na bôca aberta, morre-lhes o brado.

E eis que Enéias avistou Deífobo, filho de Príamo, com o corpo todo em pedaços, o rosto cruelmente lacerado, o rosto e as duas mãos, as têmporas mutiladas, arrancadas as orelhas, o nariz cortado por horrível ferida. Êle, tremendo, procurava ocultar o bárbaro suplício. A custo Enéias o reconheceu e foi o primeiro a dirigir-lhe palavras amigas:

— Ó Deífobo, poderoso nas armas, gerado do nobre sangue de Teucro, quem te quis infligir tão cruéis suplícios? Quem te pôde tratar dessa maneira? Na última noite de Tróia, chegou-me a notícia de que, no grande massacre dos gregos, havias caído, exausto, sôbre um confuso monte de cadáveres. Então eu mesmo ergui, na praia do Reteu, um túmulo vazio e três vêzes chamei em voz alta os teus manes. Teu nome e um troféu de armas assinalam o lugar. Ao partir eu não pude, ó amigo, ver-te e depor-te na terra da pátria.

E o filho de Príamo lhe respondeu:

— Amigo, tu nada negligenciaste. Satisfizeste em tudo a Deífobo, à sombra do morto. Meu destino, porém, e o funesto crime da espartana abismaram-me nestes males: eis as recordações que me deixaram. Tu sabes que passamos entre alegrias falsas a noite suprema; e infelizmente não o podemos esquecer. Quando o cavalo fatal subiu para o alto de Pérgamo com o ventre cheio de infantes armados, aquela mulher, fingindo dirigir um côro, conduziu as troianas em redor, tal qual bacantes a celebrar orgias; e ela própria, no centro, segurava uma enorme tocha e, do alto da cidade, fazia sinais aos gregos. Então eu, alquebrado pelos meus encargos e pesado de sono, estava deitado no infeliz leito nupcial; retinha-me um sono doce e profundo, muito semelhante à placidez da morte. Entretanto, minha excelente espôsa tirara-me da cabeceira a fiel espada e levara da casa tôdas as armas; chamou Menelau para dentro e abriu as portas, esperando, sem dúvida, que isto seria um grande obséquio para o homem que a amava e apagaria, assim, a lembrança da antiga culpa. Mas, por que me alongo? Êles se precipitam sôbre o leito e, com êles, o instigador de crimes, Ulisses, o neto de Éolo. Ó deuses, dai aos gregos iguais sofrimentos, se é uma bôca piedosa que reclama de vós tal castigo. Mas, fala tu agora; dize-me que circunstâncias te conduziram até aqui. Vens acaso trazido pelas insídias do mar ou por uma ordem dos deuses? ou que outro destino te persegue para que venhas a estas tristes moradas sem sol, a êstes lugares tenebrosos?

Enquanto conversavam, a Aurora, com suas quadrigas côr de rosa, já atravessara, no seu etéreo curso, a metade do céu; e em tais palestras gastariam talvez todo o tempo que lhes fôra concedido, se a Sibila não advertisse o companheiro, dizendo-lhe brevemente:

— Enéias, cai a noite e nós passamos as horas a falar. É aqui o lugar onde o caminho se bifurca: o da direita leva ao palácio do grande Plutão; êste é o nosso caminho, o dos Campos Elíseos; o da esquerda conduz ao ímpio Tártaro, onde os maus são castigados.

Deífobo lhe respondeu:

— Não te irrites, ó grande sacerdotisa; irei embora, tomarei meu lugar entre as Sombras, retornarei às trevas. Vai, ó glória nossa, vai! Oxalá tu tenhas melhor sorte!

Disse apenas isso e afastou-se.

O TÁRTARO

De súbito, Enéias olhou para trás e viu à esquerda, sob um rochedo, uma vasta cidade cercada por tríplice muro; em volta, ligeiro rio de chamas ardentes rola sonoras pedras: é o Flegetonte, que banha o Tártaro. Na frente, uma enorme porta e colunas de ferro maciço, que nenhuma fôrça humana e nem mesmo os deuses do céu, com um engenho de guerra, poderiam quebrar. Uma tôrre de ferro ergue-se nos ares, e Tisífone, sentada no limiar, com a roupa sangrenta arregaçada, guarda-o noite e dia, vigilante. Ali se ouvem gemidos e o ressoar de cruéis açoites e o estridor do ferro e o arrastar de correntes. Enéias, aterrado, se detêm e se põe a escutar aquêles ruídos.

— Dize-me, ó virgem, que espécie de crimes se castigam aqui e quais são as penas? Por que me chegam aos ouvidos tamanhos lamentos?

Então a profetisa assim falou:

— Ó ilustre chefe dos troianos, a nenhum homem puro é permitido entrar nessa morada criminosa; mas quando Hécate me confiou a guarda dos bosques sagrados do Averno, ela própria me instruiu sôbre os castigos dados pelos deuses e me conduziu por todos êstes lugares. Aqui o cretense Radamanto reina impiedoso e tortura e interroga os autores de fraudes, que inùtilmente se alegraram de haver dissimulado entre os homens e cuja expiação procrastinaram, julgando que a morte tardaria. Sem detença, a vingadora Tisífone, munida de um açoite, salta sôbre os culpados e os flagela e, com a mão esquerda, apresenta-lhe ferozes serpentes, e chama o cruel bando de suas irmãs. Então se abrem finalmente as portas malditas e os gonzos produzem horrendo estridor. Vês que

guarda está sentado à porta, que monstro vigia a entrada? Dentro se posta, ainda mais terrível, uma hidra monstruosa, com suas cinqüenta goelas escancaradas. Depois o próprio Tártaro se abre em despenhadeiro e se estende nas trevas o dôbro do espaço que a vista alcança quando se olha a alta abóbada do céu. Lá, no fundo do abismo, se revolvem os velhos filhos da Terra, os Titãs derrubados pelo raio. Lá eu vi os corpos monstruosos dos dois gigantes filhos de Aloeu, que tentaram arrombar com as mãos o vasto céu e expulsar Júpiter de seu etéreo reino. E vi também o cruel castigo de Salmoneu. Levado por quatro cavalos, agitando uma tocha, êle ia triunfante por entre os povos gregos, por sua cidade no meio da Élida, e imitava os raios de Júpiter e os trovões do Olimpo e reclamava para si honras divinas; insensato, que julgava reproduzir, com o carro de bronze e os cascos dos cavalos, as tempestades e o inimitável raio. Mas, do meio das nuvens carregadas, o Pai onipotente lançou um dardo — que não era uma tocha nem a fumosa chama da resina — e o precipitou na enorme voragem. Também pude ver Tício, filho da Terra, a mãe universal; seu corpo cobre completamente nove alqueires e um monstruoso abutre lhe devora com o bico adunco o fígado imortal e as vísceras fecundas em dores: revolve-as buscando alimento e se aninha no fundo do peito sem dar nenhum descanso às carnes que renascem. Devo lembrar os lápitas e Ixião e Perítoo? Uns rolam um enorme rochedo, outros pendem atados a raios de rodas. O infeliz Teseu está sentado e assim ficará eternamente; e Flégias, o mais desventurado, a todos adverte e atesta em voz alta nas sombras: «Com o meu exemplo, aprendei a ser justos e a não menosprezar os deuses». Sôbre êle, a ameaçá-lo, oscila um negro rochedo, que parece prestes a cair. Defronte brilham altos leitos de festa e iguarias preparadas com régio luxo; porém, a mais velha das Fúrias deita-se perto e, quando êle quer tocar nas mesas, levanta-se e o impede com a tocha erguida e a voz estrondosa. Aqui, encerrados, esperam seu castigo os que em vida odiaram os irmãos, os que bateram no próprio pai, os que urdiram fraudes contra seus clientes, a enorme multidão dos que guardaram

só para si os bens acumulados e nada deram aos seus; e os que foram mortos por causa de adultério; e os que seguiram ímpias facções e não hesitaram em trair a fé jurada a seus senhores. Não queiras saber qual é o castigo, qual a espécie de crime ou a condição que aí os atirou. Êste vendeu a pátria a pêso de ouro e lhe impôs um tirânico senhor e, subornado, fêz e refez leis; aquêle invadiu o leito de sua filha em criminosa união; todos ousaram monstruosos crimes e gozaram da própria ousadia. Mesmo que eu tivesse cem línguas, cem bôcas e uma voz de ferro, não conseguiria abranger tôdas as espécies de crimes ou enumerar todos os castigos.

E a velha sacerdotisa de Apolo acrescentou ainda:

— Mas vamos, segue teu caminho, termina o que empreendeste; apressemo-nos. Vejo os muros saídos das forjas dos ciclopes e, diante de nós, a porta em forma de arco, onde está prescrito que devemos deixar esta oferenda.

OS CAMPOS ELÍSEOS

Assim falou e os dois, andando juntos pelas escuras estradas, atravessaram rápidos o espaço que os separava do palácio e aproximaram-se da porta. Enéias se coloca junto à entrada, lava-se com água fresca e crava na porta externa o ramo.

Finalmente, cumpridos êstes ritos e oferecido o presente à deusa, chegam aos lugares agradáveis, às deliciosas relvas dos bosques e às felizes moradas dos bem-aventurados. Ali o céu é mais largo e envolve os campos com uma luz purpúrea; e as almas têm o seu sol e os seus astros. Uns se exercitam na palestra coberta de relva, medem-se nos jogos, lutam sôbre a dourada areia; outros dançam em côro, batendo os pés, e entoam cantos. O sacerdote trácio, em veste talar, os acompanha com as sete cordas da lira, que toca ora com os dedos ora com o plectro de marfim. Ali estão os antigos descendentes de Teucro, belíssima posteridade, heróis magnânimos, nascidos em tempos melhores: Ilo, Assáraco e Dárdano, o fundador de Tróia. De um lado, Enéias admira as armas e os carros vazios dos guerreiros. As lanças estão fincadas na terra e os

cavalos soltos pastam espalhados pelo campo. A mesma paixão dos carros e das armas, que tiveram em vida, o mesmo cuidado de apascentar os gordos cavalos seguem-nos ao sepulcro. E à direita e à esquerda Enéias vê outros que se banqueteiam sôbre a relva e cantam em côro alegre peã, entre os cheirosos loureiros de um bosque de onde nasce o rio Erídano, que, sôbre a terra, rola caudaloso pela selva. Aqui se agrupam os que foram feridos na luta pela pátria, os sacerdotes que, durante a vida, observaram os sagrados ritos, os poetas piedosos, cuja voz foi digna de Apolo, e os que adornaram a vida com a invenção das artes e os que se fizeram lembrar pelos seus benefícios. Todos êstes têm a fronte cingida por fitas alvas como a neve. A Sibila dirigiu-se às sombras espalhadas em redor e particularmente a Museu — pois o avistou em meio à multidão, que êle sobrepujava com os seus altos ombros — :

— Dizei-me, ó almas felizes, e tu, ó excelente poeta, onde reside Anquises, qual é o seu lugar. Por causa dêle viemos e atravessamos os grandes rios do Érebo.

O herói lhe respondeu em poucas palavras:

— Ninguém tem lugar fixo; moramos nos bosques umbrosos, vivemos nos prados que os arroios refrescam, deitamo-nos sôbre a relva das margens. Mas vós, se o vosso coração assim deseja, subi êste outeiro e eu logo vos porei num caminho fácil.

Assim disse e tomou a dianteira e lhes mostrou, do alto, uma brilhante planície. Enéias e a Sibila desceram então. No fundo de um vale verdejante, o pai Anquises percorria com os olhos, terno e pensativo, as almas aí encerradas que deviam voltar à luz da terra e passava em revista todos os seus queridos descendentes e o destino, a sorte, o caráter e os feitos dêsses heróis. Logo que viu Enéias avançar diante dêle pela grama, estendeu-lhe, alegre, as duas mãos e, com o rosto banhado de lágrimas, falou:

— Vieste, afinal! A tua piedade, com a qual eu contava, venceu o difícil caminho. É-me concedido, ó filho, ver o teu rosto, ouvir a tua voz querida e responder-te! Na verdade, eu o esperava, eu acreditava que isto havia de acontecer e contava os dias... Minha ansiosa espera não me enganou. Eu te recebo após teres passado por tantas terras e tantos mares. Em quantos perigos tu foste lançado, ó meu filho! Quanto eu temi que o reino da Líbia te prejudicasse!

E êle respondeu:

— Tua imagem, meu pai, tua triste imagem, que me vinha à memória muitas vêzes, impeliu-me a buscar estas moradas. Minha frota está ancorada em águas do Tirreno. Dá-me tua mão, ó pai, deixa-me apertá-la e não te esquives ao meu abraço.

Enquanto assim dizia, copioso pranto lhe banhava o rosto. Três vêzes procurou envolver com os braços o pescoço do pai; três vêzes a sombra em vão abraçada lhe escapou das mãos, como se fôsse uma ligeira brisa, um efêmero sonho.

Entrementes, Enéias viu, num recanto do vale, um solitário bosque de ramos farfalhantes, e o Letes, que banha a plácida região. Às margens do rio, inumeráveis raças e povos adejavam, como quando, nos prados, durante o sereno verão, as abelhas pousam em flôres diversas e se espalham em tôrno dos cândidos lírios, e o zunido ressoa por tôda a campina. Ante esta súbita visão, Enéias estremece e quer saber as causas do que vê, que rio é aquêle, ao longe, quem são os homens que, em tão grande número, enchem as margens.

Então seu pai, Anquises, lhe responde:

— As almas destinadas à uma segunda encarnação bebem, junto do rio, a água que dá tranqüilidade e eterno esquecimento. Há muito tempo eu desejo falar-te a êsse respeito, mostrar-te e enumerar a minha descendência para que aqui, comigo, te alegres ainda mais de ter chegado à Itália.

— Meu pai, deve-se então pensar que algumas almas vão daqui para o alto e novamente voltam aos pesados corpos? Por que essas infelizes têm um tão insensato desejo da vida?

— Eu to direi, meu filho, e não te deixarei na incerteza.

REVELAÇÕES DE ANQUISES

Assim principiou Anquises e lhe expôs, em ordem, tôdas as cousas:

— Antes de tudo, há um princípio espiritual que anima internamente o céu, a terra, a planície das águas, o luminoso globo da lua e o titânico astro do sol: difuso pelos membros do universo, êsse espírito move a massa inteira e se mistura ao vasto corpo. Daí resultam a espécie humana e a dos animais, a vida dos pássaros e os monstros que o oceano tem debaixo da reluzente água. Êsses germens de vida têm origem celeste e a fôrça do fogo, enquanto as impurezas do corpo não os tornam pesados nem os embotam as articulações terrenas e os nossos membros votados à morte. Então as almas sentem receios e desejos, sofrem e se alegram e não vêem claramente sua origem celeste, encerradas nas trevas do escuro cárcere. E mesmo no supremo dia, quando a vida as abandona, nem todo o mal, nem tôdas as fraquezas do corpo deixam por completo as infelizes: é inevitável que muitos vícios, endurecidos pelos anos, criem raízes espantosamente profundas. Por isso são submetidas a castigos e espiam com suplícios os velhos erros: umas, suspensas no ar, são expostas ao sôpro ligeiro dos ventos; outras, no fundo de um grande abismo, lavam a mancha do crime ou são purificadas pelo fogo, até que o tempo, completo o seu ciclo, tenha apagado a antiga mácula e tornado puro o etéreo princípio da alma, o fogo do simples espírito. Cada um de nós sofre o castigo imposto por seu Gênio; depois, somos poucos os que podemos passar para os vastos Campos Elíseos e possuir para sempre estas alegres terras. Tôdas estas almas que vês, decorridos mil anos, um deus as chama, em longa fila, ao rio Letes para que, esquecidas de tudo, revejam ainda a abóbada celeste e queiram entrar novamente nos corpos.

Tendo assim falado, Anquises levou o filho e a Sibila para o meio da ruidosa turba ali reunida e alcançou uma eminência de onde pudesse examinar à sua frente a longa fila e conhecer os rostos dos que passavam.

— Agora vou predizer-te a glória reservada à posteridade dos troianos e os descendentes que te esperam na Itália e as almas ilustres que levarão o nosso nome, e revelar-te-ei o teu destino. Aquêle jovem, que vês apoiado numa lança de ferro,

ocupa, por sorte, o lugar mais próximo da luz e é o primeiro que vai surgir na região dos homens com o sangue itálico unido ao nosso: é Sílvio, de raça albana, o último filho que te dará, tardiamente, em tua velhice, a espôsa Lavínia, que o educará nas selvas; rei e pai de reis, por êle a nossa descendência dominará Alba-Longa. Junto dêle está Procas, glória do povo troiano, e Cápis e Numitor e Silvio Enéias, que fará reviver o teu nome e será igualmente ilustre pela piedade e pelas armas, se um dia vier a reinar sôbre Alba. Que jovens! Olha que fôrças ostentam e como trazem as frontes cingidas pelo carvalho cívico. Uns fundarão as cidades de Nomento e Gábios e Fidena, outros elevarão sôbre os montes a cidadela de Colácia, e Pomécia e Castrum Invi e Bola e Cora. Tais serão o nome destas terras, hoje sem nome. Mas eis Rômulo — filho de Marte, gerado porÍlia, do sangue de Assáraco, — que se unirá ao avô. Vê como em sua fronte se erguem dois penachos, e o próprio pai, com sua insígnia, indica-o como um deus; será por sua iniciativa, meu filho, que a ilustre Roma igualará seu império ao universo e seu espírito ao Olimpo e cercará com uma só muralha sete colinas, feliz berço de heróis. Assim a mãe Cibele, coroada de tôrres, é levada em seu carro através das cidades frígias, feliz de haver gerado deuses e de abraçar cem netos, todos habitantes do céu, todos senhores das alturas! Volta agora os teus olhos e contempla esta nação, os teus romanos. Eis César e tôda a progênie de Julo que há de vir à luz sob a grande abóbada do céu. Êste é o homem que te foi tantas vêzes prometido: César Augusto, filho de um deus, que de novo há de instituir nos campos do Lácio, onde outrora reinou Saturno, a idade de ouro e há de estender o império até os garamantes e os indianos, até a terra que jaz além dos astros e da rota do sol e do ano, onde Atlas, que sustenta o mundo, faz girar sôbre os ombros a abóbada prêsa às estrêlas brilhantes. À sua chegada, já os oráculos dos deuses atemorizam os reinos cáspios e a terra meócia, e as sete embocaduras do Nilo perturbam-se receosas. Nem Hércules, ainda que tenha transpassado a corça de pés de bronze, pacificado os bosques do Erimanto e feito tremer Lerna com seu

arco, percorreu tantas terras; nem Baco, que, conduzindo os touros do alto cume do Nisa, submeteu-os ao jugo das rédeas de pâmpano. E duvidamos ainda em engrandecer o mérito dos nossos feitos e o mêdo impede que nos fixemos em terras da Ausônia? Mas quem é aquêle homem, ao longe, que os ramos de oliveira indicam ser ilustre e que leva objetos sagrados? Reconheço os cabelos e as barbas brancas do primeiro rei romano a fazer leis que consolidem a cidade, trazido de sua pequena Cures, de sua pobre terra, para exercer um grande império. A êste sucederá Tulo, que pôs fim à tranqüilidade da pátria e chamou às armas os homens inativos e as tropas já desabituadas dos triunfos. Anco será seu imediato sucessor, mais jactancioso e sensível ao favor do povo. Queres ver também os Tarqüinios e a alma altiva do vingador Bruto e os feixes reconquistados? Êste será o primeiro a receber o poder consular e os machados terríveis, e castigará, em prol da bela liberdade, os filhos que preparam novas guerras. Infeliz, ainda que os pósteros exaltem êste feito! Mas o amor da pátria e um imenso desejo de glória triunfarão. Contempla ao longe os Décios e os Drusos e Torquato, com o terrível machado, e Camilo, que reconquistará as insígnias. Aquelas duas almas, que tu vês fulgir em armaduras iguais, harmonizam-se agora, enquanto as oprimem as trevas; mas ah! se atingirem a vida, que combates entre si, que batalhas e que morticínio provocarão o sogro e o genro, descendo aquêle dos baluartes alpinos e da fortaleza de Moneco, e êste apoiando-se sôbre o Oriente inimigo. Não, meus filhos, não habitueis as vossas almas a tão mesquinhas guerras nem volteis vossas possantes fôrças contra as entranhas da pátria; e tu, primeiramente, tu, que tiras do Olimpo a tua origem, modera-te e lança de tua mão os dardos, ó meu filho!... Aquêle, vencedor célebre pelo massacre dos gregos, conduzirá seu carro de Corinto vencida para o Capitólio. Aquêle outro destruirá Argos e a Micenas de Agamenão e o próprio filho de Éaco, descendente do valoroso guerreiro Aquiles, vingando assim os seus avós troianos e o profanado templo de Minerva. Quem silenciará a teu respeito, ó grande Catão, ou ao teu, ó Cosso? Quem esquecerá a família dos

Gracos e os dois Cipiões, dois raios na guerra, ruína da Líbia? E Fabrício, poderoso em sua pobreza, e a ti, ó Serrano semeador? Para onde me arrebatais, fatigado, ó Fábios? E tu, és aquêle Máximo que, sòzinho, contemporizando, reerguerá nosso poder? Creio que outros serão mais hábeis em dar vida ao bronze e tirarão do mármore rostos vivos, defenderão melhor as causas, medirão com o compasso o mover-se dos céus e anunciarão os astros que se levantam. Tu, ó romano, lembra-te de reger com o teu domínio os povos; estas serão tuas artes: impor o hábito da paz, poupar os vencidos e abater os soberbos!

Assim falou o venerável Anquises aos companheiros maravilhados, e acrescentou:

— Vê como o ilustre Marcelo avança com fartos despojos e, vencedor, eleva-se acima de todos os homens. Êle sustentará, em meio a um grande tumulto, o poderio romano e, cavaleiro, deitará por terra os cartagineses e o gaulês rebelde e consagrará ao pai Quirino as armas tomadas.

Neste ponto Enéias, vendo avançar junto de Marcelo um jovem de notável beleza e armas fulgentes mas de rosto pouco alegre e olhos baixos, perguntou:

— Quem é aquêle, meu pai, que assim acompanha o herói? Acaso é seu filho ou algum descendente da sua nobre estirpe? Que aclamações entre os companheiros! Quanto valor denota êle próprio! Mas uma negra noite envolve-lhe a cabeça em triste sombra.

Então o venerável Anquises lhe respondeu chorando:

— Ó filho, não queiras saber a grande tristeza dos teus. Êste, os fados apenas mostrá-lo-ão à terra mas não permitirão que vá além. A nação romana, ó deuses, parecer-vos-ia demasiadamente poderosa se êstes dons fôssem duradouros. Que lamentações o Campo de Marte lançará à grande cidade! Que funerais verás, ó Tibre, quando passares junto ao sepulcro novo! Nenhum jovem da raça troiana levou tão longe a esperança dos seus avós nem jamais a terra de Rômulo se orgulhou tanto de algum filho. Ó piedade, ó honra, ó dextra invencível na guerra! Ninguém se opôs impunemente a êste homem armado, quer marchasse a pé contra o inimigo, quer espo-

reasse o flanco do espumante corcel. Ó jovem digno das nossas lamentações, se de algum modo pudesses infríngir o áspero destino! Tu serás Marcelo. Oferecei lírios a mãos cheias e eu espargirei flôres purpureas e cumularei, ao menos com tais dons, a alma de meu neto e prestar-lhe-ei essa vã homenagem.

Assim vaguearam, aqui e ali, por tôda a região, pelos largos campos de ar puro, e tudo percorreram com o olhar. Depois que Anquises conduziu o filho através de tôdas estas maravilhas e lhe excitou na alma o amor de sua glória futura, falou-lhe então das guerras que logo deveria sustentar e informou-o a respeito dos povos de Laurento e da cidade de Latino e de que modo poderia evitar ou suportar cada trabalho.

Existem duas portas do Sono: uma, dizem que é de chifre e por ela saem fàcilmente imagens verdadeiras; a outra reluz, feita de brilhante marfim, mas por ela os manes enviam para cima fantasmas ilusórios. Explicando tais cousas, Anquises acompanha o filho e a Sibila e os faz sair pela porta de marfim. Enéias, cortando caminho, dirge-se para os navios e vê de novo os companheiros. E, beirando a terra, transporta-se ao pôrto de Gaeta. Lançam das proas as âncoras e as pôpas se detêm ao longo da costa.

LIVRO VII

O INÍCIO DA GUERRA

Também tu, ó Gaeta, nutriz de Enéias, com tua morte deste eterno renome às nossas praias; e agora tua fama perdura naqueles lugares e — se esta é uma glória — teu nome os assinala na grande Hespéria.

O ANTIGO LÁCIO

Mas o piedoso Enéias, findos os funerais segundo o rito e erguido o sepulcro, depois que as profundas águas se acalmaram, faz-se à vela e sai do pôrto de Gaeta. Os ventos sopram ao cair da noite, a lua não se nega a iluminar a rota e a sua luz trêmula brilha por sôbre o mar. Passam bem rente à costa da terra de Circe, onde a filha do Sol faz ressoar com seu contínuo canto inacessíveis bosques e à noite queima cheiroso cedro a fim de iluminar o soberbo palácio enquanto ela tece, com a sonora naveta, as finas telas. Dali se ouvia sair os gemidos raivosos dos leões que sacudiam as correntes e rugiam no meio da noite; e os porcos e os ursos se agitavam furiosos nos currais, e monstruosos lôbos ululavam. Todos haviam tido forma humana, mas a deusa cruel, com suas poderosas ervas, fizera-os tomar a aparência de feras. Para que os piedosos troianos não devessem, conduzidos ao pôrto, sofrer tais sortilégios e não entrassem nessas sinistras terras. Netuno encheu as velas com ventos favoráveis e o fêz fugir e os levou para longe dos agitados vaus.

Já os raios do sol tornavam rubro o mar e, do alto do céu, a Aurora dourada refulgia no róseo carro, quando os ventos se acalmaram e, de repente, todo sôpro cessou e os remos puseram-se a lutar contra as águas imóveis e brilhantes. Então, do mar, Enéias avista um vastíssimo bosque. No meio dêste corre o ameno Tibre, que, amarelado pela areia abundante, em rápidos turbilhões vai lançar-se no mar. Em

cima e ao redor, diversas aves habituadas às margens e ao curso do rio encantam os ares com seus gorgeios e voam pelo bosque. Manda que os companheiros dobrem caminho e voltem as proas para a terra; e entra, alegre, no ensombrado rio.

Vamos agora, ó Érato: eu exporei qual era a situação do antigo Lácio, quais os reis e quais as circunstâncias quando a armada estrangeira pela primeira vez aportou na Itália, e lembrarei a origem dos primeiros combates. Cantarei as guerras horríveis, cantarei os exércitos e os reis que o próprio ardor levou ao morticínio e a tropa etrusca e a Itália inteira coagida à luta. Diante de mim se abre um assunto mais amplo, empreendendo algo maior.

Já muito idoso, o rei Latino reinava em paz sôbre as suas vastas terras e tranqüilas cidades. Soubemos que êle era filho de Fauno e de Marica, uma ninfa latina; Fauno era filho de Pico e êste se gabava de ter por pai Saturno, o mais remoto antepassado dessa família. Por vontade dos deuses, Latino não tinha um filho varão; o que teve morreu na adolescência. Uma só filha era a herdeira da casa e dos vastos domínios, já em idade de se casar, já plenamente núbil. Muitos homens do grande Lácio e da Itália inteira a pretendiam. Pediu-a Turno, o mais belo de todos, de ilustres avós e antepassados, a quem a rainha ardentemente desejava por genro. Mas o terror de vários prodígios enviados pelos deuses obstava a união. No meio do palácio, entre os altos muros do pátio interno, existia um loureiro de fronde sagrada, que um religioso respeito havia conservado por muitos anos; dizia-se que o próprio rei Latino o encontrara quando lançava as bases da cidadela e o consagrara a Febo e por isso dera ao seu povo o nome de laurentes. Cousa maravilhosa! Sùbitamente um denso enxame atravessou, com forte zunido, o límpido ar e pousou no mais alto da árvore e, com as patas entrelaçadas, as abelhas penderam de um frondoso ramo. No mesmo instante um adivinho disse:

— Vemos um estrangeiro que chega. Vindo do mesmo lado que êste enxame, um exército busca êste mesmo lugar e estabelecerá o seu domínio sôbre a alta cidadela.

E, além disso, enquanto Latino acendia nos altares piedosos fachos e a jovem Lavínia se mantinha junto do pai, — ó nefasto espetáculo! — viu-se o fogo cercar os seus longos cabelos e a crepitante chama consumir todos os seus ornatos, abrasar-lhe a régia cabeça, abrasar-lhe a coroa rica de gemas, e ela, envolta na luz fumosa e amarelada, espalhar por tôda a casa o fogo. Dizia-se que isso era um presságio de fatos extraordinários e terríveis; os adivinhos profetizavam que ela havia de se tornar famosa por sua glória e pelo seu destino, mas aquêle prodígio anunciava ao povo uma grande guerra.

O rei, entretanto, preocupado com tais presságios, dirige-se aos oráculos de Fauno, seu profético pai, e consulta os bosques sagrados ao pé da alta Albunéia; esta fonte, a maior do bosque, ressoa com sua água sagrada e solta pestíferas exalações. Ali os povos da Itália e tôda a terra da Onétria vêm buscar respostas para as suas incertezas; quando o sacerdote leva para ali as oferendas e, no silêncio da noite, deita-se sôbre as peles estendidas das ovelhas imoladas e dorme, vê muitas sombras que voam de estranhas maneiras e ouve várias vozes e goza de um colóquio com os deuses e fala de divindades do Aqueronte nas profundezas do Averno. Ali, então, o próprio rei Latino, buscando uma resposta, imolara, segundo o rito, cem ovelhas novas e jazia deitado sôbre as peles estendidas. Do fundo do bosque, sùbitamente lhe chega uma voz:

— Não busques para a tua filha a união com um latino, ó meu filho, não a entregues a essas núpcias que lhe estão preparadas; virá a ti um genro estrangeiro que, unindo ao nosso o seu sangue, levará até o céu o nosso nome e cujos descendentes verão curvar-se a seus pés, submissas, tôdas as nações que o Sol contempla no seu eterno curso de um a outro Oceano.

O próprio Latino não guardou em seus lábios estas respostas de Fauno, seu pai, e as advertências que lhe foram feitas no silêncio da noite; mas já a Fama, voando largamente ao redor, as havia levado pelas cidades da Itália quando os troianos prenderam seus navios às margens relvosas do Tibre.

A ALIANÇA COM LATINO

Enéias, os chefes principais e o belo Julo repousam sob os ramos de uma grande árvore. Preparam a refeição e, na erva, colocam os alimentos sôbre os bolos sagrados de trigo; assim o próprio Júpiter lhes inspirava. E enchem de frutas silvestres êsse prato de Ceres. Depois de as consumirem, a falta de outros alimentos obrigou-os a comer também aquela fina massa de trigo e a violar com as mãos e com os dentes audazes o bôlo fatal, sem poupar nenhum dos largos quadrados. Então, gracejando, Julo disse:

— Oh! Comemos até as mesas!

Não disse mais; e tais palavras, pela primeira vez, anunciaram o fim dos sofrimentos. Enéias recolheu-as da bôca do filho e as meditou, admirado do poder divino. Depois, falou assim:

— Eu te saúdo, ó terra que os fados me prometeram, e a vós, ó fiéis Penates de Tróia: eis a nossa morada, a nossa pátria! Anquises me deixou, — agora me recordo — esta misteriosa predição: «Quando, ó filho, levado a um litoral desconhecido, fôres impelido pela fome a consumir as mesas após a refeição, tu, fatigado, lembra-te de que ali poderás fixar tua morada e construir abrigos fortificados». Esta era a fome profetizada; êste último mal nos esperava para pôr têrmo às nossas desventuras. Coragem, pois! E, quando o sol raiar, vamos, alegres, reconhecer êstes lugares, as cidades e os homens que as habitam; partamos do pôrto para diversas direções. Fazei agora as libações a Júpiter e invocai com preces meu pai, Anquises, e ponde novamente o vinho sôbre as mesas.

Assim tendo falado, coroa as têmporas com um verde ramo e invoca o Gênio do lugar e a Terra, a mais velha entre os deuses, e as Ninfas e os rios ainda desconhecidos; depois, a Noite e os astros que surgem à noite, e Júpiter, que é adorado no Ida, e a Cibele e Vênus e Anquises, um no céu e o outro no Érebo. Então o Pai onipotente trovejou três vêzes no alto do céu sereno e, com sua própria mão, sacudiu e mostrou uma

nuvem que brilhava no espaço aos raios dourados do sol. Pelas tropas troianas corre logo o rumor de que chegara o dia em que seria fundada a prometida cidade. Apressam-se a recomeçar a refeição e, alegres com o grande presságio, erguem as taças cheias de vinho e as coroam de flôres.

No dia seguinte, logo que a Aurora começou a iluminar as terras, êles se dispersaram a fim de examinar a cidade, as praias, os territórios da região. Eis a nascente do Numico, com suas águas lentas, o rio Tibre, a região habitada pelos fortes latinos. Então o filho de Anquises escolhe, de tôdas as classes, cem embaixadores e os manda ao augusto palácio do rei, todos velados com ramos de oliveira, a fim de levar-lhe presentes e pedir a paz para os troianos. Prontamente os que foram enviados se põem a caminho, com passos rápidos. O próprio Enéias designa, com um fôsso pouco profundo, o lugar das muralhas e constrói junto à costa as primeiras moradas e cerca-as com um muro provido de ameias, à maneira dos acampamentos.

E os jovens, chegados ao fim do caminho, já avistavam as tôrres e os altos tetos dos latinos e atingiam seus muros. Defronte da cidade, jovens na flor dos anos se exercitavam em guiar cavalos e, no meio da poeira, dirigiam os carros ou estendiam os duros arcos ou lançavam com os braços robustos os flexíveis dardos ou desafiavam-se à corrida e à luta. Então, indo à frente, a cavalo, um dêsses jovens levou ao velho rei a notícia de que tinham chegado uns homens imponentes, com vestes estrangeiras. O rei mandou que fôssem conduzidos ao palácio e sentou-se sôbre o antigo trono, rodeado pelos seus.

No alto da cidade existia venerável palácio, enorme e erguido sôbre cem colunas: era a residência do rei Pico; os bosques que a cercavam e o culto dos antigos faziam-na inspirar religioso temor. Era um costume sagrado ali os reis receberem o cetro e tomarem os feixes pela primeira vez; ali se reunia o senado, ali se ralizavam os sacros festins; ali, após o sacrifício de um carneiro, os senadores se sentavam a longas mesas. Talhadas em cedro, havia no vestíbulo as imagens dos ancestrais, na ordem em que se sucederam: lá, em pé,

estavam Ítalo e o rei Sabino — o introdutor da vinha, que, sob a estátua, tinha gravada uma curva foice —; e o velho Saturno e a imagem bifronte de Jano; e também outros reis antiquíssimos, que sofreram feridas na guerra, lutando pela pátria. E, além disso, das sagradas portas pendiam muitos troféus, carros aprisionados, curvos machados, plumas de capacetes, enormes ferrolhos das portas dos vencidos e dardos e escudos e rostros arrancados aos navios. Ali estava a imagem do próprio Pico; sentado, vestido com uma toga curta, segurava o bastão augural e, com o braço esquerdo, sustentava o escudo; Pico, o domador de cavalos, a quem a espôsa Circe, tomada de paixão, golpeou com a vara de ouro e, por meio de filtros, transformou numa ave de asas multicores. No interior dêsse templo dos deuses, sentado sôbre o trono de seus ancestrais, Latino recebeu os troianos. Quando êles entraram, tomou a palavra e assim lhes falou com voz serena:

— Dizei, ó troianos, — pois conhecemos a vossa cidade e a vossa raça e já ouvíramos falar em vós antes que navegásseis para cá — que procurais? Que motivo, que necessidade trouxe os vossos navios para a costa da Itália depois de atravessardes tantos verdes mares? Quer vós tenhais errado o caminho, quer, impelidos pelas tempestades — pois no alto mar os navegantes as sofrem muitas — tenhais entrado em nossa terra e descansado em nosso pôrto, não recuseis nossa hospitalidade; sabei que os latinos, os quais descendem de Saturno, são justos, não por obrigação de obedecer às leis, mas espontâneamente, segundo o costume do antigo deus. E, na verdade, eu me recordo de uma tradição que os anos obscureceram: os antigos auruncos diziam que Dárdano, nascido nestes campos, chegou até as cidades da Frígia, junto do Ida, e a Samos da Trácia, que agora se chama Samotrácia; partiu da cidade etrusca de Corito. Agora a áurea côrte do céu estrelado o acolhe num trono e, com seus altares, êle aumentou o número dos deuses.

Assim falou, e Ilioneu lhe disse em resposta:

— O rei da ilustre estirpe de Fauno, não foi uma sombria tempestade que nos impeliu por sôbre as ondas, forçando-nos

a aportar em vossas terras; e nem a ignorância dos astros ou da costa nos fêz navegar em direção errada. Expulsos dos grandes reinos que outrora o sol olhava quando partia do extremo do céu, deliberada e voluntàriamente viemos todos a esta cidade. De Júpiter descende o nosso povo; os troianos se orgulham de ter Júpiter como antepassado; da estirpe suprema de Júpiter é tambem o nosso rei, Enéias, que agora nos enviou ao teu palácio. A desgraça que se abateu sôbre os campos do Ida por causa da ira de Micenas, a fatalidade que atirou uns contra os outros os povos da Europa e da Ásia, todos o sabem, mesmo os que habitam a terra mais distante, afastada das águas do oceano, mesmo os que habitam a zona onde o sol é terrível, isolada entre quatro outras zonas. Fugidos daquela destruição, após atravessar tão vastos mares, pedimos um pequeno lugar para os deuses da pátria, uma praia que não prejudique a ninguém, e a água e o ar, que são comuns a todos os homens. Não seremos indignos do vosso reino, não vos virá daí uma glória pequena, nem se há de apagar a lembrança de tão grande benefício, nem a Itália se arrependerá de haver recebido em seu seio os troianos. Não nos desprezes pelo fato de nos apresentarmos espontâneamente com as fitas sagradas nas mãos e com as palavras dos suplicantes; juro pelo destino e pela mão de Enéias, cujo poder já foi experimentado seja nos pactos seja nas armas e na guerra: muitos povos, muitas nações pediram nossa aliança e quiseram unir-nos a elas. Mas os desígnios dos deuses nos obrigaram a procurar as vossas terras. Daqui saiu Dárdano; para aqui Apolo nos chama de novo e, com suas ordens soberanas, impele-nos para o etrusco Tibre, para as águas sagradas das fontes do Numico. Além disso, Enéias te oferece pequenos presentes, restos da antiga fortuna, salvos do incêndio de Tróia: com esta taça de ouro o herói Anquises libava diante dos altares; estas eram as insígnias de Príamo quando, convocados os povos segundo o costume, exercia a justiça; eis o seu cetro, a sua sagrada tiara e as suas vestes, obra das troianas.

Assim falou Ilioneu. Latino fita o solo, refletindo; apenas seus olhos atentos se movem. Nem a púrpura bordada nem

o cetro de Príamo o impressionam; êle pensa antes no casamento da filha e remói em seu íntimo a predição do velho Fauno. Êste era, pois, o genro anunciado pelo oráculo, vindo de terra estrangeira, chamado a partilhar do seu trono; êste era o homem cuja descendência seria notável por seu valor e, com sua fôrça, dominaria o mundo inteiro. Finalmente êle diz com alegria:

— Que os deuses secundem a nossa emprêsa e a sua própria predição! O que desejas, ó troiano, ser-te-à dado; não recuso os teus presentes. Enquanto Latino fôr rei, não vos hão de faltar campos férteis e nem uma opulência igual à de Tróia. O próprio Enéias, se tem tanto desejo de me conhecer, se quer logo se unir a mim pelos laços da hospitalidade e ser tido como meu aliado, venha agora mesmo e não tema apresentar-se ante êstes rostos amigos. Para mim, estará concluída a metade da aliança quando houver apertado a mão do vosso chefe. E vós, levai agora ao rei minha mensagem: tenho uma filha, que os oráculos de um santuário paterno e numerosos prodígios celestes me impedem de casar com um homem da nossa nação; predizem que um genro virá de nação estrangeira — esta é a sorte do Lácio — e, unindo ao nosso o seu sangue, erguerá nossa fama até o céu. Êle é o homem que os fados exigem; eu o creio e, se o pressentimento não me engana, eu o desejo.

Dito isso, o rei mandou levar em ordem a cada um dos troianos um rápido cavalo coberto com um tapete de púrpura bordado — escolheu-os dentre todos os que lhe pertenciam, pois êle possuía nos seus altos estábulos trezentos belos animais —; sôbre os peitos deciam colares de ouro; cobertos de ouro, mordiam os freios do fulvo metal. A Enéias, que não estava ali, mandou um carro com dois cavalos de origem celeste, cujas narinas soltavam ardentes chamas; pertenciam à raça daqueles mestiços que a feiticeira Circe conseguiu, unindo furtivamente uma égua a um cavalo de seu pai, o Sol. Com tais palavras e tais presentes de Latino, voltam os troianos sôbre as altas montarias e levam a paz.

A OPOSIÇÃO DE AMATA

Mas eis que a cruel espôsa de Júpiter voltava de Argos, a cidade fundada por Ínaco e, no seu carro, atravessava os ares, quando, do alto do céu, de sôbre o promontório de Paquino, na Sicília, percebeu a alegria de Enéias e da esquadra troiana. Viu que já tinham deixado os navios e, confiantes, estavam em terra e já construíam as suas casas. A deusa se deteve, transpassada por uma viva dor. Sacudindo a cabeça, soltou estas palavras:

— Ó raça odiosa! Que sorte a dos troianos, tão contrária aos nossos desígnios! Acaso morreram nos campos de Tróia? acaso se pôde, depois de vencidos, aprisioná-los? acaso o incêndio da cidade consumiu os guerreiros? Por entre os exércitos, pelo meio das chamas, acharam um caminho. De certo o meu poder divino afinal jaz por terra, exausto, e o meu ódio, saciado, se acalmou? Não! Eu ousei persegui-los no mar quando expulsos da pátria e me opor a êsses fugitivos em tôdas as águas; empreguei contra êles as fôrças do céu e do mar; e de que me serviram as Sirtes ou Cila e a enorme Caribdes? Êles agora se refugiam no desejado leito do Tibre, livres do oceano e de mim. Marte conseguiu arruinar a nação dos gigantescos lápitas, o próprio pai dos deuses abandonou à vingança de Diana a antiga Cálidon; contudo, qual o crime tão grande que cometeram Cálidon ou os lápitas para merecer isso? Mas eu, a grande espôsa de Júpiter, eu, que tudo ousei e tudo tentei, — infeliz! — sou vencida por Enéias! Por que, se meu poder divino não é bastante forte, hesitarei em implorar não importa que auxílio? Se não posso dobrar os deuses do céu, eu movimentarei o Aqueronte. Não me é permitido impedir que Enéias reine sôbre os latinos; Lavínia lhe está irrevogàvelmente destinada. Pois seja assim! Mas é-me possível diferir tão grandes acontecimentos, ocasionar demoras; é-me possível arruinar os povos de ambos os reis. Que o genro e o sogro paguem a sua união com a ruína dos seus! Teu dote, ó virgem, será o sangue dos rútulos e dos troianos; a deusa Belona te espera a fim de presidir às tuas núpcias! A filha de Cisseu não há de ser a

única a conceber um facho e parir um incêndio no leito nupcial; pois o mesmo sucederá a Vênus: seu filho será um outro Páris, uma outra tocha funesta para Tróia que renasce!

Dito isso, a terrível deusa desceu à terra; das regiões infernais, da morada das deusas cruéis, ela chama a funesta Alecto, em cujo coração estão as tristes guerras, as iras, as insídias e as nocivas calúnias. O próprio pai, Plutão, as próprias irmãs infernais odeiam êsse monstro, tanto ela muda de aparência, tão selvagem é o seu aspecto, tantas são as serpentes que surgem sôbre a sua negra cabeça. Juno lhe fala e assim a estimula:

— Ó virgem filha da Noite, quero que me prestes um serviço pessoal; faze-me êste favor: não permitas que a minha honra e a minha fama sejam diminuídas ou perdidas e que os companheiros de Enéias possam enganar Latino com propostas de casamento e ocupar a terra da Itália. Tu podes armar combates entre os mais unidos irmãos, agitar as famílias por meio do ódio, introduzir nas casas os maus tratos e as tochas fúnebres, tu possuis mil maneiras, mil artes de prejudicar. Sacode o teu fecundo espírito, rompe a paz concluída, semeia pretextos de guerra. Que a juventude deseje as armas e as exija e as arrebate!

Desde então Alecto, impregnada dos venenos das Górgonas, dirigiu-se primeiro ao Lácio e ao alto palácio do rei dos laurentes e sentou-se sôbre o silencioso limiar de Amata, que se inflamava e consumia de ira e feminis receios pela chegada dos troianos e pelo casamento de Turno. A deusa lançou-lhe uma das serpentes de seus escuros cabelos e a fêz entrar no peito da rainha até o fundo do coração, para que ela se enfurecesse e perturbasse todo o palácio. O réptil desliza por entre as vestes e os delicados seios, volteia sem que ela o sinta e furtivamente lhe insufla seu viperino hálito e lhe excita o furor. A enorme cobra se transforma num colar de ouro no pescoço de Amata, transforma-se numa longa fita e enlaça os seus cabelos, passeia, a escorregar, pelos seus membros. E enquanto o contágio do viscoso veneno instilado não

perturbou ainda os seus sentidos nem envolveu os seus ossos em fogo e ela não sentiu no peito todo o ardor, falou com brandura, como costumam as mães, chorando muito pelo casamento da filha com o troiano:

— É, pois, um troiano exilado que tu, como pai, darás Lavínia em casamento? Não tens piedade de tua filha e de ti mesmo? Não tens pena da mãe, que, ao primeiro vento, o pérfido ladrão abandonará, buscando o alto mar com a virgem roubada? Não foi assim que o pastor frígio entrou na Lacedemônia e levou Helena, filha de Leda, para a cidade de Tróia? Onde está a sagrada palavra que deste? Onde o amoroso cuidado que tinhas para com os teus, a mão que tantas vêzes apertou a de Turno, nosso parente? Se é necessário para os latinos que tenhas um genro de um povo estrangeiro, se isso está decidido e a isso te obrigam as ordens de Fauno, teu pai, creio que é estrangeira qualquer terra livre e independente do nosso govêrno, e que assim os deuses o entendem. E Turno, se indagarmos a mais remota origem da sua família, tem por antepassados Ínaco e Acrísio, que são de Micenas, no meio da Grécia.

Em vão, com estas palavras, tentou Latino, que se mantinha inabalável. E furioso veneno da serpente se insinuava profundamente na sua alma e a percorria tôda. Então a infeliz, excitada por monstruosas visões, vagueia desvairada, em selvagem delírio, pelo enorme palácio. Assim volteia o pião que os meninos atiram com um golpe de chicote e, formando todos um grande círculo, atentos ao brinquedo, fazem rodar pelo átrio deserto; o pião gira, impulsionado pela correia, e as ingênuas crianças, curvadas sôbre êle, contemplam admiradas as suas voltas e as animam com golpes. Assim rápida, corre a rainha no meio da cidade e do altivo povo. E mais ainda; como se a invadisse o poder de Baco, tenta um grandíssimo crime, uma grandíssima loucura: foge para a floresta, esconde a filha entre as árvores do monte para livrá-la do casamento com o troiano e demorar as núpcias. Ela grita fremente: «Ó Baco, só tu és digno desta virgem. Olha: é para

ti que ela toma os flexíveis tirsos, em volta de ti ela dança, ela deixa crescer os cabelos a ti consagrados.»

A Fama voa e o mesmo furor inflama os corações de tôdas as mães e as impele a buscar abrigo na floresta. Abandonam os lares, com o colo desnudo, os cabelos ao vento. Algumas enchem os ares de chorosos gemidos e, envoltas em peles, brandem dardos cobertos de pâmpanos. No meio delas, a ardente Amata segura um archote aceso e canta o hino nupcial de sua filha e de Turno. Volvendo os olhos injetados de sangue, de repente ela solta um tôrvo grito:

— Ó mulheres latinas que sois mães, onde quer que estejais, escutai-me: se, nas vossas almas piedosas, resta alguma afeição pela infeliz Amata, se o cuidado dos direitos maternos vos aflige, desatai as fitas dos vossos cabelos e celebrai comigo as orgias.

Assim, no meio da floresta, por entre os refúgios das feras, Alecto, de todos os lados, excita a rainha com o furor de Baco.

A CÓLERA DE TURNO

Quando lhe pareceu que ela havia suficientemente estimulado as primeiras cóleras e abalado o projeto e tôda a casa de Latino, logo a sinistra deusa voou com as negras asas para os muros do corajoso rútulo, para a cidade que Dânae, trazida por um fortíssimo vento, fundou, segundo dizem, com os colonos de seu pai, Acrísio. Outrora os nossos antepassados deram a êsse lugar o nome de Árdea; hoje o ilustre nome ainda persiste mas o esplendor é findo. Ali, no alto palácio, entre as trevas da noite, Turno gozava de um profundo repouso. Alecto abandona sua tôrva face e seu corpo de Fúria e toma o aspecto de uma velha, com a feia fronte sulcada de rugas, os cabelos brancos atados com fitas sagradas às quais se entrelaça um ramo de oliveira; transforma-se em Cálibe, velha sacerdotisa do templo de Juno. E se apresenta ante os olhos do jovem e assim lhe diz:

— Turno, suportarás que tantos trabalhos se percam e o cetro que te é devido passe aos colonos troianos? O rei te recusa o casamento e o dote que tu obtiveste com teu sangue e busca um estrangeiro para herdar seus domínios. Vai agora, tolo, vai expor-te aos perigos e à ingratidão; derruba os batalhões etruscos, protege os latinos, garante-lhes a paz. Enquanto dormias na noite tranqüila, a onipotente Juno mandou que abertamente eu te dissesse isto. Vamos! Ordena prontamente que os jovens tomem as armas e partam para a guerra; entrega às chamas os chefes troianos que acamparam às margens do belo rio e os seus navios pintados. É o que ordenam os poderosos deuses. O próprio rei Latino, se não proclama que te dá a filha e cumpre o prometido, conheça e experimente afinal o que é Turno em combate.

O jovem pôs-se então a rir da profetisa e assim lhe respondeu:

— Não penses que eu não ouvi a notícia de que uma esquadra entrou pelas águas do Tibre e nem me faças tanto mêdo; a rainha Juno não se esqueceu de mim. Mas a decrepitude da velhice, que é incapaz de distinguir o verdadeiro, te aflige, ó mãe, com vãos cuidados e, entre as armas dos reis, zomba de ti com falsos temores. Teu ofício é guardar as imagens dos deuses. É aos homens que cabe fazer guerras; êles farão as guerras e a paz.

A tais palavras, Alecto encheu-se de cólera. E eis que, enquanto êle falava, um súbito tremor se apossou de seus membros; seus olhos tornaram-se fixos, tanto sibilavam as serpentes da Fúria, tão horrível ela manifestava-se. Turno, hesitante, esforçava-se ainda por falar; Alecto, porém, o repeliu, voltando para êle os olhos flamejantes; ergueu sôbre a cabeça duas serpentes, fêz soar seus açoites e, com a bôca a espumar, gritou:

— Ah! a decrepitude da velhice, que é incapaz de distinguir o verdadeiro, zomba de mim com falsos temores entre as armas dos reis. Olha para isto! Eu vim da morada das sinistras irmãs e trago na mão as guerras e a morte.

Dito isso, lançou contra o jovem uma tocha e cravou-lhe no peito as chamas, que deitavam terrível clarão. Enorme sobressalto interrompeu o sono de Turno e um suor que escorria por todo o seu corpo banhou-lhe os membros e os ossos. Fora de si, grita por suas armas, procura-as junto do leito e pela casa tôda. Arde nêle o amor pelo ferro, a funesta paixão pela guerra, a ira, sobretudo; assim a madeira inflamada faz um grande ruído sob os flancos da caldeira de bronze cheia de água, o líquido borbulha e ferve e fumega e, a espumar, transborda, o vaso não mais o comporta e um espêsso vapor se ergue nos ares.

Turno declara, pois, aos seus generais, que a paz foi violada e que devem marchar contra o rei Latino; ordena que tomem as armas para defender a Itália e expulsar o inimigo; êle sòzinho bastará para enfrentar troianos e latinos.

Assim diz e invoca o auxílio dos deuses. Os rútulos então, à porfia, incitam-se ao combate: uns são movidos pela rara beleza e pela juventude de Turno, outros pela sua ascendência real, outros pelo brilho dos seus feitos.

OS PRIMEIROS COMBATES

Enquanto Turno enche de audácia o coração dos rútulos, Alecto, com suas asas infernais, voa para os troianos e, tendo observado o lugar onde, junto da costa, o belo Julo perseguia os animais selvagens e os impelia para as suas rêdes, ela prepara um novo ardil. A infernal virgem incute nos cães um súbito furor e lhes toca as narinas com o conhecido cheiro do veado para incitá-los à perseguição; êste foi o primeiro motivo dos males e excitou nas rústicas almas o desejo da guerra. Havia ali um veado de grande beleza e de enormes chifres; Tirro e seus filhos tinham-no tirado aos peitos da mãe e o alimentavam. Tirro era o pastor dos rebanhos do rei e fôra-lhe confiada a guarda de extensos campos. Sua filha Sílvia ornava com todo o carinho o animal domesticado, cingia-lhe os chifres com graciosas coroas, penteava-lhe o pêlo selvagem, lavava-o em água pura. Êle suportava-lhe a mão e estava acostumado

à mesa do seu dono; e andava pelas florestas e voltava por si mesmo à conhecida porta, embora já noite avançada. Estava êle a vaguear longe da casa e caminhava a esmo ao longo de um rio, refrescando-se na verdejante margem, quando o acossaram os ardorosos cães de Julo, que caçava. O próprio Ascânio, ardendo em desejo de grande glória, lançou uma flecha com o recurvado arco. Um deus guiou sua mão para que não errasse; e a seta atirada, com um forte silvo, foi atingir o ventre e as entranhas do animal. Êste, ferido, refugiou-se no familiar abrigo; entrou no estábulo a gemer, a sangrar e, como um suplicante, enchia de lamentos tôda a casa. Sílvia foi a primeira que, golpeando os próprios braços com os punhos, pediu o auxílio dos irmãos e, aos gritos, chamou os rudes camponeses. Êles vieram mais depressa do que ela esperava, pois a terrível Fúria estava escondida nos quietos bosques. Um vem armado de um tição aceso, outro com um pesado e nodoso bastão; irados, transformam em armas tudo aquilo que encontram. Tirro, que por acaso estava ocupado em cortar, a machadadas, um carvalho em quatro, retirou com ímpeto o machado e, respirando vingança, chamou a multidão.

Então a cruel deusa, tendo visto, do lugar onde estava à espreita, que chegara o momento apropriado para os seus malefícios, foi para o inclinado teto de um estábulo e, do ponto mais alto, deu o sinal dos pastôres, aplicando à corneta sua voz infernal, que imediatamente fêz tremer todo o bosque e ecoou no fundo da floresta. Ouviu-a ao longe o lago de Diana, ouviram-na o alvo rio Nar, de águas sulfurosas, e as fontes do Velino. E as mães assustadas, apertaram os filhos contra o peito.

A êsse grito, a êsse sinal da terrível corneta, os bravos camponeses tomam as armas e, lestos, acorrem de todos os lados; e os jovens troianos saem do acampamento em socorro de Ascânio. Arrumam-se em ordem de batalha. Já não se trata de uma luta rústica, com duros bastões e tições acesos; batem-se com armas de dois gumes e uma espêssa floresta de espadas nuas se eriça em larga extensão; as armaduras de bronze reluzem aos raios do sol e o clarão reflete-se nas

nuvens. Assim é quando o vento começa a soprar, embranquecendo as ondas, e pouco a pouco o mar se agita e atira mais alto as suas vagas e, do fundo do abismo, ergue-se até o céu.

Na primeira fila, uma estridente flecha derruba o jovem Almo, o filho mais velho de Tirro, ferindo-o na garganta; o sangue lhe barra o úmido caminho da voz e o sôpro da vida. Em volta dêle tombam muitos homens, inclusive o velho Galeso, que interviera para obter a paz; era êste o mais justo dos itálicos e o que tinha mais terras: possuia cinco rebanhos de ovelhas; cinco manadas de bois voltavam à tarde para os seus estábulos; e arava os seus campos com cem charruas.

Enquanto, na planície, êles combatiam com fôrças iguais, a deusa, cumprida a sua promessa, logo que a sangrenta batalha teve início e ocasionou as primeiras mortes, deixou a Itália e, pelos ares, dirigiu-se a Juno e disse com orgulho:

— Eis a discórdia consumada numa terrível guerra: dize-lhes agora que façam amizade e concluam a aliança. Agora que eu banhei os troianos no sangue ausônio, farei ainda mais, se é certo que o queres. Com meus boatos, levarei à guerra as cidades vizinhas e inflamarei as almas com um louco amor pelos combates para que, de todos os lados, cheguem auxílios. Espalharei as armas pelos campos.

E Juno respondeu:

— Chega de ardis e de terrores. Está lançado um motivo de guerra, êles combatem corpo a corpo, o sangue já correu sôbre as primeiras armas que o acaso lhes pôs nas mãos. O ilustre filho de Vênus e mais o rei Latino que celebrem agora o tal casamento! Mas o pai dos deuses, que reina no alto do Olimpo, não quererá que tu vagueies livremente pelas regiões etéreas. Vai embora. Se resta ainda algo a fazer, eu mesma o farei.

Assim falou a filha de Saturno; e Alecto abriu as suas asas, que as serpentes faziam sibilar, e, deixando as regiões superiores, dirigiu-se à morada infernal. No centro da Itália, ao pé de altos montes, existe um lugar conhecido e famoso em muitos países: o vale de Ampsanto. De um e de outro lado, cercam-no as densas folhagens de um sombrio bosque e, no

meio, um rio pedregoso faz estrépito, correndo em turbilhão por entre as rochas. Ali se mostra uma horrenda caverna com os respiradouros do terrível Plutão; e uma enorme voragem produzida pelo transbordamento do Aqueronte escancara as fauces pestilentas. Ali se ocultou a Erínia — odiosa divindade! — e aliviou as terras e o céu.

Entrementes, a rainha dos deuses dá à guerra a última demão. Do campo de batalha, tôda a chusma de pastôres corre para a cidade levando o corpo do jovem Almo e o cadáver desfigurado de Galeso; e imploram os deuses e chamam por Latino. Turno está presente e, no meio das iras e dos protestos contra o morticínio, êle redobra o pânico, gritando que um troiano era chamado ao trono, que gente frígia ali se imiscuía e que êle era expulso do palácio. Então os esposos daquelas mulheres que, invadidas pelo furor báquico, percorriam os bosques a dançar, reúnem-se de tôdas as partes — pois é grande a influência de Amata — e reclamam a guerra. Está decidido: por causa de uma divindade irada, todos exigem a abominável guerra, contrariando os presságios, contrariando os desígnios dos deuses. À porfia, rodeiam o palácio do rei Latino. Êste resiste, qual um rochedo imóvel no meio do mar, qual um rochedo que, em sua grandeza, fica firme quando vem a procela e grandes vagas ladram ao seu redor; em vão os escolhos e os espumantes seixos rugem em tôrno e as algas atiradas a seus flancos caem de novo no mar. Nada conseguiria mudar aquela temerária resolução e as cousas corriam segundo o desejo da cruel Juno; então o rei invoca muitas vêzes os deuses e o ar puro:

— Ah! — diz êle — o fado nos abate, arrasta-nos a procela! Com o vosso ímpio sangue pagareis êsse crime, ó infelizes! A ti, ó Turno, um terrível castigo te espera como expiação, e com tardias preces invocarás os deuses. Quanto a mim, alcancei o repouso. Já quase atinjo o pôrto; serei privado apenas de uma morte feliz.

Nada mais disse. Encerrou-se em sua casa e abandonou as rédeas do govêrno.

Havia, no antigo Lácio, um costume que as cidades albanas observaram religiosamente sem interrupção e que Roma, a maior das nações, ainda observa quando começa a animar-se à guerra, quer pretenda levar a luta e as lágrimas aos getas, aos hircanos ou aos árabes, quer pretenda atacar os indos, marchar para o Oriente e retomar aos partos as insígnias: existem duas portas da Guerra — assim se chamam — consagradas pela religião e pelo temor do cruel Marte; fecham-nas com ferrolhos de bronze e barras de ferro indestrutível, e Jano, que as guarda, não se afasta do limiar. Quando o senado decide a guerra, o próprio cônsul, que se distingue por sua toga romana prêsa à moda de Gábios, abre com ruído essas portas; êle próprio anuncia os combates e todos os jovens o seguem e o rouco som das trombetas de bronze os acompanha. Segundo tal costume, Latino deveria abrir as sinistras portas e declarar guerra aos companheiros de Enéias. Mas o rei se absteve de tocá-las, fugiu a êsse desagradável mister e se escondeu nas trevas. Então a rainha dos deuses desceu do céu e, com sua própria mão empurrou as portas hesitantes, fê-las girar sôbre seus gonzos e escancarou os férreos umbrais da guerra. E a Itália, antes calma e pacífica, se agita; uns se dispõem a ir na infantaria para os campos de batalha, outros correm furiosos sôbre altos cavalos, entre nuvens de poeira. Todos procuram armas; uns esfregam com banha e fazem brilhar os escudos e as lanças e afiam na pedra os machados; agrada-lhes erguer os estandartes e ouvir o som das tubas. Além disso, cinco grandes cidades fabricam novas armas em suas forjas: a poderosa Atina, a orgulhosa Tíbur, Árdea, Crustumério e Antemna, a cidade rodeada de tôrres. Uns fabricam capacetes, curvam varas de salgueiro para fazer a bossa dos escudos; outros fazem couraças de bronze ou brilhantes grevas de maleável prata. Despreza-se a foice e a charrua, cessa completamente o gôsto pelo arado; retemperam nas forjas as ancestrais espadas. Já soam as trombetas, passa pelas fileiras a palavra de ordem, o sinal do combate. Um, ansioso, traz, correndo, um elmo de sua casa; outro atrela os

frementes cavalos, toma o escudo e a tríplice couraça de ouro, cinge a fiel espada.

OS ALIADOS DE TURNO

Agora, ó divinas Musas, abri-me o Helicão e inspirai meus cantos: dizei-me que reis se ergueram para essa guerra, que exércitos, sob o comando dêles, encheram os campos de batalha, que homens brilharam então e que ardentes pelejas se travaram na fecunda terra da Itália. Vós vos lembrais, ó deusas, vós o podeis narrar; a nós apenas chegou uma vaga notícia.

Da Etrúria, marcha para a guerra o terrível Mezêncio, que despreza os deuses; é o primeiro que arma as suas tropas. Tem junto de si o filho Lauso, o mais belo dos itálicos depois de Turno. Lauso, domador de cavalos e caçador de animais selvagens, conduz — mas em vão — mil guerreiros da cidade de Agila; êle mereceria poder gozar do reino paterno e ter outro pai que não Mezêncio.

Atrás dêstes, o belo Aventino, filho do belo Hércules, ostenta pelo campo um carro adornado com a palma da vitória e seus cavalos triunfantes; no escudo traz a insígnia do pai: a hidra cingida pelas cem serpentes. Foi na floresta do monte Aventino que a sacerdotisa Réia, mulher unida a um deus, pariu furtivamente depois que Hércules, tendo matado Gerião, chegou às terras de Laurento e lavou no rio Tibre as vacas ibéricas. Os homens de Aventino levam na mão, para os combates, os dardos e os terríveis chuços; lutam com uma espada curta e com a lança sabina. O próprio chefe, a pé, envolto em monstruosa pele de leão à qual o rude pêlo dá um aspecto assustador e cujo focinho, com os alvos dentes, lhe serve de capuz, assim eriçado sob a veste de Hércules, dirige-se ao palácio do rei.

Os dois gêmeos, Catilo e o ardente Coras, de origem grega, deixam as muralhas de Túbur, assim chamada por causa de seu irmão Tiburto; e vêm, entre muitos dardos, para a primeira fila. Assim sucede quando dois centauros, filhos de

uma nuvem, descem do alto do monte e deixam, em rápida carreira, as neves do Hómole e do Ótris; a imensa floresta lhes abre caminho, os ramos se afastam com grande fragor.

E não faltou Céculo, fundador de Preneste, rei que em todos os tempos foi tido como filho de Vulcano, nascido entre agrestes rebanhos e achado sôbre uma lareira. Acompanha-o numerosa legião de camponeses: homens que habitam a alta Preneste e os campos de Juno, na região de Gábios, e as frescas margens do Ânio e a montanhosa terra dos hérnicos, banhada por regatos, homens que vivem na rica Anágnia e à beira do divino Amaseno. Nem todos têm armas, nem todos fazem ressoar carros e escudos; a maior parte atira lívidas bolas de chumbo; alguns têm na mão duas lanças. Cobrem a cabeça com fulvos barretes de pele de lôbo; o pé esquerdo vai descalço e o outro, calçado com uma bota de couro cru.

Também o filho de Netuno, Messapo, domador de cavalos, invulnerável ao ferro e ao fogo, logo chama à guerra o seu povo há muito tempo ocioso e as suas tropas desabituadas dos combates; e toma novamente a espada. Eis o exército de Fescênio e os équos e os faliscos e os que habitam os cumes do Soracte e os campos flavínios e o monte Címino, com o seu lago, e os bosques sagrados de Capena. Marchavam em pelotões iguais e cantavam seu rei; assim, às vêzes, quando, pelo céu claro, os níveos cisnes voltam do pasto, soltam, de seus longos pescoços, cantos melodiosos que ressoam ao longe, no rio Caístro e no paul asiático. Ninguém pensaria que aquela multidão em marcha fôsse um exército de homens armados e sim um bando de roucos pássaros que, do alto mar, voavam pelos ares em direção à praia.

Eis Clauso, do antigo sangue dos sabinos, a conduzir um grande exército; e êle, sòzinho, vale um grande exército. Dêle descende a tribo e a família Cláudia, que se espalha pelo Lácio desde que foi dado aos sabinos fazer parte de Roma. Êle comanda uma enorme coorte de Amiterno e os antigos habitantes de Cures e tôdas as tropas de Ereto e de Mutusca, a terra das oliveiras; e os que habitam a cidade de Nomento e os campos de Rósea do Velino; e os que habitam o rochoso e

escarpado monte Tétrico e o monte Severo e Caspéria e Fórulos e as margens do Himela; e os que bebem as águas do Tibre e do Fábaris e os que a fria Núrsia enviou e as tropas de Horta e os povos latinos e os que moram além do Ália, de infausta memória. São tão numerosos quanto as ondas que rolam no mar da Líbia quando o terrível Orion se esconde nas águas hibernais, tão numerosos quanto as espigas que o sol primaveril amadurece nas planícies do Hermo ou nos dourados campos da Lícia. Ressoam os escudos e a terra se assusta com o bater dos pés.

Vem depois Halésio, companheiro de Agamento e inimigo de Tróia; êle atrelou seu carro e arrasta para Turno mil povos ferozes que trabalham os campos do Mássico, férteis em videiras, e os auruncos, que os pais enviaram das altas colinas, e seus vizinhos, que vieram das planícies de Sidicina, e os que vieram de Cales e os que moram perto do vadeoso rio Volturno e os homens rudes de Saticula e as tropas dos oscos. Êles trazem como armas dardos pequenos e roliços, mas têm o costume de atar nêles ágeis chicotes; cobrem o braço direito com pequenos escudos de couro; no corpo-a-corpo usam cimitarras.

E, nos meus cantos, não deixarei de falar em Ébalo, que dizem ter nascido de Telão com a ninfa Sebétis, quando aquêle, já velho, reinava em Cápri sôbre os teléboas; mas o filho, não contente com os territórios pátrios, já então estendera seu domínio ao povo dos Sarrastes e às planícies banhadas pelo Sarno e aos habitantes de Rufras e de Bátulo e aos campos de Celena e aos povos para os quais as muralhas de Abela — a cidade rica de macieiras — olham do alto. Êles costumam lançar seus dardos à maneira dos teutões e cobrem a cabeça com um elmo de cortiça; seus escudos são de bronze e de luzente bronze são as suas espadas.

E a montanhosa Nersa manda à guerra o renomado e vitorioso Ufente, que reina principalmente sôbre os equículos, povo rude, habituado às grandes caçadas nos bosques e às duras fadigas da lavoura. Armados trabalham a terra; agrada-lhes viver de saques e a carregar sempre novas prêsas.

Enviado pelo rei Arquipo, vem um sacerdote marruviano, o fortíssimo Umbro, que traz o capacete adornado por um espêsso ramo de oliveira. Com seu canto e as carícias da sua mãe êle adormecia as serpentes e as hidras de sôpro venenoso e acalmava-lhes a cólera e sabia curar as suas mordidas; mas não conseguiu encontrar um remédio para o golpe da lança troiana; nem os cantos que fazem dormir nem as ervas colhidas nos montes dos marsos lhe puderam curar as feridas. O bosque de Angícia, as cristalinas águas do Fucino, os límpidos lagos o prantearam.

Ia também à guerra o filho de Hipólito, o belíssimo Vírbio; a cidade de Arícia enviava êsse ilustre guerreiro, que crescera nos bosques da Egéria, junto das úmidas praias onde se ergue o rico altar da clemente Diana. Segundo a tradição, Hipólito, depois que o matou a calúnia da sua madrasta e que os cavalos assustados o despedaçaram e se cumpriu a maldição do pai, voltou a viver sob as estrêlas e as auras do céu, graças às ervas de Péon e ao afeto de Diana. O pai onipotente indignou-se por ver um mortal sair das trevas infernais e retornar à vida e êle próprio,com um raio, lançou nas águas do Estige o inventor de tal remédio e de tal arte, Esculápio. embora fôsse filho de Apolo. Mas a boa Diana escondeu Hipólito em secreta morada, num bosque, e o confiou à ninfa Egéria; ali, sòzinho nas florestas da Itália, viveria sem ser conhecido e mudando de nome, chamar-se-ia Vírbio. Por isso os cavalos, com seus cascos, não podem aproximar-se do templo e dos bosques sagrados de Diana, pois foram êles que, assustados com um monstro marinho, derrubaram na praia o jovem e seu carro. Mas nem por isso o filho deixava de conduzir pela planície fogosos cavalos; e, num carro, corria para a guerra.

O próprio Turno, com sua belíssima aparência, marcha na vanguarda, carregando suas armas, e é mais alto do que todos. Seu capacete ornado por três plumas sustenta, no alto, uma quimera que solta das gargantas o fogo do Etna; quanto mais cruéis e mais sangrentos se tornam os combates, mais ela parece agitada e selvagem com suas horríveis chamas. E seu brilhante escudo é adornado pela efígie de Io esculpida

em ouro, com os chifres erguidos, já transformada em vaca, já coberta de pelos, — espantoso argumento! — e Argos, o guardião da jovem, e Ínaco, seu pai, a derramar, da urna cinzelada, a água do rio.

Um batalhão de infantes, qual tempestuosa nuvem, segue Turno; suas fileiras em marcha, com os escudos unidos, enchem tôda a planície: é a juventude de Argos, são as tropas aurúncas, os rútulos, os antigos sicanos, os sacranos e os labicos, de escudos pintados; e o que aram o vale do Tibre e as sagradas margens do Numico; e os que trabalham com seus arados as colinas dos rútulos e o promontório de Circeu; e os que habitam os campos protegidos por Júpiter de Ânxur e por Ferônia, que se orgulha do verde bosque a ela consagrado; é ali que se estende o negro paul de Sátura e, pelos fundos vales, corre o gélido Ufente e vai esconder-se no mar.

Além dêstes, vem Camila, do povo volsco, a conduzir um esquadrão cujas armas de bronze cintilam. Guerreira, ela não habituou suas mãos feminis à roca e aos cestos de Minerva; embora donzela, acostumou-se a sustentar duros combates e a correr mais rápida que os ventos. Poderia correr sôbre as hastes do trigo ainda não cortado sem ferir as espigas, ou no meio do mar, sôbre as túmidas ondas, sem que a água molhasse as plantas dos seus velozes pés.

Quando ela passa, tôda a mocidade corre das casas e dos campos para a admirar; admiram-na grupos de mulheres, que, de longe, pasmadas, boquiabertas, olham como um real manto de púrpura lhe cobre os delicados ombros, como uma fivela de ouro lhe prende os cabelos, como ela própria leva a aljava lícia e o mirto pastoril guarnecido de uma ponta de lança!

LIVRO VIII

EM BUSCA DE ALIADOS

Quando, na cidadela de Laurento, Turno ergueu o estandarte da guerra e o rouco som das tubas se fêz ouvir, quando êle fustigou seus ardentes cavalos e agitou suas armas, no mesmo instante turvaram-se os espíritos, o Lácio inteiro levantou-se em massa, em terrível tumulto,e a brava mocidade se enfureceu.

CONSELHOS DO DEUS TIBRE

Os principais chefes, Messapo, Ufente e o ímpio Mezêncio reúnem de tôda a parte tropas auxiliares e expulsam dos vastos campos os lavradores.

Vânulo foi enviado à cidade do grande Diomedes para pedir auxílio e contar-lhe que os troianos acamparam no Lácio, que Enéias chegara com a esquadra, trouxera os Penates vencidos e dizia que o destino o chamava para aí reinar; e que muitas nações se uniram ao guerreiro troiano e seu nome espalhava-se ao longe pelo Lácio; que pretendia êle com tal emprêsa e com que fim desejava a vitória — se a sorte o ajudasse — pareceria mais claro ao próprio Diomedes que ao rei Turno ou ao rei Latino.

Tais cousas sucediam pelo Lácio. E o herói troiano, que via tudo, flutuava sôbre um mar de inquietações. Sua alma divide-se então entre os mais diversos projetos, passa ràpidamente de um a outro, pensa em tôdas as cousas; assim sucede quando, num vaso de bronze, a superfície trêmula da água reflete o sol ou a radiosa imagem da lua e a claridade se difunde em tôrno e ergue-se nos ares e bate nas molduras do alto teto.

Era noite e, pela terra inteira, todos os sêres vivos, os animais, as aves, fatigados, dormiam um sono profundo; o herói Enéias, com o coração aflito pela triste guerra, deitou-se

ao relento, na margem do rio, e deu ao corpo tardio repouso. Apareceu-lhe então o próprio deus daquele lugar, o Tibre do belo rio, que se ergueu, sob a forma de um velho, entre as frondes dos choupos; vestia uma túnica verde de fino linho, cobria a cabeça com uma coroa feita de caniços. Assim falou e, com suas palavras, dissipou os cuidados do herói:

— Ó descendente da estirpe divina, que da guerra nos trazes de novo a cidade de Tróia e nos conservas a eterna Pérgamo, tu, que eras esperado na terra de Laurento e nos campos latinos, está segura aqui a tua morada e seguros estão os teus Penates. Não te afastes nem te apavores com as ameaças de guerra: tôda a ira, todo o rancor dos deuses cessou. E, para que não penses que isto é um simples sonho, logo encontrarás, estendida no chão, sob uma azinheira da margem, enorme porca branca com trinta filhotes recém-nascidos, também brancos, em redor de suas tetas. Será êsse o lugar da cidade, êsse, seguramente, o fim das tuas fadigas. Passados trinta anos, Ascânio fundará uma cidade à qual dará, devido a êsse prodígio, o nome de Alba. É certo isto que te predigo. Dir-te-ei em poucas palavras como poderás sair vitorioso do perigo que agora te ameaça. Presta atenção: nestas margens, um grupo de árcadas — gente que descende de Palante — chefiado pelo rei Evandro, escolheu um lugar e, sôbre um monte, ergueu a sua cidade, que chamou Palanteu devido ao nome daquele ancestral. Êles freqüentemente guerreiam com os latinos; toma os como aliados e faze um pacto. Eu mesmo te conduzirei diretamente por entre as margens para que possas, navegando a remo, ir rio acima. Ergue-te, pois, ó filho de uma deusas; as estrêlas já entram em declínio. Dirige a Juno as preces rituais, desarma-lhe com votos suplicantes as iras e as ameaças. Quando houveres vencido, tu me oferecerás devidos sacrifícios. Eu sou aquêle que vês correr em plena cheia, arrasar estas margens, cortar a exuberante plantação: sou o azulado Tibre, o rio predileto dos deuses. É aqui minha vasta morada; grandes cidades se erguem junto à minha nascente.

Assim tendo falado, o deus se ocultou no fundo de suas águas; e a noite e o sono deixaram Enéias. Êle se levantou e,

olhando a luz do sol que surgia no céu, tomou no côncavo da mão a água do rio, de acôrdo com o rito, e elevou esta prece:

— Ó Ninfas, ó Ninfas de Laurento, das quais nascem os rios, e tu, divino Tibre, com o teu rio sagrado, recebei Enéias e afastai-o, afinal, dos perigos. Qualquer que seja a fonte de onde mana a água onde resides tu, que tens piedade das nossas desventuras, qualquer que seja o solo de onde brotas tão belo, eu sempre te hei de honrar com os meus sacrifícios e ofertas, ó cornígero rio que governas as águas da Itália. Uma só cousa eu peço: que me sejas propício e confirmes de maneira mais clara a tua promessa.

Assim diz e escolhe duas birremes da frota, guarnece-as de remos e dá armas aos homens.

E eis que um súbito prodígio se apresenta a seus olhos. Cousa maravilhosa! Sôbre a verde margem êle avista, deitada, uma porca branca com seus filhotes da mesma côr. O piedoso Enéias coloca-a diante de um altar e a imola com os filhos; e é a ti, potentíssima Juno, que êle oferece o sacrifício.

A ALIANÇA COM OS ÁRCADES

Durante tôda a noite o Tibre acalmou as ondas agitadas e deteve suas águas em calado refluxo, de modo a apresentar a superfície plana, qual um plácido lago ou um tranqüilo brejo, a fim de que os remos não encontrassem resistência E os troianos seguiram seu caminho em alegre algazarra. Os barcos untados de pez deslizam pelo rio e as ondas e o bosque admiram o insólito espetáculo, os escudos dos homens, que cintilam ao longe, as quilhas pintadas que navegam. Noite e dia se esforçam sôbre os remos, sobem os longos meandros, passam sob os ramos das mais variadas árvores e, através das sossegadas águas, cortam a verde floresta. O ígneo sol já havia subido até o meio da abóbada celeste quando, ao longe, avistaram as muralhas, a fortaleza e as raras casas da cidade que agora o poderio romano elevou até o céu e que, naquele tempo, era o pequeno reino de Evandro. Voltam ràpidamente as proas e se aproximam da cidade.

Naquele dia, por acaso, o rei árcade estava oferecendo solene sacrifício ao grande filho de Anfitrião e aos outros deuses, no bosque sagrado, defronte da cidade. Também seu filho, Palante, todos os jovens nobres e o pobre senado ofereciam incenso; e o sangue fumegava diante dos altares. Ao verem os altos navios que deslizavam por entre o espêsso bosque e os homens silenciosos curvados sôbre os remos, assustaram-se com a inesperada aparição; ergueram-se todos e deixaram as mesas. Mas o audaz Palante mandou que continuassem o sacrifício e, apanhando um dardo, correu ao encontro dos recém-chegados e, de longe, do alto de um outeiro, gritou:

— Ó jovens, que motivo vos levou a tentar um caminho que não conhecíeis? Para onde ides? Qual é a vossa raça e qual a vossa pátria? Trazeis a paz ou a guerra?

Então o herói Enéias, do alto da pôpa, estendeu-lhe com a mão um ramo de oliveira, sinal da paz, e assim falou:

— Vês tropas inimigas dos latinos, vês os exilados troianos, que êles perseguem com uma injusta guerra. Viemos a procura de Evandro. Leva-lhe esta notícia e dize que os principais chefes troianos vieram pedir-lhe aliança na guerra.

Ouvindo o grande nome dos troianos, Palante se admira.

— Desembarca — diz êle —, quem quer que tu sejas; vem falar a meu pai e entra em nossa casa como hóspede.

Toma-lhe a mão e aperta-a longamente. Afastam-se do rio e vão para o bosque sagrado. Ali Enéias dirige ao rei estas amáveis palavras:

— Ó excelente grego, a quem a fortuna quis que eu implorasse apresentando os ramos adornados com as fitas sagradas, eu não temi em ti o chefe grego, ó arcade unido pelo sangue aos dois Atridas; a consciência do meu valor e os sagrados oráculos dos deuses, o parentesco dos nossos antepassados e a tua fama espalhada por tôdas as terras me unem a ti e aqui me trazem, por ordem do destino mas também pela minha vontade. Dárdano, nosso primeiro chefe e fundador da cidade de Ílion, que era filho, como dizem os gregos, de Electra, descendente de Atlante, chegou à região de Tróia; Electra era filha do grande Atlante, que sustenta com os ombros os globos

etéreos. Vós, como antepassado, tendes Mercúrio, que a bela Maia concebeu e pariu sôbre o gélido cume do Cilene; e o pai de Maia — se dermos crédito à tradição — é o próprio Atlante, que sustenta os astros do céu. Portanto, da mesma família saíram ambos. Confiado nisto, não mandei legados nem usei de artifícios para primeiro experimentar-te; eu próprio apresentei-me pessoalmente e vim à tua casa suplicar-te. A mesma gente de Dauno, que te persegue, nos faz uma guerra cruel; êles acreditam que, se nos expulsarem, nada os impedirá de impor seu jugo a tôda a Itália e dominar seus mares de alto a baixo. Aceita a minha amizade e dá-me a tua. Temos gente forte para a guerra, temos homens de coragem e uma experimentada mocidade.

Assim falou Enéias. E enquanto êle falava, Evandro contemplava o seu rosto, os seus olhos, todo o seu corpo. Respondeu-lhe depois em poucas palavras:

— Que prazer receber-te e conhecer-te, ó valorosíssimo troiano! Como as tuas palavras, a tua voz, a tua fisionomia me recordam teu pai, o grande Anquises! Lembro-me de que Príamo, filho de Laomedonte, veio a Salamina em visita aos reinos de sua irmã Hesíona e quis ver depois as frias terras da Arcádia. A juventude cobria então as minhas faces com as primeiras penugens e eu admirava os chefes troianos, admirava o filho de Laomedonte e, sobretudo, admirava Anquises, o mais alto de todos. Minha alma juvenil ardia em desejo de falar a êsse herói e de apertar-lhe a mão; aproximei-me dêle e, ansioso, o conduzi para junto dos muros de Fêneos. Êle, ao partir, me deu uma esplêndida aljava e flechas da Lícia, uma clâmide bordada a ouro e dois freios de ouro, que pertencem agora ao meu Palante. Está feita, portanto, a aliança que pedis; e amanhã, ao despontar da aurora, partireis satisfeitos, com o meu auxílio; eu vos ajudarei com os meus recursos. Enquanto esperais, já que viestes aqui como amigos, acompanhai-nos neste sacrifício anual, que não seria lícito adiarmos; celebrai-o conosco e habituai-vos desde já às mesas dos vossos aliados.

Dito isso, ordena que de novo tragam os pratos e os copos retirados; êle próprio faz os homens sentarem-se na grama e honra Enéias com um assento especial: convida-o a sentar-se num trono de bôrdo coberto com a felpuda pele de um leão. Jovens escolhidos e o sacerdote apressam-se a trazer as vísceras assadas dos touros e cestos cheios de pão, e servem o vinho. Enéias e os moços troianos comem todo o dorso de um boi e as vísceras expiatórias.

A LENDA DE CACO

Quando saciaram a fome e jà não tinham vontade de comer, o rei Evandro disse:

— Não foi uma vã superstição nem a ignorância dos antigos que nos impôs êste solene sacrifício, êste tradicional banquete, êste culto a tão grande divindade. Nós fomos salvos de terríveis perigos, ó hóspede troiano, e por isso criamos um novo e justo culto. Olha primeiro aquela pedra suspensa aos rochedos; olha como há pedras espalhadas ao longe e sôbre o monte se ergue uma casa deserta e enormes rochedos se despenharam. Havia ali uma caverna que se internava formando um vasto esconderijo, inacessível aos raios do sol, onde se abrigava o semi-homem Caco, um monstro de terrível aspecto. Ali o solo estava sempre môrno por causa de um recente morticínio e, das soberbas portas, pendiam pálidos rostos de homens, que o sangue corrompido tornava horríveis. Vulcano era o pai dêsse monstro; e êle, com seu enorme corpo, caminhava a soltar pela bôca horrendo fogo. Enfim, também a nós o tempo trouxe o auxílio que pedíamos. Um deus chegou: Hércules, o grande justiceiro, orgulhoso da morte e dos espólios de Gerião, o monstro de três corpos, estava entre nós e conduzia como vencedor os seus enormes touros, que ocupavam o vale e as margens do rio. Mas Caco, na sua loucura, não queria que houvesse algum crime ou ardil não ousado e tentado por êle; e tirou dos estábulos de Hércules quatro fortes touros e outras tantas belíssimas novilhas. E, para que as pegadas não indicassem o caminho certo, arrastou-as pela

cauda para a sua caverna e, tendo assim invertido os sinais que podiam indicar o caminho, ocultava na escura gruta os animais roubados. A quem os procurasse, nenhum indício levaria à gruta. Entretanto, quando já o filho de Anfitrião tirava dos estábulos os rebanhos saciados de alimento e preparava-se para partir, os bois, afastando-se, mugiam e enchiam todo o bosque com suas vozes, lamentando deixar as colinas; uma das vacas aprisionadas lhes respondeu e, mugindo dentro do grande antro, traiu a esperança de Caco. Hércules então, amargurado e enfurecido, agarrou suas armas, sua clava cheia de nós, e correu para o alto da escalpada montanha. Pela primeira vez, os nossos homens viram Caco hesitar, com os olhos esgazeados. Logo êle fugiu, mais veloz do que o vento, e correu para a sua caverna; o mêdo lhe deu asas aos pés. Quando ali se fechou e, rompendo as correntes, desceu a enorme pedra que o ferro trabalhado por seu pai mantinha suspensa e assim obstruiu sòlidamente a entrada, eis que chegava Hércules furioso e, a ranger os dentes, corria os olhos por todos os lados, buscando uma passagem. Três vêzes, ardendo em cólera, percorreu o Aventino, três vêzes forçou em vão a pedra de entrada, três vêzes, cansado, sentou-se no vale. Por sôbre a caverna se erguia uma aguda e altíssima rocha escarpada, lugar apropriado para os ninhos das aves de rapina. Como ela, inclinada para a esquerda, pendesse sôbre o rio, Hércules, com tôda a sua fôrça, a sacudiu pelo lado contrário, à direita, arrancou-a das fundas raízes e deitou-a abaixo; ao repentino choque, o amplo céu retumbou, tremeram as encostas, refluiu, medroso, o Tibre. Arrancado o teto, apareceu então a enorme gruta, o palácio de Caco, e abriram-se as escuras profundezas, como se a terra, fendida por um choque violento, mostrasse em seu fundo as regiões infernais, descobrisse os reinos sombrios que os deuses odeiam e, do alto, se visse o terrível abismo, e os manes, assustados pelo jacto de luz, corressem em desordem de um lado para outro. Surprêso com a inesperada claridade, fechado em sua caverna, Caco pôs-se a gemer estranhamente; e Hércules, de cima, lançava dardos sôbre êle e, transformando tudo em arma, ata-

cava-o com ramos e com enormes pedras. Êle, vendo que não lhe restava nenhum meio de fugir do perigo, soltou da bôca imensa fumaça, — cousa extraordinária! — envolveu sua casa em cerração e furtou-se aos olhares; adensou-se no antro uma noite fumosa, na qual se misturavam o fogo e as trevas. Hércules, em sua cólera, não suportou aquilo; de um salto, atirou-se de cabeça para baixo, pelo meio do fogo, ao lugar de onde a fumaça mais espêssa saía em turbilhão e a imensa caverna fervia em negro vapor. Agarrou então Caco, que em vão, nas trevas, vomitava incêndios, enlaçou-o com os braços e apertou-o até que os ossos lhe saltassem das órbitas e o sangue lhe secasse na garganta. Imediatamente arrancaram-se as portas e escancarou-se a sombria morada; os bois roubados, o furto negado por Caco, mostraram-se aos céus; e o horrendo cadáver foi arrastado pelos pés. Os homens não se cansavam de contemplar os olhos terríveis, o rosto, o peito peludo do homem-fera e a garganta, onde o fogo se extinguira. Desde então celebrou-se um sacrifício e os descendentes, satisfeitos, guardaram a lembrança dêsse dia: primeiro o iniciador, Potício, depois a família dos Pinários conservou o culto de Hércules. No bosque sagrado o deus levantou êste altar, que sempre chamaremos de «altar máximo» e sempre há de existir. Mas vamos, ó jovens! Celebrai, pois, essa grandiosa emprêsa; cingi vossos cabelos com folhagens e, com a mão direita, erguei os copos; invocai êste deus, que nos é comum, e fazei de bom grado as libações.

Assim disse e velou os cabelos com uma coroa de choupo — a árvore bicolor consagrada a Hércules —, deixando pender a folhagem; e tomou na mão a grande taça sagrada. Então, à mesa, todos, alegres, fazem libações e oram aos deuses.

Entrementes, Vésper vem surgindo no horizonte, e já os sacerdotes, e Potício em primeiro lugar, avançam cingidos de peles, segundo o costume, e trazem as tochas. Recomeçam o banquete, trazem as agradáveis iguarias do segundo serviço e cobrem os altares de pratos cheios de oferendas. Então os Sálios, com as frontes coroadas de choupo, vêm cantar em redor dos altares iluminados; de um lado o côro dos jovens,

de outro o dos velhos celebra os feitos e as glórias de Hércules; narram como êle estrangulou com mão os primeiros monstros, as duas serpentes de sua madrasta, como arrasou as guerreiras cidades de Tróia e de Ecália, como executou mil duros trabalhos sob as ordens do rei Euristeu, por determinação da injusta Juno: «Tu, ó deus invencível, imolaste com tua mão os centauros Hileu e Folo, filhos de uma nuvem, e o monstro de Creta e o enorme leão da rocha Neméia. Tu fizeste tremer o lago do Estige e o guardião do Orco, deitado no seu sangrento antro sôbre ossos meio roídos; monstro algum te aterrou, nem mesmo o alto Tifeu a segurar suas armas; nem perdeste a razão quando a Hidra de Lerna te cercou com suas muitas cabeças. Salve, ó verdadeiro filho de Júpiter, uma glória a mais entre os deuses! Sê-nos favorável e vem de boa vontade ao teu sacrifício.»

Tais fatos celebravam com seus cantos. E acrescentam, por último, a caverna de Caco e o próprio Caco, que expirava fogo. E o bosque inteiro ressoa e o eco repercute nas colinas.

O REINO DE EVANDRO

Depois de terminada a cerimônia, voltaram todos para a cidade. O rei, carregado de anos, caminhava entre Enéias e o filho e, conversando sôbre várias cousas, suavizava o caminho. Enéias contemplava e admirava com os olhos vivazes tudo em redor, encantado com a beleza dos lugares; e fazia perguntas e escutava com gôsto as lembranças dos homens mais velhos. Então o rei Evandro, que construíra a futura cidadela de Roma, assim falou:

— Moravam neste bosque os Faunos e as Ninfas do país e uma raça de homens nascidos do duro tronco dos carvalhos, que não tinham cultura nem preceitos morais, não sabiam jungir os touros ou fazer provisões ou poupar os bens adquiridos, mas viviam de frutos de árvores e de penosa caça. Foi Saturno o primeiro que aqui veio, destronado e exilado, fugindo do etéreo Olimpo em razão da vitória de Júpiter. Êle reuniu os homens indóceis espalhados pelos cumes dos montes e lhes

deu leis e escolheu para a região o nome de **Latium** porque ali êle estava **latente,** em segurança. Chamam «idade de ouro» os séculos em que êle foi rei, de tal maneira governava os povos em paz e serenidade; pouco a pouco, entretanto, sucedeu-se uma época pior e menos brilhante, com o furor da guerra e a ambição de possuir. Veio então um exército itálico, vieram sicilianos e a terra de Saturno mudou muitas vêzes de nome; teve reis como o rude Tibre, de enorme corpo, em memória do qual, nós, da Itália, demos mais tarde o nome ao rio, que perdeu o antigo nome de Albula. Eu, expulso da pátria, após ter percorrido os mais longínquos mares, me estabeleci nesta região; assim quis a Fortuna onipotente e o inevitável destino. Para aqui me impeliram tremendas ordens de minha mãe, a ninfa Carmenta, e de Apolo, o deus que a inspirava.

Dito isso, adiantou-se e mostrou o altar e a porta que os romanos chamam com o nome de Carmental, antiga homenagem à ninfa Carmenta, a profetisa que primeiro predisse o futuro da gente de Enéias e a glória de Palanteu. Mostrou depois o vasto bosque sagrado ao qual o forte Rômulo deu o nome de «Asilo» e, sob a fria rocha, o Lupercal, assim chamado por causa de Pã do Liceu, segundo o costume dos árcades. Mostrou também o bosque sagrado de Argileto e, tomando o lugar por testemunha, contou a morte de seu hóspede Argo. Depois os conduziu à rocha Tarpéia e ao Capitólio, hoje reluzente de ouro mas, naquele tempo, eriçado de agrestes sarças. Já então um religioso terror daquele lugar assustava os medrosos camponeses, já então a rocha e a floresta os faziam tremer.

— Neste bosque — disse Evandro — no frondoso cimo da colina, habita um deus. Que deus, não sabemos ao certo. Os árcades acreditam ter visto muitas vêzes ali o próprio Júpiter a sacudir com a mão direita o negro escudo, movimentando as nuvens. Vês aqui os muros derrubados, as ruínas de duas fortificações, lembrança dos antigos heróis. Esta foi erguida pelo deus Jano, aquela por Saturno; uma se chamava Janículo, a outra, Satúrnia.

Assim conversando, aproximavam-se da modesta residência de Evandro e viam os rebanhos a mugir, espalhados pelo lugar onde hoje é o fórum romano e o rico bairro das Carinas. Quando chegaram à casa, o rei disse:

— Hércules, depois de sua vitória, entrou por estas portas; êste palácio o recebeu. Aprende também tu, ó meu hóspede, a desprezar as riquezas e mostra-te digno do deus; entra e não desdenhes a minha pobreza.

Assim falou e introduziu Enéias na sua pequena casa e o fêz acomodar-se sôbre um leito de fôlhas coberto com a pele de uma ursa da Líbia.

O PEDIDO DE VÊNUS

A noite cai e envolve a terra com suas asas sombrias. Entretanto Vênus, que, em sua alma de mãe, receia, não sem motivo, as ameaças dos laurentes e se impressiona com o terrível tumulto, dirige-se a Vulcano e, sôbre o áureo leito do espôso, põe-se a falar e lhe inspira, com suas palavras, um divino amor:

— Enquanto, na guerra, os reis gregos devastavam Tróia, que o destino lhes prometera, e as cidadelas que deviam ruir sob as chamas inimigas, não pedi armas para os infelizes e nem o auxílio da tua arte e do teu poder; embora eu devesse muito aos filhos de Príamo e as duras provações de Enéias muitas vêzes me fizessem chorar, eu não quis, meu caríssimo espôso, fazer-te trabalhar inùtilmente. Agora, por ordem de Júpiter, Enéias se deteve na terra dos rútulos; e eu mesma, como mãe, venho, suplicante, pedir à tua divindade, que eu venero, armas para o meu filho. A filha de Nereu e a espôsa de Titonio lograram convencer-te com suas lágrimas... Vê que povos se aliam, que cidades lhes fecharam as portas e aguçam as armas contra mim, para a ruína dos meus!

Assim diz e, com os níveos braços, enlaça e acarica brandamente o espôso hesitante. Êle sente, de súbito, invadi-lo a costumeira chama; e o conhecido ardor penetra no seu íntimo e corre pelo corpo enlanguecido. Assim é quando um sulco de

fogo se lança com estrondo e, a brilhar, percorre as nuvens com o trêmulo clarão. Feliz da sua astúcia, cônscia da sua beleza, a espôsa o percebeu. Então o deus, prêso do eterno amor, assim falou:

— Que motivos remotos invocas! Onde está, ó deusa, a confiança que tinhas em mim? Se outrora houvesse tido tal desejo, também naquele tempo eu poderia ter dado armas aos troianos; nem o Pai onipotente nem o destino proibiam que Tróia resistisse e Príamo vivesse mais dez anos. Agora, se preparas a guerra, se é êste o teu intento, todo o trabalho que eu posso prometer na minha arte, tudo o que se pode fazer com o ferro e o electro fundido, tudo aquilo de que são capazes minha forja e meus foles, tu o terás. Deixa de suplicar; confia em teu poder!

Dito isso, abraçou-a como ela queria e, deitado sôbre o seio da espôsa, buscou para o corpo um suave repouso.

Mas já a noite, percorrida a metade do seu curso, ia fugindo, e os homens despertavam do primeiro sono; era a hora na qual a mulher obrigada a viver de seu fuso e de humildes trabalhos femininos reanima a cinza e o fogo adormecido e, ainda noite, começa os trabalhos do dia e põe suas escravas a fiar junto ao lume as longas meadas, e assim conserva casto o leito do marido e cria os seus filhinhos. Na mesma hora e igualmente ativo, o deus do fogo levantou-se do delicioso leito e foi aos seus trabalhos de ferreiro.

Entre a Sicília e a Eólia Lípara, surge escarpada ilha de rochas fumegantes; debaixo dessas rochas, as cavernas queimadas pelas forjas dos ciclopes, semelhantes aos antros de Etna, fazem grande ruído; ouve-se o éco dos fortes golpes sôbre as bigornas; e massas de ferro que lembram as dos calibes, rangem nas grutas e o fogo arde nas fornalhas. É a oficina de Vulcano e a terra, por isso, se chama Vulcânia. Para ali desceu, do alto do céu, o deus do fogo. Num vasto antro, os ciclopes Brontes, Estéropes e Pirácmon, com o corpo nu trabalhavam o ferro. Já haviam modelado com as mãos e polido em parte um dêsses coriscos que o pai dos deuses, de todos os pontos do céu, lança freqüentemente sôbre a terra; restava

terminar a outra parte. Tinham acrescentado três raios de granizo; três de aquosas nuvens, três de brilhante fogo e de rápido vento; misturavam agora à sua obra os terríveis clarões, o ruído que amedronta e a fúria das chamas que perseguem. De outro lado, se atarefavam a forjar para Marte o carro e as rodas velozes com as quais êle desperta os homens e as cidades; e a polir o assustador escudo e as armas da raivosa Palas, com as serpentes de escamas de ouro, as cobras entrelaçadas e, sôbre o peito da deusa, a própria Medusa que, cortado o pescoço, revolve ainda os olhos.

— Suspendei todos êsses trabalhos, ó ciclopes do Etna, — disse Vulcano — deixai as obras começadas e prestai-me atenção: devemos fazer armas para um forte guerreiro. Agora precisais usar de vossas fôrças, de vossas ágeis mãos, de tôda a vossa magistral perícia. Nada de demoras!

Não disse mais. Êles, ràpidamente, todos ao mesmo tempo, entregam-se à tarefa que lhes coube por sorte. O bronze e o ouro correm em riachos e o aço homicida é liqüefeito numa enorme fornalha. Modelam um escudo tão grande que sòzinho, protegerá o herói contra tôdas as armas dos latinos: prendem umas às outras sete lâminas de forma circular. Uns, com ventosos foles, recebem e soltam o ar; outros temperam o bronze, que chia na água. Geme o antro ao pêso das bigornas. Êles erguem os braços em cadência, num grande esfôrço, e revolvem a massa com as firmes tenazes.

O AUXÍLIO DE EVANDRO

Enquanto Vulcano apressava estas obras nas praias eólicas, a boa luz do dia e o matutino canto das aves sob a cumieira chamaram Evandro para fora de sua modesta casa. O velho levantou-se, vestiu a sua túnica, pôs nos pés as sandálias etruscas, atou ao flanco e ao ombro a sua espada árcade, cobriu-se com uma pele de pantera que lhe pendia sôbre o braço esquerdo. Saiu da alta porta precedido por dois cãos de guarda que seguiram os passos do dono. O herói se dirigiu ao isolado quarto do hóspede, lembrado de suas próprias palavras e do

auxílio que lhe prometera. Também Enéias acordara cedo e já saía. Evandro vinha com seu filho Palante, e Enéias com Acates. Aproximam-se, trocam apertos de mão e sentam-se no pátio interno do palácio; gozam, enfim, do prazer de conversar à vontade. O rei é o primeiro a falar:

— Ó grandísimo chefe dos troianos, desde que estejas salvo, jamais direi que Tróia foi vencida; e, a um homem tão ilustre, é modesto o auxílio que nós podemos oferecer na guerra; de um lado nos fecha o Tibre, de outro nos acossam os rútulos e suas armas ressoam em volta das nossas muralhas. Mas eu pretendo unir-te a povos fortíssimos e às tropas de reinos poderosos. Inesperado acaso te oferece a salvação. Foi o destino que te trouxe aqui! Não longe de nós está situada a cidade de Agila, construida sôbre antigo rochedo onde outrora gente da Lídia excelente na guerra, se estabeleceu entre as colinas da Etrúria. Florescente durante muitos anos, o rei Mezêncio a dominou depois com seu poder despótico e suas armas cruéis. Por que lembrar as horríveis matanças, as selvagens façanhas do tirano? Que os deuses as reservem para êle próprio e a sua descendência! Êle chegava até a atar pessoas vivas a cadáveres, juntando-lhes as mãos e as bôcas; banhadas de pus e de sangue corrupto, morriam lentamente naquele triste abraço. Que espécie de suplício! Mas afinal os cidadãos, cansados das loucuras do tirano, cercaram sua casa e a êle próprio, massacraram-lhe os companheiros, incendiaram seu teto. Êle escapou por entre o morticínio e refugiou-se em território rútulo; e as armas de Turno defenderam o hóspede. Tôda a Etrúria se levantou então com justa cólera, exigindo, numa guerra imediata, o rei para o suplício. A êles — e são milhares de homens — dar-te-ei como chefe ó Enéias. Pois os navios se apinham em tôda a extensão da costa e os homens fremem e querem o sinal da partida; mas um velho adivinho os retém, cantando êstes oráculos: «Ó escolhida juventude etrusca, ó elite de heróis vigorosos como os antepassados, um justo rancor vos impele contra o inimigo, Mezêncio vos inflama em merecida cólera, mas a nenhum itálico é permitido comandar tão grande nação; escolhei um chefe estrangeiro». Por isso o

exército etrusco está detido nesta planície, amedrontado com as advertências dos deuses. O próprio Tarcão enviou-me embaixadores com a coroa e o cetro do rei e mandou-me as insígnias reais, pedindo-me que vá para o acampamento e que tome o comando dos etruscos. Mas eu estou velho e esgotado pelos anos; a idade me torna pesado e não posso tomar o comando; minhas fôrças não dão para grandes emprêsas. Eu animaria meu filho a fazê-lo, mas êle nasceu de uma mulher sabina e é, em parte, itálico. Tu tens a idade e a raça que o destino exige; é o poder divino que te chama. Vai, ó fortíssimo chefe dos troianos e ítalos. Eu mandarei contigo êste Palante, que é a minha esperança e o meu consôlo. Que, sob o teu comando, se habitue a suportar a vida de soldado e os pesados trabalhos da guerra e a ver os teus feitos e, desde cedo, te admire. A êle entregarei cem cavaleiros árcades, jovens robustos e escolhidos; e êle te dará outro tanto em seu nome.

Assim falou o rei; e Enéias, o filho de Anquises, e o fiel Acates tinham os olhos baixos: pelas mentes sombrias lhes passavam mil pensamentos tristes. Vênus, porém, lhes deu, no céu sereno êste presságio: brilhou no firmamento um clarão repentino e fêz-se um grande ruído; e pareceu, de súbito, que tudo vinha abaixo e o rijo som das trombetas etruscas ecoavam pelos ares. Êles erguem os olhos. Duas vêzes, ainda, um imenso fragor se faz ouvir; e entre as nuvens, numa região serena, através do céu limpo, vêem armas que cintilam e retumbam, chocando-se. Enquanto os outros ficam estupefatos, o herói troiano reconhece o ruído e as promessas de sua divina mãe; e diz então:

— Não indagues, ó meu hospedeiro, que fato anuncia êste prodígio; certamente é o Olimpo que me chama. A deusa minha mãe predisse que enviaria êste sinal se a guerra estivesse iminente e através dos ares, traria em meu auxílio armas fabricadas por Vulcano. Oh! que morticínio espera os míseros laurentes! Que castigo receberás de mim, ó Turno! Quantos escudos e elmos e cadáveres de homens vigorosos levarás a rolar sob as águas, ó divino Tibre! Peçam agora a guerra e rompam os tratados!

Dito isso, ergue-se do alto trono, aviva sôbre o altar de Hércules o fogo adormecido e dirige-se, alegre, ao deus Lar, venerado na véspera, e aos humildes Penates. Imola, segundo o costume, duas ovelhinhas escolhidas; Evandro faz o mesmo, o mesmo fazem os jovens troianos. Depois volta aos navios, revê os companheiros e, dentre êles, escolhe os mais valorosos para o acompanharem à guerra; os outros, levados pelo curso da água, descem o rio sem esfôrço para dar a Ascânio as notícias dos novos fatos e de seu pai. Aos troianos que devem dirigir-se à terra dos etruscos, são dados cavalos; a Enéias, levam um que a fulva e brilhante pele de um leão, com suas unhas douradas, cobre inteiramente.

A DESPEDIDA

Correu a notícia, ràpidamente divulgada pela pequena cidade de que os cavaleiros iam partir a tôda pressa para as terras do rei etrusco. As mães, temerosas, redobram suas preces, o mêdo vê já próximo o perigo e mais ameaçadora lhes parece a idéia da guerra. Então Evandro toma a mão de seu filho que parte e, apertando-a, não cessa de chorar; e assim diz:

— Ah! se Júpiter me fizesse voltar ao tempo passado — como eu era quando, mesmo sob Preneste, pela primeira vez arrasei um exército e queimei, vencedor, montões de escudos e, com esta mão, enviei ao Tártaro o rei Érilo a quem sua mãe, Ferônia, quando êle nasceu, dera três almas, cousa terrível! Era necessário despojá-lo de três armaduras e três vêzes derrubá-lo morto; mas êste braço arrancou-lhe as três vidas e o despojou de outras tantas armas. — Agora, meu filho, nada me arrancaria ao teu doce abraço, nem o vizinho Mezêncio, desrespeitando-me, teria produzido, com suas armas tantas mortes cruéis nem teria roubado à sua cidade tantos cidadãos. Mas vós, ó deuses celestes, e tu, ó Júpiter, ó grande rei dos deuses, eu vos peço: tende piedade do rei dos árcades, ouvi as preces de um pai. Se a vossa vontade, se os fados hão de salvar o meu Palante, se eu hei de revê-lo e novamente me reunir a êle, permiti que eu viva; aceito suportar qualquer padecimento.

Mas se tu, ó Fortuna, me ameaças com algum terrível acidente, possa eu agora terminar a vida, que me seria tão amarga; sim, agora, enquanto é duvidoso o que eu receio, enquanto não é certo o que trará o futuro, enquanto tu, ó meu querido filho, única alegria da minha velhice, estás em meus braços e nenhuma notícia funesta me fere os ouvidos.

Foram estas palavras o último adeus do pai; e os criados o levaram desfalecido para o palácio.

E já, abertas as portas, saíam os cavaleiros. Enéias e o fiel Acates avançavam na primeira fila; depois outros chefes troianos. E Palante, no meio da coluna, fazia-se notar por sua clâmide e suas armas pintadas; parecia a estrêla da manhã — que Vênus prefere a todos os astros — quando, banhada pela água do oceano, levanta no céu a sagrada cabeça e dissipa as trevas.

As mães, amedrontadas, estão de pé sôbre as muralhas e acompanham com os olhos as nuvens de poeira e os esquadrões, que brilham com suas armas de bronze. E êles, armados, caminham pelas moitas, por onde o trajeto é mais curto; ouve-se um grito, formam-se as fileiras e os cascos dos quadrúpedes batem com ruído a poeirenta planície.

Junto do fresco rio Cere, existe um vasto bosque santificado pelos antigos e venerado em tôda a região; curvos montes, onde crescem negros abetos, o circundam. Conta a tradição que os velhos pelasgos, primeiros ocupantes do território latino, o consagraram, com um dia de festa, a Silvano, o deus dos campos e dos rebanhos. Não longe dali, em lugar seguro, Tarcão e os etruscos estavam acampados; e de uma alta colina, já se podia ver, na vasta planície, tôda a legião com suas tendas. Para o bosque dirige-se o herói Enéias com os jovens escolhidos para a guerra; e descansam, êles e os seus cavalos.

O ESCUDO DE ENÉIAS

Entrementes, a bela deusa Vênus atravessara as nuvens do céu e ali chegara com os presentes; ao longe, no solitário

vale, viu o filho, apartado dos seus, junto do fresco rio. Sùbitamente apresentou-se a êle e assim falou:

— Eis os presentes que te prometi, feitos com arte pelo meu espôso. Não hesites, meu filho, em chamar ao combate, sem demora, o impetuoso Turno.

Vênus assim falou e atirou-se nos braços do filho; diante dêle, sob um carvalho, depositou as cintilantes armas. Êle, alegre com os presentes da deusa e com tão grande honra, não se cansava de examiná-los e volvia entre os braços e olhava admirado o terrível elmo de penachos que parecia soltar ameaçadoras chamas, a mortífera espada, a espêssa couraça de bronze, enorme, côr de sangue, semelhante a uma núvem escura que refulge ao longe, abrasada pelos raios do sol; e as brilhantes grevas de electro e ouro refundidos a lança e o escudo de indescritível estrutura.

Sôbre êsse escudo, o deus do fogo, que não ignorava as profecias e não desconhecia o porvir, tinha gravado a história da Itália e os triunfos romanos; ali estava, em ordem, tôda a futura descendência de Ascânio e as guerras que faria.

O deus gravara, deitada na verde gruta de Marte, a lôba, após ter dado cria, e os gêmeos a brincar, pendentes de suas tetas, e a sugar sem mêdo, aquela ama; e ela a acariciá-los, inclinando brandamente a cabeça, e a passar-lhes a língua pelo corpo.

Não longe, êle esculpira Roma e as sabinas injustamente raptadas dos assentos do circo quando se realizavam os Grandes Jogos Circenses; e a nova guerra, que surgia de súbito entre a gente de Rômulo e o velho Tácio e os austeros habitantes de Cures. Depois os mesmos reis, terminada a guerra, estavam de pé, ainda armados, diante do altar de Júpiter, segurando as taças, e selavam a aliança com o sacrifício de um porca.

Não longe, as quadrigas correndo em sentido contrário, esquartejavam Meto. Por que não guardaste a tua palavra, ó albano? Tulo arrastava pela floresta o corpo de traidor e os espinheiros gotejavam sangue. E Porsena ordenava aos romanos que aceitassem Tarquínio, o rei expulso, e oprimia a cidade com apertado cêrco; mas os descendentes de Enéias lançavam-se à luta pela liberdade. Porsena parecia indignar-se, parecia ameaçar os romanos porque Cocles ousou deitar abaixo a ponte e Clélia, rompidas as correntes, passou a nado o rio.

No alto do escudo, via-se Mânlio, o guardião da rocha Tarpéia, de pé diante do templo, a defender o alto do Capitólio; e perto a cabana do rei Rômulo erguia-se eriçada, coberta, havia pouco, com um novo teto de palha. Ali um ganso de prata, esvoaçando sob um pórtico de ouro, anunciava que os gauleses estavam à entrada da cidade. Os gauleses estavam entre as moitas e tentavam tomar a cidadela, protegidos pelas trevas, favorecidos pelo escuro da noite; tinham os cabelos dourados e douradas as vestes; seus mantos listados brilhavam e, no alvo pescoço, traziam colares de ouro; na mão de cada um cintilavam dois dardos alpinos, e longos escudos lhes protegiam o corpo.

Acolá Vulcano gravara os Sálios a dançar, os Lupercos nus, os flâmines com seus barretes de lã e os escudos caídos do céu; e nos cômodos coches, as castas matronas iam pela cidade em procissão.

Mais longe, as regiões infernais, a profunda morada de Plutão e os castigos dos crimes; e Catilina prêso a uma rocha que ameaça cair, amedrontado ante os rostos das Fúrias. E, à parte, os homens piedosos e Catão, que lhes dita as leis.

No centro o mar, esculpido em ouro, estendia-se encapelado, e as águas escuras erguiam-se em ondas brancas de espuma; claros delfins de prata, nadando em círculo varriam com a cauda a superfície da água e cortavam as vagas. No meio viam-se as esquadras de bronze, a batalha de Ácio, os navios alinhados e o Leucate inteiro a fervilhar e as ondas a fulgir com reflexos de ouro. De um lado, César Augusto, conduzindo ao combate a Itália, com o Senado e o povo e os grandes Penates; êle está de pé na alta pôpa e suas jovens têmporas lançam duas chamas e, sôbre sua cabeça, brilha o astro paterno. Não longe, Agripa, que os ventos e os deuses favorecem dirige, do alto, a sua armada. Em sua fronte

refulge uma soberba insígnia de guerra, uma coroa naval ornada de rostros. Do outro lado, Antônio, que volta vitorioso do Oriente e da região do mar Vermelho, com suas fôrças bárbaras e suas variadas armas, e arrasta consigo o Egito, as tropas orientais, a remotíssima Bactra e — ó vergonha! — a espôsa egípcia o acompanha. Êles se precipitam a um só tempo e todo o mar espuma aos golpes dos remos e dos tridentes rostros. Fazem-se ao largo; crer-se-ia que as Ciclades desarraigadas nadam sôbre as ondas ou que montes se batem com altos montes, tão grande é a multidão de homens que, nas tôrres das pôpas, preparam o ataque; atiram com a mão estôpas em chamas e rápidos dardos de ferro e os campos de Netuno ficam rubros sob a carnificina que começa. No centro da frota a rainha chama os guerreiros com o sistro pátrio e ainda não vê atrás de si as duas víboras. Os monstruosos deuses do Nilo e o ladrador Anúbis lutam contra Netuno, Vênus e Minerva. Cinzelado no ferro,vê-se Marte, que se agita no meio da batalha, e as sinistras Fúrias que descem do céu, e a Discórdia que passa alegre, com a roupa rasgada, e Belona que as segue com o chicote ensangüentado. Apolo de Ácio contempla do alto êstes fatos e entesa seu arco; e os egípcios todos e os indos e os árabes e os sabeus, amedrontados, voltam-lhe as costas. A própria rainha parecia invocar os ventos, levantar suas velas e sem demora, soltar as cordas. O deus do fogo a havia representado no meio da matança, com a palidez da morte iminente, levada pelas ondas e pelo Iápige. Defronte, entristecido, o Nilo, com o seu grande corpo, abria as pregas da veste e chamava os vencidos para o azulado regaço, para o oculto refúgio de suas águas.

César, entretanto, levado com um tríplice triunfo para os muros de Roma, consagra aos deuses itálicos trezentos grandes templos espalhados pela cidade inteira, imortal homenagem. A alegria, os jogos, os aplausos ressoam pelas ruas; em todos os templos há coros de matronas, em todos há altares e, diante dos altares, novilhos imolados cobrem a terra. O próprio Augusto, sentado à nívea porta do brilhante templo de Apolo, recebe as ofertas dos povos e as pendura nas soberbas portas.

Em longa fila, avançam as nações vencidas, tão diversas por suas vestes e armas quanto por suas línguas. Aqui Vulcano havia esculpido as tribos dos nômades e dos africanos de flutuantes vestes; ali os léleges, os cários, os gelonos com suas flechas; esculpira o Eufrates que já corria com águas mais calmas; e os morinos, e o Reno de dois cornos, e os indômitos citas, e o rio Araxes a indignar-se debaixo da sua ponte.

Tais cousas Enéias admira sôbre o escudo de Vulcano, presente de sua mãe. Sem ter conhecimento de tais fatos, alegra-se, porém, com as imagens e carrega nos ombros o glorioso destino da sua posteridade.

LIVRO IX

NA AUSÊNCIA DO CHEFE

Enquanto estas cousas se passavam ao longe, do outro lado da Itália, Juno enviou Íris, do céu, ao corajoso Turno. Então por acaso, estava êle repousando num vale sagrado, no bosque dedicado a seu avô Piluno.

A MENSAGEM DE JUNO

Íris assim lhe falou com seus lábios rosados:

— Turno, o curso do tempo trouxe, por si mesmo, aquilo que nenhum dos deuses ousaria prometer se tu lho pedisses: Enéias deixou a cidade, os companheiros, a esquadra, e dirigiu-se para o reino do Palatino, para a residência de Evandro; e não é só isso: êle foi até as mais longínquas cidades da Etrúria, reuniu os camponeses e está preparando um exército de lídios. Que esperas tu? Agora é o momento de pedires teus carros e teus cavalos. Deixa-te de demoras, assalta de surprêsa o campo troiano.

Assim falou e, abrindo as asas, subiu para o céu e, desaparecendo traçou sob as nuvens um enorme arco. O jovem a reconheceu e, erguendo as duas mãos, lançou estas palavras à deusa que fugia:

— Ó Íris, encanto do céu, quem te enviou das nuvens até mim, quem te fêz descer à terra? de onde vem de repente esta serena claridade? Vejo abrir-se o meio do céu e as estrêlas vaguearem pelo firmamento. Obedeço a tão grande presságio, quem quer que seja o deus que me chama às armas.

Assim falou e encaminhou-se ao rio; tomou um pouco de água da profunda corrente e, dirigindo aos deuses muitas preces, encheu o ar com seus pedidos.

E já o exército inteiro, com seus muitos cavalos, com suas ricas vestes bordadas a ouro, avança pela planície aberta. Messapo comanda os primeiros batalhões, os filhos de Tirro coman-

dam os últimos. Turno, o chefe, está no centro; êle marcha carregando suas armas e é o mais alto de todos. Assim o profundo Ganges se ergue silenciosamente quando o engrossam as águas tranqüilas de sete rios; assim é o Nilo quando, depois da grande enchente, reflui dos campos e se esconde em seu leito.

Então, de súbito, os troianos vêem formar-se uma nuvem de negro pó, que se levanta e escurece a planície. Caíco, de uma tôrre fronteira, é o primeiro a bradar:

— Ó cidadãos, que é aquele globo de negro pó que ali volteia? Tomai depressa as armas, lançai dardos, subi aos muros, vamos! O inimigo se aproxima!

Os troianos, com grande clamor, entram por tôdas as portas e guarnecem os muros. Pois Enéias, excelente general, ao partir lhes havia recomendado que, se algo acontecesse em sua ausência, não se arriscassem em batalha campal nem se aventurassem na planície, mas apenas defendessem o acampamento, protegidos pelos muros e pelos baluartes. Assim, embora o brio e a ira os excitem a travar combate, êles fecham as portas e fazem o que lhes fôra recomendado: armam-se e esperam o inimgo dentro das suas tôrres.

Turno, como que a voar, passara à frente do seu lento exército com vinte cavaleiros escolhidos e, de repente, surge sob os muros. Monta um cavalo trácio com manchas brancas e traz na cabeça um capacete de ouro com uma pluma rubra.

— Quem de vós, ó jovens, será o primeiro que, a meu lado, atacará o inimigo? Vêde!

Assim diz êle e, brandindo um dardo, atira-o aos ares, dando o sinal da luta; e corre altivamente pela planície. Os seus lhe respondem com gritos de guerra e o acompanham com terríveis brados; e se admiram da inércia dos troianos, de que tais homens não se apresentem em campo aberto, não marchem contra o inimigo mas se conservem no acampamento. Enfurecido, Turno percorre os muros a cavalo, a procurar por tôda a planície alguma entrada oculta. Tal qual um lôbo quando insidia um aprisco repleto e, no meio da noite, uiva diante das portas, exposto ao vento e à chuva e, há muito atormentado por uma insatisfeita avidez de comer e sequioso de

sangue, se irrita e se enfurece contra a prêsa ausente, enquanto os cordeiros, seguros, balem sob suas mães — assim a cólera do rútulo se inflamava ao olhar para os muros e para o acampamento. O despeito lhe queima o duro coração. Como tentar o acesso? por onde expulsar os troianos do arraial e obrigá-los a espalhar-se pela planície? Avança então para a esquadra que estava encostada a um lado do acampamento, protegida por baluartes e pelas águas do rio, e ordena aos companheiros triunfantes que ponham fogo às naus e, cheio de ardor, pega um grande pedaço de pinho inflamado. Êles, estimulados pelo exemplo de Turno, põem mãos à obra; os jovens pilham as lareiras das casas vizinhas e armam-se todos de negras tochas. Os fumosos archotes lançam uma luz sombria e o fogo atira ao céu cinza e fagulhas.

O MILAGRE DA DEUSA CIBELE

Qual foi o deus, ó Musas, que desviou dos troianos tão terrível incêndio? quem tirou dos navios as grandes chamas? Dizei-mo. A tradição é antiga, mas a fama do fato é imortal.

Quando Enéias, na Frígia, sôbre o Ida, começava a construir sua esquadra e preparava-se para lançar-se ao alto mar a própria Cibele, mãe dos deuses, assim falou a Júpiter:

— Concede, ó filho, o que te pede — a ti, o vencedor do Olimpo — a tua querida mãe. Eu tinha uma floresta de pinheiros que havia muitos anos eu amava; era um bosque sagrado, no alto do monte, ensombrado por bôrdos e por negros pinheiros, onde me ofereciam sacrifícios; dei essas árvores ao jovem troiano, que necessitava de uma esquadra. Agora, um terrível receio me preocupa e me angustia. Livra-me dêste mêdo; permite que as preces de tua mãe consigam isto de ti: que êsses navios não sejam destruídos por nenhuma viagem, por nenhuma procela; que lhes valha o terem nascido nas nossas montanhas.

Seu filho que faz girar os astros, lhe respondeu:

— Ó mãe, aonde queres levar o destino? Que pedes tu para essas árvores? Desejas que navios feitos por mão mortal tenham a condição das cousas imortais e que Enéias percorra

seguro os inseguros mares? Que deus tem um poder tão grande? Antes, farei com que, quando houverem cumprido a sua missão e ocuparem a costa e o pôrto da Itália, as que tiverem escapado às ondas e conduzido às terras de Laurento o chefe dos troianos percam a forma mortal e se transformem em deusas do vasto mar, como as nereidas Doto e Galatéia, que cortam com o peito as águas espumantes.

Assim disse e, fazendo um aceno com a cabeça, jurou pelos rios de Plutão, pelas margens da torrente de pez com suas negras voragens; e, a êsse aceno, todo o Olimpo estremeceu.

Chegara, pois, o dia prometido e as Parcas já haviam completado o tempo prescrito, quando o atentado de Turno levou a mãe dos deuses a afastar as tochas dos sagrados navios. Então, primeiramente, uma nova luz refulgiu ante os olhos e, do lado da aurora, viu-se uma imensa nuvem atravessar o céu e ouviram-se os coros do Ida; depois uma tremenda voz ressoou pelos ares e chegou a todos os guerreiros, rútulos e troianos:

— Não corrais, ó troianos, a defender os meus navios, nem armeis vossos braços. Turno incendiaria antes os mares que êstes sagrados pinheiros. E vós, libertai-vos e ide, ó deusas do mar; vossa mãe vo-lo ordena.

Imediatamente todos os navios rompem as amarras e, afundando os rostros, vão, como os delfins, para o fundo do oceano. Maravilhoso prodígio! Reaparecem sob a forma de moças, tantas quantas eram as brônzeas proas que antes se detinham à beira do mar; e são levadas pelas ondas.

Os rútulos ficam estupefatos. O próprio Messapo sente mêdo, seus cavalos assustam-se. O Tibre hesita e, com um ruído surdo, retrocede. Mas o audacioso Turno não perde a confiança. Antes, anima os seus e os estimula com estas palavras:

— Êste prodígio vem contra os troianos: o próprio Júpiter arrebatou-lhes o habitual recurso, sem esperar o fogo e as armas dos rútulos. Para êles, agora, o mar é impraticável e não há esperança de fuga. Uma parte do mundo lhes foi

fechada; a outra está em nossas mãos. E quantos milhares de homens das nações itálicas tomam armas contra êles! Se êsses frígios se gabam de algum fatal oráculo dos deuses, não tenho nenhum mêdo. Para Vênus e para o destino é bastante que os troianos tenham atingido os campos da fértil Itália. Também eu tenho os meus oráculos, que são bem diferentes: hei de exterminar com as minhas armas êsse povo celerado que me rouba a espôsa; tal ofensa não coube aos Atridas sòmente e não é só Micenas que tem direito de tomar as armas. Contudo — dirá alguém —, não é suficiente terem sido vencidos uma vez. Antes, seria bastante que tivessem errado uma só vez e agora odiassem fundamente a tôdas as mulheres! Êles confiam na paliçada que nos separa, nas fossas que nos retardam. Fraca barreira contra a morte! Acaso não viram as muralhas de Tróia, construídas pelo próprio Netuno, ruírem sob o fogo? Quem de vós, ó guerreiros escolhidos, está disposto a forçar com armas essa trincheira e a invadir êsse acampamento de gente medrosa? Não preciso das armas de Vulcano e nem de mil navios para ir contra os troianos, mesmo que tôda a Etrúria se junte a êles. Não terão que recear as trevas, nem o furto do Paládio como grande massacre dos guardas da cidadela, nem que nos escondamos no escuro ventre de um cavalo; eu queimarei seus muros em pleno dia, na presença de todos. Fá-los-ei ver que não estão tratando com os gregos e com os jovens pelasgos, que, por dez anos, Heitor deteve. Mas agora, que a maior parte do dia já passou, contentai-vos com êste sucesso; ocupai o resto do tempo em cuidar de vossos corpos e esperai, confiantes, que eu prepare o ataque.

O PLANO DE NISO

Entretanto, Messapo é encarregado de manter sentinelas às portas e acender fogueiras em redor das muralhas. Quatorze jovens chefes, de plumas côr de púrpura no elmo e reluzentes de ouro, são escolhidos para vigiar os muros com os soldados rútulos; cada um é seguido por cem homens. Correm de um lado para outro, rendem-se e, estendidos na relva, bebem

vinho, esvaziando as crateras de bronze. Por tôda a parte brilham as fogueiras e os guardas passam a noite despertos, a jogar.

Dentro do acampamento, os troianos, no alto das tôrres, vêem essas cousas e se mantêm armados; e, receosos, experimentam as portas, ligam por pontes as tôrres com as muralhas, amontoam os dardos. Mnesteu e o ardoroso Seresto apressam os trabalhos; a êles o chefe Enéias entregara o comando, para o caso de algum contratempo. Todo o exército, sorteados os perigos a enfrentar, vigia as muralhas; cada um vela no pôsto cuja guarda lhe coube.

Niso, o mais corajoso nas lutas, guardava uma porta. Era filho de Hírtaco; ágil no atirar o dardo e as leves flechas, a ninfa Ida, a caçadora, o enviara a Enéias como companheiro. Tinha junto de si o amigo Euríalo; nenhum homem mais belo do que êste foi companheiro de Enéias nem vestiu a armadura troiana; sôbre as faces, que ainda não barbeara, mostrava apenas os primeiros sinais da idade adulta. Uma afeição recíproca os unia e juntos corriam aos combates. E, então, montavam guarda à mesma porta. Niso assim falou:

— Euríalo, serão os deuses que me incutem na alma êste ardor, ou cada um de nós atribui a um deus o impulso que lhe vem de um grande desejo? Há muito tempo me excita a idéia de correr à luta ou a alguma emprêsa grandiosa; não me agrada esta tranqüilidade. Vês como os rútulos estão confiantes: raras fogueiras brilham ainda; êles estão deitados e o sono e o vinho lhes tiraram as preocupações; o silêncio se estende em redor. Escuta, pois, o que estou planejando, a idéia que agora surgiu no meu espírito. O povo e os anciãos, todos desejam que se chame Enéias de volta, que lhe sejam enviados mensageiros para trazer notícias seguras. Se me prometerem o que eu peço para ti, pois a mim basta a glória de tal feito, creio que poderei encontrar, ao pé daquele outeiro, um caminho para os muros e as fortificações de Palanteu.

Euríalo ficou maravilhado e, seduzido por um grande desejo de glória, respondeu prontamente ao ardoroso amigo:

— Então, Niso, não queres associar-me a essa grande emprêsa? Devo deixar-te ir só a tão grandes perigos? Não foi assim que me ensinou meu pai, o guerreiro Ofeltes, que me educou entre as ameaças gregas e as provações de Tróia, nem foi assim que eu agi ao teu lado depois que acompanhei o corajoso Enéias e me expus aos maiores perigos; eu tenho um coração capaz de desprezar a vida e creio que essa glória para a qual tu corres bem pode ser comprada com a morte.

Niso lhe respondeu:

— Não duvidei da tua coragem. Não, eu não teria êsse direito! Assim como isto é verdade, possa o grande Júpiter, ou qualquer outro deus que vê esta emprêsa com olhos benévolos, trazer-me a ti, de novo, triunfante. Mas tu sabes como é grande o risco em tais aventuras; se um acaso ou um deus me arrastasse à ruína, eu gostaria que me sobrevivêsses; és mais jovem: mereces viver mais. E deve haver alguém que tire o meu cadáver do campo de batalha ou pague o seu resgate e o enterre; ou se, como é costume, a sorte o impedir, faça à sombra errante os sacrifícios fúnebres e me honre com um túmulo. E não quero causar tão grande dor à tua infeliz mãe, que, dentre tantas mães, é a única que ousou acompanhar o filho, desprezando as muralhas do poderoso Acestes.

Êle, porém, retruca:

— Em vão arranjas êsses fúteis motivos. Não mudarei de idéia. Vamos depressa!

Sem demora, desperta as sentinelas, que o rendem e tomam a guarda; deixando o seu pôsto, vai com Niso à procura do príncipe.

A APROVAÇÃO DOS CHEFES

Por tôda a terra os outros sêres vivos aliviavam no sono seus cuidados e as almas esqueciam suas penas. Mas os principais chefes dos troianos, a elite dos jovens, deliberavam sôbre as prementes necessidades do comando, sôbre o que deveriam fazer e quem seria imediatamente enviado a Enéias como mensageiro. Estavam de pé no meio do campo, apoiados nas suas

longas lanças, segurando os escudos. Então, cheio de ardor, Niso e, com êle, Euríalo, pedem que os admitam sem demora: o assunto é importante e compensa a interrupção. Julo é o primeiro a acolher os impacientes jovens e dá a palavra a Niso. E o filho de Hírtaco assim diz:

— Escutai-nos com benevolência, ó companheiros de Enéias, e não julgueis provir da nossa pouca idade o plano que trazemos. Os rútulos calaram-se, entregues ao sono e ao vinho; observamos o lugar propício para uma furtiva saída: a encruzilhada que se abre junto à porta mais próxima do mar. Rareiam as fogueiras e uma fumaça negra ergue-se para o céu; se permitis que aproveitemos esta ocasião para ir a Palanteu buscar Enéias, logo o vereis aqui, com os espólios, após ter feito uma enorme matança. Não erraremos o caminho; em nossas contínuas caçadas, vimos num escuro vale as primeiras casas da cidade e conhecemos todo o rio.

Então Aletes, carregado de anos e de grande experiência, assim falou:

— Ó deuses da nossa pátria, que sempre protegeis os troianos, vós, apesar de tudo, não tencionais destruir completamente Tróia, se despertais, nos jovens, almas tão belas e tão grande coragem.

Assim dizendo, tomava pelos ombros os dois moços, apertava-lhes as mãos, e as lágrimas lhe banhavam o rosto:

— Que recompensa, ó guerreiros, poderia pagar devidamente o vosso valor? Os deuses e a vossa consciência dar-vos-ão o primeiro e o mais belo prêmio; depois o piedoso Enéias vos dará outros, sem demora; e o jovem Ascânio jamais esquecerá tão grande serviço.

— Certamente que não — acrescentou Ascânio —. Eu juro, ó Niso, pelos grandes Penates e pelos deuses Lares de Assáraco e pelo santuário da antiga Vesta: para mim, a única salvação será o retôrno de meu pai; e a vós confio a minha sorte e a minha esperança. Ide chamar meu pai e trazei-o de volta; se êle regressar, nada de mau nos acontecerá. Eu vos darei dois copos de prata com figuras em relêvo, que meu pai tomou quando venceu Arisba; e duas trípodes e dois grandes

talentos de ouro e uma antiga cratera que me deu a fenícia Dido. Vistes em que cavalo e com que armas Turno avançava, carregado de ouro; pois, se a vitória me couber, se eu tomar a Itália e me apossar do reino e sortear os espólios, excluirei do sorteio aquêle cavalo, o escudo, o capacete com o rubro penacho; desde agora, êstes são os teus prêmios, ó Niso. E além disso, meu pai te dará doze escravas belíssimas e doze prisioneiros, todos com suas armas; e, ainda, os campos que são propriedade pessoal do rei Latino. E a ti, ó jovem que nós devemos venerar, eu, que tenho quase a tua idade, te estimo desde já de todo o coração e te escolho como companheiro de tôdas as ocasiões. Sem ti não buscarei nenhuma glória; quer faça a paz ou a guerra, terás tôda a minha confiança, nos conselhos como na ação.

E Euríalo assim respondeu:

— Em tempo algum me hei de mostrar inferior a êste corajoso empreendimento, quer a sorte nos seja propícia, quer seja contrária. Mais que qualquer favor, uma só cousa eu peço; tenho minha velha mãe, que é da estirpe de Príamo; para sua desgraça, ela me acompanhou e não a retiveram nem a terra de Tróia nem as muralhas do rei Acestes. Ela nada sabe do risco a que me exponho e eu a deixo agora sem tê-la saudado, pois — juro pela Noite e pela tua mão — não poderia suportar suas lágrimas. Tu, porém, eu te peço, consola a pobre mulher e socorre-a se ela ficar sózinha. Permite que eu leve esta esperança e então enfrentarei com mais coragem todos os perigos.

Os troianos, comovidos, puseram-se a chorar e, mais que todos, o belo Julo, pois a lembrança de seu pai lhe apertou o coração. E assim falou:

— Podes estar certo de que tudo será digno do teu grande empreendimento. Tua mãe será minha também; só lhe faltará o nome de Creusa. Não é pouco o reconhecimento que se deve a quem gerou tal filho. Qualquer que seja o êxito da tua emprêsa, juro-te pela minha cabeça, pela qual meu pai costumava jurar: o que eu prometo a ti se tudo correr bem e se

voltares, isto mesmo será reservado para tua mãe e para teus parentes.

Assim falou chorando e tirou do seu ombro uma espada de ouro, fácil de manejar, que o cretense Licáon havia fabricado com arte admirável e havia colocado numa bainha de marfim. Mnesteu deu a Niso uma eriçada pele arrancada a um leão, e o fiel Aletes trocou com êle o seu capacete. Bem armados, partiram sem demora. Todos os chefes, jovens e velhos, acompanharam-nos com os seus votos até a porta; e o belo Julo, que tinha, antes do tempo, a coragem e as preocupações de um adulto, confiava-lhes muitas mensagens para levarem a seu pai; a brisa, porém, dispersou-as tôdas e delas fêz às nuvens um inútil presente...

A AUDAZ EMPRÊSA

Êles saem, atravessam os fossos e, no escuro da noite, dirigem-se ao acampamento inimigo, que lhes será fatal, mas não antes de terem causado a ruína de muitos. Vêem espalhados pela relva os corpos que o sono e o vinho estenderam por terra; vêem na praia os carros desatrelados, com o timão erguido, os homens deitados entre as rodas e as correias, as armas e os vasos de vinho misturados no chão. Niso foi o primeiro a falar:

— Euríalo, agora a ocasião se nos apresenta: devemos ter coragem e atacá-los. Por aqui há um caminho. Tu, para que nenhuma patrulha nos surpreenda pelas costas, vigia e observa ao longe; farei eu a devastação e te abrirei uma larga passagem.

Calou-se então e agrediu com a espada o soberbo Ramnes, que, sôbre um monte de tapêtes, ressonava a plenos pulmões; êle era o rei e, ao mesmo tempo, o adivinho mais estimado por Turno, mas a ciência augural não o pôde livrar da desgraça. Ao lado dêste, Niso fere três criados de Remo que jaziam deitados ao acaso entre as armas; e o seu escudeiro e o seu cocheiro, que encontrou ao pé dos cavalos; e corta-lhes com a espada os pescoços pendentes. Depois corta a cabeça ao próprio Remo e deixa o tronco a esvair-se em sangue; e o negro

sangue aquece a terra e ensopa o leito. E mata Lâmiro e Lamo e o jovem Serrano, que tinha um belíssimo rosto; êste havia jogado durante quase tôda a noite e jazia vencido pelo vinho, do qual abusara. Seria bom que houvesse jogado a noite tôda, que houvesse prolongado o jôgo até a aurora! E Niso prosseguia, qual um leão em jejum quando, impelido por violenta fome, lança a confusão num ovil cheio e devora e arrasta os fracos animais, mudos de mêdo, e ruge com a bôca ensangüentada.

Euríalo não fêz menor massacre. Também êle, excitado, enfurecido, atacou, de passagem, uma multidão desconhecida, atacou Fado e Herbeso e Reto e Ábaris; foram apanhados de surprêsa, exceto Reto, que estava acordado e via tudo; tomado, porém de grande mêdo, ocultara-se atrás de uma cratera; mas como êle se erguesse, Euríalo cravou-lhe sem demora a espada em pleno peito e a retirou com muito sangue. Reto exalou a alma enrubescida, vomitando, ao morrer, o sangue e o vinho. Cheio de ardor, Euríalo prosseguiu a furtiva matança. E já se aproximava dos homens de Messapo; ali via apagar-se a última fogueira e via os cavalos bem atrelados, segundo o costume, a comer a grama; então Niso lhe disse depressa — pois percebeu que o excessivo desejo de matar arrebatava Euríalo — :

— Paremos; o dia se aproxima e ser-nos-á fatal. Já nos vingamos suficientemente; está aberto o caminho por entre os inimigos.

Deixam os numerosos objetos de prata maciça, as armas dos guerreiros, as crateras e também os belos tapêtes. Eurialo avista o colar de Ramnes e seu boldrié ornado de tachões de ouro, que o riquíssimo Cédico mandara um dia a Rêmulo de Tíbur para, embora longe, ligar-se a êle pelos laços da hospitalidade. Rêmulo, ao morrer, o deixou para o neto; êste morreu na guerra e os rútulos tomaram o boldrié. Eurialo o agarra e o ajusta a seus fortes ombros, mas por pouco tempo; depois coloca o elmo de Messapo, ornado de plumas, que lhe servia bem. Saem do acampamento e procuram lugares seguros.

O FIM DOS DOIS AMIGOS

Entretanto, cavaleiros enviados à frente, enquanto o resto da legião ficara na planície em ordem de batalha, vinham de Laurento e traziam mensagens ao rei Turno. Eram trezentos, todos armados de escudos; Volcente os comandava. E já se aproximavam do acampamento e chegavam às trincheiras quando viram de longe os dois jovens, que dobravam o caminho da esquerda; na meia escuridão da noite, o capacete brilhou ao luar, traindo assim o descuidado Euríalo. E isto não foi sem conseqüência. Do meio do esquadrão Volcente grita:

— Homens, parai! Por que tomais êsse caminho? Quem sois, assim armados, e para onde ides?

Êles nada respondem e apressam-se em fugir para a floresta, confiados na noite. Os cavaleiros lançam-se para os conhecidos atalhos e, de todos os lados, fecham as saídas.

A floresta estendia-se ao longe, enredada de moitas e escuras azinheiras, cheia, por tôda a parte, de densos espinheiros; algumas raras pistas indicavam obscuras veredas. As trevas produzidas pelos ramos e o pêso dos despojos embaraçam Euríalo e o mêdo o faz tomar caminho errado. Niso foge. E já, sem o saber, havia escapado ao inimigo e aos lugares que, depois, do nome de Alba, se chamaram Albanos; naquele tempo, o rei Latino possuia ali grandes estábulos. Niso então se deteve e em vão buscou com os olhos o amigo distante.

— Ó infeliz Eurialo, em que lugar eu te deixei? Por onde te hei de procurar, percorrendo de novo todo êste complicado caminho através da floresta enganadora?

E imediatamente volta sôbre seus passos, observa e segue suas próprias pegadas e vagueia pelas caladas moitas. Ouve os cavalos, ouve o ruido e os sinais dos seus perseguidores. Pouco depois, uma algazarra chega aos seus ouvido e êle vê Eurialo que, desorientado pelo escuro e pela ignorância do lugar, acossado por um ataque súbito e tumultuoso, fôra já apanhado por todo o esquadrão e inùtilmente se debatia. Que faria Niso? Com que fôrças, com que armas tentaria libertar o jovem? Atirar-se-ia entre os inimigos para morrer? Lançar-se-ia de encontro às armas e a uma gloriosa morte? Prontamente, levando para traz o braço esquerdo e brandindo sua lança, êle olha para a Lua, no alto do céu, e ora assim:

— Tu, ó deusa, sê-me propícia, ajuda a minha emprêsa, ó filha de Latona, que és a glória dos astros e a guardiã dos bosques. Se algum dia Hírtaco, meu pai, levou por mim aos teus altares uma oferenda, se eu próprio acrescentei alguma cousa e, com o produto das minhas caçadas, suspendi à abobada do templo ou prendi à entrada alguma oferta, permite que eu ponha em pânico êste esquadrão e dirige meus dardos pelos ares.

Assim disse e, com todo o esfôrço, lançou a arma. A lança, voando, corta as trevas da noite e vai cravar-se no escudo de Sulmão, que estava em frente; ali se quebra mas, fendendo a madeira, atravessa-lhe o coração. Êle rola, soltando do peito um rio de sangue quente, e longos estertôres sacodem-lhe os flancos. Os outros olham para todos os lados. E eis que Niso se faz mais audacioso e brande um outro dardo à altura da orelha. Enquanto êles se agitam, a lança sibila e vai atravessar as duas têmporas de Tago e se prende, aquecida pelo sangue, no cérebro varado. O impetuoso Volcente se enfurece mas não vê em parte alguma quem atirou os dardos nem, em sua fúria, sabe para onde se lançar.

— Tu, porém — diz êle — agora mesmo pagarás com o teu sangue a morte dos dois homens!

Assim dizendo, desembainha a espada e corre para Eurialo. Então, apavorado, fora de si, Niso solta um grito; êle não pode mais esconder-se nas trevas nem pode suportar tão grande dor:

— Fui eu, fui eu que o fiz. Voltai contra mim vossas armas, ó rútulos! A culpa é tôda minha. Êle nada tentou, nada pôde fazer, — tomo por testemunhas o céu e os astros, que o sabem! — sòmente amou de mais ao infeliz amigo.

Assim falava êle; mas a espada, impelida com fôrça, atravessou as costas de Eurialo e abriu-lhe o branco peito. Êle cai morto e o sangue escorre pelos belos membros e a cabeça desfalecida se inclina sôbre o ombro, qual uma flor viçosa, que

o arado cortou, definha e morre, qual as papoulas curvam a fatigosa haste sob uma forte chuva.

Mas Niso atira-se entre os cavaleiros e, no meio de todos, só procura Volcente, só Volcente lhe importa. Os inimigos se aglomeram em redor, aproximam-se e tentam afastá-lo. Êle, porém, prossegue ameaçador e faz girar sua reluzente espada. Enterrou-a, por fim, bem na bôca do rútulo, enquanto êste gritava; e, morrendo, tirou a vida ao inimigo. Transpassado, êle se lança então sôbre o corpo exânime do amigo e ali, enfim, descansa na placidez da morte.

Ditoso par! Se os meus versos têm algum valor, em tempo algum vossa lembrança se apagará, enquanto a descendência de Enéias ocupar a rocha imóvel do Capitólio e o Senado romano tiver o govêrno do mundo!

A DOR MATERNA

Vencedores, os rútulos se apossam dos despojos e, chorando, levam para o seu campo o corpo de Volcente. Ali a tristeza não era menor: haviam encontrado o cadáver de Ramnes e os outros chefes mortos pelo mesmo massacre, Serrano e Numa. Grande multidão se aproxima dos cadáveres e dos moribundos, dos lugares aquecidos pela recente morticínio e dos rios de espumante sangue. Reconhecem e mostram uns aos outros o brilhante elmo de Messapo e o colar recuperado à custa de tão grande sacrifício.

E já a Aurora, deixando o leito dourado de Titono, começava a espalhar sôbre as terras a luz de um novo dia, e já o sol brilhava e a claridade desvelara as cousas, quando Turno, após se ter armado, chamou às armas os companheiros. Cada chefe dispõe para o combate seus batalhões revestidos de bronze; e aguçam as iras com vários boatos. Prendem em pontas de lanças as cabeças de Eurialo e de Niso — dolorosa visão! — e as acompanham com grande clamor.

Os fortes companheiros de Enéias colocam suas tropas à esquerda, sôbre os muros, pois do lado direito eram protegidos pelo rio; e ocupam enormes fossas e se mantêm, inquietos, no alto das tôrres e comovem-se ao ver, prêsas às lanças, a verter negro sangue, as cabeças dos dois heróis, que os infelizes conheciam bem.

Entrementes, a Fama, a alada mensageira, voa ràpidamente através do assustado acampamento e chega os ouvidos da mãe de Eurialo. De súbito, o calor abandona o corpo da desditosa mulher; a lançadeira cai de suas mãos, a lã se desenrola. A infeliz se ergue precipitadamente e, arrancando os cabelos, com gritos feminis, corre, fora de si, aos muros e ao primeiro batalhão em marcha, sem pensar nas armas dos guerreiros, sem pensar no perigo dos dardos; e enche o céu com suas lamentações:

— É assim que eu te vejo, ó Eurialo? Tu, que eras o último apôio da minha velhice, pudeste deixar-me sòzinha? Cruel! Nem foi dado à tua infeliz mãe falar-te pela última vez quando fôste enviado a tão grandes perigos! Ah! tu jazes em terra desconhecida, como prêsa dos cães e das aves do Lácio! E eu, tua mãe, não pude acompanhar teus funerais e nem fechar teus olhos ou lavar tuas feridas ou cobrir o teu corpo com esta veste, que para ti eu trabalhava noite e dia, com afinco e, a tecer, consolava meus cuidados de anciã. Onde te procurar? Onde estão agora teus membros decepados, teu corpo em pedaços? É apenas isto que me resta de tí, ó filho? Para isto eu te segui por terra e por mar? Transpassai-me, ó rútulos, se tendes alguma compaixão: lançai contra mim vossos dardos: seja eu a primeira que matais com essas armas. Ou tu, ó grande pai dos deuses, tem piedade e, com teu raio, precipita no Tártaro minha odiosa cabeça, pois não posso, de outra maneira, pôr fim a esta triste vida!

Tais lamentos abalam as almas e um sentido pranto se estende por todo o exército, quebranta as fôrças e entorpece os guerreiros. Ideu e Actor, a mandado de Ilioneu e de Julo, o qual chora copiosamente, seguram a mulher, que excita a dor de todos, e levam-na nos braços para a sua tenda.

O ATAQUE DOS RÚTULOS

Entretanto, a tuba de bronze fêz soar largamente o seu terrível canto; seguiu-se um clamor e o céu retumbou. Os itálicos, formada a tartaruga, avançam rápidos, todos ao mesmo tempo, e se preparam para encher os fossos e arrancar a paliçada. Alguns procuram uma entrada, tentam subir aos muros por escadas nos pontos onde a guarnição rareia e onde as fileiras, sendo menos espêssas, deixam passar a luz. Os troianos, porém, habituados pela longa guerra a defender seus muros, despejam sôbre êles armas de tôda espécie e os repelem com duras alabardas. Fazem rolar pesadas pedras, tentando romper a tartaruga, enquanto os inimigos, sob a densa coberta, parecem ter prazer em suportar todos os golpes. Mas já não o conseguem. Pois onde a tropa mais se adensa e os ameaça, os troianos fazem rolar e atiram uma enorme pedra, que esmaga os rútulos em larga extensão e fende a cobertura dos escudos. E os rútulos, apesar de sua audácia, não pensam mais em pelejar nesse combate em que não vêem o inimigo mas procuram, lançando projéteis, expulsar os troianos das suas fortificações. De outro lado, o etrusco Mezêncio, de terrível aspecto, sacode um fumegante tição de pinho; e Messapo, filho de Netuno e domador de cavalos, destrói a paliçada e pede escadas para subir aos muros.

Vós, ó Musas, e tu, ó Caliope, inspirai meu canto! Dizei-me que massacre fêz Turno com suas armas, que mortes provocou e que herói cada um dos guerreiros enviou para o Orco. Ajudai-me a narrar os terríveis aspectos desta guerra. Vós vos lembrais, ó deusas, vós o podeis narrar.

Havia uma tôrre que se erguia a uma altura desmesurada, munida de altas pontes, em excelente situação. Todos os itálicos, com o máximo esfôrço, tentavam expugná-la e derrubá-la, e os troianos, por sua vez, defendiam-na a pedradas e, das largas seteiras, atiravam uma chuva de dardos. Turno é o primeiro a lançar contra a tôrre um facho aceso e põe fogo a um dos lados; a chama, atiçada pelo vento, apossa-se

das tábuas, prende-se às traves e as devora. Os de dentro correm em desordem; querem fugir à ruina, mas em vão. Enquanto se aglomeram e buscam refúgio na parte não tomada pelo incêndio, sob o pêso dêles a tôrre cai, de súbito, e o estrondo soa como um trovão por todo o céu. Semimortos, trazidos pela enorme massa que despenha, êles chegam à terra transpassados pelos seus próprios dardos, o peitos varados por pedaços da dura madeira. Sòmente escaparam Helenor e Lico.

Helenor, muito jovem, era filho ilegítimo do rei da Lídia; uma escrava, Licínia, o criara às ocultas e o mandara à guerra, não obstante a proibição do pai. Humilde soldado, trazia apenas uma espada nua e um escudo sem emblema. Qual uma fera, num apertado cêrco de caçadores, furiosa com os dardos e sabendo que deve morrer, de um salto arroja-se aos venábulos — assim o jovem, quando se achou entre milhares de soldados de Turno, envolvido de todos os lados por tropas latinas, precipitou-se à morte lançando-se no meio do inimigo justamente onde viu mais espêssa as lanças.

Lico, porém, muito mais rápido na corrida, foge por entre as armas, por entre os inimigos, atinge as muralhas, faz esforços para chegar ao alto, procura segurar as mãos dos companheiros. Mas Turno, igualmente veloz na carreira, persegue-o com seu dardo e grita triunfante:

— Tolo! pensaste que poderias escapar às minhas mãos?

E agarra o corpo suspenso e o arranca juntamente com um grande pedaço do muro. Assim a águia, escudeira de Júpiter, leva para o céu, nas recurvadas garras, uma lebre ou um alvo cisne; ou o lôbo de Marte rouba do estábulo um cordeiro, que a mãe reclama com muitos balidos. De tôda a parte ergue-se um clamor: uns avançam e enchem de entulho os fossos, enquanto outros lançam às tôrres fachos acesos. Com uma enorme pedra, um pedaço de monte, Ilioneu esmaga Lucécio, que se aproximava de uma porta trazendo fogo. Liger abate a Ematião, Asilas a Corineu. Líger era hábil no arremesso do dardo; Asilas, no atirar de longe inesperadas flechas. Ceneu abate Ortígio e Turno mata o triunfante Ceneu; e mata Ítis e Clônio e Dioxipo e Prômolo e Ságaris e Idas, que estava

em pé diante de uma alta tôrre. Cápis mata Piverno, que fôra levemente atingido pela lança de Temila; o imprudente, abandonando o escudo, leva a mão à ferida. Voa então uma flecha e a mão lhe é pregada ao lado esquerdo; e o dardo entra fundo e rompe-lhe os pulmões com mortal ferimento.

O filho de Arcente, de notável beleza, estava de pé, com armas magníficas e uma clâmide bordada, tingida com a forte púrpura da Ibéria; seu pai o enviara à guerra após tê-lo criado no bosque de Cibele, à margem do Simeto, onde havia um rico altar do branco Palico. Mezêncio depôs seus dardos, tomou a estridente funda, fê-la girar três vêzes em redor da cabeça, com a correia estendida; com o chumbo liqüefeito no ar, feriu no meio da testa o inimigo, que estava diante dêle e, derrubado, se estendeu largamente sôbre a areia.

A PROEZA DE ASCÂNIO

Diz-se que então Ascânio, antes habituado a perseguir apenas feras fugitivas, pela primeira vez lançou na guerra uma rápida flecha; e abateu com sua mão o forte Numano, que tinha o cognome de Rêmulo e havia recentemente desposado a irmã mais nova de Turno. Numano marchava à frente do batalhão, vociferando louvores e injurias, o coração intumescido pelo recente parentesco com o rei; e avançava soberbo, a gritar:

— Não tendes vergonha de vos deixardes novamente sitiar em vosso arraial, ó troianos duas vêzes vencidos, e de opor à morte os vossos muros? Eis os homens que, de armas na mão, requestam as nossas mulheres! Que deus ou que loucura vos trouxe para a Itália? Aqui não há Atridas nem Ulisses com suas belas palavras! Nós somos, desde a origem, gente dura. Nossos filhos, logo que nacem, nós o levamos aos nossos rios e o fortalecemos com o terrível gêlo das águas. Na adolescência, passam as noites a caçar e batem as florestas sem descanso; seu jôgo é domar os cavalos, é estender o arco e atirar as flechas. E a nossa juventude, capaz de enfrentar os trabalhos, acostumada a viver com pouco, ou amanha a terra

com os ancinhos ou, na guerra, ataca fortalezas. Durante tôda a vida manejamos as armas e é com a lança virada que batemos nas costas dos novilhos. Nem a lenta velhice nos enfraquece ou altera o vigor das nossas almas; colocamos o elmo sôbre os cabelos brancos, gostamos de reunir sempre novos despojos e de viver de saque. Vos tendes roupas tingidas de açafrão e de brilhante púrpura, e a inércia na alma; gostais de danças, de túnicas com mangas e barretes com fitas. Ó verdadeiros frígios — com efeito não sois senão frígios —, ide para o alto do Díndimo, onde estais habituados a ouvir a flauta de duplo som. Chamam-vos as flautas da deusa do Ida, e os tímpanos do Berecinto. Deixai aos homens as armas, renunciai ao ferro!

Ascânio não pôde suportar tal jactância, tão ferozes bravatas. Voltado para o ofensor, ajustou uma flecha ao seu arco de crinas de cavalo e afastou os braços para o distender; antes, porém, deteve-se e, suplicante, dirigiu a Júpiter esta prece:

— Ó Júpiter onipotente, sê propício à minha audaz emprêsa. Eu próprio levarei ao teu templo solenes ofertas e porei diante do teu altar um novilho branco de cornos dourados, que já tenha a altura de sua mãe e já ameace com os chifres e espalhe a areia com os pés.

O deus o escutou e, num lado em que o céu era sem nuvens, trovejou à esquerda, ao mesmo tempo em que ressoava o arco fatal. A flecha, puxada para trás, partiu com terrível sibilo e atingiu a cabeça de Rêmulo e o ferro atravessou-lhe as abauladas têmporas.

— Vai, zomba do valor com palavras soberbas! Os frígios duas vêzes vencidos enviam aos rútulos esta resposta.

Ascânio disse apenas isso. E os troianos o aplaudiram com grande clamor, a fremir de alegria, e a coragem dêles ergueu-se até os astros.

Apolo, o deus da bela cabeleira, então, por acaso, se achava no céu, sentado numa nuvem, e via em baixo as tropas da Itália e o acampamento. E assim falou ao triunfante Julo:

— Glória a ti por tua juvenil coragem! Assim se vai aos astros, ó jovem que descendes de deuses e que hás de ser um ancestral de deuses! Com razão o destino quer que tôdas as guerras futuras tenham fim sob o povo romano. Tróia seria pequena para ti.

Assim disse e desceu das alturas do céu, atravessou os ventos que sopravam e foi para junto de Ascânio. Mudou então de aspecto e tomou as feições do velho Brutes, que fôra outrora o escudeiro do troiano Anquises e o guarda fiel da sua porta; naquela ocasião, o pai de Ascânio o dera ao filho como companheiro. Apolo avançava, em tudo semelhante ao ancião: na voz, na côr, nos cabelos brancos, no som terrível das armas; e disse estas palavras ao ardoroso Julo:

— Que te baste, ó filho de Enéias, teres impunemente, com teu dardo, abatido Numano; o grande Apolo te concede esta primeira glória e não tem ciúmes de tuas armas rivais. Agora, ó jovem, deixa de combater.

Assim falou Apolo e, antes que terminasse, fugiu aos olhares humanos e se desfez, ao longe, em tênue vapor. Os chefes troianos reconheceram o deus e suas divinas flechas e ouviram, na fuga, o ressoar da aljava. Valeram-se, pois, das palavras e da ordem de Apolo para reter Ascânio, ávido por lutar; e êles próprios retornam ao combate e expõem a vida a manifestos riscos.

A LUTA CONTINUA

Pelo arraial, em todo o muro, corre um clamor; êles estendem os terríveis arcos e lançam os dardos. Todo o solo é coberto de armas, os elmos e os côncavos escudos chocam-se e ressoam. Inicia-se uma áspera luta. Assim o copioso aguaceiro, vindo do Ocidente quando se erguem os chuvosos Cabritos, fustiga a terra; e abundante granizo lança-se sôbre os mares quando o sombrio Júpiter faz com que turbilhone a tempestade de chuva e vento, e no céu despedaça as leves nuvens.

Pândaro e Bícias, filhos de Alcanor do Ida, que a silvestre ninfa Iera criou no bosque de Júpiter, jovens cuja altura atingia os abetos e as montanhas da pátria, abrem a porta cuja guarda seu chefe lhes entregara e, confiados em suas armas, fazem ainda mais: convidam os inimigos a entrar nos muros. Êles, do lado de dentro, postam-se diante das tôrres com as espadas na mão, o elmo a reluzir sôbre as altas cabeças. Assim se erguem no ar, junto aos límpidos rios, às margens do Pó ou do ridente Ádige, dois carvalhos cujas copas jamais podadas sobem até o céu e se balançam no alto.

Os rútulos se atiram para a porta assim que a vêem aberta. Mas logo Qüercente e Aquículo, com suas belas armas, o impetuoso Tmaro e o belicoso Hêmon, com tôdas as suas tropas, ou viram as costas ou perdem a vida ainda no limiar. Então a ira cresce ainda mais na alma dos combatentes; e os troianos se reúnem e dirigem-se em massa para aquêle lugar e ousam travar combate e avançar para fora dos muros.

A notícia de que o inimigo se encarniçava numa nova matança e apresentava as portas abertas chega até o chefe Turno, que, num outro lugar, combatia furiosamente e lançava a desordem entre os troianos. Êle deixa a emprêsa começada e, excitado por terrível ira, corre para a porta troiana e para os dois arrogantes irmãos. E o primeiro que seu dardo derruba é Antífates, filho ilegítimo do ilustre Sarpedon e de uma tebana; fôra êste o primeiro a se lhe apresentar. O dardo itálico voa pelo límpido céu, atravessa a garganta, desce ao fundo do peito de Antífates; sai da negra ferida uma onda de sangue espumante e o ferro se aquece no pulmão transpassado. Depois o próprio Turno deitou por terra Mérops, Erimante e Afidno. Mas contra Bícias, cujos olhos brilhavam e cuja alma fremia, não enviou um dardo, pois um dardo não o poderia matar; com grande estridor lançou uma falárica, que chegou como um raio. Nem o escudo, com o seu couro duplo, nem a forte couraça, com suas duplas malhas de ouro, pôde suster o golpe. O enorme corpo vacila e cai; a terra geme e o grande escudo retumba. Assim, por vêzes, na costa de Baias, colônia de Cálcis, desmorona um terraço de pedra que haviam alongado para o mar, sôbre grandes rochedos: a construção se inclina e cai e vai chocar-se com o fundo do mar; e as águas

se agitam, a negra areia sobe à superfície e, a tal ruído, a montanhosa Próquita estremece e treme o duro leito que a ordem de Júpiter impôs a Tifeu na ilha de Inárime.

Então Marte, o deus das armas, reanima os latinos, dá-lhes fôrça, infunde-lhes no peito violenta excitação; e manda aos troianos a Fuga e o negro Terror. De tôda a parte os rútulos acorrem, pois lhes é dada a ocasião de lutar e o deus guerreiro lhes invade a alma.

Pândaro, quando viu o irmão estendido por terra e a sorte mudada e o curso que tomavam os acontecimentos, com um grande esfôrço fêz girar a porta sôbre os gonzos, empurrando-a com os seus largos ombros; deixa muitos dos seus fora dos muros, empenhados em duro combate, mas, ao mesmo tempo, recebe e fecha os outros que se haviam lançado para dentro. Insensato! Não viu que o rei dos rútulos entrava em meio à multidão e o fechou no arraial como um tigre cruel entre fraco rebanho. Uma estranha luz brilhou então nos olhos de Turno e suas armas fizeram terrível ruído; sôbre sua cabeça tremeram as plumas côr de sangue e o escudo soltou luzentes raios. Os troianos, postos em desordem, reconhecem de pronto a odiosa face e os enormes membros do inimigo. Então o imenso Pândaro lança-se para êle e, a ferver de ira pela morte do irmão, assim lhe diz:

— Não é êste o palácio que Amata quer dar-te como dote, nem estás entre os muros de Ardéia, tua pátria. Vês o acampamento inimigo e não tens nenhuma possibilidade de sair.

Turno sorri e lhe diz calmamente:

— Começa, se tens na alma algum valor; vem combater comigo e irás narrar a Príamo que encontraste aqui um novo Aquiles.

Assim falou. E Pândaro, usando de tôda a sua fôrça, atirou uma lança de madeira bruta, cheia de nós. O ar a recebeu. Juno desviou o golpe e a lança foi cravar-se na porta.

— Mas tu — diz Turno — não escaparás a êste dardo que eu vou lançar com fôrça, pois não se evita o meu dardo e o meu golpe.

Assim diz e, erguendo-se em tôda a sua altura, levanta a espada e abre com o ferro a cabeça de Pândaro, entre as duas têmporas; e parte, com horrenda ferida, suas faces imberbes. Ouve-se um estrondo e o solo treme sob o enorme pêso. Moribundo, êle estende por terra os membros inertes e as armas que seu cérebro ensangüenta; e a cabeça, dividida em duas partes, pende-lhe sôbre um e outro ombro.

Os troianos, tomados de grande pavor, puseram-se em fuga. E se nesse momento o vencedor tivesse tido a idéia de romper êle próprio as paliçadas e abrir as portas aos seus companheiros, teria sido aquêle o último dia de tal guerra e do povo troiano. Mas a fúria e o insano desejo de matar o atiraram, cheio de ardor, no meio do inimigo. Primeiramente êle enfrenta Fáleris e Giges, do qual corta os jarrêtes; toma-lhes os dardos e os atira às costas dos que fogem. Juno lhe dá fôrça e coragem. A essas vítimas, Turno acrescenta Hális e Fegeu, cujo escudo transpassa; depois, Alcandro, Hálio, Noêmon e Prítanis, que de nada sabiam e continuavam a combater sôbre as muralhas. A Linceu, que avançava contra êle chamando os companheiros, Turno se antecipou, atacando-o pela direita com a espada quando descia do muro; e, de um só golpe, o abateu e lançou longe a cabeça e o elmo. Depois matou a Ámico, o caçador de feras mais hábil em temperar os dardos e envenenar as flechas; e a Crício, filho de Éolo, e a Creteu, que era amigo e companheiro das Musas e sempre amara os poemas e gostara de acompanhar os cantos com a cítara; êle sempre cantava os cavalos, as armas dos guerreiros e os combates.

A FUGA DE TURNO

Finalmente acorreram os chefes troianos, Mnesteu e o ardente Seresto, que haviam sabido do masascre dos seus; e viram os companheiros espalhados e o inimigo dentro do arraial. E Mnesteu gritou:

— Para onde fugis agora? Para onde correis? Que outros muros tendes? Que outro acampamento? Um só homem, ó

cidadãos, cercado de todos os lados pelos vossos baluartes, terá feito impunemente tão grande matança no arraial e enviado para o Orco tantos jovens de elite? Não tendes brio, ó fracos, nem vos apiedais da infeliz pátria, do grande Enéias e dos antigos deuses?

Incitados por essas palavras, êles recobram o ânimo e formam em densas fileiras. Turno aos poucos afasta-se da luta e aproxima-se da parte do campo fechada pelo rio; com o mesmo ardor que êle mostrara antes, perseguem-no os troianos a soltar grandes gritos, enquanto suas fileiras se engrossam. Como quando uma turma de caçadores acossa e ameaça com seus dardos um leão feroz,e êle, amedrontado mas terrível, lançando olhares torvos, recua sem lhes voltar as costas, pois a ira e o valor não lho permitem, mas, embora o deseje, é incapaz de atirar-se por entre armas e homens, assim Turno, hesitante, se afasta lentamente, enquanto sua alma estua em cólera. Duas vêzes arroja-se em meio aos inimigos, duas vêzes põe-nos em fuga desordenada ao longo das muralhas; mas logo tôdas as tropas do acampamento se reúnem contra êle, e Juno não mais ousa sustentar-lhe as fôrças, pois Júpiter, do céu, enviara Íris através dos ares para levar à irmã ordens severas se Turno não se afastasse dos baluartes troianos.

Assim abandonado, não pode o jovem resistir nem com o escudo nem com a espada e é coberto de dardos que lhe lançam de tôdas as partes. Seu elmo ressoa, batido pelas freqüentes flechas que lhe rodeiam as abauladas têmporas; o sólido bronze de sua armadura fende-se ao choque das pedras, o penacho é arrancado ao capacete, o escudo não basta para os golpes. Os troianos, com suas lanças, e o próprio Mnesteu, impetuoso, redobram de violência. Então o suor corre por todo o corpo de Turno e mana em negras ondas; êle perde o fôlego e a respiração penosa lhe sacode os membros fatigados. Por fim se atira ao rio, de cabeça para baixo, com tôdas as suas armas. E o rio o recebe em suas águas fulvas, ergue-o suavemente sôbre as ondas e, lavado do sangue da matança, o devolve, feliz, aos companheiros.

LIVRO X

ENÉIAS EM COMBATE

Entretanto, a morada do onipotente Olimpo abre suas portas e o pai dos deuses e dos homens convoca os imortais para uma assembléia na estrelada região, sob a qual êle avista tôdas as terras, e os acampamentos dos troianos e os povos latinos.

A ASSEMBLÉIA DOS DEUSES

Os deuses tomam assento na sala de duas entradas e Jupiter começa a falar:

— Ó grandes habitantes do céu, por que mudaste de opinião e estais a combater com tanto empenho e injustamente? Eu não havia permitido que a Itália entrasse em guerra com os troianos. Que discórdia é essa, apesar da minha proibição? Que receio levou uns e outros a se armar e a guerrear? Os combates virão no tempo certo, não vos apresseis! Virão no dia em que a cruel Cartago atravessar os Alpes e trouxer para Roma grande calamidade; então os ódios poderão afrontar-se e declarar a guerra. Agora, conformai-vos de boa vontade com a união que me apraz e não a perturbeis.

Júpiter falou apenas isso. A bela Vênus, porém, lhe respondeu mais longamente:

— Ó pai, ó eterno poder que governas os homens e os fatos, a quem senão a ti podemos implorar? Vês os insultos dos rútulos, vês como Turno segue entre êles levado por belos cavalos e avança orgulhoso do auxílio de Marte? Os troianos já não são protegidos por muralhas fechadas. É dentro das portas, dentro dos próprios muros do arraial que os combates se travam e êles inundam de sangue seus próprios fossos; Enéias está ausente e o ignora. Permitirás que êles sejam sempre sitiados? Novamente o inimigo ameaça os muros de Tróia que renasce, um outro exército os ameaça; Diomedes novamente

se erguerá, de Argos da Etólia, contra os troianos. Na verdade, creio que só me resta receber de novo uma ferida; eu, tua filha, estou exposta aos golpes de um mortal! Se os troianos chegaram à Itália sem tua permissão e contra a tua divina vontade, que expiem suas culpas! E tu não os ajudarás. Mas se êles seguiram muitos oráculos que os deuses do céu e os manes lhe deram, por que alguém agora pode modificar as tuas ordens e estabelecer novos destinos? É preciso lembrar-te os navios queimados na costa do Érix, e o rei das tempestades e os ventos furiosos que se desencadearam da Eólia, e Iris enviada das nuvens? Agora alguém se serve até dos mares — meio que antes não fôra experimentado — e Alecto é, de súbito, enviada até os homens e erra como uma bacante através das cidades da Itália. Eu não mais me impressiono com a idéa de um reino; esperamos isso enquanto a sorte estêve conosco. Agora, vença quem tu preferes. Se não há nenhuma região que tua cruel espôsa queira dar aos troianos, eu te peço, ó meu pai, pelas fumegantes ruínas de Tróia destruída: seja-me permitido retirar do combate Ascânio incólume, seja-me permitido salvar meu neto. Que Enéias seja atribulado no meio de mares desconhecidos e siga o caminho que a Fortuna lhe der; mas que eu possa proteger aquêle e eximi-lo à dureza da luta. Eu possuo Amatunte, a alta Pafos e Citera e o palácio da Idália: que êle, depostas as armas, passe ali uma vida sem glória. Ordena que Cartago oprima a Itália com todo o seu domínio; nada oporá resistência à cidade dos tírios! De que serviu haverem os troianos escapado ao flagelo da guerra, haverem fugido por entre o fogo ateado pelos gregos e suportado tantos perigos no mar e na extensa terra, se encontram no Lácio nova Tróia? Devolve aos infelizes, eu te peço, o Xanto e o Simoente; permite, ó pai, que os troianos revivam as desgraças de Ílion!

Então a rainha Juno, tomada de violento furor, assim falou:

— Por que me obrigas a romper meu profundo silêncio e a divulgar, com minhas palavras, a dor que eu ocultava? Algum dos homens ou dos deuses obrigou Enéias a guerrear

ou a se apresentar como inimigo ao rei Latino? Veio para a Itália com o consentimento do destino. De acôrdo! veio impelido pelas loucas profecias de Cassandra. Por acaso nós o aconselhamos a deixar o arraial e a confiar aos ventos sua vida? Nós o aconselhamos a entregar a um menino o comando da guerra e a defesa dos muros, a demover de sua fidelidade os etruscos e a perturbar essas nações tranqüilas? Acaso foi um deus, foi o nosso cruel poder que lhe armou uma cilada? Juno tem parte nisso? Íris foi enviada do céu? É uma cousa indigna que os itálicos cerquem de chamas a renascente Tróia e que Turno, o neto de Piluno, o filho da deusa Venília, permaneça na terra pátria! E não é cousa indigna os troianos, com as sombrias tochas na mão, fazerem violência aos latinos, oprimir com seu jugo e saquear terras alheias? e escolher os seus sogros e roubar do seio da família donzelas já comprometidas? e pedir a paz com o ramo de oliveira na mão, enquanto prendem armas às pôpas dos navios? Tu podes tirar Enéias das mãos dos gregos e ocultar o herói estendendo uma nuvem, um vapor diante dêle, e transformar em ninfa cada um dos navios. E nós, é um crime levarmos algum auxílio aos rútulos! Enéias está ausente e o ignora. Pois que ignore e que esteja ausente! Tu possuis Pafos e a Idália, tu possuis a alta Citera. Por que atacas uma cidade capaz de muitas guerras e um povo feroz? Nós nos esforçamos por arruinar completamente o que resta da potência troiana. A culpa é nossa ou de quem atirou contra os gregos os míseros troianos? Quem fêz correr às armas a Europa e a Ásia? Quem, com seu furto, rompeu a paz? Fui eu que conduzi o adultero troiano ao assalto de Esparta? Fui eu quem lhe deu armas e, por meio do Amor, fomentou essa guerra? Naquela ocasião é que devias recear pelos teus. Agora é tarde para te ergueres em injustas queixas e provocares uma inútil discussão.

Assim falava Juno, e os deuses do céu, fremiam todos, tomando um ou outro partido. Assim é quando os ventos prêsos nas florestas começam a fremir e produzem confusos murmúrios que indicam aos nautas a aproximação da tempestade.

Então o Pai onipotente, o supremo senhor de tôdas as cousas, pôs-se a falar e, às suas palavras, se fêz silêncio na nobre morada dos deuses; e, em baixo, tremeu a terra, o alto céu calou-se, detiveram-se os zéfiros, o mar reteve e acalmou suas ondas.

— Ouvi, pois, e guardai o que vos vou dizer. Já que não foi possível os troianos unirem-se aos ausônios por meio de uma aliança, nem a vossa discórdia teve fim, agora, qualquer que seja a sorte de cada partido, qualquer que seja a esperança de cada, um troiano ou rútulo, eu não terei nenhuma preferência, quer o destino dos itálicos favoreça o cêrco do acampamento, quer os troianos sejam vítimas de um êrro nocivo e de funestas advertências; e os rútulos também não ficarão isentos da minha decisão que a cada um, seus próprios atos tragam o sofrimento ou o sucesso. O rei Júpiter será imparcial. O destino achará um meio de cumprir-se.

Jurou pelos rios de Plutão, pelas margens da torrente de pez com sua negra voragem; e ao seu aceno, todo o Olimpo tremeu. Findou-se a discussão; e Júpiter se ergueu do áureo trono e os deuses o rodearam e o acompanharam até a porta.

O RETÔRNO DE ENÉIAS

Entrementes, os rútulos, cercando tôdas as portas do arraial troiano, não cessam de massacrar os homens e de pôr fogo aos muros. A legião dos troianos, por seu lado, sitiada no arraial, não tem nenhuma possibilidade de fugir. Em vão os infelizes mantêm-se em pé no alto de suas tôrres e guardam as muralhas com um fraco círculo de defensores. Na primeira fila estão Ásio, filho de Ímbraso, e Timetes, filho de Hicetáon, e os dois Assáracos, Castor e o velho Timbres; os dois irmãos de Sarpédon, Claro e Temão, vindos da montanhosa Lícia, os acompanham. Ácmon de Lirnesso, não menos forte que Clício, seu pai, nem do que seu irmão Mnesteu, usando tôda a fôrça dos seus músculos, traz uma pedra enorme, grande parte de um monte. Alguns troianos defendem-se com dardos, outros com pedras; uns lançam tochas, outros ajustam as flechas ao

arco. No meio dêles, com a bela cabeça descoberta, o menino troiano, por quem Vênus mais se preocupa, brilha qual uma pedra preciosa que, engastada no fulvo ouro, adorna um pescoço ou uma fronte; resplandece qual o marfim que o artista encrusta na madeira do buxo ou do terebinto de Órico. Os cabelos lhe descem sôbre o alvo pescoço, presos por um círculo de fino ouro.

Também a ti, ó Ismaro, povos corajosos viram-te desfechar golpes e envenenar flechas, ó nobre filho de uma família da Lídia, onde os homens cultivam férteis campos que o Pactolo banha com suas águas douradas. E ali estava Mnesteu, que a recente glória da expulsão de Turno elevava ao céu, e Cápis, que deu seu nome a uma cidade da Campânia.

Enquanto troianos e ítalos travavam um árduo combate, Enéias, no meio da noite, cortava as águas. Do reino de Evandro, dirige-se ao campo dos etruscos, vai ter com o rei e lhe diz o seu nome e a sua raça, o que deseja e o que oferece; informa-o sôbre os exércitos que Mezêncio reúne por sua causa, sôbre a ira de Turno; lembra-lhe que se deve confiar pouco nas cousas humanas e, a tal discurso, acrescenta seus rogos. Sem demora, Tarcão consente em que se unam suas fôrças e conclui um tratado. Então, de acôrdo com o oráculo e com as ordens dos deuses, o povo lídio embarca, entregue a um chefe estrangeiro. O navio de Enéias vai à frente, como que atrelado aos leões frígios que ornam o rostro; mais acima se ergue a figura do Ida, gratíssima aos troianos fugitivos. Na pôpa está sentado o grande Enéias, a remoer consigo os vários sucessos da guerra. Postado à sua esquerda, Palante lhe pergunta ora o nome dos astros que, no escuro da noite, indicam o caminho, ora que provações êle sofreu nos mares e nas terras.

Agora, ó Musas, abri o Helicão e inspirai meus cantos: dizei-me que povos acompanharam Enéias da região etrusca, armaram seus navios e são levados pelo mar.

Mássico é o primeiro que corta as águas com a brônzea proa do navio que tem por insígnia um tigre, comandando uma tropa de mil jovens que deixaram os muros de Cluso e

a cidade de Cosas; suas armas são flechas e êles levam nos ombros uma leve aljava e um mortífero arco. Ao lado dêles vem o terrível Abante; tôda a sua tropa tem armas belíssimas e, na pôpa, refulge um Apolo de ouro. Populônia, sua pátria, lhe havia dado seiscentos jovens experientes de guerra; e a ilha de Ilva, rica de inexauríveis minas de ferro, dera-lhe trezentos.

O terceiro chefe é Asilas, notável intérprete dos homens e dos deuses, que entende as vísceras dos animais, os astros do céu, a linguagem dos pássaros e os presságios do raio; conduz um denso batalhão de mil soldados, eriçados de lanças; a cidade de Pisa, alfeana pela origem e etrusca pela terra, os enviou sob as ordens de Asilas. O belíssimo Ástir o segue; Ástir, confiante em seu cavalo e em suas variegadas armas. Com êle vêm trezentos homens, uns da cidade de Cere, outros dos campos do rio Mínio, da antiga Pirgos e da malsã Graviscas; todos têm um só pensamento: acompanhar seu chefe.

Eu não te poderia esquecer, ó Cíniras, chefe dos lígures, fortíssimo na guerra; nem a ti, ó Cupavo, a quem segue uma pequena tropa; plumas de cisne se erguem sôbre tua cabeça: são as insígnias de teu pai, transformado por culpa do Amor. — Com efeito, diz-se que Cicno, triste pela morte do seu amado Faetonte, enquanto cantava entre a folhagem, à sombra das irmãs transformadas em choupos, e, com o canto, consolava o infeliz amor, viu sua branca velhice revestir-se de moles plumas, deixou a terra e, a cantar, subiu ao céu. — O filho, acompanhado por uma tropa de homens de sua idade, faz avançar a remos o enorme navio que tem como insígnia um centauro; a efígie do monstro se levanta e se inclina por sôbre as águas e ameaça as ondas com uma enorme rocha nas mãos; e a nave corta, com sua longa quilha, os fundos mares.

Também o famoso Ocno, filho da profetisa Manto e do rio Tibre, conduz de sua pátria um batalhão: foi êle quem te deu, ó Mântua, o nome de sua mãe, ó Mântua rica de antepassados mas não todos de origem comum. É ela a capital de três raças, que formam, cada uma, quatro povos; tira sua fôrça do sangue etrusco. Dali vêm quinhentos guerreiros que se

armam por ódio a Mezêncio. A figura do Míncio, filho de Bênaco, velado por verdes caniços, os conduz sôbre o mar no ameaçador navio.

Aulestes avança lentamente: cem remos se levantam e golpeiam as ondas; e as brancas águas, a espumar, retornam, O monstruoso Tritão o conduz, amedrontado, a soprar em sua concha, as azuladas vagas. Até a cintura seu corpo peludo é o de um homem que nada; seu ventre termina com a forma de uma baleia; as ondas espumam e murmuram sob seu peito de meio animal.

E todos êsses chefes escolhidos, sôbre trinta navios, iam em socorro de Tróia e cortavam com o bronze a planície do mar.

O AVISO DAS NINFAS

O dia já deixara o firmamento, e a fecunda Lua, com seu carro noturno, percorria o meio do céu; Enéias, pois que a preocupação não o deixava repousar, sentava-se êle próprio junto ao leme e o dirigia e manobrava as velas. E eis que, no meio do caminho, vem ao seu encontro o côro de suas companheiras, as ninfas que a benévola Cibele, com suas ordens, havia transformado, de navios que eram, em deusas do mar. Nadavam tôdas juntas e cortavam as ondas; eram tantas quantas as proas de bronze que antes se detinham junto à costa. De longe reconhecem o rei e o cercam dançando. Cimodocéia, a que melhor sabe falar, segue-o por detrás, segurando com a mão direita a pôpa; seu busto ergue-se sôbre o mar e, com a mão esquerda, ela rema nas águas tranqüilas. Então diz a Enéias, que ignora os acontecimentos:

— Tu vigias, ó Enéias, filho dos deuses? Vigia e afrouxa as amarras das velas. Nós somos os pinheiros do cume sagrado do Ida, somos os teus navios, agora transformados em ninfas do mar. Quando o pérfido rútulo nos ameaçava com o ferro e o fogo, querendo destruir-nos, fomos obrigadas a romper as cordas com que nos tinham amarrado; e viemos procurar-te pelo mar. A mãe dos deuses teve pena de nós e deu-nos esta

nova feição: transformou-nos em deusas, concedeu-nos viver sob as águas. Entretanto, o jovem Ascânio está sitiado atrás de sua muralha e de seus fossos, no meio dos dardos e dos latinos eriçados de armas. Já a cavalaria árcade, unida aos valentes etruscos, ocupa os postos que lhes foram atribuídos; Turno tem o firme propósito de opor-lhes os seus esquadrões para que não se unam aos troianos no acampamento. Ergue-te, pois, e, desde a aurora, sê o primeiro a chamar teus aliados às armas e toma o invencível escudo orlado de ouro, que te deu o próprio deus do fogo. Se não julgares vãs estas palavras, o dia de amanhã contemplará um enorme massacre dos rútulos.

Assim disse e, ao afastar-se, soube encontrar um modo de impelir com sua mão direita a alta pôpa, de forma que o navio correu pelas ondas, mais veloz do que um dardo ou uma flecha rápida como o vento. Também os outros aceleram o curso. O próprio filho de Anquises pasma, sem compreender o que acontecera; mas o presságio aumenta-lhe a coragem. Erguendo então os olhos para o céu, faz uma breve prece:

— Ó benévola deusa do Ida, ó mãe dos deuses, que amas o monte Díndimo, as cidades coroadas de tôrres e os leões emparelhados sob as rédeas, sê para mim, agora, um guia nos combates. Apressa o cumprimento da feliz profecia. Assiste-nos, ó deusa, sê propícia aos troianos.

Disse apenas isso. E, entrementes, o novo dia já se precipitava com tôda a sua luz e afugentara a noite. Enéias começa por ordenar aos companheiros que sigam os seus comandantes, aprestem as armas e os espíritos e se preparem para a luta. De pé na alta pôpa, já divisa o seu acampamento e os seus homens; e, com a mão esquerda, levanta o reluzente escudo. Dos muros, os troianos erguem ao céu um clamor; a esperança aumenta, e lhes excita a ira; suas mãos atiram dardos, e êles se assemelham aos grous do Estrimão, os quais, sob as nuvens escuras, gritam anunciando a tempestade e cortam, ruidosos, os ares e fogem dos ventos com alegre clamor.

O rei dos rútulos e os chefes itálicos se admiram de tal atitude, até que, olhando para trás, vêem os navios voltados para a costa, a esquadra a correr por todo o mar. Na cabeça

de Enéias as plumas do elmo cintilam, da cimeira difunde-se uma chama; do escudo de ouro, sai um grande esplendor. Assim, por vêzes, numa límpida noite, os cometas se tornam sinistramente rubros, côr de sangue, ou o ardente Sírius, que traz para os pobres mortais a sêde e as doenças, nasce e entristece o céu com sua luz funesta.

NOVOS COMBATES

Mas o ousado Turno não perdeu a esperança de ocupar a costa e afastar da terra os que chegavam. Com palavras audazes, êle levanta o ânimo dos seus e afoitamente exorta-os:

— Aí está o que vós desejastes: com vossos golpes, arrasar o inimigo. Os bravos têm nas mãos o próprio Marte. Lembrai-vos agora de vossas espôsas e de vossos lares, recordai-vos das grandes façanhas e da glória de vossos pais. Corramos sem demora para a costa enquanto êles estão desordenados e, após o desembarque, movem incertos os primeiros passos. A fortuna auxilia os audaciosos.

Assim diz, e pensa consigo quais os homens que poderá conduzir à batalha e a quem confiará o assédio dos muros.

Entrementes, Enéias faz desembarcar os companheiros por pontes lançadas das altas pôpas; muitos observam o refluir do mar tranqüilo e saltam para a areia; outros deslizam pelos remos. Tarcão vê um ponto da costa onde os vaus não borbulham e a onda não se quebra nem volta com ruído, as vagas avançam sem achar obstáculos e o mar desliza para a praia. Dirige ràpidamente a proa para aquele lugar, e exorta os companheiros:

— Agora, ó guerreiros escolhidos, remai com fôrça! Levantai, impeli os navios, fendei com os rostros essa terra inimiga; que a própria quilha cave aí um sulco! Consinto em arruinar o meu navio ou aproar dessa maneira, contanto que eu entre nessa terra!

Assim falou Tarcão. E os companheiros correm todos aos remos e fazem entrar pelos campos latinos os navios cobertos de espuma, até que os rostros chegam à terra sêca e tôdas

as quilhas aí se firmam incólumes. Mas não o teu navio, ó Tarcão! Lançado contra o dorso desigual de um baixio, aí fica suspenso e oscila muito tempo, e as vagas se cansam de baterlhe; enfim se quebra e atira os homens no meio das ondas; e os pedaços de remos e os bancos que flutuam os embaraçam, e a água, refluindo, afasta-os da costa.

Turno, por seu lado, não está inativo mas, ardorosamente, lança contra os troianos todo o exército e se estabelece defronte, na costa. Soam os sinais. Enéias é o primeiro a atacar essas rústicas tropas, iniciando a batalha; e destroça os latinos após matar Terão, o maior dos guerreiros, que o havia atacado ousadamente; transpassa-lhe com a espada a áurea couraça e a túnica ornada de grandes recamos de ouro, e abre-lhe o flanco. Depois fere a Licas, que fôra arrancado ao ventre da mãe já morta e consagrado a Apolo. — De que lhe serviu ter, em menino, escapado à morte nas mãos do cirurgião? — Pouco depois Enéias mata o forte Cisseu e o monstruoso Gias, os quais, com suas clavas, abatiam exércitos inteiros; não lhes valeram as armas de Hércules nem a fôrça das mãos nem o terem nascido de Melampo, que foi companheiro daquele deus quando êle, na terra, enfrentou seus pesados trabalhos. E, enquanto Farão se vangloria e grita, Enéias brande um dardo e lho enterra na bôca. Sob a mão do troiano, o infeliz Cidão — que acompanhava a Clício, por quem havia pouco se apaixonara e cujas faces mal se cobriam de uma longa penugem — quase tombou ali, digno de piedade e indiferente ao amor que sempre os jovens lhes inspiraram. Mas uma densa coorte de irmãos, filhos de Forco, vai contra Enéias: são sete e lançam sete dardos; uns ressoam de encontro ao elmo e ao escudo, mas sem causar dano; outros, Vênus maternalmente os desvia e apenas roçam pelo corpo do herói. Enéias dirige-se então ao fiel Acates:

— Dá-me os dardos que, nos campos de Tróia, fincaram-se no corpo dos gregos; nenhum dos que eu atirar contra os rútulos será inútil!

Agarra então e arremessa uma enorme lança; ela, voando, transpassa o bronze do escudo de Méon e abre, ao mesmo

tempo, a couraça e o peito. Alcanor acorre e, com seu braço, ampara o irmão que tomba. Uma segunda lança lhe vara o braço e passa além e, ensangüentada, prossegue o seu caminho; e o braço sem vida fica suspenso ao ombro pelos nervos. Então Numitor arranca a arma do corpo do irmão e a atira contra Enéias mas não o consegue ferir; apenas roça a coxa do grande Acates.

Nesse momento, Clauso, vindo de Cures, chega confiante em sua fôrça juvenil e, de longe, fere Dríopes, enterrando-lhe fundamente debaixo do queixo a forte lança, que lhe vara a garganta e tira, ao mesmo tempo, a fala e a vida; êle bate a cabeça no solo, soltando pela bôca espêsso sangue. Com vários golpes, Clauso abate ainda três trácios da nobre família de Bóreas e três filhos de Idas, que o pai e a pátria Ismara tinham enviado à guerra. Acorre Haleso, com a tropa dos auruncos; segue-os o filho de Netuno, Messapo, que se fazia notar por seus cavalos. Cada partido tenta afastar o inimigo; combate-se no próprio limiar da Itália. Como quando, no imenso éter, ventos contrários travam combate com iguais fôrças e igual ardor, e nem as nuvens, nem o mar, nem êles próprios cedem, e a batalha fica muito tempo indecisa e os elementos em luta resistem todos — assim as tropas troianas e as latinas se chocam e, na densa peleja, os pés se juntam, os homens se agarram.

O FILHO DE EVANDRO

De outro lado, onde, em grande extensão, uma torrente rolara pedras e arbustos arrancados às margens, Palante viu os árcades, que a áspera natureza do lugar induzira a deixar os cavalos, darem as costas aos latinos que os perseguiam, pois não estavam habituados a combater a pé; fêz então a única cousa que podia fazer naquela grave circunstância: com pedidos, com amargas censuras, despertou-lhes o valor.

— Para onde fugis, companheiros? Por vós mesmos, por vossos feitos valorosos, pelo nome de Evandro, vosso chefe, pelas guerras vencidas, pela minha esperança de agora igualar a glória de meu pai, não vos confieis à fuga. Com a espada

deveis abrir caminho por entre os inimigos; onde, mais denso, nos ameaça o batalhão dos inimigos, é ali que a nobre pátria vos reclama, a vós e a Palante, vosso chefe. Nenhum deus nos persegue: mortais que somos, é uma hoste mortal que nos faz frente; êles têm, como nós, uma alma e duas mãos. De um lado a água do mar nos detém e nos fecha; de outro, não há terra por onde possamos fugir. Buscaremos o mar ou o campo troiano?

Assim disse e lançou-se no meio dos inimigos. O primeiro que o injusto destino colocou diante dêle foi Lago, que estava a arrancar do solo uma pesada pedra. Palante lança um dardo e o transpassa no lugar onde a espinha dorsal divide as costas; e retira a lança, que se prendera aos ossos. Hisbo crê apanhá-lo de surprêsa, inclinado sôbre o corpo; mas Palante o esperava e previne o furioso ataque do inimigo, que perdera a prudência vendo a morte cruel do companheiro; e crava-lhe a espada no enfurecido peito. Depois ataca Estênio e, a seguir, Anquêmolo, da antiga família de Reto, que ousou manchar com um incesto o leito da madrasta. Também tombaram nos campos latinos os gêmeos filhos de Dauco, Laride e Tímber, tão parecidos um com o outro que não se podiam distinguir e eram, para os próprios pais, agradável motivo de enganos; agora, porém, Palante conferiu-lhes cruel distinção: a espada de Evandro cortou a cabeça de Tímber, e a mão decepada de Laride parecia buscar o seu dono e os dedos semimortos se agitavam, tentando ainda tomar a espada.

Animados pela advertência de Palante e pela vista de seus grandes feitos, levados por um misto de mágoa e de vergonha, os árcades se voltam contra os inimigos. Então Palante transpassa Rateu, que, fugindo em seu carro, passara à frente dêle. Um instante depois, apenas um instante, também Ilo morria. Pois a Ilo destinava-se a forte lança atirada de longe, mas Reteu se interpôs quando fugia do excelente Teutras e de seu irmão Tires. — E rolou do seu carro e, morrendo, golpeou com os pés a terra dos latinos.

Quando se erguem os desejados ventos de verão, o pastor deita fogo, aqui e ali, nos seus silvestres pastos; e prontamente

as chamas se apoderam do espaço intermediário, e se unem e levantam, e as tropas de Vulcano se estendem pela vasta planície. Sentado sôbre uma elevação, o pastor vitorioso contempla o triunfo do fogo. — Assim também os valorosos companheiros de Palante unem-se todos, formam um só corpo, e isto agrada ao chefe.

Mas Haleso, terrível na guerra, vem contra os inimigos, coberto pelo escudo. E abate Ladão e Feros e Demódoco e, com a fulgente espada, corta a mão de Estrimônio, que lhe ameaça a garganta; com uma pedra, fere o rosto de Toante e dispersa-lhe os ossos misturados com sangrentos pedaços de cérebro. O pai de Haleso, prevendo-lhe o destino, o havia escondido nas florestas; quando a morte fechou os descorados olhos do ancião, as Parcas se apossaram de seu filho e o destinaram aos dardos de Evandro. Antes de o atacar, Palante orou assim:

— Agora, ó deus Tibre, concede ao dardo que eu vou atirar uma boa sorte e um caminho pelo peito do cruel Haleso. Suas armas e despojos, eu os suspenderei ao teu carvalho.

O deus o escutou: enquanto o infeliz Haleso protegia Imáon com seu escudo, oferceu ao dardo do árcade o peito descoberto.

Mas Lauso, que tinha tanta parte nessa guerra, não permitiu que a morte de tal homem aterrasse os soldados. Começou por liquidar Abante, que se lhe opunha e era o nó do combate e atrasava a vitória. Tombam os filhos da Arcádia, tombam os etruscos e os troianos, que aos gregos haviam escapado. Com chefes iguais e iguais fôrças, as tropas se chocam. As ultimas fileiras comprimem as da frente e êles estão de tal modo apinhados que não podem mover as mãos e as armas. De um lado, Palante ameaça e afronta os inimigos; de outro, Lauso, que tem quase a mesma idade. São belíssimos, ambos, mas a Fortuna havia decidido que êles não voltariam para a pátria. O deus que reina sôbre o vasto Olimpo não permitiu, porém, que combatessem entre si: o fado os reservava para mais poderoso inimigo.

A MORTE DE PALANTE

Entrementes, a divina irmã de Turno o aconselha a vir tomar o pôsto de Lauso; o herói, no seu rápido carro, passa por entre as tropas e, vendo os aliados, lhe diz:

— É tempo de acabar com esta peleja; contra Palante eu marcharei sòzinho; Palante me é devido e eu desejaria que seu pai contemplasse o espetáculo!

Assim diz; e os seus, obedecendo à ordem, retiram-se do campo de batalha.

Mas o jovem Palante, admirado dessas soberbas ordens e do afastamento dos rútulos, pasma diante de Turno; corre os olhos pelo enorme corpo e, de longe, examina-o todo com um olhar feroz; e responde às palavras do rei:

— Ou os opimos despojos que te hei de arrancar ou a morte gloriosa farão o meu renome. Meu pai deseja da mesma forma uma ou outra sorte. Basta de ameaças!

Assim tendo falado, avança para o meio da planície. O sangue esfria no coração dos árcades. Turno salta do carro e se dispõe a combater de perto. Como um leão que, da sua alta cova, divisa ao longe um touro em pé no campo, exercitando-se em combates, e atira-se sôbre êle, assim é a figura de Turno que chega. Palante, quando julgou que êle estivesse à distância de um tiro de lança, avançou, esperando que a sorte ajudasse a sua audácia nesse combate desigual; e assim se dirigiu ao vasto céu:

— Pela hospitalidade de meu pai, pelas mesas a que tu, estrangeiro, te sentaste, peço-te, ó Hércules, sê-me propício nesta ingente emprêsa. Que Turno, moribundo, me veja arrebatar suas armas sangrentas e, ao morrer, seus olhos guardem a imagem do vencedor.

Hércules escutou o pedido do jovem e, no fundo do peito, sufocou um imenso gemido e, em vão, chorou. Seu pai lhe disse então estas palavras afetuosas:

— Cada um tem seu dia e, para todos, é breve e irreparável o tempo da vida; mas alongar a fama por seus feitos é obra do valor. Quantos filhos de deuses pereceram sob as

altas muralhas de Tróia, e até meu próprio filho, Sarpédon! Também a Turno chamam os destinos; êle já chega ao limite do tempo que lhe foi concedido.

Assim falou e desviou seus olhos do campo rútulo.

Entretanto, Palante, com tôda a fôrça, arremessa uma lança e tira da bainha a reluzente espada. O dardo voa e atinge o ponto onde o alto do escudo cobre o ombro e, com dificuldade, abre caminho através das bordas e acaba por roçar apenas o grande corpo de Turno. Êste então, após vibrar durante muito tempo um dardo de madeira com uma aguda ponto de ferro, lança-o contra Palante e diz:

— Vê se o meu dardo não penetra melhor do que o teu!

Assim diz; e a lança, com o fulmíneo golpe, atravessa o meio do escudo, apesar das muitas lâminas de ferro e de bronze, das muitas peles de touro que o cercam e cobrem; e atravessa a couraça e vara o forte peito de Palante. Em vão êle arranca da ferida a ardente arma; pelo mesmo caminho e ao mesmo tempo fogem-lhe o sangue e a vida. Tomba sôbre a ferida e suas armas ressoam sôbre êle e, morrendo, morde a terra inimiga com a bôca ensangüentada. De pé junto do corpo, Turno assim falou:

— Guardai na memória, ó árcades, e repeti a Evandro estas minhas palavras: devolvo-lhe Palante tal qual seu pai o mereceu. Concedo que lhe preste as honras fúnebres, que tenha o consôlo de lhe dar sepultura. Custou-lhe caro ter hospedado Enéias!

E, tendo assim falado, calcou com o pé esquerdo o corpo exânime e arrancou-lhe o boldrié de enorme pêso, onde estava gravado o crime das Danaides: o grupo de jovens mortos ao mesmo tempo, cruelmente, na noite de suas núpcias, e os tálamos sangrentos; Clono, filho de Êurito, os cinzelara em espêsso ouro. E agora Turno apoderou-se dêle e, triunfante, goza de tal espólio. A mente dos homens ignora o destino e o futuro, não sabe moderar-se quando a sorte a exalta! Para Turno, há de chegar o tempo em que desejaria resgatar a vida de Palante e odiará tal dia e tais episódios!

Entretanto, os companheiros de Palante, com muitos gemidos e lágrimas, conduzem-no deitado sôbre o escudo. Doloroso, mas tão cheio de glória, será o seu retôrno ao pai! Eis o que te deu, eis o que te roubou o teu primeiro dia de guerra; entretanto, deixas atrás de ti enorme acervo de cadáveres rútulos!

A DESFORRA DE ENÉIAS

Não só rumores de tão grande desgraça chegam a Enéias: um mensageiro bem informado voa até êle e lhe diz que os seus homens estão a um passo da morte, que é tempo de correr em auxílio dos troianos derrotados. Enéias, excitado, ceifa com sua espada tudo quanto está perto e, com a arma, abre um largo caminho pelo meio do exército, à procura de Turno, que o recente massacre enche de orgulho. Palante, Evandro, as mesas onde êle, estrangeiro, foi logo recebido, os apertos de mão em sinal de aliança, tudo isso êle tem diante dos olhos. Aprisiona, vivos, quatro jovens, filhos de Sulmão, e outros quatro criados por Ufente, a fim de os imolar como oferendas fúnebres à sombra de Palante e banhar com o sangue dos presos as chamas da pira. Depois, de longe, lança um raivoso dardo contra Mago. Êste se inclina com destreza e a lança voa trêmula por sôbre sua cabeça; então êle abraça os joelhos de Enéias e lhe diz suplicante:

— Pela alma de teu pai, por Julo que cresce e é tua esperança, eu te peço: conserva-me a vida para meu filho e para meu pai. Tenho uma alta casa e talentos de prata cinzelada escondidos na terra e pesos de ouro trabalhado ou bruto. Minha morte não dará a vitória aos troianos; a vida de um só homem não faz tão grande diferença.

Assim falou, e Enéias respondeu:

— Guarda para teus filhos todos êsses talentos de ouro e de prata dos quais tu falas. Turno foi o primeiro a abolir tais resgates de guerra quando matou Palante. Isto é o que pensa a alma de meu pai, Anquises, isto é o que pensa Julo.

Assim disse e, com a mão esquerda, segurou o elmo de Mago e, apesar dos seus rogos, puxou-lhe para trás a cabeça e cravou-lhe a espada até o punho.

Não longe estava Hemônides, sacerdote de Apolo e de Diana, que tinha a fronte cingida por uma faixa da qual pendiam as sagradas fitas, e reluzia todo com sua veste branca e suas brancas insígnias; Enéias atacou-o e perseguiu-o através do campo e, como êle caísse, pôs-lhe o pé sôbre o corpo e imolou-o, cobrindo-o com sua grande sombra. Seresto recolheu as armas do morto e levou-as nos ombros como um troféu para o deus Marte.

Cículo, descendente de Vulcano, e Umbro, vindo das montanhas dos marsos, reordenam as fileiras dos rútulos. Enéias vai furioso contra êles. Com a espada, cortara a mão esquerda de Ânxur e, em tôda a extensão, o seu redondo escudo. Ânxur dissera uma palavra soberba e, ao que parece, elevava até o céu suas esperanças: prometera a si mesmo chegar à velhice e viver longos anos...

Tárqüito — o filho que a ninfa Dríope dera ao silvestre Fauno, — orgulhoso de suas luzentes armas, apresenta-se diante do enfurecido herói. Enéias leva para trás a sua lança e, de um golpe, vara-lhe a couraça e o escudo enorme e pesado, e atira por terra a cabeça que inùtilmente lhe fazia súplicas e se dispunha a dizer muitas cousas; o tronco ainda quente rola a seus pés. E êle diz, com a alma cheia de ira:

— Jaze aí agora, ó temível guerreiro! Tua excelente mãe não te sepultará nem fará pesar sôbre teu corpo o túmulo dos teus antepassados; serás abandonado às aves de rapina ou arrastado pelas ondas para o abismo do mar, e os peixes famintos lamberão tuas feridas.

Sem se deter, êle persegue Anteu e Lucas, nas primeiras filas do exército de Turno, e o forte Numa e o louro Camerte, filho do magnânimo Volcente, que mais terras possuía na Itália e reinava sôbre a calada Amiclas.

Diz-se que Egéon, o qual tinha uma centena de mãos e de braços, soltava fogo de seus cinqüenta peitos pelas cinqüentas bôcas quando, enfrentado os raios de Júpiter, fazia ressoar seus cinqüenta escudos e empunhava outras tantas espadas. Assim também Enéias, uma vez aquecida no sangue a sua arma, corre enfurecido e triunfante pela planície tôda.

E eis que avança contra a quadriga e o peito de Nifeu. Mal viram o herói aproximar-se a largos passos, cheio de cólera, os cavalos voltaram-se assustados e, recuando com precipitação, derrubaram o seu condutor e arrastaram o carro para a praia.

Entrementes, Lúcago e seu irmão Líger entram na luta sôbre um carro puxado por cavalos brancos; Líger segura as rédeas e dirige os corcéis, e o impetuoso Lúcago vibra uma espada nua. Enéias não pode suportar que êles avancem com tanto ardor: investe para êles e aparece-lhes terrível, com a lança em riste. Líger lhe diz então:

— Não são os cavalos de Diomedes nem o carro de Aquiles e os campos da Frígia que tu vês; agora, nestas terras, acabará a guerra e a tua vida.

Tais palavras o insensato Líger faz voar ao longe. Mas o herói troiano não lhe responde; apenas lança um dardo contra o inimigo. Enquanto Lúcago, inclinado para açoitar os seus cavalos, os excita com um dardo e, com o pé esquerdo à frente, dispõe-se a combater, a lança entra pela borda inferior do reluzente escudo e lhe transpassa a virilha esquerda. Atirado para fora do carro, revolve-se por terra, moribundo.

O piedoso Enéias dirige-lhe então estas amargas palavras:

— Lúcago, não foi a lentidão dos cavalos na fuga que perdeu o teu carro, nem sombras vãs, vindas do inimigo, te derrotaram; tu mesmo saltas e o abandonas.

Assim falou e segurou o carro; o desgraçado Líger, que também caíra, lhe estendia as mãos desarmadas:

— Por ti, pelos pais que geraram um herói como tu, ó troiano, poupa esta vida, tem piedade de um suplicante.

Rogava com instância, mas Enéias lhe disse:

— Tu, há pouco, não falavas assim! Morre, não abandones teu irmão!

Enfiou-lhe então a espada no peito até o lugar onde se oculta a alma.

Assim o chefe troiano espalhava a morte através da planície, tão impetuoso quanto uma torrente ou um sombrio turbilhão. Enfim, o jovem Ascânio e a mocidade em vão sitiada saem bruscamente, deixam o arraial.

A INTERVENÇÃO DE JUNO

Entrementes, Júpiter se volta para Juno e lhe diz:

— Minha cara irmã e caríssima espôsa, tu tinhas razão! Não estás enganada: é Vênus quem sustenta as fôrças dos troianos; os guerreiros não têm vigor no braço nem coragem na alma e não sabem enfrentar os perigos!

Juno, humilhada, lhe responde:

— Por que razão, meu belíssimo espôso, atormentas tua infeliz espôsa, que receia tuas severas palavras? Se teu amor por fim fôsse tão forte como foi outrora e ainda convinha que fôsse não me recusarias, ó todo-poderoso, que eu pudesse tirar Turno da luta e devolvê-lo incólume a Dauno, seu pai. Mas não: que êle pereça agora e os troianos se vinguem no seu sangue piedoso! Êle, contudo, é nosso descendente, pois Piluno é seu tetravô e, com mão pródiga, encheu de oferendas o limiar de teus templos.

O rei do etéreo Olimpo respondeu brevemente:

— Se pedes que eu retarde a hora da morte dêsse jovem que deve perecer, se desejas que eu assim disponha, salva Turno, arranca-o à sorte que o ameaça fazendo-o fugir. Até aí posso satisfazer-te. Mas se êste teu pedido oculta uma ambição maior e julgas que se pode alterar e inverter tôda a sorte da guerra, tu alimentas uma esperança vã.

E Juno, chorando, lhe diz:

— Que mal haveria se teu espírito concedesse o que a custo disseste e a vida fôsse assegurada a Turno? Mas não; o que lhe está assegurado é, se eu não me engano, um triste fim, embora êle seja inocente. Oxalá eu esteja iludida por um falso temor e tu, que o podes, mudes para melhor os teus decretos!

Assim falou e, sem demora, precipitou-se do alto céu, envolta numa nuvem, trazendo a tempestade pelos ares; e dirigiu-se para as tropas troianas e para o acampamento dos

latinos. Então, com ligeira nuvem, a deusa forma uma tênue figura sem vigor, que apresenta os traços de Enéias, prodígio admirável! E adorna-a com as armas do troiano, reproduz seu escudo e o elmo que êle traz na divina cabeça. E dá-lhe uma voz irreal, palavras sem idéias, e faz com que imite o andar do herói. — Assim se diz que as sombras voejam depois da morte, assim são os sonhos que iludem os nossos sentidos enquanto dormimos. — O fantama corre alegremente à frente dos exércitos e irrita o inimigo com seus dardos e lança-lhe palavras provocantes. Turno o persegue e lhe atira de longe um estridente dardo. A sombra dá-lhe as costas e foge. Então Turno acredita que Enéias se retira e lhe cede; e, excitado, concebe uma vã esperança.

— Para onde foges, ó Enéias? — grita. — Não desertes do leito prometido! Dar-te-ei, com a minha própria mão, a terra que buscaste pelos mares!

Assim vocifera e, brandindo a espada nua, persegue o inimigo; e não vê que os ventos levam a sua alegria. Por acaso, um navio estava amarrado às saliências de uma alta rocha, com a ponte descida, a escada pronta; havia transportado o rei Osínio da costa de Clúsio. Para ali a trêmula imagem de Enéias em fuga se precipita e ali se refugia; Turno a persegue com igual rapidez e salta os obstáculos e escala as altas pontes. Mal chegara à proa, Juno corta a amarra e arrasta pelas ondas em refluxo a nave arrebatada à costa.

Enéias, por sua vez, chama ao combate o ausente Turno; e manda à morte quantos guerreiros se põem à sua frente.

Então a tênue sombra não mais procura ocultar-se: voa para o alto e se perde numa escura nuvem, enquanto um turbilhão arrasta Turno para o meio do mar; êle olha para trás, sem saber o que havia acontecido e maldiz sua sorte, erguendo para o céu as duas mãos:

— Ó Pai onipotente, — exclama êle — julgaste que eu mereço tal desonra, quiseste que eu sofresse êste castigo? Para onde sou levado? De onde vim? Que fôrça me obriga a fugir e quem sou eu que assim fujo? Verei de novo os muros e o acampamento dos laurentes? Que foi feito daqueles exércitos

que seguiram a mim e às minhas tropas? Deixei-os todos a uma horrível morte? Que crime! Agora eu os vejo perdidos e escuto os gemidos dos que tombam! Que fazer? Que abismo bastante profundo me poderá tragar? Antes, vós, ó ventos, tende piedade! Eu, Turno, vos peço de todo o coração: atirai o navio de encontro às pedras, de encontro aos recifes, lançai-o contra os terríveis bancos de areia, aonde nem os rútulos nem a Fama, que sabe da minha desonra, me possam acompanhar!

Assim dizendo, oscila de um pensamento a outro. Desorientado por tão gande vergonha, pensa em transpassar-se com a espada, fincando em suas costas a lâmina cruel, em atirar-se às ondas e alcançar a nado as curvas praias e voltar ao combate com os troianos. Três vêzes tentou uma e outra cousa, três vêzes a poderosa Juno o impediu e, cheia de piedade, reteve o jovem. Êle desliza, corta o alto mar e, com o auxílio das ondas, chega à antiga cidade de Dauno, seu pai.

OS FEITOS DE MEZÊNCIO

Entretanto, inspirado por Júpiter, o ardente Mezêncio entra em combate e ataca os troianos vitoriosos. Acorrem as tropas etruscas e todo o seu ódio, todos os seus dardos perseguem, sem cessar, a um só homem. Como uma rocha que avança no vasto oceano, exposta às ondas e à fúria dos ventos, suporta a violência e as ameaças do céu e do mar e permanece imóvel, assim Mezêncio. Êle abate Hebro, filho de Dolicáon, e Látago e Palmo, que foge. A Látago, que o enfrenta, golpeia o rosto com uma enorme pedra, um pedaço de monte; ao fraco Palmo corta os jarrêtes, deixa-o rolar por terra e dá a Lauso as armas para que as leve ao ombro e ponha na cabeça o capacete. Mata depois o frígio Evanteu, e Mimante, companheiro de Páris e da mesma idade: sua mãe, Teano, espôsa de Ámico, o dera à luz na mesma noite em que a rainha filha de Cisseu, que sonhara haver concebido uma tocha, deu à luz Páris. Páris repousa na cidade paterna e a terra dos laurentes guarda Mimante como um desconhecido.

Quando, impelido do alto dos montes pelos cães que o mordem, o javali há muito protegido pelos pinheiros do Vésulo e pelo brejo de Laurento, entre cujos caniços cresceu, tomba nas rêdes, pára e freme de raiva e eriça o pêlo das espáduas; ninguém tem a coragem de se encolerizar e aproximar-se e, de longe, seguros, o ameaçam com dardos e com gritos. Assim, daqueles que, contra Mezêncio, têm uma justa ira, ninguém se anima a correr para êle empunhando a espada; atacam-no de longe, com seus dardos e com grande clamor. Êle, porém, impávido, move-se para todos os lados, rangendo os dentes, e sacode os dardos que lhe caem sôbre as costas.

Da antiga Cirito viera Acrão; grego de origem, êle, fugindo, deixara por fazer seu casamento. Mezêncio o viu no meio do exército, com o rubro penacho e a roupa de púrpura que lhe fizera a noiva, a provocar grande agitação. Como um leão em jejum percorre muitas vêzes, aconselhado por furiosa fome, os profundos recessos da floresta e, vendo por acaso uma cabra que foge ou um veado com os seus altos chifres, abre com alegria a enorme goela, eriça a juba, deita-se sôbre a prêsa e aferra-se às vísceras e lava em negro sangue a cruel bôca, — assim Mezêncio corre alegremente para os inimigos apinhados. O infeliz Acrão é abatido e, expirando, golpeia com os pés o negro chão e ensangüenta a lança quebrada no seu corpo.

Mezêncio não quis abater Orodes que fugia nem, lançando-lhe um dardo, feri-lo pelas costas; corre, toma a dianteira e lhe faz frente, homem contra homem. Não quer vencer por fraude e sim pela fôrça das armas. Então, apoiando o pé e a lança sôbre o inimigo prostrado, diz:

— Homens, eis abatido o ilustre Orodes, que tinha tanta parte nesta guerra!

Os guerreiros que seguem a Mezêncio entoam um alegre peã. E o moribundo diz:

— Quem quer que sejas, ó vencedor, eu hei de ser vingado e não te alegrarás por muito tempo. Também a ti espera igual destino e logo tombarás sôbre esta mesma terra.

Mezêncio lhe responde com um riso colérico:

— Morre tu, agora! Quanto a mim, o pai dos deuses e rei dos homens verá o que deve fazer.

Dizendo isso, retirou o dardo do corpo do inimigo; o férreo sono e o duro repouso da morte pesaram sôbre os olhos do vencido, que se fecharam para uma eterna noite.

Cédico mata a Alcátoo, Sacrátor a Hidaspes; Rapo a Partênio e ao fortíssimo Orses; Messapo a Clônio e ao licaônio Eriquetes: aquêle havia caído do cavalo e jazia por terra; êste lutava a pé. Também a pé o lício Ágis avançara; abate-o Válero, que não nega o valor de seus antepassados. Trônio é morto por Sálio e Sálio por Nealces, ambos por fraude; um por um dardo lançado de longe, o outro por uma imprevista flecha.

Já o terrível Marte igualava o luto e os funerais nos dois partidos; igualmente matavam, igualmente caíam, ora vencidos ora vencedores, e nem uns nem outros tentavam a fuga. Os deuses, no palácio de Júpiter, compadeciam-se da inútil fúria de ambos e das grandes fadigas destinadas aos homens. De um lado Vênus, de outro lado Juno observam. Entre os milhares de guerreiros corre furiosa a pálida Tisífone.

Mezêncio, brandindo enorme dardo, avança impetuoso pelo campo. Como o gigante Oríon, que caminhava a pé pelo alto mar, abrindo caminho, e, com os ombros, ultrapassava as ondas ou, levando do alto dos montes um velho orno, andava pelo chão com a cabeça escondida nas nuvens — assim Mezêncio avança com suas grandes armas. Enéias procura-o com os olhos nas longas fileiras inimigas, dispõe-se a atacá-lo. Êle espera sem mêdo o valente inimigo e permanece de pé, com seu enorme corpo, medindo com os olhos o espaço que será suficiente para um tiro de lança.

— Meu braço, que é o meu deus, e o dardo que eu vibro me valham agora! Faço o voto, ó Lauso, de te vestir com o espólio tirado do corpo dêsse ladrão; tu serás o troféu de Enéias.

Assim diz e atira de longe a estridente lança; mas ela, rejeitada pelo escudo de Enéias, vai, voando, fincar-se entre o flanco e o ventre do ilustre Antores, companheiro de Hércules, que, enviado de Argos, se unira a Evandro e se estabelecera

numa cidade itálica. Tomba o infeliz, ferido pelo golpe a outrem destinado; ergue os olhos ao céu e, moribundo, recorda a doce Argos.

Então o piedoso Enéias atira a lança; ela atravessa o côncavo escudo de tríplice bronze, atravessa a coberta de linho e as três peles de touro, atinge o mais baixo da virilha mas não tem fôrça para ir além. Enéais, alegre por ter visto o sangue do etrusco, ràpidamente tira do flanco a espada e ataca, furioso, o inimigo amedrontado. Lauso, ao vê-lo, solta um gemido, temendo pelo amado pai, e as lágrimas rolam por suas faces.

A MORTE DE LAUSO

Neste ponto, não posso silenciar sôbre o teu nome, a tua cruel morte e os teus notáveis feitos, se é que a posteridade há de crer em tão bela façanha, ó jovem digno de ser lembrado!

Tolhido e embaraçado, Mezêncio recua, arrancando do escudo a lança do inimigo. O jovem se atira no meio do combate e põe-se ante a espada de Enéias, que, com o braço erguido, já preparava o golpe, e o retém e o demora. E enquanto Mezêncio se retira protegido pelo escudo do filho, os companheiros o aplaudem com grande clamor; depois atiram lanças e, de longe, tentam afastar, com seus projéteis, o inimigo. Enéias, furioso, se detém, coberto pelos dardos.

Quando as nuvens se precipitam numa chuva de pedras, todos os lavradores, todos os camponeses fogem da planície e o viajante busca um refúgio seguro ou nas margens de um rio ou sob a abóbada de um alto rochedo; e enquanto chove, esperam o retôrno do sol para poderem executar a tarefa do dia. Assim Enéais, coberto de dardos que vêm de todos os lados, suporta essa nuvem de armas e espera que cesse e grita contra Lauso e o ameaça:

— Para onde corres? Tua morte é certa. Por que tentas ações maiores que tuas fôrças? Imprudente, a piedade filial te leva à ruína.

Lauso, fora de si, exalta-se ainda mais. Aumenta a ira do general troiano, torna-se mais violenta; e as Parcas já enrolam os derradeiros fios da existência de Lauso. Enéias crava-lhe a forte espada no meio do corpo e a faz penetrar completamente. A ponta vara o escudo, fraca defesa para tão grande ameaça, vara a túnica que a mãe do jovem havia bordado com fino ouro, e enche o peito de sangue; então a alma se evola tristemente pelos ares, deixa o corpo, vai em busca dos manes.

Mas quando o filho de Anquises viu o rosto do moribundo, o rosto estranhamente pálido, compadeceu-se e, soltando um profundo gemido, lhe estendeu a mão; a imagem da piedade filial lhe comoveu a alma:

— Ó jovem digno de compaixão, que cousa à altura de tão grande nobreza pode o piedoso Enéias fazer para tua glória? Guarda as tuas armas, que eram a tua alegria; se é isto que te importa, enviarei teu cadáver ao sepulcro dos teus ancestrais. Ao menos isto, ó infeliz, te console da tua triste sorte: tombaste pela mão do grande Enéias.

Êle próprio anima os hesitantes companheiros do jovem e ergue da terra o corpo, cujos cabelos, penteados à maneira etrusca, estão sujos de sangue.

Entrementes, junto às ondas do Tibre, o pai estancava com água corrente o sangue da ferida e descansava apoiado num tronco de árvore. A alguma distância estava seu elmo de bronze, suspenso a um ramo, e suas pesadas armas jaziam sôbre a relva. De pé em volta dêle achava-se a elite de seus homens. Cansado e ofegante, êle deixa pender a cabeça e a longa barba espalha-se sôbre o seu peito. Pergunta sem cessar onde está Lauso e manda muitas vêzes que o chamem, que lhe levem as ordens do aflito pai. E eis que os companheiros, a chorar, conduzem sôbre as armas o cadáver de Lauso, do grande Lauso, vítima de uma grande ferida. A alma de Mezêncio, pressentindo a desgraça, de longe compreende porque gemem. Lança abundante pó sôbre a alva cabeça, levanta para o céu as duas mãos, agarra-se ao cadáver:

— Ó filho, um desejo tão grande de viver apossou-se de mim que, em meu lugar, deixei oferecer-se ao golpe do inimigo

aquêle que gerei! Então é por essas feridas que eu, teu pai, fui salvo? Por tua morte eu vivo? Ah! é agora que eu sinto a desgraça do fado! Agora a dor penetra-me até o fundo! E eu mesmo, ó filho, com a minha crueldade, maculei o teu nome quando o ódio me expulsou do trono e do reino paterno. Eu devia à pátria e à cólera dos meus esta expiação. Oxalá, por mil mortos, eu próprio tivesse oferecido esta vida culpada! E ainda vivo e não deixei ainda os homens e a luz! Mas deixarei!

O FIM DE MEZÊNCIO

Assim dizendo, ergue-se sôbre a coxa vulnerada e, embora a profunda ferida o torne vagaroso, não se abate e ordena que lhe tragam o seu cavalo, que era a sua glória e a sua consolação: com êle havia saído vencedor de todos os combates. E, ao triste animal, assim falou:

— Rebo, por muito tempo nós vencemos juntos, se é que, para os mortais, alguma cousa dura muito tempo. Hoje, ou trarás, vencedor, a cabeça e os espólios do sangüinário Enéias e vingarás comigo a desgraça de Lauso ou, se nossas fôrças não o conseguirem, perecerás comigo, pois não creio, ó valente animal, que tu queiras receber ordens de outro e servir os troianos.

E, tendo assim falado, acomodou-se às costas do cavalo, que recebeu a costumeira carga, e encheu as duas mãos de agudos dardos; sôbre o luzente elmo de bronze erguia-se, eriçado, um penacho de crina. Assim correu, veloz, para o meio da luta. No coração lhe ardia uma vergonha imensa e, ao mesmo tempo, um misto de tristeza e de cólera, o seu amor de pai enfurecido e a consciência do próprio valor. Três vêzes êle chamou Enéias em voz alta. Enéias o ouviu e, satisfeito, fêz êste voto:

— Permita o pai dos deuses, permita o grande Apolo que tu queiras medir-te comigo!

Disse apenas isso e avançou contra êle, a lança em riste.

— Cruel! — diz-lhe Mezêncio — após me teres roubado o filho, queres amedrontar-me? Não tinhas outro meio de destruir-me. Não sinto horror à morte e nenhum deus me importa. Deixa de ameaçar-me. Venho para morrer mas trago-te primeiro êste presente.

Assim disse e atirou um dardo contra o adversário; depois outro e mais outro, formando em volta dêle um vasto círculo. Mas o escudo de ouro resistia. Três vêzes, em redor do inimigo, que se mantinha firme, Mezêncio fêz voltar para a esquerda o cavalo, enquanto sua mão lançava os dardos. Três vêzes o herói troiano girou sôbre si mesmo opondo-lhe o bronze do escudo, onde se foi cravar uma densa floresta de lanças. Enfim, desgostoso de tanta demora e de ter que arrancar tantos dardos, cansado dessa luta desigual, Enéias adiantou-se, remoendo na alma muitos pensamentos, e atirou a lança contra a abaulada fronte do cavalo de guerra. O animal se ergue, se empina, golpeia o ar com os cascos e, após ter derrubado o cavaleiro, cai de bruços sôbre êle e o embaraça e, com seu pêso, desloca-lhe a espádua. Troianos e latinos abalam o céu com seus clamores. Enéias corre para Mezêncio, desembainha a espada e diz, curvado sôbre êle:

— Onde está agora o terrível Mezêncio e aquela selvagem violência?

O etrusco ergue os olhos, contempla o céu e recobra os sentidos:

— Ó cruel inimigo, por que estas injúrias e ameaças de morte? Não cometerás nenhum crime em matar-me; nem eu vim combater pensando em ser poupado nem meu Lauso fêz contigo tal pacto. Uma só cousa eu peço: se o inimigo vencido pode esperar algum favor, rogo-te que permitas seja eu sepultado. Sei que me cerca o amargo ódio dos meus; rogo que me defendas de tal furor e me concedas participar do sepulcro do filho.

Assim falou e, como esperava, recebeu na garganta o golpe da espada e exalou a vida com uma onda de sangue, que lhe banhou as armas.

LIVRO XI

E A GUERRA CONTINUA

Entrementes, a Aurora, surgindo, deixou o oceano. Embora preocupado com o dever de sepultar os companheiros e abalado por tais mortes, Enéias, vitorioso, dispunha-se a cumprir, logo pela manhã, os votos feitos aos deuses. Ergueu sôbre um outeiro um enorme carvalho com todos os ramos cortados e o revestiu de refulgentes armas: os despojos do chefe Mezêncio, troféu oferecido a ti, ó grande deus da guerra; prendeu ali o capacete do guerreiro, banhado de sangue, e as lanças quebradas e a couraça golpeada e transpassada em doze lugares; ao braço esquerdo do simulacro atou o escudo de bronze e ao pescoço suspendeu-lhe a espada de marfim.

OS FUNERAIS DE PALANTE

Então, cercado por tôda a turba dos chefes que se apinhavam em redor, exorta os companheiros triunfantes, assim principiando:

— A cousa mais difícil está feita, ó guerreiros; quanto ao que ainda resta, nada temais. Aqui estão as primícias da vitória, os despojos de um rei soberbo; aqui, por minhas mãos, está Mezêncio. Devemos agora dirigir-nos ao rei e aos muros dos latinos. Preparei para a luta as vossas almas e ficai à espera da batalha, de modo que não sejais tomados de surprêsa e nenhuma demora vos entrave, nenhum mêdo, nenhuma incerteza vos retarde no momento em que os deuses do céu nos permitirem levantar as insígnias e conduzir os jovens para fora do campo. Enquanto esperamos, entreguemos à terra os corpos insepultos dos nossos companheiros: esta é a única honra para os que estão no fundo dos infernos. Ide e prestai as honras supremas às almas ilustres que, com seu sangue, conquistaram para nós esta pátria; e, antes de tudo, seja enviado à infeliz cidade de Evandro o corpo de Palante; não lhe faltou

valor, mas um dia funesto no-lo roubou e, antes do tempo, o imergiu na morte.

Assim falou, chorando, e retornou à sua morada, onde o cadáver de Palante estava exposto sob a guarda do velho Acetes; êste havia sido escudeiro do arcádio Evandro e agora, com auspícios menos felizes, fôra dado como companheiro ao seu caro pupilo. Em tôrno se apinhavam os servos todos, os troianos e as mulheres de Ílion com os cabelos soltos em sinal de tristeza, conforme o costume. Quando Enéias surgiu sob a alta porta, golpearam os peitos, elevaram ao céu grandes gemidos e sentido lamento ressoou pelo palácio. E êle próprio, quando viu a cabeça caída e o alvo rosto de Palante e a ferida aberta no jovem peito pela lança do ausônio, assim falou, rompendo em pranto:

— Ó jovem digno de compaixão! Quando a Fortuna parecia sorrir-me, ela, invejosa, roubou-te a mim e não quis que tu visses os meus reinos e que fôsses levado vitorioso para a casa paterna. Não foi isto o que eu prometi, a teu respeito, a Evandro, teu pai, quando, à partida, êle me abraçou, enviando-me à conquista de um grande império e, receoso, advertiu-me de que o inimigo era valoroso, de que eu combateria uma rude nação. E agora, talvez, tomado de uma vã esperança, êle ainda faz votos e enche de oferendas os altares; e nós, em luto, acompanhamos com inúteis honras êste jovem sem vida, que já não deve nada aos deuses celestiais. Ó infeliz Evandro, verás a cruel morte de teu filho! Êste é o regresso, êste o triunfo que esperavas de nós? Esta é a minha solene promessa? Mas, ao menos, não verás feridas vergonhosas recebidas na fuga e nem desejarás a triste morte por estar salvo de tal forma o filho. Entretanto, ai de mim! Que baluarte perde a Itália e quanto perdes tu, ó Julo!

Depois de tais lamentações, ordenou que tomassem o deplorável corpo e enviou mil homens escolhidos de todo o exército para o acompanharem na suprema homenagem e unirem suas lágrimas às de Evandro, pequeno consôlo para tão grande dôr, mas consôlo devido ao desditoso pai. Outros, prontamente, com ramos de carvalho e medronheiro, tecem grades e uma

leve maca e cobrem com folhagens o leito funerário. Sôbre êsse agreste leito, depõem o jovem; assim é a tenra violeta ou o frágil jacinto colhido pela mão de uma virgem: ainda não perdeu o fulgor e a beleza mas já a terra mãe não o alimenta nem lhe nutre o vigor.

Enéias manda trazer então duas vestes de púrpura bordadas a ouro, que outrora a fenícia Dido, feliz de trabalhar para êle, havia feito com suas próprias mãos, entremeando o tecido com fios de ouro. Tristemente, êle veste o jovem com uma dessas roupas, como suprema honra; com a outra, cobre-lhe os cabelos, que deveriam ser queimados. Depois amontoa numerosos despojos da guerra com os laurentes e manda que os homens, em longa fila, os levem. Acrescenta os cavalos e as armas tomados ao inimigo. Atara atrás das costas as mãos daqueles que enviaria às sombras como vítimas, para, com o sangue dos mortos, espargir as chamas. E ordena que os próprios chefes levem os troncos revestidos com as armas inimigas e ali inscrevam os nomes dos vencidos.

Conduzem o infeliz Acetes, acabrunhado pela idade, o qual fere o peito com os punhos, fere o rosto com as unhas, atira-se ao chão e estende por terra todo o corpo. Levam também os carros banhados pelo sangue dos rútulos. Atrás, sem ornamentos, segue Etão, o cavalo de guerra de Palante; êle chora, e grossas lágrimas lhe molham as faces. Outros guerreiros levam a lança e o elmo do jovem, pois as demais armas, Turno, o vencedor, as possui. Depois, com as armas voltadas para baixo, segue a triste falange: os troianos, os etruscos, os árcades.

Quando todo êsse extenso cortejo já avançava, Enéias se deteve e disse ainda, com um profundo gemido:

— A mesma terrível desgraça da guerra chama-nos agora a outros prantos. Adeus para sempre, grandíssimo Palante, para sempre, adeus!

Nada mais disse e dirigiu-se para os altos muros e voltou para o acampamento.

A PROPOSTA DE UM DUELO

E já ali estavam os legados da cidade latina, trazendo ramos de oliveira e pedindo uma graça: que Enéias lhes devolvesse os corpos que jaziam através da planície, prostrados pelas armas, e lhes permitisse sepultá-los; não deveria combater com vencidos privados da vida mas poupar os que antes chamara de hospedeiros e sogros.

Enéias escutou com bondade a justa súplica e, à graça concedida, acrescentou estas palavras:

— Que sorte cruel, ó latinos, vos implicou nesta guerra tão grande e vos fêz rejeitar nossa amizade? Vós me pedis a paz para os mortos, para os que pereceram nos azares da luta? Eu, na verdade, gostaria de a conceder também aos vivos. Eu não teria vindo se os fados não me houvessem indicado êste lugar para estabelecer-me; não faço guerra à vossa nação. O rei, porém, deixou nossa aliança e preferiu confiar-se às armas de Turno. Teria sido mais justo que Turno se expusesse aqui à morte. Se êle se dispõe a terminar a guerra com suas fôrças e a expulsar os troianos, seria conveniente que tivesse vindo combater comigo neste campo: teria vencido aquêle a quem os deuses ou o próprio valor concedessem a vida. Agora, ide e acendei a pira dos vossos infelizes concidadãos.

Assim falara Enéias. Êles, estupefatos, silenciosos, olhavam fixamente uns para os outros. Então o velho Drances, que sempre perseguia o jovem Turno com seu ódio e suas acusações, assim respondeu:

— Ó herói troiano, grande pela fama e maior pelas armas, com que louvores te poderei erguer até o céu? Que devo admirar de preferência: tua justiça ou teu valor na guerra? Agradecidos, levaremos à pátria as tuas palavras e, se a sorte nos der algum meio, unir-te-emos ao nosso rei, Latino. Que Turno busque outras alianças. E ainda mais: teremos gôsto em levantar os grandes muros que o destino te promete e em transportar sôbre os nossos ombros as pedras da cidade troiana.

Assim dissera êle e todos, a uma voz, gritavam a mesma cousa. Fizeram uma trégua de doze dias e, graças a essa paz,

os troianos vaguearam pelos montes, através das florestas, impunemente unidos com os latinos. Ressoa o alto freixo sob os golpes do ferro de dois gumes; êles abatem os pinheiros que se erguiam até o céu e, sem cessar, cortam com os machados os carvalhos e os perfumados cedros e transportam, nos estridentes carros, os freixos silvestres.

A DOR DE EVANDRO

E já a Fama voa anunciando a grande desgraça e aturde Evandro e a cidade e o palácio de Evandro, ela, que há pouco narrava ao Lácio a vitória de Palante. Os árcades se lançam para as portas. Segundo o antigo costume, tomam ràpidamente as tochas fúnebres. Pelo caminho brilha uma longa fileira de archotes, que ilumina os campos em redor. Vindo-lhes ao encontro, o séquito troiano une-se àquela multidão em pranto. As mães, vendo-os chegar aos muros, perturbam com seus gritos a enlutada cidade. Fôrça alguma pode reter Evandro: êle avança para o meio da turba, detém o féretro, atira-se sôbre Palante e, agarrado a êle, geme e chora. Quando, enfim, a custo, a dor permite-lhe falar, êle assim diz:

— Não foi isto, ó Palante, que prometeste ao pai: que, com muita prudência quererias expor-te aos perigos da guerra. Eu, porém, sabia o que pode, num jovem, o desejo de glória nas armas e a grande doçura de vencer num primeiro combate. Funestas as primícias da tua juventude! Cruel aprendizado numa guerra feita às nossas portas! Nenhum deus escutou os meus votos e preces! Tu, minha santa espôsa, és feliz em tua morte: não te foi reservada esta dor! Eu, porém, vivendo mais do que devia, fiquei para sobreviver ao nosso filho. Antes tivesse seguido as tropas aliadas dos troianos e os rútulos me houvessem aniquilado com suas lanças! Eu mesmo teria dado a minha vida e êste cortejo funebre traria para casa a mim, não a Palante. Não vos posso culpar, ó troianos, nem à aliança nem à hospitalidade que uniu as nossas mãos; esta sorte estava destinada a minha velhice. Contudo, se a morte prematura esperava meu filho, alegra-me ao menos que êle tenha caído

depois de haver matado milhares de volscos enquanto conduzia para o Lácio os troianos. Além disso, ó Palante, eu não desejaria para ti um funeral mais digno que êste, que o piedoso Enéias e os heróis troianos e os chefes e o exército inteiro dos etruscos te fizeram. Trazem os grandes despojos daqueles que enviaste à morte com tua mão. E tu também, ó Turno, agora estarias aí com um enorme tronco revestido de armas, se Palante tivesse a tua idade e a fôrça que se alcança com os anos... Mas por que eu, na minha desgraça, retenho os troianos longe do combate? Ide e levai fielmente ao vosso rei esta minha mensagem: «Se eu, morto Palante, arrasto uma vida odiosa, a tua aliança é a causa; vês que, ao pai e ao filho, tua mão deve a morte de Turno. Sòmente isto espero do teu valor e da sorte. Não quero ter em vida essa alegria nem seria possível; quero levá-la ao filho na profunda morada dos manes!»

DESOLAÇÃO NO LÁCIO

Entretanto, a Aurora trouxera aos míseros mortais a benfazeja luz e lhes dera de novo os trabalhos e as penas. E já o herói Enéias e Tarcão tinham erguido as piras sôbre a curva praia. Segundo o uso dos antepassados, cada qual transporta para ali os corpos dos seus; por baixo ateiam as fúnebres chamas e a fumaça cobre de trevas o alto céu. Cingidos de brilhante armas, os guerreiros correm três vêzes junto do fogo fúnebre e soltam lamentos. A terra e as armas são banhadas de lágrimas. Os gritos dos homens e o clangor das trombetas erguem-se até o céu. Uns lançam às chamas os espólios tomados aos latinos mortos, os elmos e as belas espadas, os freios e as velozes rodas; outros lançam ofertas familiares: os escudos e as infelizes armas dos próprios mortos. Em tôrno, imolam muitos bois à Morte e degolam, por sôbre as fogueiras, porcos de rudes cerdas e ovelhas roubadas de todos os campos. Então, por tôda a praia, os homens vêem arder os companheiros, vigiam as piras meio queimadas e não conseguem afastar-se, até que a fria noite chega e faz girar o céu cravejado de brilhantes estrêlas.

De outro lado, os infelizes latinos também levantam inumeras piras. Enterram muitos corpos de guerreiros, tomam outros e os transportam para os campos vizinhos e para a cidade; o resto, um enorme e confuso amontoado de mortos, é queimado sem cálculo e sem honras. Por tôda a parte, muitas fogueiras brilham à porfia, iluminando os vastos campos.

E já a luz de um terceiro dia expulsara do céu a fria noite quando, a chorar, removiam a cinza acumulada, tiravam os ossos confundidos nas piras e os cobriam com um monte de terra ainda quente. Mas nas casas, na cidade do rico Latino, é que se ouvia maior clamor e a grande tristeza chegava ao máximo. Ali as mães e as infelizes espôsas, as queridas irmãs, desoladas, e os meninos sem pai maldiziam a execrável guerra e o himeneu de Turno. Desejam que só êle se arme e só êle, em combate, decida a questão, já que reclama o reino da Itália e as honras supremas. Drances, com sua hostilidade, reforça êsse propósito e atesta que só Turno é chamado por Enéias, só Turno é desafiado ao combate. Ao mesmo tempo, muitos emitem opiniões diversas a respeito de Turno; o ilustre nome da rainha protege êsse homem, sustenta-o a grande fama dos troféus obtidos.

No meio dessa agitação, dêsse acalorado tumulto, eis que, além de tudo, os legados voltam abatidos da grande cidade de Diomedes, trazendo a resposta: nada haviam conseguido com tôdas as despesas e as grandes fadigas da embaixada; nada conseguiram os presentes, o ouro, as grandes súplicas; os latinos deviam procurar outros aliados ou pedir a paz ao rei troiano.

O próprio rei Latino está acabrunhado por imensa aflição. A cólera dos deuses e os túmulos recentes que tem diante dos olhos o advertem claramente de que Enéias era um predestinado e fôra conduzido pelo poder divino. Então êle reúne, no interior do seu alto palácio, o grande Conselho, os mais nobres dos seus, chamados por sua ordem. Êles acorrem e, enchendo as ruas, afluem ao palácio. Latino, o maior em idade e o primeiro em poder, senta-se no meio, com rosto não alegre. Manda então que os embaixadores retornados da cidade da Etólia

digam o que trazem a pede-lhes que exponham em ordem tôdas as respostas recebidas.

O CONSELHO DO GREGO DIOMEDES

Todos então se calam e, obedecendo à ordem, Vênulo começa a falar:

— Nós, ó cidadãos, vimos Diomedes e os acampamentos dos gregos e, após ter superado todos os acidentes da viagem, tocamos a mão sob a qual ruiu a cidade de Tróia. Êle, depois de sua vitória, fundava a cidade de Argiripa, do nome de sua pátria, nos campos do Gárgano da Iapígia. Quando fomos introduzidos e tivemos licença de falar, oferecemos os presentes e o informamos do nosso nome e da nossa pátria, dos povos que nos tinham feito guerra e do motivo que nos levava a Argiripa. Êle nos escutou e respondeu tranqüilamente: «Ó felizes nações que tivestes Saturno por rei, ó antigos ausônios! Que má sorte turba o vosso sossêgo e vos persuade a provocar as guerras, que vós não conheceis? Não falarei das penas que esgotamos combatendo sob as altas muralhas de Tróia nem dos homens cujos corpos recobre o famoso Simoente; mas nós todos, que violamos com o ferro os campos dos troianos, sofremos pelo mundo indizíveis suplícios e pagamos todos os nossos crimes, bando de homens do qual o próprio Príamo teria piedade. Sabem-no a triste estrêla de Minerva e os rochedos da Eubéia e o vingador cabo de Cefereu. De volta daquela expedição, lançados ao litoral oposto, o Atrida Menelau foi exilado para as colunas de Proteu, e Ulisses conheceu os ciclopes do Etna. O próprio rei de Micenas, o chefe dos grandes argivos, foi morto no limiar do palácio pela mão de sua odiosa espôsa; o adúltero esperou em emboscada o vencedor da Ásia. Devo falar do reino de Neoptólemo, da casa arruinada de Idomeneu, dos locros estabelecidos na costa da Líbia? Devo dizer que os deuses me negaram voltar à casa de meu pai e rever minha querida espôsa e a bela Cálidon? Ainda agora a visão de terríveis prodígios me persegue. Perdi meus companheiros, que foram para os ares revestidos de plumas; agora

são aves que erram pelos rios e enchem os rochedos com suas vozes chorosas. Que suplício cruel o dos meus! Era isso mesmo o que eu devia esperar depois daquele dia em que, insensatamente, ataquei com a espada corpos divinos e, com uma ferida, profanei a dextra de Vênus. Não, não me leveis a semelhantes lutas! Depois da destruição de Pérgamo não quero guerra alguma com os troianos, não desejo lembrar-me nem me alegro dos males que lhes fiz. Os presentes que me trazeis de vossa pátria, levai-os a Enéias. Eu lutei contra as suas rudes armas, nós combatemos corpo a corpo. Crede num homem que experimentou como êle se ergue com o seu escudo, com que fôrça êle atira a sua lança! Se a terra do Ida houvesse gerado mais dois homens assim, o povo troiano viria por sua vez contra as cidades gregas e a Grécia choraria a mudança da sorte. Por todo o tempo em que nos demoramos junto às fortes muralhas de Tróia, foi o braço de Heitor, foi o de Enéias que adiaram a vitória grega e a fizeram recuar até o décimo ano. Eram grandes os dois pela coragem, eram grandes por suas armas exímias; Enéias, porém, era o mais piedoso. Que vossas mãos se unam em aliança como êle quiser; mas não choqueis com as dêle as vossas armas». Tu acabas de ouvir, ó excelente rei, qual foi a resposta de Diomedes, qual a sua opinião sôbre esta grande guerra.

O REI LATINO PROPÕE A PAZ

Mal o embaixador havia terminado, um incerto murmúrio correu pela bôca dos perturbados ausônios; assim, quando as pedras retardam os rápidos rios, as águas fremem na passagem fechada e o ruído das ondas crepitantes ecoa pelas margens.

Logo que se acalmaram os ânimos e as assustadas vozes se calaram, o rei, após ter invocado os deuses, começou a falar, do alto trono:

— Na verdade, ó latinos, eu desejaria — e seria melhor — haver deliberado anteriormente sôbre os interêsses do Estado em lugar de reunir o Conselho nesta ocasião, quando o inimigo cerca os nossos muros. Nós, os cidadãos, fizemos

uma guerra inconveniente a um povo que descende dos deuses, a homens invencíveis, a quem nenhum combate enfraquece, a quem derrota alguma pode afastar das armas. Se tivestes alguma esperança nas armas dos gregos que mandastes chamar, ponde-a de lado. Que cada um espere em si mesmo. Vêdes, porém, como é pouca a esperança que temos. A ruína em que jaz tudo o mais neste reino está diante dos vossos olhos, ao alcance das vossas mãos. Não culpo ninguém: houve tanto valor quanto era possível; combateu-se com todos os recursos da nação. Agora, vou expor o meu incerto parecer e, em poucas palavras, vo-lo direi. Prestai-me atenção! Junto do Tibre, tenho um antigo campo que se alonga para o ocidente até além das fronteiras dos sicanos; auruncos e rútulos o semeiam, aram as duras colinas e usam como pasto as partes mais ásperas. Que tôda essa região, com a alta montanha e sua floresta de pinheiros, seja o preço da aliança dos troianos; proponhamos a êles um tratado justo e associemo-los ao nosso reino; que aqui se estabeleçam, já que tanto o desejam, e ergam suas muralhas. Mas, se têm a intenção de buscar outras terras e outra nação e lhes é permitdo deixar o nosso solo, construamos em carvalho da Itália vinte navios ou mais, se êles são bastantes para os encher. Todo o material acha-se ali, junto do rio; que êles mesmos indiquem o número e a forma dos navios e nós forneceremos o bronze, a mão de obra, os aparelhos. Além disso, parece-me bom que, para levar estas propostas e firmar a aliança, vão cem embaixadores, das mais nobres famílias latinas, segurando os ramos da paz e levando presentes: talentos de ouro e de marfim, uma cadeira curul e a toga de púrpura, que são as insígnias do nosso reino. Deliberai tendo em vista o interesse comum e socorrei o nosso enfraquecido Estado.

Então Drances, sempre hostil a Turno, cuja glória o atormentava com a amarga excitação de uma tôrva inveja, — o rico Drances, que era um ótimo orador mas um guerreiro fraco, que tinha autoridade nos conselhos e era capaz de provocar revoltas, homem nobre e de alta linhagem por parte

da mãe, mas de pai obscuro — levanta-se e, com estas palavras, agrava e aumenta as iras contra Turno:

— Ó excelente rei, tu pedes que deliberemos sôbre uma questão que não é obscura para ninguém e não necessita das minhas palavras: todos reconhecem saber o que a salvação do povo exige; mas, receiam dizê-lo. Seja-nos dada a liberdade de falar, e deixe de vaidades aquêle que, com seus infelizes auspícios e funesto caráter (sim, eu o direi embora êle ameace matar-me com suas armas), vemos causar a morte dos nossos melhores comandantes e o luto que abate esta cidade inteira enquanto, confiando na fuga, êle ataca o acampamento dos troianos e assusta o céu com o ruído de suas armas. A êsses presentes e às muitas cousas que mandas levar e dizer aos troianos, ajunta isto, ó excelente rei: que nenhuma violência te intimide e te impeça de, como pai, entregares tua filha a um genro ilustre, a um casamento que é digno dela, e de concluíres esta paz com uma eterna aliança. Mas, se um terror tão grande domina os espíritos e e os corações, imploremos o próprio Turno e peçamos-lhe esta graça: que êle ceda e devolva ao rei e à pátria um direito que lhes é próprio. Por que, tantas vêzes, queres lançar em manifestos riscos teus infelizes concidadãos, tu, que és a origem e a causa de tantos males para o Lácio? Não há na guerra nenhuma salvação; nós todos, ó Turno, pedimos-te a paz e, ao mesmo tempo, o único penhor que a pode tornar inviolável. E, em primeiro lugar, eu, a quem olhas como inimigo — e não nego que o seja —, eis como venho suplicante! Tem piedade dos teus; deixa o orgulho e, vencido, retira-te! Vimos, em nossa derrota, bastantes funerais e despovoamos nossos imensos campos. Mas, se te incita a ambição da glória, se abrigas na alma tão grande valor, se a tal ponto desejas o reino por dote, tem coragem e apresenta, confiante, o peito ao inimigo que te espera. Então, para que caiba a Turno uma espôsa real, nós outros, almas vis, multidão que nem se enterra nem se chora, tombaremos nos campos de batalha? Tu, pois, se tens alguma fôrça, se guardas algo do valor militar de teus antepassados, olha de frente o homem que te desafia.

A RESPOSTA DE TURNO

Tais ditos abrasaram a violenta alma de Turno. Êle dá um gemido e, do fundo do peito, solta estas palavras:

— Tu, ó Drances, sempre falas muito, quando é ação o que as guerras exigem; nas reuniões do Conselho, és o primeiro a aparecer. Mas não é necessário encheres a cúria com êsse eloqüente discurso que te escapa quando estás em segurança, enquanto as muralhas mantêm distante o inimigo e o sangue não inunda os nossos fossos. Faze retumbar a tua eloqüência, como é teu costume, acusa-me de temor, ó Drances, se é que teu braço fêz montes de troianos massacrados e teus troféus adornam aqui e ali os nossos campos. Tens agora ocasião de provar tua ardente coragem: não é necessário procurarmos longe daqui os inimigos; estão a rodear por todos os lados as nossas muralhas. Vamos contra êles? Por que te demoras? Acaso o teu valor guerreiro sempre estará apenas na tua língua pretensiosa ou nos teus pés prontos para fugir? Não é desta maneira e sim com as armas que aterraremos o inimigo! Eu, vencido? Quem, ó homem ignóbil, vendo o Tibre engrossar com o sangue dos troianos, a casa de Evandro ruir completamente com a morte do filho, os árcades despidos de suas armas, poderá declarar-me vencido? Não foi assim que me sentiram Bítias e o enorme Pândaro e os mil guerreiros que eu, num só dia, venci e mandei para o Tártaro quando estava fechado nas muralhas, cercado dos baluartes inimigos. Não há na guerra nenhuma salvação? Vai profetizá-lo, ó insensato, ao chefe dos troianos e ao teu partido. Continua a lançar por tôda a parte o tumulto e o terror, a exaltar a fôrça de um povo duas vêzes vencido, a desdenhar as armas de Latino. Agora, então, os chefes gregos tremem diante das armas troianas, treme agora Diomedes e Aquiles de Larissa; e o rio Aufido recua e foge às ondas do Adriático! E êste astuto criminoso finge recear minhas ameaças e, com seu mêdo, reforça a acusação. Não te preocupes! Sob meus golpes jamais exalarás tua bela alma: deixarei que ela fique contigo nesse teu peito ignóbil! — Agora, ó rei, volto a ti e

ao grave objeto das nossas deliberações. Se já não tens esperança alguma em nossas armas, se fomos a tal ponto abandonados, se, com uma só derrota nos arruinamos por completo e a Fortuna já não voltará para nós, peçamos a paz e estendamos as mãos desarmadas. Contudo, oxalá nos restasse um pouco do antigo valor! Creio que o mais valoroso e mais feliz em suas provações é o que, para não ver tal espetáculo, caiu moribundo e, em sua queda, foi morder o chão. Mas se nos restam recursos e uma juventude ainda incólume e a ajuda de cidades e de povos da Itália e se, de outro lado, a glória dos troianos lhes custou muito sangue, se também êles têm os seus mortos e a borrasca foi igual para todos, por que desanimamos vergonhosamente mal começou a guerra? Por que razão os nossos membros tremem antes de ouvirmos a tuba? O tempo e a incessante mudança dos acontecimentos leva muitas cousas para melhor; a Fortuna, que alterna suas visitas, zomba de muitos e depois novamente os põe em segurança. Não teremos o auxílio de Diomedes e de Argiripa; conosco, porém, estarão Messapo e o poderoso Tolúnio e os comandantes que tantos povos nos enviaram; e não menos gloriosa será a elite do Lácio e das terras de Laurento, que nos há de seguir. Temos Camila, do ilustre povo dos volscos, a conduzir um esquadrão de cavaleiros reluzentes em suas armas de bronze. E, se os troianos chamam ao combate a mim sòmente, se isto vos agrada, se eu sou um tão grande obstáculo ao bem comum, a Vitória não me odiou e não me fugiu a tal ponto que eu deva recusar-me a tentar qualquer cousa por uma tão bela esperança. Com tôda a minha audácia irei contra o inimigo, mesmo que êle supere o grande Aquiles e vista armas iguais, fabricadas pelo próprio Vulcano. Eu, Turno, que não sou inferior em coragem a nenhum dos antigos heróis, dediquei minha vida a vós e a Latino, meu sogro. É só a mim que Enéias desafia? Pois quero que êle me desafie. Não será Drances que, com sua morte, aplacará a cólera dos deuses — se existe tal cólera — ou levará o mérito e a glória — se tal houver!

NOVOS APRESTOS BÉLICOS

Discutiam assim, entre êles, sôbre os perigos públicos. Enéias, entretanto, deixava o acampamento e punha o exército em marcha. Eis que a notícia corre, com enorme tumulto, pela casa do rei e enche a cidade de grandes receios; os troianos, em ordem de batalha, e o exército etrusco haviam deixado o Tibre e cobriam tôda a planície. Prontamente os ânimos se turbam, a alma do povo agita-se, as cóleras se erguem sob o pungente estímulo. Correm à procura das armas; os jovens bradam por armas, os velhos, consternados, choram em silêncio. Um grande alarido feito de gritos discordantes, sobe de tôda a parte para o céu, como quando um bando de aves desce para o fundo de um bosque ou quando os roucos cisnes soltam seus cantos junto da água piscosa do Padusa, entre os ressoantes pântanos.

— Vamos! — diz Turno, aproveitando-se da ocasião. — Reuni o Conselho ó cidadãos; ficai sentados a louvar a paz! Êles, armados, lançam-se sôbre o reino.

Nada mais disse; ergueu-se de pronto e saiu, apressado, do palácio.

— Tu, Voluso, — diz êle — ordena que se armem os manípulos volscos e conduze os rútulos também. Messapo, e tu, ó Coras, com o teu irmão, espalhai largamente pelos campos cavaleiros armados. Que uma parte guarneça a entrada da cidade e ocupe as tôrres; o restante das tropas siga-me com suas armas por onde eu ordenar.

Prontamente, de todos os pontos da cidade, correm para as muralhas. O próprio rei Latino deixa o Conselho e as importantes deliberações e as adia, perturbado pelos tristes acontecimentos; e dirige a si próprio muitas acusações por não ter acolhido de boa vontade o troiano Enéias e não o ter admitido na cidade, tornando-o seu genro. Alguns cavam fossos diante das portas, outros carregam pedras e chuços. A rouca trombeta dá o terrível sinal da guerra. Então mulheres e crianças apinham-se confusamente ao longo dos muros. O supremo perigo a todos convoca.

E a rainha, com um grande cortejo de mães, sobe de carro ao alto cume onde fica o templo de Minerva, levando oferendas; junto **dela**, a virgem Lavínia, causa de tão grandes males, segue, com os belos olhos abaixados. As mulheres entram, enchem de incenso o templo e, do alto limiar, soltam estas aflitas palavras:

— Ó deusa guerreira, virgem Palas que presides às guerras, quebra com tua mão o dardo do ladrão troiano, faze que êle próprio caia por terra, derruba-o sob as nossas portas!

Entretanto, furioso, Turno armava-se à pressa para o combate. E já vestira a brilhante couraça eriçada de escamas de bronze e envolvera as pernas nas grevas de ouro; com a fronte ainda descoberta, suspendera ao lado a espada e, refulgente de ouro, descia correndo da alta cidadela; exultava-lhe a alma e, em pensamento, êle já se apossava do inimigo. Assim um cavalo, rompidos os laços, foge da estrebaria e, finalmente livre, assenhoreia-se do campo aberto e ora corre para os pastos e para os rebanhos de éguas, ora se atira em direção às familiares águas do rio onde costuma banhar-se; e ergue alto a cabeça, relincha fogoso e, sôbre o pescoço e sôbre as espáduas, salta-lhe a crina.

A RAINHA DOS VOLSCOS

Ao encontro de Turno, seguida pelo exército dos volscos, avançava Camila. A rainha saltara do cavalo mesmo às portas, e os cavaleiros todos, imitando-a, haviam-se apeado. Então ela falou:

— Ó Turno, se os fortes têm algum direito de confiar em si mesmos, eu te prometo que ousarei marchar contra a cavalaria dos troianos e enfrentar sòzinha os cavaleiros etruscos. Deixa-me arrostar com as minhas mãos os primeiros perigos do combate; tu, detem os infantes junto aos muros e guarda as nossas fortificações.

Turno, com os olhos fixos na terrível donzela, lhe respondeu:

— Ó virgem que és a glória da Itália, como poderei agradecer-te e recompensar-te? Mas agora, visto que êsse teu valor está acima de tudo, reparte comigo os trabalhos. Os rumores que ouço e os exploradores que enviei trazem-me a notícia segura de que o audacioso Enéias enviou à frente sua cavalaria ligeira para que bata as planícies; êle próprio, tendo subido ao alto da montanha, dirige-se à cidade pelos cumes desertos. Eu lhe estou preparando uma emboscada no sinuoso caminho da floresta: com guerreiros armados ocuparei as duas extremidades da vereda. Tu, em batalha campal, enfrentarás os cavaleiros etruscos; contigo estarão o impetuoso Messapo, os esquadrões latinos e as tropas de Tiburto. Tu te encarregarás de os comandar.

Assim falou e, com palavras semelhantes, exortou ao combate Messapo e os chefes aliados, e prosseguiu contra o inimigo.

Havia um tortuoso vale, próprio para um ataque à traição; de um e de outro lado, sôbre os sombrios flancos, espêssa floresta o cercava; para ali se vai através de uma senda, por estreitos desfiladeiros e por uma difícil entrada. Sôbre o vale, no mais alto do monte, jaz uma oculta esplanada, abrigo seguro de onde se pode, pela direita ou pela esquerda, correr à batalha, ou atacar dos cumes, fazendo rolar enormes pedras. Para ali Turno se dirigiu pelos caminhos que êle bem conhecia, assenhoreou-se do lugar e postou-se em emboscada na enganadora floresta.

Entrementes, na alta morada dos deuses, Diana chamava a rápida Ópis, uma das virgens de seu sagrado séquito, e assim lhe falava com tristeza:

— Ó virgem, Camila segue para a cruel guerra e em vão cingiu-se com as armas de que tanto gostamos; Camila, que é para mim a mais querida entre as mulheres. E êste afeto não é recente nem seu encanto comoveu de súbito o meu coração. Quando Métabo, expulso do seu reino por causa do ódio que provocava sua arrogante prepotência, deixou a antiga cidade de Priverno fugindo por entre as batalhas, levou como companheira de exílio sua filha pequenina, a quem, modificando um pouco o nome da mãe, Casmila, êle chamou Camila.

Êle próprio, levando-a no colo, buscava os mais distantes cumes, recobertos de bosques solitários. De tôdas as partes, dardos furiosos o perseguiam e soldados volscos, espalhados em redor, corriam para um e outro lado. De repente, no meio da fuga, deparou com o rio Amaseno, cujas águas espumantes haviam crescido até a altura das margens por causa da chuva abundante que se lançara das nuvens. Devia atravessá-lo a nado, mas o amor paterno o fazia hesitar: receava por seu querido fardo. Após remoer consigo todos os projetos, de súbito, a custo, assim decidiu: ao terrível dardo que êle segurava por acaso com sua forte mão, à madeira carregada de nós, que o fogo enrijecera, o guerreiro atou sua filha, envolta na casca de um sobreiro do bosque; prendeu-a, em equilíbrio, ao meio da lança e, enquanto a brandia com sua mão enorme, disse, fitando o céu: «Ó virgem divina, filha de Latona, eu, como pai, consagro ao teu serviço esta menina. Ela segura pela primeira vez a tua arma e, suplicante, foge, pelos ares, ao inimigo. Recebe, eu te imploro, ó deusa, a menina que é tua e que agora eu confio às inseguras brisas.» Assim falou e, erguendo o braço, despediu a lança; as ondas ressoaram e, por cima da rápida corrente, voou, com o sibilante dardo, a infeliz Camila. Métabo, porém, visto que uma grande multidão já os perseguia mais de perto, lançou-se ao rio e, vitorioso, arrancou do solo relvoso a lança com a menina, que êle me consagrou. Cidade alguma o recebeu em suas muralhas nem êle, em seu orgulho, teria confessado a própria derrota: viveu, nos montes solitários, a vida dos pastôres. Ali, nas moitas, entre as hirtas moradas das feras, alimentava a filha com o leite de uma égua selvagem, espremendo-lhe sôbre os tenros lábios a teta do animal. E logo que ela deu os seus primeiros passos, armou-lhe as mãos com um agudo dardo e pendurou ao ombro da menina o arco e as flechas. Ela não teve ouro a prender-lhe os cabelos, não se cobriu com longos vestidos: a pele de um tigre descia-lhe do pescoço sôbre o corpo. Desde os primeiros anos, atirava, com a delicada mão, seus dardos pueris, fazia girar em redor da cabeça a retorcida correia da funda e abatia o grou trácio ou o cisne branco. Em vão, nas

cidades etruscas, muitas mães a quiseram para nora; ela, porém, dedica-se a Diana sòmente e, casta, cultiva eterno amor à virgindade e às armas. Eu gostaria que ela não quisesse tomar parte em tal guerra, não tentasse atacar os troianos, ela, que me é cara e que eu desejaria ter agora como uma das minhas companheiras. Mas já que um destino cruel a persegue, vai, ó ninfa, desliza pelo céu, visita as terras do Lácio, onde, sob infeliz presságio, se trava uma triste batalha. Toma estas armas, tira da aljava a seta vingadora: e se alguém, troiano ou itálico, violar com uma ferida o corpo que me é consagrado, pague com seu sangue essa culpa. Depois eu mesma, dentro de uma nuvem, levarei ao sepulcro o corpo da infeliz com suas armas, das quais não será despojada, e sepultá-la-ei em sua pátria.

Assim falou; e a ninfa, envolta em negro turbilhão, desceu com ruído pelas ligeiras brisas do céu.

OS FEITOS DE CAMILA

Entrementes as tropas troianas, os chefes etruscos e tôda a cavalaria, repartida em esquadrões iguais, aproxima-se das muralhas. Pela planície tôda saltam os cavalos, a fremir, lutam contra as rédeas entesadas, voltam-se para um e outro lado. O campo, eriçado de lanças em longa extensão, parece de ferro; luzem pela planície as armas levantadas. Do outro lado, Messapo e os céleres latinos, Coras com seu irmão e a ala comandada pela virgem Camila surgem hostis, com os braços erguidos, a enristar de longe as suas lanças, a brandir os seus dardos. Cresce o ruído dos homens que chegam e o fremir dos cavalos. Ambos os exércitos se adiantam e param à distância de um tiro de lança; de súbito acometem, entre gritos, e a voz dos guerreiros excita os cavalos; de tôda a parte, qual flocos de neve, chovem ao mesmo tempo copiosos dardos, que ensombram o céu.

Primeiro Tirreno e o ardente Aconteu correm um contra o outro, com as lanças em riste, e batem-se, fazendo enorme ruído; com o choque, abrem-se os peitos dos cavalos. Como

que atingido por um raio ou pelo projétil de uma balista, Aconteu é arrancado da sela e atirado para longe e exala nos ares sua vida. Perturbam-se as tropas dos latinos, que, postos em fuga, cobrem-se com os escudos e voltam os cavalos para os muros. Os troianos os seguem e Asilau, à frente, conduz seus esquadrões. E, já perto das portas, os latinos põe-se a gritar e voltam de novo os ágeis pescoços dos cavalos. Os troianos recuam, fogem a tôda a brida, qual a água do mar, que avança e retrocede, ora se precipita para a terra e, a espumar, se atira em cima dos rochedos e banha, com suas curvas, a areia mais distante, ora reflui veloz, sorve de novo os seixos que volvera em seu fluxo e, com as últimas ondas que se afastam, deserta a praia.

Duas vêzes os etruscos perseguem até as muralhas os rútulos em fuga, duas vêzes, rechaçados, voltam cobrindo as costas com os escudos. Mas, ao se encontrarem pela terceira vez, travam combate e tôdas as tropas se enredam na luta e cada um escolhe o seu adversário; começa então a terrível batalha: ouve-se o gemer dos moribundos, e as armas e os cadáveres e os cavalos semimortos em meio à matança dos homens rolam em ondas de sangue.

Orsíloco, que receava medir-se com Rêmulo, atirou uma lança contra o cavalo dêste e o ferro se prendeu sob a orelha do animal; enfurecido pelo golpe, êste se empina e escoiceia, aos corcovos, sem poder suportar a ferida; e o cavaleiro, derrubado, rola por terra.

Catilo abate Iolas e Hermínio, gigante na coragem, nas armas e no porte; traz descoberta a loira cabeleira, descobertos os ombros; as feridas não o atemorizam: êle oferece às armas do inimigo seu grande corpo. A lança atirada treme-lhe entre os largos ombros; transpassado de dor, êle é partido ao meio.

Por tôda a parte rola o negro sangue; os combatentes matam ou buscam nas feridas uma gloriosa morte. No meio da matança, como uma amazona, Camila salta, com a aljava ao ombro e um seio descoberto para a luta; ora sua mão despeja profusamente os ágeis dardos, ora, com a destra incansável, ela agarra uma forte bipene. E sôbre sua espádua, o

arco de ouro e as armas de Diana ressoam. Por vêzes também ela, rechaçada, vira as costas e foge, mas, na fuga, volta-se e atira flechas com seu arco. Em tôrno dela estão companheiras de escol: a virgem Larina e Tula e Tarpéia, que brande um machado de bronze, tôdas italianas que a excelente Camila escolheu como guarda de honra, para bem a servir tanto na paz como na guerra. Assim são as amazonas da Trácia quando cavalgam sôbre as águas geladas do rio Termodonte e combatem com suas armas pintadas, seja em redor de Hipólita seja após o carro que conduz Pentesiléia, filha de Marte, e o exército de mulheres brada, em grande tumulto, e se agita, com os escudos em forma de crescente.

Qual foi o primeiro, qual o último que teu dardo abateu, ó terrível virgem? Quantos agonizantes espalhaste por terra? O primeiro foi Emeu, filho de Clítio; com um longo dardo, Camila atravessou-lhe o peito descoberto quando êle avançava para ela. Êle cai, vomitando rios de sangue, e morde a terra ensangüentada e, a morrer, revolve-se sôbre a própria ferida.

Depois foi a vez de Líris e de Págaso; um foi derrubado enquanto tentava recolher as rédeas do cavalo ferido, o outro quando se aproximava e estendia a mão desarmada para apoiar o companheiro; tombam ambos e rolam ao mesmo tempo. A êstes ela ajunta Amastro, filho de Hípota, e persegue Tereu, Hirpálico, Demofoonte e Crômis e os ameaça de longe com sua lança; quantos dardos lançou com sua mão virginal, tantos guerreiros frígios sucumbiram.

Ao longe, Órnito, com suas estranhas armas de caçador, monta um cavalo iapígio; a pele arrancada a um novilho selvagem cobre-lhe os largos ombros; a enorme bôca aberta e a queixada de um lôbo com os seus alvos dentes servem de capacete, e um rústico venábulo arma suas mãos. Êle se agita em meio aos esquadrões e sua cabeça se ergue mais alta do que todos. Camila o apanha sem esfôrço, após ter vencido os seus esquadrões, e o transpassa e acrescenta ao golpe estas palavras cheias de ódio:

— Tu pensaste, ó etrusco, que estavas caçando feras nas florestas? Chegou o dia em que as armas de uma mulher responderiam à vossa jactância. Contudo, não é pequena a glória que levarás aos manes dos teus antepassados: tu morreste pela mão de Camila!

Logo após, ela mata Orsíloco e Butes, dois troianos de corpos de gigantes. A Butes, que lhe voltara as costas, ela fere com a lança entre o elmo e a couraça, no lugar onde se vê o pescoço do cavaleiro e de onde pende o escudo sôbre o braço esquerdo. Fugindo a Orsíloco, ela descreve um grande círculo e, enganando-o, aperta as voltas e persegue o seu perseguidor; então, erguendo-se mais alto do que êle, que implora e lhe faz muitas súplicas, desfecha fortes golpes de machado sôbre as armas e os ossos do guerreiro; da ferida lhe sai o quente cérebro, que se lhe espalha pelo rosto.

De súbito, o guerreiro filho de Auno, morador do Apenino, depara com ela e, vendo-a, detém-se amedrontado; êle não era o último dos lígures enquanto o destino lhe permitiu fazer as suas trapaças. Quando viu que não poderia escapar pela fuga ao embate nem rechaçar a rainha que o perseguia, pôs-se a imaginar, com sua astúcia, um estratagema; e, ardilosamente, assim falou:

— Que há de tão notável em confiares, mulher que és, na rapidez do teu cavalo? Deixa a idéia da fuga e vem medir-te comigo corpo a corpo, no mesmo plano: dispõe-te a combater a pé. Verás então a quem será nociva a jactância!

Assim falou; e ela, enfurecida, excitada por forte cólera, entrega seu cavalo a uma companheira e, destemida, espera o inimigo com armas iguais, a pé, a espada nua, o escudo sem ornatos. O jovem, crendo no sucesso do ardil, põe-se êle próprio em fuga sem demora e, viradas as rédeas, escapa, esporeando o rápido cavalo.

— Lígure sem valor, em vão tu te gabaste e inùtilmente usaste, em tua insegurança, das fraudes de tua pátria: teu artifício não te devolverá incólume ao mentiroso Auno.

Assim falou a virgem e, rápida como um raio, ultrapassou, com os seus pés velozes, o cavalo a galope. Toma-lhe as

rédeas, põe-se-lhe à frente e se vinga no sangue do inimigo — com a facilidade do falcão, essa ave sagrada, quando se atira do alto de um rochedo após uma pomba que sobe nos ares e a agarra e domina e desentranha com os seus pés aduncos, e caem do céu o sangue e as penas arrancadas.

A MORTE DA HEROÍNA

Entretanto, sentado no mais alto do Olimpo, o criador dos homens e dos deuses observa êstes fatos com os olhos atentos. O deus incita ao combate o etrusco Tarcão e lhe estimula fortemente a ira. Êle cavalga, pois, por entre o morticínio e as tropas que começam a ceder, exorta os esquadrões chamando os guerreiros por seus nomes, reconduz ao combate os fugitivos:

— Ó etruscos sempre inertes, que nunca vos haveis de irritar, que temor, que fraqueza tão grande se apoderou dos vossos corações? Uma mulher vos põe em fuga e derrota vossa cavalaria! Por que temos nas mãos as espadas e êstes inofensivos dardos? Mas não sois indolentes para os combates noturnos de Vênus ou quando a curva flauta de Baco dá o sinal das danças. Esperai os banquetes e os copos de uma farta mesa, pois êsse é o vosso amor, êsse o vosso desejo; esperai que o arúspice anuncie um feliz sacrifício e que uma gorda vítima vos chame para o fundo dos bosques sagrados!

Dito isso, impeliu seu cavalo para o meio da luta, disposto a morrer também êle; furioso, lança-se para Vênulo, desmonta o inimigo, agarra-o com o seu forte braço, aperta-o contra o peito. Um clamor ergue-se para o céu e todos os latinos desviam os olhos. Como um raio,Tarcão voa pela planície, levando o guerreiro e suas armas; quebra-lhe a ponta da lança e busca uma abertura na couraça, por onde o possa ferir de morte. Vênulo, debatendo-se, procura afastar de seu pescoço a mão do inimigo e repelir a fôrça pela fôrça.

Quando uma fulva águia apanha e leva, voando alto, uma serpente e prende-a com os pés, segura-a com as garras, a cobra, ferida, volve as sinuosas roscas e se eriça, levantando as escamas, e sibila e se ergue ameaçadora; e, embora ela

resista, a águia continua a apertá-la com seu adunco bico, enquanto corta os ares com as asas. Assim Tarcão transporta triunfante a prêsa que fizera nas fileiras de Tíbur.

O exemplo e o sucesso do chefe animam os etruscos ao ataque. Então, marcado pelo destino e superior por uma grande astúcia, Arunte corre com sua lança em redor da rápida Camila e procura a melhor ocasião para a ferir. Arunte acompanha a ardente jovem para onde quer que ela se dirija no meio das tropas e, às ocultas, segue-lhe as pisadas; quando ela se afasta e torna, vitoriosa, o moço volta disfarçadamente as suas ligeiras rédeas. Por aqui, por ali, êle tenta atingi-la e cerca-a de todos os lados, brandindo, obstinado, a infalível lança.

Por acaso Cloreu, consagrado a Cibele e outrora sacerdote da deusa, destacava-se ao longe, reluzindo sob as armas troianas, e excitava o espumante cavalo coberto por uma pele entrelaçada de ouro, sôbre a qual escamas de bronze imitavam plumas. Êle, vestido de brilhante púrpura estrangeira e escura, lançava, com um arco lício, flechas de Gortina. Trazia uma aljava de ouro pendente do ombro e o capacete de ouro dos adivinhos; havia prendido com um broche de ouro a clâmide de linho amarelo, com pregas, e tinha a túnica e as grevas à moda oriental, bordadas com agulhas. A moça, ou porque desejasse suspender num templo as armas troianas ou por querer mostrar-se adornada com o ouro do vencido, cegamente corria após êle, qual uma caçadora, e, imprudente, só a êle perseguia no meio do exército, ardendo em feminil cobiça daquela prêsa e daqueles espólios. Então Arunte, que a espreitava, tendo encontrado finalmente a ocasião propícia, brandiu um dardo e assim invocou os deuses do céu:

— Ó Apolo, que guardas o sagrado Soracte e és o maior dos deuses, — a quem veneramos mais que os outros povos e para quem alimentamos a chama dos pinheiros amontoados e, confiados em nossa piedade de adoradores, andamos com os pés descalços pelo meio do fogo, sôbre vastos braseiros, — concede-nos ó Pai onipotente, tirar de nossas armas esta desonra. Não desejo os despojos, o troféu ou algum espólio da virgem que vou golpear; é de outros feitos que eu espero a glória.

Contanto que êste terrível flagelo caia sob meus golpes, consentirei em retornar sem honras à minha pátria.

Apolo o escutou e, em seu espírito, concedeu que se realizasse uma parte do voto e dispersou a outra nas tênues brisas: permitiu-lhe abater Camila surpreendendo-a com uma inesperada morte; mas não lhe concedeu que sua alta cidade o visse de volta; e as procelas levaram, com os ventos, suas últimas palavras.

Quando, pois, a lança atirada pela mão de Arunte sibilou nos ares, os volscos todos, atentos, voltaram os olhos para a rainha. Ela, porém, não percebeu o ruído no ar nem o dardo que vinha através do espaço, até que a lança atingiu o seu alvo e cravou-se no seio descoberto, penetrou fundamente e bebeu-lhe o sangue virginal. Acorrem as assustadas companheiras e sustentam a rainha que tomba. Arunte, apavorado, é o primeiro a fugir, com um misto de mêdo e de alegria, e já não ousa confiar em sua lança nem expor-se aos dardos da moça. Assim o lôbo, antes que as armas inimigas o persigam, afasta-se logo e vai esconder-se nos altos montes: matou um pastor ou um grande novilho e, consciente da audácia de seu feito, mete a trêmula cauda entre as pernas e procura as florestas. Da mesma forma, Arunte, perturbado, esquiva-se aos olhares e, satisfeito por haver fugido, mistura-se com a turba dos guerreiros.

Camila, agonizando, tenta arrancar o dardo com a mão; mas a ponta de ferro fica entre seus ossos, enterrada até o flanco na profunda ferida. Exangue, desfalece, desfalecem-lhe os olhos sob o gêlo da morte; suas faces rosadas perdem a côr. Então, morrendo, dirige-se a Aca, sua companheira mais fiel, com a qual costumava partilhar seus cuidados; e assim lhe diz:

— Aca, minha irmã, não posso mais! Esta acerba ferida me mata e, em redor de mim, tudo se envolve em trevas. Foge e leva a Turno minha mensagem derradeira: que venha combater em meu lugar e afaste da cidade os inimigos. E agora, adeus!

Assim dizendo, abandonou as rédeas e, sem querer, resvalou até o chão; já fria, pouco a pouco liberta-se do corpo; pende-lhe o lângüido pescoço e a cabeça tomada pela morte; as armas lhe escapam e a alma exasperada foge, com um gemido, para o reino das sombras. Então se ergue um imenso clamor, que vai golpear as fúlgidas estrêlas: morta Camila, recrudesce a luta. Ao mesmo tempo avançam, em cerradas fileiras, as fôrças troianas, os chefes etruscos e as alas árcades de Evandro.

Mas Opis, sentinela de Diana, havia muito estava sentada no mais alto de um monte e, sem receio, olhava os combates. E logo que, em meio ao clamor dos jovens excitados, ela, de longe, viu Camila abatida por uma triste morte, deu um gemido e, do fundo do peito, soltou estas palavras:

— Infelizmente, ó virgem, pagaste com um castigo muito, muito cruel, a audácia de haver atacado os troianos! Não te serviram as honras que, sòzinha, nas selvas, tu prestaste a Diana, nem o teres levado no ombro as nossas aljavas. Contudo, tua deusa não te deixou sem glória já no extremo da vida; esta morte será famosa entre as nações e não se há de dizer que não fôste vingada. Quem quer que haja violado, com uma ferida, o teu corpo, pagá-lo-á com a merecida morte.

Ao pé de um alto monte havia o túmulo de rei Derceno, um antigo laurêncio: era uma grande elevação de terra, à sombra de frondosa azinheira. Com um rápido vôo, a belíssima deusa veio pousar ali e, do alto do outeiro, observava Arunte. Vendo-o reluzente em sua armadura e cheio de vaidade, assim falou:

— Por que te afastas para outro lado? Volta os teus passos para cá; vem morrer aqui e receber o prêmio da morte de Camila. Não deves tu também perecer pelas armas de Diana?

Assim falou a trácia e tirou da aljava de ouro uma rápida flecha e, cheia de rancor, distendeu o seu arco e dobrou-o com fôrça até que os extremos se juntassem e suas mãos, num esfôrço igual, uma tocasse a ponta da flecha, outra a corda que ela puxava contra o seio. Então Arunte ouviu ao mesmo

tempo o sibilar do dardo e a ressonância do ar, e o ferro entrou em seu corpo. Os seus o abandonam moribundo, esquecem-no a soltar o último gemido na ignorada poeira da planície. Ópis, a voar, retira-se para o etéreo Olimpo.

A FUGA DOS ITÁLICOS

Perdida a rainha, a cavalaria ligeira de Camila é a primeira a fugir; os rútulos fogem desordenadamente, foge o impetuoso Atinas, os chefes dispersos e os batalhões sem chefes buscam lugar seguro e, voltando os cavalos, correm para as muralhas. Ninguém tem fôrça para suster, com os dardos, os troianos que os perseguem trazendo-lhes a morte, ou para ficar firme em seu lugar; levam os arcos frouxos sôbre os ombros cansados e os cascos dos cavalos a galope golpeiam o poeirento chão. Qual uma negra nuvem, um turbilhão de poeira rola para a muralhas e, no alto das tôrres, as mães batem no peito e erguem até o céu um feminil clamor. Os primeiros que, em sua carreira, irrompem pelas portas abertas, vêem cair sôbre êles uma multidão de inimigos que se haviam misturado ao exército em fuga; os infelizes não escapam à morte: à entrada da cidade, entre os muros da pátria, já quase abrigados em suas casas, são feridos e rendem suas almas. Alguns fecham as portas e não ousam dar passagem aos próprios companheiros, apesar de seus rogos, e recebê-los na cidade. Começa então a mais triste matança dos que, armados, defendem a entrada, dos que se lançam sôbre as armas dêles.

Daqueles que ficaram fora, uns, vendo-se perdidos, precipitam-se nos escarpados fossos ante os olhos chorosos dos pais; outros, excitados, lançam-se cegamente, como um aríete, contra as portas fechadas. Por sua vez as mulheres, do alto dos muros, tendo visto o exemplo de Camila, empenham-se num supremo combate, instigadas por um sincero amor da pátria: trepidantes, lançam dardos com as mãos e, como armas, tomam bastões de rígido carvalho, tomam chuços que o fogo endurecera, correm e ardem em desejo de serem as primeiras a morrer na defesa dos muros.

Entrementes, nas selvas, a crudelíssima notícia aturde a Turno; Aca enche o jovem de grande agitação contando-lhe que fôra destruído o exército dos volscos, Camila fôra morta, os inimigos os tinham perseguido ameaçadores e, com o favor de Marte, apoderavam-se de tudo; e o terror já chegava até as muralhas. Êle, enfurecido, — e era esta a vontade impiedosa de Júpiter — abandona as colinas que ocupava, deixa os ásperos bosques.

Mal Turno havia desaparecido e ocupava a planície, o herói Enéias, entrando pelo desfiladeiro que o inimigo deixara livre, transpõe o monte e sai da floresta. E ambos marcham ràpidamente, com tôdas as tropas, para a cidade, a pequena distância um do outro. Enéias viu ao longe a nuvem de poeira sôbre os campos e os batalhões laurêncios; e, ao mesmo tempo, Turno reconheceu, sob a armadura, o terrível Enéias e ouviu os passos dos homens que se aproximavam e a respiração dos animais. E teriam imediatamente travado batalha e tentado o combate se o róseo Febo já não banhasse no mar da Espanha os cansados cavalos e, findo o dia, não trouxesse a noite. Êles acampam diante da cidade e fortificam os seus arraiais.

LIVRO XII

A VITÓRIA DE ENÉIAS

Turno, ao ver que os latinos, alquebrados pelos reveses do combate, esmoreciam e, de olhos fitos nêle, reclamavam o pronto cumprimento da promessa, tornou-se mais enérgico e implacável, exaltou-se ainda mais. Como, nos campos da África, o leão que os caçadores gravemente feriram no peito emprega, enfim, tôdas as suas fôrças, e tem prazer em sacudir a juba sôbre o pescoço musculoso, e quebra sem receio o dardo traidor que o transpassou, e ruge com a bôca ensangüentada — assim, na alma irada de Turno, aumenta a violência.

TURNO ACEITA O DUELO

Então dirige-se ao rei e, impetuosamente, assim principia:

— Não há, da minha parte, hesitação alguma; eu não darei motivo para que os frouxos companheiros de Enéias se esquivem ao que estabeleceram: vou ao combate. Prepara o sacrifício, ó rei, e dize a fórmula do tratado. Ou eu, com esta mão, enviarei ao Tártaro o troiano, o desertor da Ásia — que os latinos se sentem e o contemplem! — e apagarei, sòzinho, a desonra de todos, ou êsse homem nos há de sujeitar e a êle caberá Lavínia como espôsa.

Latino respondeu tranqüilamente:

— Ó valoroso jovem, quanto mais tu te exaltas com soberba coragem, tanto mais eu devo refletir muito e cautelosamente pesar todos os fatos. Tu tens os reinos de Dauno, teu pai, tens muitas fortalezas que conquistaste com tua mão; e eu tenho muito ouro e serei generoso para contigo. Há no Lácio e na terra dos Laurentes outras donzelas de origem nobre, que não são indignas de ti. Deixa que eu te exponha sem rodeios cousas difíceis de dizer e guarda-as em tua alma: o fado me proibira de casar minha filha com um de seus antigos pretendentes; assim diziam todos, deuses, e adivinhos;

mas, pela afeição que te dedico, por nosso parentesco, pelo pranto de minha aflita espôsa, consenti em romper todos os pactos: arrebatei a Enéias a filha que lhe havia prometido e, ímpio, tomei armas contra êle. Que desgraças, que guerras desde então me atormentam, tu o vês, ó Turno; e que provações és tu o primeiro a sofrer. Vencidos duas vêzes em grandes combates, a custo pudemos abrigar nesta cidade aqueles que são as esperanças da Itália. O sangue dos nossos aquece ainda as ondas do Tibre, seus ossos branqueiam as vastas planícies. Por que eu tantas vêzes volto atrás? Que loucura transtorna o meu espírito? Se fôres morto, devo fazer aliança com os troianos; não seria melhor suspender os combates enquanto ainda vives? Que hão de dizer os rútulos, nossos consangüíneos, que há de dizer o resto da Itália se eu — que a sorte o não permita! — te entregar à morte quando me vens pedir a filha em casamento? Pensa nos azares da guerra, tem pena de teu velho pai, que agora sofre longe de ti, em Ardéia, sua pátria!

Essas palavras não abrandaram, de modo algum, a violência de Turno; antes o exasperaram e, buscando acalmá-lo, o excitaram ainda mais. Quando pôde falar, assim respondeu:

— Ó excelente rei, eu te suplico: deixa êsse cuidado que tens de mim e, porque me estimas, permite-me alcançar a glória com a morte. Mas nós também, ó rei, sabemos lançar dardos e em nossa mão a arma não fraqueja: das chagas que fazemos corre o sangue! A deusa mãe de Enéias nem sempre estará junto dêle para, num artifício feminino, ocultar-lhe a fuga com uma nuvem, enquanto ela em vão se esconde nas sombras.

Entretanto a rainha, assustada ante as novas condições do combate, chorava e, quase à morte, procurava reter o impetuoso genro:

— Ó Turno, que és agora a única esperança, o único esteio desta infeliz velhice, tu tens nas mãos a glória de Latino e o seu poder, em ti se apóia a nossa casa vacilante. Por estas lágrimas, pela minha amizade, se é que me tens alguma, eu te suplico uma só cousa: não queiras combater com o troiano. O que quer que a sorte te reserve nesse combate, também a

mim o reserva, ó Turno; eu deixarei junto contigo esta odiosa vida e não verei, prisioneira, Enéias como genro.

Lavínia escutou as palavras da mãe com as faces a queimar, banhadas de lágrimas, e um forte rubor espalhou-se por seu rosto febril. Como se tinge com rubra púrpura o marfim da Índia, como os alvos lírios enrubescem no meio das rosas, assim corava o rosto da donzela. Louco de amor, Turno a contempla, e cresce ainda mais o seu ardor guerreiro. Brevemente dirige-se a Amata:

— Ó rainha, eu te peço: não me aflijas com lágrimas nem com tão mau presságio no momento em que eu parto para os duros combates. Não está em meu poder retardar o instante da morte. — Tu, Ídmon, serás meu mensageiro. Leva ao tirano frígio estas palavras, que não lhe agradarão: amanhã, quando a Aurora, em seu carro de púrpura, ruborizar o céu, não conduza os troianos contra os rútulos. Descansem as armas dos troianos, descansem os rútulos: com o nosso sangue, poremos fim à guerra; disputaremos, no campo de batalha a mão de Lavínia.

Dito isso, voltou ràpidamente para casa. Pediu os seus cavalos e alegrou-se de os ver a fremir diante dêle. A própria Orítia, para honrar Piluno, lhe dera êsses corcéis mais brancos do que a neve, mais rápidos que o vento. Em volta dêles, azafamavam-se os cocheiros, excitavam-nos com palmadas no peito, penteavam-lhes a crina.

Turno pôs sôbre os ombros sua couraça de claro oricalco e ajustou, para os experimentar, a espada, o escudo, o capacete de rubras plumas. — Essa espada, o próprio deus do fogo a fabricara para o pai de Turno e a tinha mergulhado, incandescente, nas águas do Estige. — Depois agarrou com violência uma potente lança que estava encostada a uma enorme coluna, no meio do palácio; êle a tinha tomado ao aurunco Actor; e brandiu-a, gritando:

— Agora, ó lança que nunca falhaste quando eu te chamei, chegou o momento! De ti serviu-se o poderoso Actor, de ti agora serve-se Turno. Concede-me estender por terra o efeminado frígio e, com meu forte braço, arrancar-lhe a cou-

raça e espedaçá-la e sujar-lhe de pó os cabelos frisados a ferro quente e cheios de perfume!

Tal é a fúria que o agita. Do rosto abrasado saltam-lhe faíscas e, nos duros olhos, brilha o fogo. Assim o touro, quando vai ao primeiro combate, solta mugidos aterradores, experimenta a fôrça de seus chifres irados arremetendo contra um tronco de árvore, fere o ar com seus golpes e, espalhando aria, ensaia a luta.

Entrementes Enéias, terrível sob as armas que lhe dera sua mãe, anima-se ao combate e excita a própria ira, alegre de poder, com o duelo proposto, pôr têrmo à guerra. Recordando os oráculos, consola os companheiros e acalma o receio de Julo. E envia ao rei Latino guerreiros que lhe levem uma resposta certa e lhe digam as condições da paz.

O PACTO

Apenas o clarão do novo dia se espargira sôbre o cume dos montes, na hora em que os corcéis do Sol começam a subir do mar profundo soltando luz pelas ventas erguidas, rútulos e troianos, sob os muros da grande cidade, já haviam medido e preparavam o campo para a luta e, no meio, os fogos sagrados e os altares de grama para os deuses pelos quais todos haviam de jurar. Outros, com as vestes cingidas de púrpura e as frontes coroadas de verbenas, traziam fogo e água pura.

A legião dos itálicos avança, os batalhões cerrados se derramam pelas portas abertas. De outro lado, as tropas dos troianos e etruscos marcham impetuosas com variadas armas; vêm tão armados como os chamasse uma dura batalha. E, entre êsses milhares de guerreiros, voltejam os chefes, soberbamente ornados de ouro e púrpura: Mnesteu, filho de Assáraco, o forte Asilas e Messapo, domador de cavalos, filho de Netuno.

Dado o sinal, cada um toma seu pôsto, crava na terra a lança, depõe o escudo. Então, ansiosos, as mulheres, o povo sem armas e os fracos anciãos ocupam as tôrres e os tetos das casas; outros se colocam junto das altas portas.

Entretanto, do alto do monte que agora se chama Albano e que não tinha então nome nem honra ou glória, Juno olhava a planície e contemplava os dois exércitos, o laurêncio e o troiano, e a cidade de Latino. Então, como deusa que fala a outra deusa, dirigiu-se a Juturna, irmã de Turno, a qual preside aos lagos e aos sonoros rios, honra que Júpiter, o grande rei do céu, lhe atribuiu como preço de sua virgindade:

— Ó ninfa, glória dos rios e tão cara ao meu coração, tu sabes que, entre tôdas as mulheres latinas que subiram ao ingrato leito do grande Júpiter, só a ti estimei e, de bom grado, dei-te um lugar no céu. Fica sabendo, pois, de onde vem tua infelicidade para que não me culpes, ó Juturna. Enquanto a Fortuna pareceu tolerar e as Parcas permitiram o sucesso do Lácio, protegi Turno e as tuas muralhas; agora vejo que êsse jovem luta com um destino superior ao seu e que chegam as fôrças inimigas e o dia marcado pelas Parcas. Eu não posso presenciar essa luta nem essa aliança. Tu, se ousas tentar algo mais eficaz em favor do irmão, vai! A ti isso convém. Talvez melhore a sorte daqueles infelizes.

Mal disse essas palavras, Juturna rompeu em pranto e, muitas vêzes, golpeou com a mão seu belo peito.

— O momento não é para lágrimas — disse-lhe Juno —; apressa-te e, se houver algum modo, livra da morte o teu irmão. Ou podes provocar de novo a guerra e desfazer a aliança concluída. Sou eu que te aconselho essa ousadia.

E, tendo-a exortado dessa forma, deixou-a incerta, a alma turbada, o coração ferido.

Entrementes, chegam os reis: Latino é trazido, com grande pompa, por uma quadriga; cingem-lhe a fronte doze brilhantes raios de ouro, simbolizando o Sol, seu ancestral. Turno vem sôbre um carro puxado por dois cavalos brancos e brande duas lanças de largo ferro. De outro lado vem o herói Enéias, que deu origem à estirpe romana, sob o escudo que brilha como um astro e as armas fabricadas pelo deus; e junto dêle, Ascânio, outra esperança da grande Roma, deixa o acampamento. Vestido de branco, um sacerdote traz o filhote de um cerdoso porco e uma ovelhinha ainda não tosada e os aproxima dos

altares acesos. Os reis, com os olhos voltados para o sol que se erguia, oferecem com suas próprias mãos a farinha salgada, marcam com a faca o alto da cabeça dos animais e despejam por cima dos altares o conteúdo das taças. Então o piedoso Enéias desembanhou a espada e assim orou:

— Sirvam-me agora de testemunhas o Sol e esta Terra que eu invoco e pela qual eu pude suportar tão grandes provações; e tu, ó Pai onipotente, e tu, ó Juno, sua espôsa, — e eu te peço, ó deusa, que nos seja agora mais propícia — e tu, ó Marte, ó deus que, com tua vontade, reges tôdas as guerras. E invoco as fontes e os rios e tudo o que nós adoramos nas alturas do céu e todos os deuses do mar cerúleo: foi estabelecido que, se acaso o sucesso couber ao itálico Turno, os vencidos se retirem para a cidade de Evandro; Julo deixará êstes campos e meus companheiros não se rebelarão nem, depois disso, hão de tomar as armas para, de novo, atacar êstes reinos. Mas, se a Vitória permitir que Marte esteja conosco, — e eu creio que sim e oxalá os deuses o confirmem! — não ordenarei que os povos itálicos fiquem sujeitos aos troianos nem pedirei para mim êstes reinos; as duas invictas nações se unirão com direitos iguais numa eterna aliança; dar-les-ei os meus deuses e os meus ritos sagrados; Latino, meu sogro, guardará o comando das fôrças armadas e o supremo poder civil; para mim os troianos edificarão uma cidade, à qual Lavínia dará seu nome.

Falou primeiro Enéias; e a seguir, Latino, com as mãos e os olhos voltados para o céu:

— Eu, ó Enéias, tomo por testemunha as mesmas divindades: a Terra, o Mar, os Astros, o filho e a filha de Latona, Jano, o deus de duas faces, e a fôrça dos deuses infernais e o sagrado reino do terrível Plutão. O pai dos deuses, que sanciona os tratados com seu raio, ouça estas palavras. Com a mão sôbre o altar, eu juro pelo fogo que está entre nós e pelas divindades: o que quer que suceda, nunca os itálicos romperão esta paz e esta aliança; nenhuma fôrça, mesmo que arrase a terra com um dilúvio e confunda o céu com os infernos, me afastará, com o meu consentimento, dêste pacto, como é verdade que êste cetro — êle o tinha na mão — nunca há de produzir ramos de leves fôlhas e nem sombra, visto que, na floresta, foi separado da profunda raiz e não tem quem o nutra e, cortado com um ferro, perdeu a folhagem e os galhos; outrora era uma árvore, mas a mão do artista o engastou no bronze para que o segurassem os reis latinos.

Com tais palavras, confirmam a aliança sob o olhar dos próceres. Depois, segundo o rito, degolam sôbre as chamas as reses consagradas e, antes que morram, tiram-lhes as entranhas e põem sôbre os altares os pratos cheios.

O TRATADO É ROMPIDO

Mas, aos rútulos, há muito tal combate parece desigual e sentimentos vários agitam-lhes as almas; e, ao verem mais de perto que os dois chefes não têm a mesma fôrça, cresce a emoção. A atitude de Turno lhes confirma o temor: êle avança em silêncio e, diante do altar, se inclina suplicante, com os olhos baixos; cobre-lhe as faces a primeira barba e, no entanto, tem o rosto lívido.

Quando Juturna, sua irmã, vê crescer tais murmúrios e as almas, incertas, vacilarem, coloca-se no meio das fileiras fingindo ser Camerte, homem de grandes antepassados, de pai famoso pelo valor e, êle próprio, terrível nos combates. Ela se põe no meio das fileiras, sabendo bem o que deve fazer, e ali semeia comentários diversos:

— Não vos envergonheis, ó rútulos, de expor uma só vida por tantos homens valorosos que somos nós? Acaso não os igualamos em número e vigor? Eis ali os troianos e os árcades todos que o destino reuniu, eis os etruscos, hostis a Turno, Dificilmente encontraremos um inimigo para cada um, se quisermos todos lutar corpo a corpo. Turno, com sua fama, elevar-se-á até os deuses por cujos altares se vai imolar e seu nome estará sempre vivo nos lábios de todos; mas nós, que agora ficamos sentados, inativos, em nossas terras, perderemos a pátria, teremos de prestar obediência a soberbos senhores.

Tais palavras excitaram mais e mais as almas dos jovens e um murmúrio correu por todo o exército; os próprios laurentes, os próprios latinos mudaram de idéia. Aquêles que já estavam contando com o próprio repouso e com a salvação da pátria, agora querem a luta e pedem que se rompa o tratado e têm piedade da sorte de Turno.

Às palavras, Juturna acrescenta algo ainda mais forte: do alto do céu, envia um sinal como jamais prodígio algum havia perturbado a alma dos itálicos e, com isso, os engana. De fato, a fulva águia de Júpiter, voando para o céu avermelhado, perseguia um ruidoso bando de pássaros marinhos, quando sùbitamente, descendo até as ondas, arrebatou, cruel, com suas garras aduncas, um belíssimo cisne. Então admirável espetáculo desperta a atenção dos itálicos: as aves tôdas voltam-se a gritar, escurecem o céu com suas asas e, em bando, perseguem pelo ar o inimigo até que êste, cedendo à violência do ataque e ao pêso do fardo, esmorece, abre as garras, lança a prêsa no rio e foge para o fundo das nuvens. Os rútulos levantam as mãos e saúdam com gritos o presságio. E o àugure Tolúnio é o primeiro a falar:

— Era isto, — diz êle — era isto o que eu muitas vêzes pedi nas minhas preces. Recebo e reconheço a mensagem dos deuses. Segui-me; sob o meu comando, tomai as armas, ó infelizes a quem um estrangeiro temerário faz guerra e amedronta, como se fôsseis aves indefesas, e arrasa com violência as vossas terras. Êle há de fugir, há de navegar para bem longe, no alto mar. Vós todos, cerrai fileiras e lutai em defesa do rei, que êle quer arrebatar-vos!

Assim falou e, correndo para o inimigo, lançou um dardo; a arma produziu um estrídulo som e, certeira, cortou os ares. Então se ergue um imenso clamor; os espectadores tumultuam, os corações inflamam-se. Casualmente a lança voou em direção a nove belos jovens que estavam em frente; eram nove irmãos que uma etrusca, fiel espôsa do árcade Gilipo, lhe havia gerado. Um dêsses é ferido no meio do corpo, onde o cinto cosido aperta o ventre e a fivela prende as duas extremidades. E o belo jovem de armas reluzentes tem as costas

varadas e se estende na fulva areia. A dôr incita a animosa falange dos seus irmãos; e uns desembainham as espadas, outros agarram dardos e avançam cegamente. Os batalhões laurêncios correm-lhes ao encontro e, de novo, os troianos, os etruscos, os árcades de escudos pintados enchem o campo com suas densas fileiras. O mesmo desejo de lutas apossa-se de todos. Saqueiam os altares, e uma sombria tempestade de armas se estende por todo o céu, e precipita-se uma chuva de dardos. Os sacerdotes põem a salvo as taças e o fogo sagrado. Foge o próprio Latino levando os deuses ultrajados pela aliança rompida. Os outros atrelam seus carros ou, de um salto, montam seus cavalos e ali estão, com as espadas nuas.

NOVA BATALHA

Messapo, que desejara ardentemente o rompimento do tratado, lançou o cavalo contra o etrusco Aulestes, que era rei e levava a insígnia real, e afugentou-o; êle, ao recuar, caiu e, infeliz, tombou de costas, com a cabeça e os ombros sôbre os altares. Então o impetuoso Messapo voa para êle de lança na mão e, sem ouvir-lhe os múltiplos pedidos, do alto do cavalo fere-o gravemente com a enorme arma e assim lhe diz:

— Toma! É esta a melhor vítima oferecida aos grandes deuses!

Acorrem os itálicos e despojam o corpo ainda quente.

Corineu adianta-se e, com um tição aceso arrancado a um altar, deita fogo ao rosto de Ebiso, que se aproximava para lhe dar um golpe. A grande barba de Ebiso abrasa-se e exala um forte odor. Corineu o persegue e, com a mão esquerda, agarra a cabeleira do assustado inimigo, mete-lhe o joelho e o estende por terra; e então, com a rija espada, atravessa-lhe o flanco.

Podalírio persegue o pastor Also, que se lançara, por entre os dardos, para a primeira fila, e o ameaça com a espada nua; mas Also ergue o machado e abre a cabeça do inimigo desde o meio da fronte até o queixo; e o sangue corre profundamente e banha-lhe as armas. Um duro repouso, um sono de ferro

pesa-lhe sôbre os olhos, que se fecham para uma noite eterna.

Mas o piedoso Enéias, com a cabeça nua, estendia as mãos desarmadas e, aos gritos, chamava os seus:

— Para onde correis? De onde vem essa súbita discórdia? Reprimi vossa cólera! Foi feito um tratado, tôdas as condições foram estabelecidas: só eu tenho o direito de lutar. Deixai-me ir e não tenhais receio: eu farei, com meu braço, uma aliança segura. Turno é meu; já êstes sacrifícios mo destinam.

Enquanto assim falava, voou uma estridente flecha, que o atingiu. Que mão a atirou, que fôrça a dirigiu? Quem permitiu que os rútulos tivessem tanta glória? Não se sabe. Ficou oculto o autor do grande feito e ninguém se gabou de haver ferido Enéias.

Turno, logo que viu Enéias retirar-se do combate e os chefes perturbados, inflamou-se de súbita esperança; pediu seus cavalos e armas e, soberbo, saltou sôbre o carro e agarrou as rédeas. Correndo para um e outro lado, mata um grande número de homens vigorosos, a muitos faz tombar agonizantes ou, com as rodas do carro, esmaga batalhões; e apanha lanças e as atira contra aquêles que fogem. Quanto o sangrento Marte se agita junto às águas do gélido Hebro e bate no escudo e, provocando as guerras, solta as rédeas aos fogosos cavalos, êstes, no campo aberto, correm mais do que o Noto e o Zéfiro; e os confins da Trácia gemem sob o tropel e, em redor, movimenta-se o cortejo do deus: o Terror, com o seu negro rosto, as Iras e as Insídias. Assim também o impetuoso Turno impele para o meio da luta os suados cavalos, insultando, impiedoso, os inimigos mortos; os rápidos cascos espargem um orvalho de sangue e pisam a areia ensangüentada. E já matara a Estênelo, a Tâmiro e a Folo, a êstes dois atacando de perto, àquele de longe; e de longe matou os dois filhos de Imbraso, Glauco e Lades, que o próprio pai educara na Lícia e armara de modo que igualmente pudessem combater corpo a corpo ou cavalgar mais rápidos que o vento.

De outro lado, Eumedes dirigia-se para o meio da luta. Êsse ilustre guerreiro era filho do velho Dolão; tinha o nome do avô e a coragem e a fôrça do pai — que, um dia, para ir

espionar o acampamento grego, ousou exigir como prêmio o carro do filho de Peleu; mas, por tão grande audácia, recebeu de Diomedes um outro pagamento e já não mais deseja os cavalos de Aquiles! — Logo que Turno, na planície aberta, viu ao longe êsse Eumedes, atirou-lhe um dardo ligeiro; depois deteve os dois cavalos, saltou do carro, lançou-se sôbre o homem caído e semimorto, pisou-lhe o pescoço, arrancou-lhe da mão a refulgente espada e cravou-lha, até o fundo, na garganta; e ajuntou estas palavras:

— Agora, troiano, caído por terra, mede os campos da Itália, que vieste conquistar: êste é o prêmio reservado àqueles que ousam desafiar-me para a luta; é assim que êles fundam suas cidades!

E, atirando a lança, dá-lhe por companheiros Ábite, Cloreu, Sibaris, Dares e Tersíloco e, enfim, Timetes, que escorregara pelo pescoço do rebelde cavalo. Como o Bóreas da Trácia sopra ruidoso sôbre o mar Egeu e corre até a praia atrás das ondas e, no céu, por onde se atira põe as nuvens em fuga — assim, por onde quer que Turno abra caminho, as tropas lhe cedem, os soldados em linha de batalha viram-lhe as costas e fogem precipitadamente. Êle corre, impetuoso, e o vento, contra o qual seu carro avança, lhe agita o flutuante penacho.

Ao vê-lo ameaçador e fremente de ira, Fegeu irritou-se e, postando-se diante do carro, tomou as rédeas às espumantes bôcas dos fogosos cavalos a fim de os deter. É, porém, arrastado, suspenso ao jugo; descobre-se, então, e a larga lança o atinge, crava-se na couraça, rompe-lhe as duplas malhas e lhe enflora o corpo. Êle se cobre com o escudo, desembainha a espada e volta-se contra o inimigo, gritando por ajuda; mas as rodas do carro, em plena corrida, chocam-se contra êle e o derrubam ao chão. Turno lhe salta em cima e o golpeia com a espada entre o elmo e a couraça, cortando-lhe a cabeça, e abandona o tronco sôbre a areia.

ENÉIAS FERIDO

Enquanto Turno, vitorioso, espalha a morte pela planície, Mnesteu e o fiel Acates sustentam Enéias, que volta, ensan-

güentado, para o acampamento e, a cada passo, apoia-se numa comprida lança; Ascânio os acompanha. O herói está furioso e faz por arrancar a flecha quebrada e reclama o mais rápido auxílio: que rasguem a ferida com uma larga espada, abram profundamente o lugar onde a ponta da arma se esconde e o deixem ir de novo ao combate.

E já ali estava o filho de Iásio, Iápige, predileto de Apolo; tomado de afeto, o deus lhe havia outrora oferecido de boa vontade suas artes e dons: a ciência do augúrio, da música e da guerra. Mas êle, a fim de prolongar os dias de seu pai já às portas da morte, preferiu conhecer os poderes das ervas e o uso dos remédios e exercer, sem glória, um mister obscuro.

Enéias se mantinha de pé, apoiado numa enorme lança, a fremir de impaciência diante do aflito Julo e dos muitos guerreiros que o vinham ver; e as lágrimas dêles não o emocionavam. O velho médico, vestido à maneira de Péon, com o manto lançado para traz, debalde se esforça, usando tôda a sua habilidade e as poderosas ervas de Apolo, debalde tenta arrancar o dardo com a mão ou com uma forte pinça; nem a Fortuna lhe indica um meio nem Apolo, seu protetor, o auxilia.

Enquanto isso, no campo de batalha, um selvagem horror aumenta mais e mais e o perigo já está perto. Uma nuvem de pó se ergue até o céu; os cavaleiros se aproximam e uma chuva de dardos cai sôbre o acampamento. Sobem aos ares os dolorosos gritos dos jovens que combatem e que tombam na dura peleja.

Então Vênus, aflita pelas dores do filho, colhe no Ida de Creta o dictamo, com fôlhas novas e uma flor purpúrea. Tal planta é procurada pelas cabras selvagens quando as velozes flechas se lhes prendem no dorso. Vênus, oculta numa escura nuvem, traz essa erva e, mergulhando-a num reluzente vaso, infunde à água pura aí contida um poder misterioso; e asperge-a com os salutares sucos da ambrosia e com uma cheirosa panacéia. O velho Iápige banhou a ferida nessa água, cuja virtude ignorava; e logo tôda a dor deixou naturalmente o corpo de Enéias, todo o sangue parou no fundo da ferida; a

flecha, acompanhando a mão do médico, saiu por si mesma e o herói recobrou o antigo vigor.

— Trazei-lhe logo as armas! Que esperais?

Assim grita Iápige e é o primeiro a excitar o herói contra o inimigo:

— Isto não se fêz com recursos humanos; não foi a minha arte, ó Enéias, não foi a minha mão que te curou; mais poderoso, agiu aqui um deus, que te destina a mais altas emprêsas!

Ansioso por lutar, Enéias já calçara as grevas de ouro e maldizia tudo quanto o retardava e brandia sua lança. Após ter ajustado ao flanco o escudo e às costas a couraça, assim armado abraça Ascânio e, através do elmo, beija-o levemente; e assim lhe diz:

— Aprende de mim, ó meu filho, o valor verdadeiro e o verdadeiro esfôrço; outros te ensinarão a ser feliz... Meu braço agora vai defender-te no combate e conduzir-te aonde grandes prêmios te esperam. Lembra-te disto quando fôres homem; para teres coragem, rememora os exemplos dos teus e não te esqueças de que és filho de Enéias e sobrinho de Heitor.

E, tendo assim falado, encaminha-se para fora das portas, robusto, agitando um dardo enorme; atrás se precipitam Anteu e Mnesteu com um denso batalhão, e a tropa inteira deixa ràpidamente o acampamento. Todo o campo se enche de pó e a terra treme sob os golpes dos pés.

JUTURNA AFASTA O IRMÃO

Do baluarte inimigo, Turno os viu avançar; também os viram os itálicos e um gélido tremor correu pelas entranhas. Foi Juturna a primeira que, antes dos latinos, ouviu aquêle ruído, reconheceu-o e fugiu assustada. Enéias voa pela planície aberta, arrastando consigo seu terrível exército.

Quando, sùbitamente, a tempestade se desencadeia e avança pelo meio do mar, os ventos a precedem e levam o estrondo até a praia e os corações dos pobres camponeses pressentem-na de longe e se apavoram: o temporal arruinará a

plantação e as árvores e fará uma extensa destruição. — Assim é o general troiano a conduzir contra o inimigo, que está à frente, o exército formado em cerradas fileiras cuneiformes.

Timbreu fere com a espada o forte Osíris, Mnesteu a Arcécio; Acates degola Epolão, Gias degola Ufentes; tomba o próprio áugure Tolúnio, o primeiro que havia lançado um dardo contra os troianos.

Um clamor se ergue até o céu e, por sua vez, os rútulos voltam as costas e fogem pelo campo, cobertos de poeira. Enéias, porém, não mata os que fogem nem os que se aproximam a pé, como êle, nem ataca os que lhe lançam dardos. Por entre a espêssa nuvem de poeira, busca Turno com os olhos e chama ao combate apenas Turno.

A forte Juturna, receando pelo irmão, derruba do timão o cocheiro de Turno, Metisco, que segurava as rédeas, e se afasta, deixando-o caído; toma-lhe o lugar e maneja ela própria as rédeas sôltas, com a aparência, a voz, as armas do cocheiro.

Como a negra andorinha voeja na grande propriedade de um rico senhor, percorre os altos átrios recolhendo migalhas para a sua ruidosa ninhada e bate as asas pelos desertos pórticos ou em redor dos frescos lagos — assim Juturna vai, com seus cavalos, por entre os inimigos e, no rápido carro, velozmente atravessa todo o campo; por tôda a parte ela exibe o irmão triunfante mas não o deixa combater com Enéias e se afasta depressa para longe. Enéias, desejoso de encontrar-se com Turno, o acompanha em tôdas essas voltas, segue-lhe os rastros e o chama em voz alta por entre os batalhões dispersos. Cada vez que êle avista o inimigo e se põe a correr, procurando alcançar os rápidos cavalos que lhe fogem, Juturna volta o carro e se desvia. Que fazer? Em vão êle flutua de um sentimento a outro e projetos diversos lhe empolgam a alma.

Então Messapo, que, na veloz carreira, segurava com a mão esquerda dois flexíveis dardos de ponta de ferro, brande um dêles e, com um golpe seguro, o atira contra Enéias. Êste pára e, dobrando um joelho, cobre-se com o escudo; mas a lança atirada o atinge no alto do capacete e arranca-lhe a

cimieira. Isto lhe aumenta a cólera. Forçado pelo insidioso ataque e vendo afastar-se os cavalos e o carro de Turno, chama por testemunhas do pacto violado Júpiter e os altares; depois, terrível, ataca enfim o exército inimigo e, com o favor de Marte, inicia, sem distinção alguma, cruel matança e solta as rédeas de seu furor.

MÚTUOS MASSACRES

Que deus me há de revelar agora tantos horrores? Como cantar tantos massacres e a morte dos chefes que ora Turno ora Enéias perseguiu por tôda a planície? Acaso, ó Júpiter, agradou-te que se atacassem com tão grande paixão tais nações destinadas a viver depois numa eterna paz?

Enéias investe contra o rútulo Sucrão — e esta primeira luta detém o avanço dos troianos —; sem demora o golpeia no flanco e, escolhendo o lugar onde a ferida mata mais depressa, com a cruel espada transpassa-lhe as costelas e o peito.

Combatendo a pé, Turno fere a Ámico, que fôra desmontado, e a Diores, seu irmão. A um, que vinha contra êle, fere com a longa lança; ao outro, com a espada. E pendura em seu carro as cabeças cortadas de ambos e as leva a jorrar sangue.

Num só combate, Enéias dá a morte a Talos, a Tânais e ao forte Cetego e mata o triste Onites, filho de Equião e de Perídia. Turno mata os irmãos vindos da Lícia e dos campos de Apolo, Claro e Temão; mata o jovem Menetes, que era árcade e trabalhava como pescador à beira do piscoso paul de Lerna e, em sua pobre casa, ignorava as honras dos grandes, pois seu pai cultivava uma terra arrendada; de nada lhe valeu odiar a guerra.

Qual fogos que se acendem em muitos pontos de árida floresta e em crepitantes bosques de loureiros, qual rios espumosos que, em veloz descida do alto das montanhas, rumorejam e correm para o mar, cada um devastando seu caminho, — não menos violentos, Enéias e Turno atiram-se aos com-

bates. Agora, sim! Agora o furor lhes borbulha no íntimo, expande-se a indomável coragem de ambos, com tôda a fôrça desfecham golpes.

Enéias faz girar enorme pedra e atinge Murano — que se gabava dos antepassados, da antiga nobreza de seus avós e de sua linhagem, tôda de reis latinos, — e o lança para fora do carro e o estira por terra; caído sob as rédeas e o jugo, as rodas o impelem para a frente e êle é todo pisado pelos rápidos cascos dos cavalos, que não mais reconhecem seu senhor.

Turno vai ao encontro de Hilo — que corria para êle com a alma a fremir de uma selvagem cólera — e lança-lhe um dardo contra a fronte coberta de ouro; a arma transpassa o elmo e se crava no cérebro. E nem Ceteu, o mais forte dos gregos, conseguiu, com o valor de seu braço, eximir-se aos golpes de Turno. E os deuses de Cupenco, que era sacerdote, não o protegeram quando Enéias se aproximou: o infeliz apresentou o peito à arma do inimigo e o escudo de bronze não lhe serviu para deter o golpe.

Os campos de Laurento viram também Éolo perecer e cobrir largamente o solo com seu corpo. Assim morreu aquêle que nem as falanges gregas nem Aquiles, o destruidor de Tróia, conseguiram vencer; era o seu destino. Êle possuía uma grande casa ao pé do Ida e uma grande casa em Lirneso; no solo de Laurento teve o seu sepulcro.

Os dois exércitos voltam-se inteiramente um contra o outro e todos os latinos e os troianos todos, Mnesteu e o terrível Seresto, Messapo, domador de cavalos, e o corajoso Asilas, o batalhão etrusco e os esquadrões de Evandro, cada um emprega, como pode, tôdas as suas fôrças. Sem detença e sem trégua, êles se empenham numa grande batalha.

A MORTE DE AMATA

Então a bela mãe de Enéias lhe inspirou que voltasse ràpidamente as suas tropas, marchasse contra os muros dos latinos e os surpreendesse com uma súbita matança. Êle, enquanto procurava Turno por entre os batalhões dispersos e olhava para todos os lados, viu a cidade isenta da grande guerra, impune e calma. Então o excita a idéia de uma batalha ainda maior; chama os chefes Mnesteu, Sergesto e o forte Seresto e sobe a um outeiro, para onde corre tôda a legião troiana ainda existente, que ali se aglomera sem depor as lanças e os escudos. De pé no meio dêles, sôbre a elevação, Enéias diz:

— Cumpri as minhas ordens sem demora, pois Júpiter está do nosso lado; pois que esta é uma emprêsa repentina, não sejais vagarosos. Já que êles não querem confessar-se vencidos, receber o meu jugo e obedecer-me, hoje eu destruirei o reino de Latino, essa cidade que é a causa da guerra, e deitarei por terra as casas fumegantes. Devo pois esperar até que apraza a Turno aceitar o duelo, até que êsse homem já vencido queira lutar de novo? Esta cidade, ó cidadãos, foi o princípio da nefanda guerra e há de ser o fim. Ponde-lhe fogo já e, por meio das chamas, fazei com que se cumpra o tratado.

Assim falou; e todos, possuídos do mesmo desejo, formam em cunha e, em densos batalhões, avançam para os muros. Sùbitamente, erguem-se as escadas e brilha o fogo. Uns correm em desordem para as portas e massacram os primeiros que encontram; outros atiram dardos, que encobrem o céu. O próprio Enéias vai à frente de todos e, estendendo as mãos para as muralhas, acusa Latino em voz alta e toma os deuses por testemunha de que o obrigam a guerrear de novo, de que os itálicos já duas vêzes o tinham atacado e duas vêzes tinham rompido a aliança.

Os cidadãos alarmam-se e começa a discórdia: uns querem entregar a cidade aos troianos, abrir-lhes as portas, e arrastam para os muros o próprio rei; outros tomam as armas e correm em defesa das muralhas. Assim, quando um pastor descobre um enxame de abelhas escondido numa rocha escavada e enche de acre fumaça a cavidade, elas, assustadas, voam em desordem dentro da colmeia, irritam-se e fazem grande ruído; desagradável cheiro se espalha e um confuso murmúrio se faz ouvir no interor da rocha enquanto o fumo sobe pelo ar.

E eis que um novo infortúnio se abate sôbre os acabrunhados latinos e a dor abala profundamente todos os cidadãos. Quando a rainha, do alto do palácio, viu o inimigo se aproximar, atacar as muralhas, lançar tochas às casas, e não viu o exército rútulo, os batalhões de Turno, a infeliz acreditou que o jovem tivesse perecido no combate; com a mente transtornada pela dor, pôs-se logo a gritar que fôra ela a causa da desgraça, que a culpa era sua. Depois de muito vociferar, fora de si, desesperada, dispôs-se a morrer; rasgou suas vestes de púrpura, prendeu numa alta trave a corda que lhe havia de dar uma infamante morte.

Quando as latinas tiveram notícia dêsse triste fim, Lavínia pôs-se logo a arrancar seus formosos cabelos, a ferir com as mãos suas róseas faces e, em tôrno dela, as outras se entregaram ao mesmo desespêro e os prantos ressoaram por todo o palácio. Dali se espalha pela cidade inteira a triste nova. Os ânimos se abatem. O rei cobre de pó sua cabeça branca e caminha com as vestes rasgadas, cheio de pasmo ante a morte da espôsa e a ruína da cidade; e dirige a si próprio mil censuras por não ter desde logo acolhido o troiano Enéias e espontâneamente feito dêle o seu genro.

A DECISÃO DE TURNO

Entrementes, no extremo da planície, o belicoso Turno persegue alguns fugitivos; agora seu ardor já é menor e cada vez mais se aborrece com a lentidão de seus cavalos. O vento lhe traz um confuso alarido e gritos de terror cujo motivo êle ignora; aguçando os ouvidos, percebe com pasmo o ruído e as tristes vozes que vêm da cidade em tumulto.

— Ai de mim! — diz êle; — que aflição é essa que perturba a cidade? Por que êsse clamor tão grande que se ouve a distância?

Assim falou e, em delírio, tomou as rédeas e deteve o carro. Mas a irmã, que o conduzia sob a aparência do cocheiro Metisco, assim lhe disse:

— Por aqui, Turno; persigamos os troianos por êste caminho onde tivemos a primeira vitória. Existem outros para lutar pela cidade; Enéias atacou os itálicos e travaram combate; nós, porém, levemos aos troianos um feroz morticínio. Quanto maior o número de mortos, tanto maior será a tua glória.

Turno lhe respondeu:

— Minha irmã, há muito tempo eu te reconheci, desde o momento em que, com tuas manobras, rompeste o tratado e te entregaste a esta batalha; em vão tu me escondes agora a tua divindade. Mas que deus desejou que decesses do Olimpo e suportasses tantas fadigas? Acaso foi para que assistisses à cruel morte de teu pobre irmão? Que devo fazer? Que salvação posso esperar da sorte? Vi, com meus próprios olhos, tombar Murano, o meu melhor amigo, que, morrendo chamava por mim; grande homem, abateu-o uma grande ferida. Morreu o infeliz Ufente para não presenciar minha derrota; os troianos levaram seu corpo e suas armas. Deixarei que destruam nossas casas e não desmentirei, com o valor do meu braço, as palavras de Drances? Só me faltava isso! Hei de voltar as costas e esta terra verá Turno fugir? É assim tão triste a morte? — Vós, ó manes dos meus antepassados, sêde-me propícios, já que está contra mim a vontade dos deuses celestes. Eu descerei a vós com a alma pura, isenta de tal culpa; jamais serei indigno dos meus grandes avós!

Mal havia acabado de falar, eis que por entre os inimigos, Saces correu para êle; tinha o rosto ferido pela flecha de um adversário; seu cavalo espumava. E, suplicante, lançou-se para Turno:

— Ó Turno, está em ti a nossa última esperança. Tem piedade dos teus! Enéias nos fulmina com suas armas, ameaça derrubar e arrasar as altas tôrres dos itálicos; e êles já atiram tochas contra as casas. Os olhos dos latinos voltam-se para ti; o próprio rei hesita na escolha do genro e da aliança. Além disso, a rainha, sempre fiel a ti, matou-se com suas próprias mãos. Apavorada, ela fugiu à vida. Só Messapo e o enérgico Atinas sustentam o combate às portas da cidade. Em volta

dêles, as espêssas falanges inimigas, cujas espadas nuas se ariçam qual uma férrea messe. Entretanto, tu passeias de carro pelo campo deserto!

Perplexo e abatido por tais notícias, Turno queda-se imóvel, silencioso, com os olhos parados. A um só tempo, uma grande vergonha, um misto de tristeza e de loucura, um amor delirante e a consciência de seu próprio valor estuam-lhe no peito. Quando a perturbação se dissipou e aclarou-se-lhe a mente, êle, cheio de cólera, voltou para os muros o abrasado olhar e contemplou, do carro, a grande cidade. Eis que um turbilhão de chamas rolava entre os patamares e ondulava, subindo para o céu; envolvia uma tôrre que o próprio Turno havia construído com sólidas traves e tinha colocado sôbre rodas e guarnecido de altas pontes.

— Agora, minha irmã, agora o destino é mais forte do que nós. Deixa de me reter; sigamos para onde nos chama a vontade dos deuses e a dura Fortuna. Não me verás mais tempo desonrado: estou disposto a lutar com Enéias, a sofrer tudo quanto há de amargo na morte. Peço-te apenas que me deixes antes desafogar meu ódio.

Assim falou e prontamente saltou do carro; deixando a desolada irmã, atirou-se por entre os inimigos, por entre as armas, e abriu caminho, em rápida corrida, pelo meio das tropas.

Quando, arrancada pelo vento, uma pedra cai a pique do cimo de um monte — ou porque a tempestade já a tinha abalado ou porque a velhice já o havia minado no decorrer dos anos —, com o grande impulso rola desenfreada para baixo e salta sôbre o chão, arrastando consigo os rebanhos, as árvores, os homens; assim Turno, através dos batalhões dispersos, lança-se para os muros da cidade, para onde mais copiosamente o sangue banha a terra e os dardos sibilam pelo ar. Êle faz com a mão um sinal e grita com voz forte:

— Parai, ó rútulos; e vós, latinos, não lanceis mais dardos. Qualquer que seja a arte do combate, cabe a mim decidi-la; é muito justo que eu, sòzinho, pague por vós o rompimento do tratado e resolva a questão com a minha espada.

DEFRONTAM-SE OS HERÓIS

Afastam-se todos e abrem espaço. E o herói Enéias, ao escutar o nome de Turno, deixa as muralhas, deixa as altas tôrres, derruba tudo quanto lhe impede o caminho, interrompe tôdas as manobras e, exultante, faz com suas armas um tremendo ruído. É tão grande como o monte Atos, tão grande como o Érix, tão grande como o venerável Apenino quando seu bosque de azinheiras se agita e freme e êle ergue para o céu, com alegria, sua cabeça coberta de neve.

Então os rútulos e os troianos e os itálicos todos voltaram os olhos para êles; e os que ocupavam as muralhas e os que, em baixo, golpeavam com o aríete os muros deixaram cair de seus ombros as armas. Pasma o próprio Latino ao ver aquêles dois heróis imensos, nascidos em partes diversas do mundo, irem um contra o outro e travarem combate.

Logo que se abriu na planície um espaço entre êles, de longe atiraram suas lanças um contra o outro; depois iniciaram a luta fazendo chocar-se os sonoros escudos de bronze. A terra geme, multiplicam-se os golpes de espada e não mais se distingue a sorte do valor.

Quando, na imensa floresta de Sila ou no alto do monte Taburno, dois touros, com os chifres para a frente, acometem-se em furioso combate, os pastôres se afastam receosos e todo o rebanho permanece imóvel e mudo de terror; e as novilhas não sabem qual dos dois será o senhor do bosque, a quem o gado todo seguirá. Êles, com tôdas as suas fôrças, golpeiam e fortemente cravam os chifres na carne um do outro e lavam em copioso sangue o pescoço e as espáduas; e os gemidos ressoam pelo bosque. — Assim Turno e Enéias, chocando seus escudos, travam combate e um imenso fragor enche o céu.

O próprio Júpiter mantém em equilíbrio os pratos da balança e neles coloca os destinos dos dois combatentes para ver quem será o condenado, qual dos dois lados se inclinará ao pêso da morte.

Julgando que há de ficar impune, Turno se arroja e, retesando o corpo, levanta bem alto a sua espada e dá o golpe.

Cheios de susto, troianos e latinos soltam gritos, e os dois exércitos mantêm-se atentos. Mas a pérfida espada se quebra e abandona, em meio do golpe, o ardente herói. Seu único recurso é então a fuga. E êle foge, mais rápido que o vento, ao ver em sua mão desarmada, o insólito punho. Diz-se que êle, na pressa de subir para o carro e correr aos primeiros combates, esquecera o gládio paterno e tomara, impaciente, a espada do auriga Metisco; e esta lhe foi suficiente enquanto os troianos em fuga lhe davam as costas; mas quando defrontou com as armas fabricadas por Vulcano, essa espada mortal fêz-se em pedaços, como se fôsse um frágil vidro; e, sôbre a fulva areia, as lascas resplandecem. Turno então, fóra de si, corre para um e outro lado e dá confusas voltas pelo campo. Mas, de todos os lados, os troianos o fecham num denso círculo, um vasto paul e as altas muralhas o cercam.

Enéias, embora o retarde a ferida do joelho e às vêzes o impeça de correr, persegue Turno e, cheio de ardor, acompanha as pegadas do medroso fugitivo. Assim o cão de caça, quando encontra um veado detido por um rio ou por um espantalho de rubras penas, corre-lhe atrás e acossa-o com seus latidos; e o veado, com mêdo da armadilha e da alta margem, foge e torna a fugir por mil caminhos; mas o vivaz cão umbro continua a cercá-lo, de bôca aberta, e quase o apanha e julga apanhá-lo e estala as maxilas, iludido por um bote frustrado; e ergue-se um clamor, que repercute em tôrno pelas margens dos lagos e o tumulto ecoa pelos ares.

Enquanto foge, Turno grita contra os rútulos todos e, chamando cada um pelo nome, reclama a sua espada. Enéias, porém, promete morte imediata a quem se aproximar e, ameaçando destruir a cidade, os amedronta e os faz tremer; e, embora ferido, persegue de perto o adversário. Cinco vêzes os dois, a correr, dão a volta ao campo, cinco vêzes percorrem o mesmo caminho; não se busca obter prêmios de pouca monta, como nos jogos públicos: trata-se da vida e do sangue de Turno.

Por acaso ali tinha existido uma oliveira brava, de fôlhas amargas, consagrada a Fauno; outrora os marinheiros veneravam tal árvore e, quando eram salvos de um naufrágio, costumavam ali prender as oferendas e as vestes prometidas em seus votos ao deus de Laurento. Os troianos, porém, sem fazer distinção entre essa e outras árvores, abateram-lhe o tronco sagrado a fim de que os dois adversários tivessem campo livre para a luta. Ali se cravara, atirada com fôrça, a lança de Enéias e se prendera a uma tenaz raiz. O troiano inclinou-se e tentou arrancar a arma com a mão afim de a arremessar contra o inimigo, a quem não podia alcançar na corrida. Fóra de si pelo temor, Turno disse então:

— Ó Fauno, eu te peço, tem compaixão de mim, e tu, ó boa Terra, segura essa lança; pois sempre respeitei os vossos cultos, que os homens de Enéias profanaram com suas armas.

Assim falou e não chamou em vão o auxílio do deus. Pois Enéias, durante muito tempo, lutou com o forte tronco, mas seus esforços não conseguiram abrir a madeira que lhe retinha a arma. Enquanto, obstinado, êle ainda tenta e insiste, Juturna retoma a figura do cocheiro Metisco, acorre e devolve ao irmão a sua espada. Vênus, indignada por ser tal cousa permitida à audaciosa ninfa, aproxima-se e arranca a lança da profunda raiz. Então os dois heróis, de fronte erguida, encorajados com a recuperação das suas armas, correm ofegantes ao combate; êste confia na sua espada, aquêle, impetuoso, ergue bem alto a lança.

O ACÔRDO ENTRE JÚPITER E JUNO

Entrementes, o todo-poderoso rei do Olimpo dirigiu-se a Juno, que, do alto de uma nuvem dourada, observava a luta:

— Quando isto terá fim, ó minha espôsa? Que podes fazer ainda? Tu sabes e confessas saber que a Enéias é destinado um lugar no céu, entre os deuses da pátria, e que os fados o elevarão até os astros. Que estás a maquinar? Que esperança te prende a essas frias nuvens? Convinha que o filho de uma deusa fôsse ferido por um mortal? Por que devolveste a Turno a espada perdida (tu o fizeste, pois só Juturna não o poderia!) e assim aumentaste a fôrça dos vencidos? Abandona afinal o teu intento, curva-te aos meus pedidos. Não permitas que êsse

grande rancor te consuma em teu íntimo e que, de tua querida bôca, me venham com freqüência tristes queixas. Chegou o momento supremo. Tu pudeste perseguir os troianos através das terras e dos mares, pudeste deflagrar uma guerra execrável, desonrar uma casa e misturar as núpcias com o luto; proibo-te que faças ainda mais.

Assim falou Júpiter; e a deusa, com os olhos baixos, lhe respondeu:

— Foi justamente por conhecer o teu desejo, ó grande Júpiter, que eu, contra a vontade, abandonei a terra e Turno; do contrário, tu não me verias agora sentada sòzinha sôbre esta nuvem, a curtir tôda a sorte de injúrias, mas eu estaria no meio da luta, armada de chamas, e arrastaria os troianos a terríveis combates. Confesso que persuadi Juturna a socorrer o infeliz irmão e lhe recomendei que tudo ousasse para salvar-lhe a vida; mas não lhe disse que estendesse o arco e atirasse flechas. Juro-o pela implacável fonte do Estige, pela única cousa que infunde temor aos deuses do céu. Agora eu me retiro e abandono essas lutas que detesto. Peço-te, porém, pelo Lácio e pela majestade dos teus descendentes, uma cousa que as leis do destino não proibem: quando, por meio de um feliz matrimônio, os dois povos fizerem a paz (eu o consinto!), quando estabelecerem as condições da aliança, não mandes que os latinos indígenas troquem de nome, tornem-se troianos, sejam chamados descendentes de Teucro, mudem de língua e de vestuário. Que haja um Lácio e, através dos séculos, existam reis albanos; e exista uma nação romana, que as virtudes itálicas tornarão poderosa. Tróia morreu; permite que seu nome morra com ela!

O criador dos homens e das cousas respondeu-lhe a sorrir:

— És realmente a irmã de Júpiter, a segunda filha de Saturno; por isso é que revolves no teu peito um mar de cólera. Vamos, aplaca êsse furor que concebeste em vão; concedo-te o que queres e, vencido, rendo-me de bom grado. Os itálicos hão de conservar a língua e os usos pátrios e seu nome ficará como é; os troianos se estabelecerão no Lácio, mas incorporados aos

latinos; farei com que êles unam seus cultos e seus ritos e com que falem todos a mesma língua. O povo que surgirá daí, com o sangue troiano misturado ao itálico, tu o verás erguer-se, por seu valor, acima dos homens e acima dos deuses; e nenhuma nação te prestará tão grandes honras.

Juno concorda e, alegre, muda os seus sentimentos. Deixando então a nuvem, retira-se do céu.

O ÚLTIMO COMBATE

Feito isso, o pai dos deuses medita um outro plano e se dispõe a afastar Juturna dos combates do irmão. A escura Noite pariu, ao mesmo tempo que a infernal Megera, duas pestes chamadas Fúrias, cingiu-as dos mesmos anéis de serpente e deu-lhes ainda as asas do vento. Elas estão junto do trono ou no limiar de Júpiter para o servir quando se encoleriza; e aguçam o mêdo dos pobres mortais quando o rei dos deuses prepara as doenças ou a terrível morte ou, com as guerras, amedronta as cidades culpadas. Do alto do céu, o deus enviou um dêstes monstros e ordenou que fôsse prontamente apresentar-se aos olhos de Juturna, como um presságio. A Fúria pôs-se a voar e um veloz turbilhão a conduziu à terra. Como a flecha — que um parto ou um cretense lança através das névoas após havê-la untado com o fel de um terrível veneno para fazer incurável ferida — atravessa, estridente e imprevista, as sombras ligeiras, assim a filha da Noite se dirigiu à terra. Logo que viu as tropas dos troianos e os batalhões de Turno, tomou a forma da pequena ave que às vêzes, a desoras, senta-se sôbre os túmulos, sôbre as casas desertas e, no meio das trevas, solta seu canto lúgubre. Sob essa aparência, a Fúria passa e repassa, a gritar, antes os olhos de Turno e bate-lhe no escudo com suas asas. Estranho mêdo afrouxa e entorpece os membros do guerreiro, eriçam-se de horror os seus cabelos, a voz fica-lhe prêsa na garganta. Mas a infeliz Juturna reconheceu de longe as estridentes asas da Fúria e pôs-se a arrancar os seus cabelos soltos, a ferir com as unhas o rosto, a golpear o peito com as mãos:

— Agora, ó Turno, em que pode ajudar-te a tua irmã? Que me resta fazer, cruel que eu sou? Com que artifício poderei prolongar tua vida? Como opor-me a tal monstro? Vou deixar já e já o combate. Não aumenteis o meu terror, aves de mau agouro! Reconheço o bater das vossas asas e o ruído da morte e não me passam desapercebidas as ordens imperiosas do generoso Júpiter. É êste o preço da minha virgindade? Por que me concedeu a vida eterna? Por que me arrancou da condição mortal? Pudesse eu agora ver o fim das minhas grandes dores e acompanhar pelo reino das sombras meu infeliz irmão. Sou imortal? Mas que prazer terei neste meu privilégio sem ti, ó Turno? Oxalá se abrisse um abismo bastante profundo para lançar-me, a mim, que sou deusa, na região dos manes!

E, tendo assim falado, a deusa envolveu a cabeça num véu da côr das águas e, com muitos gemidos, escondeu-se no fundo do rio.

Enéias avança contra Turno brandindo a lança grande como uma árvore e, irritado, lhe diz:

— Por que tardas agora? Por que recuas, ó Turno? Não é na corrida mas de perto e com armas terríveis que se deve lutar. Toma a aparência que quiseres e reúne todo o teu valor, seja êste a coragem, sejam os artifícios! Escolhe entre voar para os altos astros ou ocultar-te no seio da terra!

Êle, sacudindo a cabeça, responde:

— Não me aterram as tuas palavras, cruel. Aterram-me os deuses e o adverso Júpiter.

Não disse mais. Olhando em redor, viu uma pedra enorme, uma enorme pedra antiga que casualmente jazia no campo, servindo de limite entre as propriedades para evitar demandas. Doze homens escolhidos, dêstes que a terra hoje produz, mal poderiam suportá-la sôbre a cabeça. Aquêle herói, porém, de mais elevada estatura, tomou-a com a mão trêmula e, correndo impetuosamente, dispunha-se a lançá-la contra o adversário. Mas, ao correr, ao andar, ao levantar a enorme pedra, não reconhecia a si mesmo; seus joelhos vacilavam, seu sangue tornava-se gelado. Então, a própria pedra, por êle lançada através do vácuo, não percorreu todo o espaço nem produziu o golpe. Mas, como nos sonhos, quando o lângüido repouso nos fecha os olhos, parece-nos que queremos ansiosamente correr e não o conseguimos e, fracos, desfalecemos em meio ao nosso esfôrço, paralisa-se a língua, falta ao corpo a fôrça habitual, a voz e as palavras não saem, assim Turno, qualquer expediente que seu valor procurasse, a deusa cruel negava-lhe sucesso. Sentimentos diversos agitam-se em seu peito. Contempla os rútulos e a cidade e o mêdo o faz hesitar. Treme diante da arma de Enéias e não tem para onde fugir nem fôrças para ir contra o inimigo e já não vê o carro que sua irmã dirigia.

Enquanto êle vacila, Enéias agita a arma fatal, aguarda o momento oportuno e lança-a com tôda a sua fôrça. As pedras abaladas pelo aríete não fazem tal estrondo nem o raio produz tamanho ruído. A lança voa, como um negro turbilhão, levando a morte cruel, e atravessa as bordas da couraça e a extremidade do escudo de sete lâminas, e transpassa o meio da coxa. O grande Turno, dobrando o joelho, cai por terra. Os rútulos erguem-se, solto um gemido que ressoa ao longe, nos montes em redor e nos espêssos bosques. Turno, por terra, ergue, suplicante, os olhos e a destra e diz:

— Na verdade, eu o mereci e não peço clemência; goza da tua sorte. Mas, se pode comover-te a angústia de um pai infeliz — lembra-te do que foi para ti teu pai, Anquises, — peço-te que tenham compaixão da velhice de Dauno e me devolvas aos meus ou, se preferes, devolvas ao menos o meu corpo sem vida. Venceste; e os ausônios viram o vencido estender-te as mãos. Lavínia é tua espôsa. Não leves mais além o teu ódio!

De pé, excitado sob as armas, Enéias volta os olhos para êle e detém a mão; e, cada vez mais hesitante, começava a comover-se com aquelas palavras quando, no ombro do adversário, divisou o funesto boldrié, viu brilhar os botões da correia do jovem Palante, a quem Turno ferira e deitara, vencido, por terra e cuja insígnia inimiga trazia no ombro. Ao ver êsses despojos, lembrança de uma dor cruel, Enéias encheu-se de cólera. Terrível em sua ira, assim falou:

— Tu, coberto com os espólios dos meus, vais escapar-me? É Palante que te imola com esta ferida, Palante que se vinga no teu ímpio sangue!

Dizendo isso, crava violentamente a arma no peito do inimigo. O frio da morte afrouxa-lhe os membros e a alma exasperada foge, com um gemido, para o reino das sombras.

GLOSSÁRIO MITOLÓGICO E DOS NOMES PRÓPRIOS

ABANTE — antigo rei de Argos: um seu descendente, que lhe herdara o escudo, foi morto por Enéias; — guerreiro itálico, senhor de Populônia, cidade etrusca.
ÁBARIS — guerreiro itálico, companheiro de Enéias.
ÁBELA — cidade da Campânia.
ACA — irmã de Camila, guerreira volsca.
ACAMANTE — guerreiro grego, filho de Teseu e de Fedra.
ÁCATES — companheiro de Enéias.
ACESTES — filho da troiana Egesta e do deus Criniso; rei da Sicília, hospedou Enéias na ilha e sepultou Anquises no monte Erix.
ACETE — companheiro de Enéias.
ÁCIO — promontório do Epiro, famoso pela vitória de Otávio sôbre Antônio e Cleópatra.
ÁCIOS — família romana, descendente de Atis, companheiro de Ascânio.
ÁCMON — companheiro de Enéias.
ACONTEU — guerreiro itálico, companheiro de Turno.
ACRÃO — companheiro de Enéias.
ACRÍSIO — rei de Argos. Consultando o oráculo, soube que êle seria morto por um neto; por isso encerrou a filha Dânae numa tôrre de bronze. Porém, Júpiter foi ter com a moça, da qual teve Perseu. Então Acrísio fechou Dânae num pequeno barco, que aportou no Lácio: a jovem se casou com Piluno, irmão de Pico, pai de Turno, rei dos rútulos. Teseu, sem tê-lo reconhecido, matou Acrísio.
ACTOR — companheiro de Enéias.
ADAMASTO — pai de Aquemênides (v.).
ÁDIGE — rio da Itália setentrional.
ADRASTO — rei de Argos, foi com Tideu, pai de Diomedes, e Partenopeu, rei da Arcádia, e outros quatro chefes ao sítio de Tebas: todos foram mortos, salvo Adrasto, que ficou pálido por ter visto tamanha desventura.
AFIDNO — companheiro de Enéias.
ÁFRICO — vento do sul (v. Ventos).
AFRODITE — (v. Vênus).
AGAMENÃO — irmão de Menelau, foi rei de Micenes e chefe supremo dos gregos no cêrco de Tróia. Voltando, depois da conquista da cidade, foi morto pela espôsa Clitemnestra e por Egisto, seu amante.
AGATIRSOS — povo da Cítia, que usava tatuar a sua pele.
AGENOR — irmão de Belo, rei dos Fenícios: considerado o fundador da família de Dido.
AGILA — primeiro nome da cidade etrusca de Ceres (hoje Cervéteri).
ÁGIS — companheiro de Enéias.

AGRIGENTO — colônia grega, fundada sôbre uma colina da Sicília central: famosa pelos seus colonos que muitas vêzes ganharam os jogos olímpicos.
AGRIPA — general romano, amigo de Augusto.
AJAX — filho de Oileu, guerreiro grego: ultrajou Cassandra, filha do rei Príamo, no próprio templo de Atena.
ALBA-LONGA — cidade do Lácio, fundada por Ascânio sôbre o monte Alba.
ALBANOS — habitantes de Alba-Longa (v.).
ÁLBULA — primitivo nome do rio Tibre.
ALBUNÉIA — fonte, perto da cidade de Tívoli, no Lácio: assim chamada pelas suas águas brancas.
ALCANDRO — companheiro de Enéias.
ALCANOR — guerreiro itálico, companheiro de Turno.
ALCÁTOO — companheiro de Enéias.
ALECTO — uma das Fúrias (v.).
ALETES — companheiro de Enéias.
ALFEU — é o maior rio do Peloponeso: antes de chegar ao mar, desaparece debaixo da superfície da terra. Disso nasceu a lenda: o pastor Alfeu apaixonou-se pela ninfa Aretusa, que fugiu até a Sicília e foi transformada por Diana em fonte na ilha de Ortígia, perto de Siracusa. Também Alfeu foi transformado em rio; e como rio, desaparecendo debaixo da terra, vai encontrar-se com a fonte Aretusa.
ÁLIA — rio da Sabínia, afluente do Tibre, famoso pela derrota que Breno, chefe dos gauleses, infligiu aos romanos em 390 a. C.
ALMO — filho de Tirro, pastor de Turno.
ALOEU — um dos Titãs (v.).
ALPES — a cadeia de montes que cerca ao norte a península itálica.
ALSO — companheiro de Turno.
ALTARES — rochedos que afloram no meio do mar.
AMÃO — divindade africana, de origem fenícia, foi considerada pelos gregos e romanos uma só pessoa com Júpiter. Raptou a ninfa Garamântis e dela teve Iarba, rei dos getulos.
AMASENO — rio do Lácio (hoje Tóppia).
AMASTRO — companheiro de Enéias.
AMATA — espôsa do rei Latino, mãe de Lavínia.
AMATUNTE — cidade da ilha de Chipre, consagrada a Vênus.
AMAZONAS — povo da Ásia Menor, composto só de mulheres guerreiras; foi derrotado por Hércules, guiado pela rainha Pentesiléia, auxiliou Príamo.
AMICLAS — cidade do Lácio. É chamada «calada», pois o poeta atribui ela o epíteto da homônima da Lacônia da qual derivava. Os habitantes da cidade grega, cansados pelos falsos alarmes, proibiram de falar sôbre êsses núncios; e quando os inimigos chegaram de verdade, ninguém ousou falar e a cidade foi destruída.
ÂMICO — rei dos bebrícios, na Bitínia, morto pelos Argonautas. — Companheiro de Enéias, morreu lutando contra Turno.
AMITERNO — antiga cidade da Sabínia.
AMOR — outro nome de Cupido (v.).
AMPSANTO — vale e lagoa no Lácio.
ANA — irmã de Dido. A tradição acrescenta que fugiu de Cartago e se refugiou junto a Enéias; mas pelos ciúmes de Lavínia, teve que se jogar no rio Numício. Tornou-se depois deusa dos romanos com o nome de «Anna Perenna», cujas festas eram celebradas em Roma no dia 15 de março.

ANÁGNIA — cidade dos ernicos, perto do Lácio.
ANCO MÁRCIO — rei de Roma.
ANDROGEU — guerreiro grego.
ANDRÔMACA — filha de Éton, rei de Tebas; casou-se com Heitor, filho do rei Príamo e foi mãe de Astíanax. Depois da tomada de Tróia, coube em sorte a Pirro (filho de Aquiles), que a conduziu para o Epiro. Morto Pirro, se desposou com Heleno, filho de Príamo.
ANFITRIÃO — pai de Hércules.
ANFITRITE — deusa marinha, lembrada entre as nereidas (v.).
ANGÍCIA — divindade itálica, à qual era consagrado um bosque perto do lago Fúcino, na Itália central.
ÂNIO — filho de Apolo, rei de Delos e velho amigo de Anquises. — Rio entre o Lácio e a Sabínia (hoje Aniene ou Teverone).
ANQUÊMOLO — guerreiro itálico, companheiro de Turno.
ANQUISES — príncipe troiano, filho de Cápis e de uma ninfa; desposou-se ocultamente com Vênus e dela teve Enéias.
ANTANDRO — cidade e pôrto da Frígia, aos pés do monte Ida, onde Enéias embarcou fugindo de Tróia.
ANTENOR — ilustre troiano; depois da destruição de Tróia, emigrou e foi fundar a cidade de Pádua, na Itália. Teve muitos filhos: Arquíloco, Atamante Laodoco, Arqueleu, Anteu, etc.
ANTEU — companheiro de Enéias.
ANTEMNA — antiga cidade dos sabínios, perto do Lácio.
ANTÍFATES — companheiro de Enéias.
ANTORES — guerreiro itálico, companheiro de Enéias.
ANÚBIS — divindade egípcia, apresentada com a cabeça de cão.
ÂNXUR — cidade do Lácio (hoje Térracina), protegida por Júpiter. Guerreiro itálico, companheiro de Turno.
APOLO — filho de Júpiter e de Leto, era o deus da eterna mocidade e possuia o dom de anunciar a vontade do pai por meio de oráculos. Nasceu em Delos, onde a mãe se tinha refugiado por causa dos ciúmes de Juno, que mandou contra Leto a serpente Píton: Apolo matou e esfolou a serpente e com a pele cobriu o trono, no qual se sentava a pitonisa (sacerdotisa que proferia os oráculos) de Delos. Entre as suas muitas aventuras, a mais importante é a paixão que êle teve pela ninfa Corônis: da união nasceu Esculápio, que se tornou célebre na medicina. Esculápio, sem o consentimento dos deuses, ressuscitou Hipólito, filho de Teseu: Júpiter fulminou Esculápio; furioso, Apolo vingou-se sôbre os ciclopes, que forjaram o raio; então, Júpiter expulsou Apolo do céu. E Apolo se refugiou na casa de Ameto, rei da Tessália, onde ficou guardando os rebanhos. Chamado novamente para o Olímpo, foi encarregado de iluminar o mundo, tornando-se mais conhecido com o apelido de Febo («aquêle que ilumina»). Belo e moço, o deus protegia a poesia e a música, guiando as Musas (v.) no monte Parnaso. Cantava e tocava lira. A Apolo os gregos e os romanos dedicaram inúmeros templos e festas.
AQUEMÊNIDES — personagem imaginário, criada pela fantasia de Vergílio; como imaginário é o episódio narrado no livro III do poema.

AQUERONTE — rio infernal. Às vêzes indica em geral os Infernos.
AQUÍCULO — guerreiro itálico, companheiro de Turno.
AQUILÃO — vento furioso e extremamente frio.
AQUILES — herói grego, rei dos mirmídones; matou Heitor; foi morto por Páris.
ARAXES — rio da Armênia: a sua corrente violenta derrubava as pontes.
ÁRCADES — companheiros de Evandro, que chegaram com êle da Arcádia para fundar uma colônia no Lácio.
ARCÉCIO — guerreiro itálico, companheiro de Turno.
ARCENTE — companheiro de Enéias.
ARCTURO — estrela na constelação de Bootes.
ARDÉIA — capital da região dos rútulos.
ARETUSA — ninfa amada por Alfeu (v.).
ARGILETO — lugar perto do Capitólio, indicado como túmulo de Argos, hóspede de Evandro, morto pelo povo porque suspeito de destronar o rei.
ARGIRIPA — cidade itálica da Apúlia, fundada por Diomedes.
ARGOS — a mais antiga cidade do Peloponeso, capital da Argólida; célebre pelo culto de Juno. Foi fundada por Ínaco. — Monstro que tinha cem olhos, dos quais cinqüenta estavam abertos, enquanto os outros cinqüenta dormiam (v. Ino).
ARÍCIA — cidade da Itália central; e ninfa, mãe de Vírbio (v.).
ARISBA — guerreiro grego.
ARQUIPO — rei dos marsos ou marruvianos, povo da Itália central.
ARTEMIS — é a Diana dos romanos, filha de Júpiter e de Leto, irmã gêmea de Apolo. Nasceu em Delos, perto do monte Cíntio (e por isso chamada Délia Cíntia), obteve do pai uma virgindade perpétua e se tornou a deusa dos bosques com um cortejo de ninfas (v.). Como Apolo, também Artemis era celebrada como deusa da luz: não diurna, mas noturna; e por isso chamada Febe ou Lua. Presidia aos grandes caminhos e às portas: daqui o nome de Trívia. Orgulhosa e altiva, as suas aventuras são trágicas (Niobe, Actéon, Oríon, etc.). Por sua vez, apaixonou-se pelo formoso Endimião, que visitava tôdas as noites numa gruta do monte Latmo, na Ásia Menor. Teve templos, festa e ofertas de primícias da terra; eram-lhe consagrados a corça e o javali. — Não confundir esta deusa com a Artemis do templo de Efeso (Artemis efésia), de origem asiática, deusa da fecundidade.
ARUNTE — guerreiro itálico, companheiro de Enéias.
ASBITÈ — companheiro de Enéias.
ASCÂNIO — filho de Enéias e de Creusa, também chamado Julo e ancestral da família Júlia. Acompanhou o pai nas longas viagens e fundou a cidade de Alba-Longa, no Lácio.
ASILAS — guerreiro itálico, adivinho, senhor da cidade etrusca de Pisa; companheiro de Turno.
ASILAU — guerreiro itálico, companheiro de Enéias.
ÁSIO — companheiro de Enéias.
ASSÁRACO — filho de Troo; foi rei de Tróia; seu filho Cápis gerou Anquises, pai de Enéias.
ASTÍANAX — filho de Heitor e de Andrômaca.
ASTIR — guerreiro etrusco.
ATINA — antiga cidade do Lácio.

ATINAS — guerreiro itálico, companheiro de Turno.
ATIS — companheiro de Ascânio.
ATLANTE — filho de Jápeto e Climene: na luta dos gigantes contra Júpiter, deu auxílio aos primeiros. Por castigo, o pai dos deuses o condenou a sustentar sôbre os ombros a abóbada celeste.
ATOS — monte entre a Macedônia e a Trácia, onde Júpiter era particularmente adorado.
ATREU — rei de Micenes, filho de Pélope e de Hipodâmia, pai de Agamenão e de Menelau.
ATRIDAS — filhos de Atreu: Agamenão e Menelau.
AUGUSTO — o imperador romano, sobrinho de Júlio César.
ÁUFIDO — rio da Apúlia, na Itália meridional (hoje Ófanto): desemboca no mar Adriático.
AULESTES — guerreiro itálico, irmão de Ocno (v.), fundador da cidade etrusca de Perúgia; companheiro de Enéias.
ÁULIS — capital da Beócia, região da Grécia central: no pôrto de Áulis se reuniu a armada grega para ir ao cêrco de Tróia.
AUNO — guerreiro itálico, companheiro de Enéias.
AURORA — filha de Titã e da Terra, presidia ao nascimento do dia. É a grega Eos (v.).
AURUNCAS — antigo povo itálico, que morava entre o Lácio e a Campânia.
AUSÔNIA — antiga denominação da Itália central, onde moravam os ausônios.
AUSTRO — um dos principais ventos (v.).
AUTOMEDONTE — cocheiro de Aquiles; depois da morte do herói: passou a ser escudeiro de Pirro.
AVENTINO — filho de Hércules e da sacerdotisa Réia: foi na floresta de Aventino que Réia pariu. Hércules, depois de ter morto Gerião, monstro de três cabeças, e de ter roubado os seus bois, passou da Espanha à Itália, onde matou o ladrão Caco, que morava no monte Aventino.
AVERNO — lago da Campânia (Itália), de onde saiam exalações infectas: por isso se acreditava ser a entrada dos Infernos. Chamava-se também Aornos, isto é, sem pássaros, porque as aves, que passavam sôbre aquelas águas, caiam mortas.
BACANAIS — festas em honra de Baco.
BACO — filho de Júpiter e de Semele, adorado como deus do vinho e da alegria. É o grego Dióniso.
BACTRA — localidade do extremo Oriente.
BAIAS — cidade da Campânia, com magnífico pôrto, muito frequentado pelos romanos.
BARCE — ama de Siqueu (v.).
BÁTULO — cidade da Itália meridional
BELONA — deusa da guerra, irmã de Marte.
BELO — pai de Dido.
BÉNACO — lago (hoje Garda) na Itália setentrional.
BERECINTO — monte da Frísia, onde havia um templo dedicado à deusa Cibele.
BÉROE — espôsa de Dóriclo (v.).
BÍCIAS — companheiro de Enéias.
BIRSA — cidadela de Cartago (v.).
BOLA — antiga cidade do Lácio.

BÓREAS — um dos principais ventos (v.).
BRIAREU — filho de Titã e da Terra: foi um gigante de fôrça extraordinária, o qual tinha cem braçose cinqüenta cabeças.
BRONTE — um dos ciclopes (v.).
BRUTO — patrício romano: desterrou o rei Tarquínio o Soberbo e proclamou a república.
BUTES — personagem desconhecida, que se vangloriava descendente de Ámico, rei dos bébricos, na Bitínia. — Companheiro de Enéias.
BUTROTO — cidade do Epiro (v.).
CACO — monstruoso ladrão, que morava na colina do Aventino; depois de longa luta, foi morto por Hércules.
CAÍCO — companheiro de Enéias.
CAÍSTRO — rio da Lídia, na Ásia Menor.
CALÁBRIA — região da Itália, que na antiguidade compreendia as atuais Apúlia e Lucânia.
CALCANTE — famoso adivinho, acompanhou o exército dos gregos contra Tróia.
CÁLCIS — a mais importante cidade da ilha Eubéia, no mar Egeu.
CÁLIBE — sacerdotisa do templo de Juno em Árdea, capital dos rútulos.
CÁLIDON — cidade e bosque da Etólia, onde Melagro, filho do rei Eneu, matou um monstruoso javali que por vingança Diana enviou contra o rei, o qual tinha esquecido de sacrificar à deusa.
CALÍOPE — uma das Musas (v.).
CALISTO — ninfa da Arcádia, predileta por Artemis mas quando cedeu à paixão de Júpiter, tornando-se mãe de Arcas, a deusa a expulsou do seu cortejo e Juno a transformou em ursa. Arcas, grande caçador, encontrou a mãe e estava para matá-la: Júpiter, para evitar o matricídio, transformou o moço também em urso e colocou ambos no céu com o nome de Grande e Pequena-Ursa. Por causa da sua figura, os romanos os chamaram Grande e Pequeno-Carro.
CAMERINA — colônia de siracusanos: perto estendia-se uma lagoa, cujas águas exalavam um horrível cheiro. Os sicilianos, consultando o oráculo de Apolo para saber se obrariam bem se a secassem, o oráculo lhes respondeu que por nenhum modo fizessem isso; porém não se lembrando depois de semelhante resposta, a secaram e facilitaram por ali a entrada dos inimgios, que saquearam a colônia.
CAMERTE — guerreiro itálico, companheiro de Turno.
CAMILA — guerreira do povo volsco.
CAMILO — tribuno militar romano que derrotou os faliscos, os etruscos e os gauleses.
CAMPOS ELISEOS — ou Elísios: parte dos Ínferos onde os poetas fingem que reina uma perpétua primavera e onde as sombras que viveram virtuosamente logram uma perfeita e inalterável felicidade.
CÁON — filho de Priamo. Seu irmão Heleno matou-o, por desgraça, andando à caça. Heleno pranteou-o muito e pôs o seu nome a uma região do Epiro, que se chamou Caônia.
CAÔNIA — outro nome do Epiro (v.).
CAOS — o estado primordial, primitivo do mundo: matéria que desde tempos imemoráveis existia sob uma forma vaga e indefinível. Gerou a Noite e o Érebo.
CAPENA — cidade da Etrúria (hoje Civitella).

CÁPIS — companheiro de Enéias; fundou a Cidade de Cápua, na Campânia. Pai de Anquises.
CAPITÓLIO — uma das sete colinas de Roma.
CARINAS — bairro do Esquilino, uma das sete colinas de Roma.
CÁRIOS — povo da Ásia Menor.
CARMENTA — ninfa, mãe de Evandro, profetisa: tinha um santuário perto do Capitólio, em Roma.
CARMENTAL — porta e altar em honra de Carmenta (v.).
CARONTE — barqueiro que transportava as sombras além dos rios infernais: recusava receber em sua barca almas dos que não tinham sido sepultados.
CÁRPATO — ilha do mar Egeu, entre Creta e Rodes.
CARTAGO — cidade fenícia fundada por Dido na África setentrional: sua cidadela chamava-se Birsa.
CASMILA — mãe de Camila, heroína volsca.
CASPÉRIA — cidade da Sabínia (hoje Aspra).
CASSANDRA — filha de Príamo; tinha dado palavra a Apolo de o desposar, se o deus lhe quisesse dar o espírito da profecia: tanto, porém, que Apolo lhe concedeu o que desejava, não quis ela cumprir a promessa; e o deus, por se vingar, fêz com que nunca mais se acreditassem as profecias de Cassandra.
CÁSTOR — (v. Pólux).
CASTRUM IVI — antiga cidade do Lácio.
CATÃO — cônsul romano, cognominado o censor.
CATILO — senhor de Tibur e neto de Anfiarão, rei de Argos; companheiro de Turno.
CÁUCASO — cadeia de montes entre o mar Cáspio e o mar Negro.
CAULÔNIA — cidade (hoje Castro Vétere) da Calábria.
CÉCULO — senhor de Preneste (conforme a lenda, êle tinha nascido de uma centelha que emprenhou uma moça; e foi dito filho de Vulcão). Companheiro de Turno.
CÉDICO — guerreiro itálico, companheiro de Turno.
CEFEREU — promontório da ilha Eubéia.
CÉIA — uma das portas da cidade de Tróia.
CELENA — cidade da Itália meridional.
CELENO — uma das Hárpias (v.).
CENEU — Companheiro de Enéias.
CÊNIDE — durante as bodas de Perítoo e Laudâmia, houve grande luta entre os centáuros e os lapitas, povo da Tessália que foi o primeiro a domar os cavalos. Na luta, a jovem lapita Cênide foi transformada em homem e morreu; nos Infernos voltou a ser mulher.
CENTÁUROS — povo de uma região da Tessália. Eram monstros: corpo de cavalo, cabeça, pescoço, braços e mãos humanas; usavam maças e arcos. Foram desbaratados por Hércules.
CARÂUNIOS — montanhas que se estendem ao longo das costas do Epiro: chamadas também Acrocerâunios, isto é, montes dos raios.
CÉRBERO — cão com três cabeças e três gargantas que guardava a porta dos Infernos e do palácio de Plutão. Foi adormecido por Orfeu (v.) e amarrado por Hércules.
CERE — rio e cidade da Etrúria.
CERES — é a deusa grega Deméter (v.).
CÉTEU — companheiro de Enéias.
CÉU — (v. Urano).

CHIPRE — ilha do mar Mediterrâneo, perto das costas de Ásia Menor.
CIBELE — ou Réia: filha do Céu e da Terra, espôsa de Cronos, mãe de todos os deuses. O seu culto era orgiástico: os sacerdotes (chamados Galos, Coribantes, Dátctilos, Curetes, Semiviros, etc.) a honravam dançando ao redor da sua estátua com horrorosas contorsões. O culto de Cibele (também chamada Grande Mãe) tornou-se célebre na Frígia (v. Aventino).
CICLADAS — ilhas do mar Egeu, que formam um círculo (disso deriva o nome) ao redor de Delos.
CICLOPES — gigantes monstruosos, que tinham um ôlho só no meio da testa (donde o nome: ciclope, de ôlho circular). Parte dêles tiveram origem de Netuno e Anfitrite e se tornaram ferreiros de Vulcão, morando na ilha de Lemos e na Sicília. Outros foram filhos de Urano e da Terra (Brontes, Estéropes e Arge): fabricavam os raios de Júpiter e foram mortos por Apolo. Outros poetas fazem dos ciclopes um povo de gigantes, entre os quais o mais famoso foi Polifemo (v.). Enfim, outros poetas ainda indicam os ciclopes como gigantes que tinham braços também no ventre: vindos da Ásia Menor, teriam fabricado as muralhas das cidades de Tirinto e de Micenes.
CICNO — rei dos ligúrios, tanto chorou a morte do amigo Fetonte (v.) que foi por Apolo transformado em cisne e transportado entre as constelações.
CIDÃO — guerreiro itálico, companheiro de Turno.
CILA — ninfa, em vão amada por Glauco (v.) e transformada em monstro por Circe, apaixonada de Glauco. O monstro que tinha seis cabeças, dez pés e em cada bôca três ordens de dentes, morava num rochedo situado no estreito da Sicília e fazia naufragar os navios. Pouco distante, sôbre um outro rochedo morava o monstro Caribdes, filha de Netuno e da Terra: tendo roubado os bois de Hércules, foi transformada em monstro marinho que, desviando as águas do mar três vêzes por dia e três vêzes vomitando-as, produzia um abismo, dentro do qual caiam os navios que, por acaso, se salvaram de Cila. Dai o ditado: andar entre Cila e Caribdes.
CILACEU — promontório (hoje Squillace) perto de Crotone e Catanzaro, na Calábria.
CILENE — monte da Arcádia, consagrado a Júpiter e ao deus Pan; Cilênio era chamado também Mercúrio por ter nascido sôbre êste monte.
CÍMINO — monte da Etrúria.
CIMÓDOCE — nereida (v.).
CIMODOCÉIA — ninfa (v.).
CIMÓTOE — ninfa do mar, filha de Nereu (v.).
CÍNIRAS — guerreiro itálico, chefe dos ligúrios.
CINTO — monte da ilha de Delos, onde nasceram Apolo e Diana.
CIPIÕES — família patrícia de Roma.
CIRCE — filha do Sol e da ninfa Peréis, foi uma habilíssima mágica: morava na ilha Eeia, perto das costas do Lácio. Transformou em monstro a jovem Cila (v.) e em animais os companheiros de Ulisses, aos quais restituiu a primitiva forma em troca do amor do herói grego, que com ela ficou um ano e dela teve o filho Telégono.

CIRCEU — promontório do Lácio.
CIRITO — cidade etrusca (hoje Cortona).
CIROS — ilha do mar Egeu, perto da costa trácia.
CISSEU — rei da Tessália, pai de Hécuba, espôsa de Príamo. — Guerreiro itálico, companheiro de Turno.
CITERA — ilha do mar Mediterrâneo, entre a de Creta e o Peloponeso. Junto a esta ilha é que Vênus foi formada da escuma do mar.
CITERÃO — monte da Beócia, consagrado às Musas (v.) e a Júpiter.
CLARO — companheiro de Enéias.
CLAROS — cidade da Jônia, onde havia um templo famoso dedicado a Apolo.
CLÁUDIA — família romana, cujo ancestral foi Cláuso (v.).
CLÁUSO — herói itálico, ancestral da família romana dos Cláudios.
CLÉLIA — heroína romana: réfém de Porsena, rei etrusco, jogou-se ao Tibre para poder voltar a Roma.
CLÍCIO — filho de Laomedonte, irmão de Príamo. — Guerreiro itálico, companheiro de Turno.
CLOANTO — companheiro de Enéias.
CLOREU — sacerdote e guerreiro troiano, companheiro de Enéias.
CLÔNIO — companheiro de Enéias.
CLUÊNCIO — descendente romano de Cloanto, companheiro de Enéias.
CLUSO — cidade etrusca.
COCITO — rio infernal: cerca em roda o Tártaro e se engrossa das lágrimas dos malvados.
COCLES — Horácio Cocles salvou Roma na guerra contra Porsena, rei etrusco.
COLÁCIA — antiga cidade do Lácio.
CORA — antiga cidade do Lácio.
CORAS — senhor de Tíbur e neto de Anfiarão, rei de Argos.
COREBO — filho de Migdão (rei de uma pequena região, Migdônia, perto da Frígia, na Ásia menor), ao qual Príamo tinha prometido a filha Cassandra.
CORIBANTES — sacerdotes de Cibele (v.).
CORINEU — companheiro de Enéias.
CORINTO — cidade da Itália, na região da Toscana, também chamada Cirito ou Corito (hoje Cortona).
CORITO — cidade etrusca.
COSAS — cidade etrusca.
COSSO — general romano, que em 428 a. C. derrotou os veientes.
CRETA — grande ilha no sul do Peloponeso: nela nasceram Júpiter e muitos outros deuses.
CRETEU — companheiro de Enéias.
CREUSA — filha de Príamo e mulher de Enéias; desapareceu durante o incêndio de Tróia.
CRÍCIO — companheiro de Enéias.
CRINISO — antigo príncipe troiano. Os deuses Netuno e Apolo ajudaram-no a levantar as muralhas de Tróia; mas êle não deu o salário prometido; então, Netuno lhe enviou um monstro, ao qual devia ser oferecida uma donzela. Para não sacrificar a filha, Criniso meteu-a furtivamente num barco que todavia desapareceu: o príncipe foi buscar a filha até a Sicília e tanto chorou que foi metamorfoseado em rio. Casou-se com a ninfa Egeste e dela teve o filho Acestes (v.).
CRÔMIS — companheiro de Enéias.

CRONOS — filho de Urano e da Terra, destronou o pai e imperou sôbre o mundo. Desposou Réia, de quem teve muitos filhos (e muitos outros filhos teve com outras mulheres), que devorava, pois sabia de ser derrubado do trono por um dos seus filhos. Mas Réia conseguiu salvar Netuno, Plutão, Juno. Vesta, Ceres e Júpiter: êste último venceu o pai, que se refugiou na Itália, onde reuniu todos os homens num pacífico império. Êste reinado corresponde à idade de ouro. Crono quer dizer o tempo. Os romanos — que o chamaram Saturno — dedicaram-lhe as festas dos Saturnais, em memória dos tempos felizes de igualdade. Os cartagineses ofereciam a Saturno crianças recém-nascidas.

CRUSTUMÉRIO — antiga cidade da Sabínia, perto do Lácio.

CUMAS — cidade da Campânia. na Itália, fundada por gregos emigrados da ilha Eubéia. Dêsse centro famoso surgiu a mais moderna Nápoles.

CUPAVO — guerreiro itálico, filho de Cicno (v.).

CUPENCO — sacerdote e guerreiro itálico, companheiro de Turno.

CUPIDO — nome dado pelos romanos a Eros (v.).

CURES — cidade da Sabínia.

CURETES — antigos sacerdotes de Júpiter em Creta (chamados também coribantes — v. Cibele).

DÂNAE — filha de Acrísio (v.).

DANAIDES — cinqüenta filhas de Dânao que desposaram cinqüenta primos, filhos de Egipto. Dânao, avisado pelo oráculo de que os genros o teriam destronado, ordenou a suas filhas que degolassem os maridos na primeira noite das bodas. Tôdas cumpriram a ordem, menos, uma, Hipemnestra, que salvou o marido Linceu. As irmãs foram condenadas nos Infernos a encher eternamente de água um tonel sem fundo.

DARCENO — antigo rei do Lácio.

DARDÂNIA — terra de Dárdano (v.), a Itália.

DÁRDANO — filho de Júpiter e Electra; da Itália (ou da ilha de Creta) emigrou para a Ásia Menor: desposou Batéia, filha de Teucro, e fundou a cidade de Dardânea, chamada depois Tróia.

DARES — companheiro de Enéias.

DAUNO — pai de Turno.

DÁCIOS — família patrícia de Roma.

DÉDALO — ateniense. artífice tão engenhoso que construiu o famoso labirinto na ilha de Creta. O rei Minos não queria que deixasse a ilha; por isso Dédalo e o filho Ícaro fugiram com asas atadas às costas; mas a cêra com que eram seguradas as penas, derreteu e fêz cair as asas de Ícaro, que precipitou no mar. Dédalo salvou-se, chegando à Sicília, onde o rei Cocalo o teria morto por ordem de Minos. Conforme outra lenda, Dédalo voltou para Atenas, dando origem a família dos dedáledos.

DEÍFOBE — é o nome da Sibila (v.) de Cuma, filha de Glauco (v.).

DEÍFOBO — filho do rei Príamo.

DEIOPÉIA — ninfa ao serviço da deusa Juno.

DELOS — ilha do mar Egeu, uma das Cícladas (v.), onde eram honrados Apolo e Diana (v. Leto).

DEMÉTER — é a romana Céres, deusa dos cereais, das árvores, da agricultura. Filha de Cronos e de Réia, foi amada pelo irmão Júpiter: dessa união nasceu Perséfone, raptada por Hades, deus dos Infernos. Deméter procurou longamente a filha, e quando soube que era rainha do mundo subterrâneo, pediu a Júpiter de fazê-la voltar à terra: o chefe dos deuses ordenou que Perséfone passasse seis meses com a mãe e seis com o marido. Deméter casou-se com o cretense Iásio e teve um filho: Pluto, deus das riquezas, que pela ira do ciumento Júpiter se tornou cego e por isso distribuia as riquesas ao acaso. — Em honra de Deméter eram celebradas várias festas: as «tesmoforias», em Atenas, para lembrar as leis agrícolas estabelecidas pela deusa (por isso apelidada «Termófora», legisladora); as «eleusínias», os assim chamados «mistérios eleusinos», celebrados no templo de Eleusis cada cinco anos com um grandioso e complicado cerimonial noturno; os romanos dedicaram à deusa as festas «ambarválias», para invocar boas colheitas.

DEMÓDOCO — guerreiro itálico, companheiro de Enéias.

DEMOFOONTE — companheiro de Enéias.

DEMÓLEO — guereiro grego, morto por Enéias, durante a destruição de Tróia.

DIANA — nome romano da deusa grega Artemis (v.).

DIDO — filha de Belo, rei da fenícia Tiro; casou-se com Siqueu, que Pigmalião, irmão de Dido, matou. Dido fugiu para a Líbia, onde fundou Cartago.

DIMANTE — guerreiro troiano.

DÍNDIMO — monte da Frígia: no cume havia um templo dedicado à deusa Cibele (v.).

DIOMEDES — rei grego, da Etólia, um dos mais esforçados guerreiros durante o sítio de Tróia; companheiro de Ulisses (v. Reso).

DIORES — príncipe troiano, companheiro de Enéias.

DIOXIPO — companheiro de Enéias.

DODONA — cidade do Epiro, junto da qual havia um bosque consagrado a Júpiter, cujos carvalhos proferiam oráculos.

DOLÃO — guerreiro troiano.

DOLICÁON — guerreiro itálico, companheiro de Enéias.

DÓLOPES — povo da Tessália.

DONUSA — ilha do mar Egeu.

DÓRICLO — filho natural de Príamo, morto por Ájax, no sítio de Tróia.

DRANCES — conselheiro do rei Latino.

DREPANO — cidade siciliana (hoje Trápani), na costa ocidental da ilha.

DRÍOPES — habitantes da antiga região grega chamada Dórida. — Nome de um guerreiro itálico. companheiro de Turno.

DRUSOS — família patrícia de Roma.

DULÍQUIO — ilha do mar Jônio, perto de Ítaca (pátria de Ulisses).

ÉACO — (v. Mirmídones).

ÉBALO — filho de Telão, rei dos teléboas na Acarnânia, de onde emigrou para a ilha de Capri, diante de Nápoles.

EBISO — guerreiro itálico, companheiro de Turno.

EÉIA — cidade da Cólquida, na Ásia Menor, de onde a feiticeira Circe — irmã de Eeta, rei da região — fugiu para ir morar na ilha tambem chamada Eéia, perto do promontório Circeu, na Itália central.

EGÉON — é o mesmo que Briareu (v.).

EGÉRIA — ninfa, que Diana converteu em fonte. Os romanos veneravam-na como deusa dos bons partos; e o rei Numa Pompílio a teve como conselheira.
ELECTRA — filha de Atlante, mãe de Dárdano, ancestral dos troianos.
ÉLIDA — região do Peloponeso: cidade principal era Olímpia, onde se celebravam os famosos jogos.
EMATIÃO — companheiro de Enéias.
EMEU — companheiro de Enéias.
ENCÉLADO — o mais poderoso dos gigantes que quiseram escalar o céu: Júpiter deitou em cima dêle o monte Etna. Os poetas fingiram que as erupções dêste vulcão procediam dos esforços que fazia o gigante para se voltar do outro lado.
ENÉIAS — filho de Anquises e da deusa Vênus; casou-se com Creusa, filha de Príamo, rei de Tróia; seu filho Ascânio foi denominado também Julo (de onde a família romana Júlia).
ENOS — primeira cidade fundada por Enéias, perto do rio Hebro, na Trácia.
ENTELO — companheiro de Acestes (v.).
EÓLIA — reino dos ventos (v.), no meio das águas, próximo à Sicília.
ÉOLO — filho de Júpiter e deus dos ventos (v.) — Companheiro de Enéias.
EOS — os romanos chamaram-na Aurora: era filha de Hipérion e Téia; presidia ao nascimento do dia: para Homero é a «deusa que tem dedos côr de rosa». Percorria o céu sôbre um carro de ouro, puxado pelos cavalos Lampos e Fetonte, anunciando a vinda do irmão Hélio (Sol). Desposou Astreu e gerou os Ventos (v.) e os Astros; mas não desdenhou muitos mortais: o mais importante foi Titono, filho do rei de Tróia. Apaixonada pelo belo moço, raptou-o e fugiu para a Etiópia, tendo três filhos (Emation, Hemera. Mémnon, que se tornou rei dos etíopes). pediu e obteve de Júpiter a imortalidade para Titono, mas esqueceu de pedir que não envelhecesse; quando velho, foi transformado em cigarra.
EPEU — insigne artífice de máquinas de guerra: inventou o aríete e o escudo, e construiu o cavalo de Tróia.
EPIRO — região ao longo das costas orientais do mar Adriático, antigamente chamada também Caônia (hoje Albânia).
EPITIDES — aio de Ascânio, filho de Enéias.
ÉPITO — guerreiro troiano.
EPOLÃO — guerreiro itálico, companheiro de Turno.
EQUÍCULAS — antigo povo da Itália central.
ÉQUOS — povo do Lácio.
ERATO — uma das Musas (v.).
ÉREBO — filho do Caos, irmão e espôso da Noite, da qual teve o Éter e o Dia. Era considerado como o próprio Inferno, espaço tenebroso na parte interna da terra(v. Infernos).
ERETO — cidade da Sabínia (hoje Monterotondo).
ERIDANO — filho de Oceano e de Tetis, o maior rio da Itália (hoje chama-se Pó): nele precipitou Fetonte (v.).
ERIFILA — espôsa de Anfiarão. Êste devia ir à guerra contra Tebas, mas não queria, pois sendo adivinho, sabia que teria morrido; e se escondeu. A mulher indicou o esconderijo e Anfiarão foi à guerra e morreu. O filho Alcmeão matou a mãe.
ÉRITO — antigo rei de Prenestes, na Etrúria.

ERIMANTE — companheiro de Enéias.
ERIMANTO — monte e bosque da Arcádia, onde Hércules tomou às mãos e depois levou sôbre seus ombros um javali, que assolava os campos.
ERÍNIA — uma das Fúrias (v.) ou Eumênidas, deusas infernais da discórdia.
ERIQUETES — companheiro de Enéias.
ERIX — monte da Sicília, sôbre o qual foi sepultado, num templo, Erix, filho de Butes e Vênus, de fôrça prodigiosa: lutava contra todos os passageiros e os matava; porém foi morto por Hércules.
EROS — deus do amor, contemporâneo do Caos: inspirava a simpatia e a atração entre os seres. Conforme outra lenda, era filho de Marte e Vênus e representado sob a figura de um menino Cupido, para os romanos). Com o seu arco de ouro e as suas flechas perturbava mortais e imortais. Apaixonou-se por uma moça belíssima, Psiquê («alma»); e a fêz transportar por Zéfiro a um lugar de delícias, onde cada noite ia visitá-la misteriosamente: Psiquê não devia conhecer quem fôsse seu espôso, mas foi vencida pela curiosidade; e uma noite acendeu uma lâmpada. Eros, então fugiu e nunca mais voltou. Vênus, ciosa por ver que seduzira o filho, perseguiu Psiquê de maneira que lhe causou a morte. Júpiter lhe restituiu a vida e a chamou entre os imortais. Eros teve um irmão, que a mãe lhe deu como companheiro: Anteros representava a divindade oposta a Eros ou, melhor, o amor correspondido.
ESCAMANDRO — rio da Tróada, chamado também Xanto: Hércules estando com sêde, o fêz brotar. As suas águas tinham a propriedade de tornar louros os cabelos das mulheres. Durante o cêrco de Tróia, o rio lutou contra Aquiles; Vulcão o secou.
ESCULÁPIO — considerado como deus da medicina (v. Apolo).
ESÍONE — filha de Laomedonte (rei de Tróia) e irmã de Príamo.
ESPARTA — cidade do Peloponeso, capital da Lacônia. Menelau foi um dos reis de Esparta.
ESPIO — nereide (v.).
ESTÊNELO — guerreiro grego.
ESTÊNIO — guerreiro itálico, companheiro de Turno.
ESTÉROPES — um dos ciclopes (v.).
ESTIGE — rio infernal.
ESTRIMÃO — rio entre a Trácia e a Macedônia, em cujas margens Orfeu chorava a morte da espôsa Eurídice.
ESTRIMÔNIO — guerreiro itálico, compnheiro de Enéias.
ESTRÓFADES — pequenas ilhas do mar Jônio, onde moravam as Hárpias (v.).
ETÃO — nome do cavalo de Palante.
ETNA — vulcão siciliano, perto de Catânia: os poetas fingiram que as forjas do deus Vulcão se achavam ali colocadas e que os ciclopes trabalhavam ali continuamente os raios de Júpiter.
ETÓLIA — região da Grécia setentrional.
ETRÚRIA — região itálica (hoje Toscana).
EUFRATES — rio da Mesopotâmia.
EUMENES — guerreiro troiano, companheiro de Enéias.
EUMÊNIDES — (v. Fúrias).
EURÍALO — companheiro de Enéias.

EURÍPILO — filho de Evémon, rei da Tessália.
EURISTEU — rei de Micenes, que por vontade de Juno impôs a Hércules duros trabalhos e perigosas façanhas.
EURITIÃO — companheiro de Enéias, filho de Licão e irmão de Pândaro.
EURO — um dos principais ventos, (v.).
EUROTA — rio que atravessa a cidade de Esparta: as suas águas fortificavam o corpo e a alma. Era considerado sagrado, pois nele se atirou o herói Eurotas, rei dos espartanos, quando foi vencido em batalha. Diana costumava banhar-se nas águas do rio, que corria entre margens de mirtos e loureiros.
EVANDRA — jogou-se sôbre a fogueira do marido Capaneu, que Júpiter tinha morto com o raio durante o assalto contra Tebas.
EVANDRO — filho de Palante, rei de Palanteu, cidade do Lácio.
EVANTEU — companheiro de Enéias.
FÁBARIS — rio da Sabínia (hoje Farpa).
FÁBIOS — família patrícia de Roma.
FABRÍCIO — general romano, duas vêzes cônsul, não se deixou corromper pelas propostas do rei Pirro.
FADO — guerreiro itálico, companheiro de Turno.
FÁLERIS — companheiro de Enéias.
FALISCOS — povo do Lácio.
FAMA — divindade pética, mensageira de Júpiter.
FARÃO — guerreiro itálico, companheiro de Turno.
FAUNO — uma das mais antigas divindades itálicas: seu nome significa «protetor». Seu pai era Pico, seu avô Saturno.
FAUNOS — divindades protetoras dos bosques.
FEÁCIOS — habitantes da ilha de Córcira, no mar Jônio.
FEBO — apelido de Apolo (v.).
FEDRA — filha de Minos e de Pasífae, espôsa de Teseu: apaixonada pelo enteado Hipólito e por êle recusada, o acusou perante o marido de que quisera atentar contra a sua honra. Hipólito, indo para o desterro, morreu. Fedra tributou à inocência dêle claro testemunho, matando-se a si própria.
FEGEU — companheiro de Enéias.
FÊNEOS — cidade da Arcádia.
FÊNIX — filho de Amintor, rei dos dólopes; mestre de Aquiles, com o discípulo foi ao cêrco de Tróia.
FERÔNIA — divindade itálica, honrada na cidade de Anxur, no Lácio.
FEROS — guerreiro itálico, companheiro de Enéias.
FESCÊNIO — herói itálico.
FETONTE — filho de Hélios e de Climene. Epato (filho de Júpiter e de Io) pôs em dúvida a origem divina de Fetonte: então o moço obteve do pai licença para guiar os cavalos do carro que cada dia iluminava o mundo; mas os cavalos estranharam logo a mão inexperiente que os guiava, afastaram-se da costumeira carreira e incendiaram a terra. Júpiter, para salvar o mundo, atirou um raio contra o moço, que caiu no rio Eridano (v.). As irmãs de Fetonte tanto choraram o trágico fim que foram transformadas em álamos e as suas lágrimas em grãos de âmbar.
FIDENA — cidade do Lácio.
FILOCTETE — companheiro de Hércules: êste, morrendo, deu de presente as suas flechas ao amigo. Foi com Ulisses ao cêrco de Tróia; voltou à pátria (Melibéia, na Tessália), mas teve que fugir por causa de uma revolta popular, e foi fundar a cidade de Petília, na Itália.
FINEU — rei da Trácia: mandou arrancar os olhos aos dois filhos, injustamente acusados de trato ilícito com a madrasta. Foi castigado com a cegueira e a hospedar, durante muitos anos, as Hárpias (v.).
FLAVÍNIA — cidade etrusca.
FLÉGIAS — filho de Marte, rei dos lapitas. Por vingança pôs fogo ao templo de Apolo; e o deus precipitou-o nos Infernos, onde foi condenado a ficar eternamente debaixo de um grande rochedo, o qual parecendo estar sempre a cair lhe causava um mêdo contínuo.
FOLO — centauro (v.).
FÓLOE — escrava grega, insigne bordadeira.
FÓRCIS — divindade marinha, filho de Ponto e da Terra: era representado como um velho, que mandava nas ondas. De Forcis e da sua espôsa Ceto nasceram as ninfas Toosa (que foi mãe do ciclope Polifemo) e Cila, as três Gréias (Ênio, Pefredo e Dino) e as três Górgones (Medusa, Euríale e Esteno). As Gréias (em grego: as velhas) nasceram já com os cabelos brancos: só tinham, para uso das três, um dente e um ôlho. As Górgones eram dragões com serpentes por cabelos e o olhar que convertia em pedra: moravam no jardim das Hespérides (v.).
FORCO — filho de Netuno. Rei das ilhas de Sardenha e de Córsega, foi vencido por Atlante; depois convertido em deus marinho, o principal dos Tritões.
FORTUNA — deusa do destino (os gregos chamaram-na Tike), filha de Oceano e de Tetis.
FÓRULOS — cidade da Sabínia.
FRÍGIA — região da Ásia Menor, onde surgiu Tróia; célebre pelo culto da deusa Cibele (v.).
FRÍGIOS — povo da Frígia.
FTIA — capital da região de Ftiótida, cujo rei foi Peleu, pai de Aquiles.
FUCINO — lago da Itália central.
FUROR — divindade alegórica.
FÚRIAS — também chamadas Hárpias (v.).
GÁBIOS — antiga cidade do Lácio.
GAETA — ama de Enéias: deu seu nome a um promontório da Itália, entre as regiões do Lácio e da Campânia, onde morreu, e ao pôrto e cidade que ali foi edificada.
GALESO — velho camponês itálico.
GANIMEDES — filho de Tros, rei da Dardânia, era tão belo que Júpiter mandou a sua águia para raptá-lo e fêz dêle o copeiro da mesa dos deuses, em substituição de Hebe. Júpiter deu a Tros, em compensação, dois cavalos divinos. Os astrônomos puzeram Ganimedes entre as constelações com o nome de Aquário.
GARAMÂNTIS — ninfa (v. Amão), mãe de Iarbas, rei dos getulos.
GÁRGANO — parte da região da Apúlia, na Itália meridional.
GAVISCAS — cidade etrusca.
GELA — colônia dórica, surgia numa planície da Sicília meridional, perto de um rio do mesmo nome. Famosa na antigüidade pois ali morreu e foi sepultado o poeta Ésquilo.

GELONOS — povo da Cítia, entre o mar Cáspio e o mar Negro.
GÊNIO — deus da natureza: cria-se que cada lugar e cada homem tinham o seu gênio tutelar.
GERIÃO — rei da Erítia (talvez parte da Espanha, conforme a opinião dos poetas): tinha três corpos e foi morto por Hércules pelo motivo de sustentar seus bois com carne humana.
GETAS — povo da Trácia, que morava na hodierna Romênia.
GETÚLIA — região da África setentrional, perto de Cartago, da Numídia e da Mauritânia.
GÍARO — pequena ilha do mar Egeu.
GIAS — companheiro de Enéias. — Nome de um guerreiro itálico, morto por Enéias.
GLAUCO — pescador de Antedonte, na Beócia, jogou um peixe sôbre uma erva e notou que recuperava a vida: seguiu o exemplo, comendo aquela erva, e se jogou ao mar. Oceano e Tetis deram-lhe a imortalidade e o dom de predizer o futuro. — Nome de guerreiro troiano.
GNOSSO — cidade da ilha de Creta.
GÓRGONES — filhas de Ceto e de Fórcis (v.).
GORTINA — cidade de Creta.
GRACOS — família patrícia de Roma.
HALÉSIO — amigo ou companheiro do rei Agamenão: fundou a cidade itálica de Falério.
HALESO — guerreiro itálico, companheiro de Turno.
HÁLIO — companheiro de Enéias.
HÁLIS — companheiro de Enéias.
HARPÁLICE — caçadora, filha do rei da Trácia.
HÁRPIAS — de Taumas (filho da Terra) e da ninfa Eletra nasceram os monstros chamados Hárpias (em grego: aquelas que raptam): tinham rosto de mulher, corpo de abutre, azas, bico e unhas aduncas. Servindo Júpiter e Juno, assombravam e infetavam o mundo. Os seus nomes eram característicos: Celeno (a obscuridade), Aelo (a tempestade), Ocitoe (a rápida), Podarge (a pé-veloz).
HEBRO — guerreiro itálico, companheiro de Enéias. — Rio da Trácia.
HÉCATE — nome que se dava a Diana nos Infernos. Era representada em figura de mulher com três cabeças: aparecia nos trívios da cidade (por isso era chamada também Trívia).
HÉCUBA — espôsa de Príamo; depois da tomada de Tróia, coube por sorte a Ulisses. Tanta dor concebeu de ver imolada a filha Polissena sôbre o túmulo de Aquiles e de achar o filho Polidoro morto por traição que arrancou os olhos a si mesma; e desabafando depois de em mil imprecações contra os gregos, foi metamorfoseada em cadela.
HEITOR — filho do rei Príamo; foi o mais valoroso guerreiro troiano, morto em duelo por Aquiles.
HELENOR — guerreiro lídio, filho ilegítimo do rei da Lídia; companheiro de Enéias.
HELICÃO — monte da Beócia, predileto pelas Musas (v.).
HÉLIMO — companheiro de Enéias.
HÉLIOS — é o Sol, filho de Hipérion e de Téia: cada manhã sobe ao seu carro de ouro puxado por quatro cavalos (Etíope, Piroente, Eos e Flegon), que respiram fogo; e leva a luz a qualquer lugar

(por isso nos juramentos era sempre invocado como testemunha) Na ilha Trináquia (Sicília) possuia trezentos e cinqüenta bois e outras tantas ovelhas (os dias e as noites do primitivo ano solar). Várias foram as espôsas de Hélio: Rodes, ninfa da ilha que tinha o mesmo nome (e da qual teve sete filhos: os Heliacos); a ninfa Neera, mãe de Campécia e Fetusa, que cuidavam do gado sagrado na ilha Trináquia; a ninfa Perse, que gerou Eetes (pai de Medéia), a feiticeira Circe e Pasifae (que casou com Minos, rei de Creta), a ninfa Climene, da qual teve sete filhos (as Heliades) e um filho Fetonte (v.). O seu culto floresceu particularmente em Rodes. Muitas vêzes Hélio foi confundido com Apolo.
HELENA — filha de Tíndaro e Leda irmã de Clitemnestra: casou se com Menelau, rei de Esparta; Páris a raptou, dando origem à guerra entre gregos e troianos.
HELENO — filho de Príamo, famoso adivinho. Prisioneiro de Pirro, depois da destruição de Tróia, viveu no Epiro. Morto Pirro, tornou-se senhor de uma parte da região e se casou com Andromaca, viuva de Heitor.
HELORO — pequeno rio (hoje Atellano) na costa oriental da Sicília.
HÉMON — guerreiro itálico, companheiro de Turno.
HEMÔNIDES — sacerdote de Apolo e guerreiro itálico, companheiro de Turno.
HERBESO — guerreiro itálico, companheiro de Turno.
HÉRCULES — filho de Júpiter e Alcmene: herói que ficou famoso pelas suas façanhas (no berço matou uma serpente; pastor, matou um leão; etc.), das quais as mais célebres foram os doze trabalhos imposto-lhe pelo rei Euristeu. Depois da sua morte contaram-no no número dos deuses, que lhe deram por mulher Hebe, a deusa da mocidade.
HERMÍNIO — companheiro de Enéias.
HERMÍONA — filha de Menelau e de Helena.
HERMO — rio da Lídia, que desagua no mar Egeu.
HESPÉRIA — nome que os gregos deram à península itálica, pois para êles a região ficava para o ocidente.
HESPÉRIDAS — (v. Hésperos).
HÉSPEROS — é o nome romano de Vésper, o astro que brilha à noite no ocidente, em contraposição de Eósforo, o astro da aurora. Com as filhas Hespérides (Egle, Aretusa, Erícia e Hespéria) morava num jardim situado num país a oeste do mundo (Mauritânia), teatro de um dos doze trabalhos de Hércules. Mas Ésperos foi expulso pelo irmão Atlante e refugiou se na Itália, que dele derivou o nome de Hespéria; também a Espanha foi chamada Hespéria, por ser o país mais ocidental da Europa.
HÉSTIA — é a Vesta dos romanos. Filha de Cronos e Réia, irmã de Júpiter, era a deusa do «fogão da casa» (hestia), do lar doméstico, da família e da pátria. Netuno e Apolo a eriam desposado; mas ela fêz voto de ficar virgem. O seu culto consistia em manter aceso o fogo que era consagrado à deusa: a ela se dirigiam os gregos em todos os seus sacrifícios e lhe dedicaram um altar no

meio da sala principal do «pritaneio» (edifício público que existia em cada cidade). Os colonizadores gregos levavam consigo parte daquele fogo sagrado para poder iniciar uma nova comunidade. Entre os romanos, o fogo sagrado de Vesta era guardado e alimentado por seis sacerdotizas (Vestais), que deviam ficar virgens e que teriam sido enterradas vivas se tivessem deixado apagar o fogo; todavia, tinham especiais privilégios, ficando ao serviço da deusa por um período de vinte ou trinta anos. Em honra das Vestais celebravam-se cada ano as festas chamadas «Vestália».

HÍADES — filhas de Atlante e da ninfa Etra: choraram de tal maneira o irmão Hias estraçalhado por uma fera que os deuses comovidos as transformaram em constelação. O número das Híades (assim chamadas do verbo grego «hyein», chover, pois a aparição dessas estrêlas coincide com o período chuvoso de primavera) varia de dois a sete, lembradas com os nomes de Ambrósia, Eudore, Coronis, Polixo, Dionéia, Fileto, Dione (mas sôbre os nomes falta um acôrdo entre os autores antigos). Os romanos chamaram-nas «Suculae» (porquinhas», pois viram no seu nome uma relação com a palavra grega «hys» (porco, em latim «sus».

HIDASPES — companheiro de Enéias.

HIDRA — ou Serpente da lagoa de Lerna: tinha sete cabeças, que renasciam sempre que se lhe cortavam. Sem receio disto, Hércules matou-a, trabalho êste que foi para êle o mais difícil e glorioso.

HILEU — centauro (v.).

HILO — companheiro de Enéias.

HIMELA — cidade e rio da Sabínia.

HÍPANIS — guerreiro troiano.

HIPOCOONTE — filho de Hírtaco, companheiro de Enéias.

HIPÓLITA — rainha das Amazonas.

HIPÓLITO — (v. Fedra e Vírbio).

HÍPOTA — companheiro de Enéias.

HIRCÂNIA — região perto do Cáucaso e do mar Cáspio.

HIRCANOS — povo da Ásia, entre o mar Cáspio e a Média.

HIRPÁLICO — companheiro de Enéias.

HÍRTACO — pai de Hipocoonte e de Niso, companheiros de Enéias.

HISBO — guerreiro itálico, companheiro de Turno.

HÔMOLE — monte da Tessália.

HORAS — filhas de Júpiter e de Temis, eram as deusas da ordem na natureza e por isso das estações e da fecundidade do campo. Ancilas de Júpter deviam abrir e fechar as portas do Olimpo. No início foram três: Eunômia, Dicéia e Irene, isto é, a Boa Ordem, a Justiça e a Paz; em seguida, os antigos acrescentaram-lhes outras duas: Carpo e Talete, que deviam cuidar das flores e dos frutos enfim, quando o dia foi dividido em doze partes, as Horas chegaram até a doze irmãs.

HORTA — cidade da Sabínia (hoje Orta).

IÁPIGE — vento, chamado também Argeste: chegava do promontório Iapígio (hoje Leuca) na ponta extrema do calcanhar da Itália. — Médico, filho de Iásio, predileto de Apolo.

IAPÍGIA — outro nome da região Apúlia, na Itália meridional.

IARBA — rei dos getulos, povo que morava perto de Cartago.

IÁSIO — pai de Palinuro (v.).

ÍCARO — filho de Dédalo (v.).

IDA — monte famoso pelo juízo de Páris: consagrado à deusa Cibele (v.), está situado na Frígia, junto ao lugar onde foi construida Tróia. Nome de uma ninfa (v.).

IDÁLIA — sôbre o monte Idálio, na ilha de Chipre, havia um templo dedicado a Vênus, às vêzes chamada com o nome de Idália.

IDÁLIO — monte da ilha de Chipre, particularmente consagrado a Vênus.

IDAS — companheiro de Enéias.

IDEU — auriga do rei Príamo; companheiro de Enéias.

ÍDMON — guerreiro itálico, companheiro de Turno.

IDOMENEU — rei da ilha de Creta, foi ao cêrco de Tróia; voltando, por ocasião de uma tempestade, fez juramento de sacrificar a primeira pessoa que encontrasse ao desembarcar salvo na ilha. Logo que desembarcou, encontrou seu filho, que foi morto, resultando disso tão cruel peste, que o povo indignado expulsou o rei. Idomeneu foi-se embora, indo fundar uma cidade na Calábria.

IERA — ninfa (n.).

ÍFITO — companheiro de Enéias.

ÍLIA — ou Réia Sílvia, filha de Numitor, rei de Alba-Longa. Quando o tio Amúlio destronou o irmão e recolheu a sobrinha com as vestais, para não ter concorrentes ao trono,Ília encontrou-se com o deus Marte e dêle teve os gêmeos Rômolo e Remo.

ILION — outro nome de Tróia (de seu fundador: Ilo).

ILÍONA — a filha mais velha de Príamo, rei de Tróia.

ILIONEU — companheiro de Enéias.

ILÍRIA — vasta região ao longo das costas orientais do mar Adriático.

ILO — filho de Troo, fundador de Tróia ou Ilion. — Guerreiro itálico, companheiro de Turno.

ILVA — ilha do mar Tirreno, ao longo das costas da Etrúria (hoje Elba).

IMÁON — guerreiro itálico, companheiro de Turno.

IMBRASO — companheiro de Enéias.

ÍNACO — fundador e rei de Argos, uma das mais antigas cidades do Peloponeso, capital da Argólida; pai de Ino (v.). — Nome do rio que banha a planície onde surge a cidade grega.

INÁRIME — ilha perto das costas da Campânia (v. Tifeu).

INO — filha de Cadmo, rei de Tebas. Desposou Atamas, que foi também rei de Tebas. Juno perseguiu-a: por ter criado Baco, filho da irmã Semele e de Júpiter, enlouqueceu e jogou-se ao mar com o filho Melicerta. Netuno teve piedade e transformou Ino em ninfa com o nome de Leucotéia (a deusa resplandescente) e o filho em deus marinho com o nome de Palemon, muito venerado em Corinto. Os romanos identificaram Ino com Matuta, deusa da aurora; e Palemon com Portuno, deus dos pôrtos.

IO — filha de Inaco e Ismene. Júpiter metamorfoseou-a em vaca para assim poder escapar à vigilância de Juno; porém, a deusa entregou Ino ao monstro Argos. Mercúrio adormeceu Argos e matou o por ordem de Júpiter. Mas Juno mandou um tavão que picava

incessantemente Io, obrigando-a a fugir por tôda a parte, até que se jogou ao mar e foi parar no Egito, onde Júpiter lhe restituiu forma humana e lhe deu a imortalidade. Os egípcios veneravam-na como deusa, que casou com Osiris.

IOLAS — companheiro de Enéias.

ISMARA — cidade da Trácia.

IOPAS — príncipe da África.

IRIS — filha de Taumas (filho da Terra) e da ninfa Eletra, era a mensageira dos deuses: em particular de Juno: assim como Mercúrio o era de Júpiter. Cuidava do aposento e dos vestidos de Juno; e recebia de Juno uma grande afeição, pois nunca lhe dava notícias ruins. Juno colocou-a no céu, transformada em arco-íris, o arco que une a terra ao céu. Íris tinha também o encargo de cortar os cabelos das mulheres que estavam para morrer.

ÍSMARO — companheiro de Enéias.

ÍTACA — ilha do mar Jônio, pátria de Ulisses, que foi rei dela e das pequenas ilhas ao redor (Dulíquio, Néritos, Zacinto).

ÍTALO — rei lendário da Itália.

ITIS — companheiro de Enéias.

IXIÃO — rei dos lapitas. Teve a ousadia de amar Juno, que o acusou perante o marido. Júpiter precipitou-o nos Infernos, onde as Fúrias o ataram com serpentes a uma roda, a qual girava sem nunca parar.

JANÍCULO — uma das sete colinas de Roma.

JANO — filho de Apolo e da ninfa Creúsa, lendário rei da Itália: recebeu Saturno, banido do céu; por isso teve como prêmio o conhecimento do passado e do futuro e uma rara prudência: daqui foi apresentado com dois rostos (bifronte). Em Roma, edificou-se-lhe um templo, cujas portas estavam abertas em tempo de guerra e fechadas em tempo de paz.

JÁSIO — irmão de Dárdano (v.).

JÔNIO — mar ao sul da península itálica.

JULO — (v. Ascânio).

JUNO — é a deusa grega Hera, filha de Saturno e de Réia. Irmã e espôsa de Jupiter, rainha dos deuses, tinha um temperamento orgulhoso e vingativo. Presidia às núpcias e aos partos (por isso chamada também Prônuba ou Lucina). Era honrada especialmente em Argos, Samos e Cartago.

JÚPITER — é o grego Zeus. Filho de Cronos e de Réia, irmão de Netuno, Plutão, Juno, Vesta e Ceres, tornou-se chefe dos deuses e dono do mundo depois de ter destronado o pai Cronos (v.): êste, tendo notícia de que um filho o teria expulsado, devorava-os imediatamente; mas Réia conseguiu fazer nascer Júpiter na ilha de Creta, onde o deixou aos cuidados dos sacerdotes Curetes (v.) e das ninfas Melissa e Melusa: a cabra Amaltéia o amamentara. Venceu os Titãs e os gigantes. Conforme o poeta Hesíodo, casou-se sete vêzes (com Metis, Temis, Eurinome, Ceres, Mnemósine, Leto e Juno); mas tomou-se também de amor por inúmeras mortais, que lhe deram muitos filhos. Em honra do deus Júpiter eram celebrados os jogos olímpicos; famoso era o seu oráculo em Dodona. Os romanos deram-lhe vários apelidos: Diespiter ou Deipater (pai do dia), Xênio (deus da hospitalidade), Capitolino (protetor do Capitólio), etc.

JOTURIA — irmã de Turno; ninfa dos rios.

LABICO — antigo povo do Lácio.

LACÍNIA — sobrenome de Juno, tomado de um templo célebre que a deusa tinha no promontório Lacínio, na Calábria.

LÁCIO — região da Itália, onde surgiu Roma.

LADÃO — guerreiro itálico, companheiro de Enéias.

LAGO — guerreiro itálico, companheiro de Turno.

LÂMIRO — guerreiro itálico, companheiro de Turno.

LAMO — guerreiro itálico, companheiro de Turno.

LAOCOONTE — filho de Príamo, sumo sacerdote de Apolo em Tróia.

LAOMEDONTE — antigo rei de Tróia, pai de Príamo.

LÁPITAS — povo da Tessália, cujo rei foi Perítoo (v.).

LARIDE — guerreiro itálico, companheiro de Turno.

LARINA — companheira da heroína Camila.

LARISSA — cidade da Tessália.

LÁTAGO — guerreiro itálico, companheiro de Enéias.

LATINO — antigo rei do Lácio, filho de Fauno e da ninfa Marica.

LATONA — é a deusa grega Leto (v.).

LAUDÂMIA — espôsa de Protesilau (o primeiro grego que chegou a Tróia e foi morto por Heitor): obteve de Júpiter que o marido ressuscitasse durante algumas horas; depois, se matou para segui-lo no além-túmulo.

LAURÊNTIO — de Laurento, a cidade do rei Latino, no Lácio.

LAUSO — filho de Mezêncio, senhor de Ceres.

LAVÍNIA — filha do rei Latino e de Amata, segunda espôsa de Enéias.

LAVÍNIO — cidade fundada por Enéias no Lácio e assim chamada em honra de sua espôsa Lavínia.

LEALDADE — divindade alegórica.

LEDA — filha de Téstio, rei da Etólia: foi espôsa de Tindáreo, mas teve de Júpiter uma filha, a famosa Helena, que, mulher de Melelau deu lugar ao cêrco e à destruição de Tróia.

LÉTEGES — povos da Ásia Menor.

LETES — rio dos Infernos: as sombras eram obrigadas a beber água dêste rio para poder esquecer o passado.

LETO — para os romanos foi Latona, filha do titã Céus e de Febe. Amada por Júpiter. Juno fêz persegui-la pela serpente Píton, que não lhe deixava encontrar abrigo para dar a luz os filhos Febo e Artemis: Netuno apiedou-se da sua sorte e fêz sair do mar a ilha de Delos, onde Leto se refugiou. Como deusa presidia ao nascimento dos homens; a ela dirigiam preces as mães nos momentos de angústia.

LEUCÁSPIS — companheiro de Enéias.

LEUCATE — promontório nas costas do Epiro, célebre, conforme a lenda, porque dali a poetisa Safo se teria jogado ao mar por desespêro amoroso.

LÍBIA — região da África setentrional; com êste nome os gregos designavam tôda a África. O nome começou a ser usado pelos romanos.

LICAS — guerreiro itálico, companheiro de Turno.

LÍCIA — região da Ásia Menor, entre a Frígia, o mar Mediterrâneo e a Cária.
LÍCIOS — povo da Lícia (v.).
LICO — companheiro de Enéias.
LICURGO — antigo rei da Trácia; inimigo implacável de Baco, foi punido pelo deus com a loucura.
LÍDIO — da Lídia, região da Ásia Menor, de onde embarcaram os etruscos que foram colonisar a Itália central.
LÍGER — guerreiro itálico, companheiro de Turno.
LILIBEU — promontório nas costas ocidentais da Sicília.
LINCEU — companheiro de Enéias.
LÍPARA — uma das ilhas Eólias, ao norte da Sicília, assim chamadas porque Eolo deus dos ventos, tinha ali a sua habitual morada.
LÍRIS — companheiro de Enéias.
LIRNESSO — cidade da Tróada.
LOCROS — povo da Lócrida, região da Grécia setentrional.
LÚCAGO — guerreiro itálico, companheiro de Turno.
LUCAS — guerreiro itálico, companheiro de Turno.
LUCRÉCIO — guerreiro itálico, companheiro de Turno.
LUPERCAL — gruta sagrada, dedicada a Fauno, divindade pastoril, no Palatino romano. Esta divindade itálica correspondia à grega Pã de Liceu.
MACAÃO — filho de Esculápio e famoso médico; morreu no cêrco de Tróia.
MAGO — guerreiro itálico, companheiro de Turno.
MAIA — uma das sete Pléiades (v.); com Júpiter teve o filho Mercúrio, mensageiro dos deuses.
MÂNLIO — guerreiro romano, salvou Roma contra os gauleses, defendendo o Capitólio.
MÂNTUA — cidade da Itália setentrional, fundada por Ocno, reunia povos de diferentes origens: etruscos, celtas e romanos. Cada povo tinha quatro bairos.
MARCELO — cônsul romano, derrotou os gauleses e Haníbal. Filho de Otávia, irmã de Augusto, predileto pelo tio, morreu aos vinte anos.
MARICA — mãe do rei Latino; divindade campestre do Lácio.
MARRUVIANOS — ou marsos, antigo povo da Itália central.
MARTE — é o nome latino (de «mas», macho, varão) do deus grego Ares (do verbo «áiro», destruir): é o deus da guerra. Filho de Júpiter e de Juno (conforme outra lenda, assim como Júpiter fêz brotar da sua cabeça Minerva, assim Juno teria gerado Marte com o simples contato de uma flor indicada-lhe por Flora), Ares entra em tôda luta e destruição, acompanhado pelo irmão Éris (a discórdia) e pelos filhos Fobos (o receio) e Deimos (o terror), que êle teve de Vênus. Com esta deusa (da qual teve também Éros, Anteros e Harmonia) foi descoberto um dia por Vulcão que envolveu a espôsa e o amante numa rêde sólida e invisível, provocando grande escândalo no Olimpo. Entre os gregos não foi muito venerado; ao contrário, os romanos se diziam descendentes de Marte, pois a vestal Réia Sílvia teve dêsse deus os gêmeos Rômulo e Remo. Em Roma, Marte foi venerado também com o nome de Quirino (de «quiris», lança) e identificado com Rômolo, quando o primeiro rei subiu ao céu (Rômolo-Quirino): por isso os romanos eram chamados Quirites.

MÁSSICO — guerreiro itálico, senhor de Cluso, cidade etrusca. — Monte da Campânia.
MATUSCA — cidade da Sabínia.
MEDONTE — guereiro troiano.
MEDUSA — uma das Górgones, filha de Ceto e de Forcis (v.). Na mocidade (Medusa era mortal, enquanto as irmãs Euríale e Esteno não eram sujeitas à velhice nem à morte) tinha aspecto maravilhoso, mas tendo ousado disputar em beleza com Minerva, esta deusa lhe transformou os cabelos em pavorosas serpentes e deu a seus olhos o poder de petrificar. Medusa tornou-se assim muito perigosa; então os deuses mandaram o herói Perseu para matá-la: o que conseguiu fazer com o auxílio de Minerva, que lhe deu um espelho mágico para torná-lo invisível. Perseu cortou a cabeça de Medusa: do sangue nasceu o cavalo Pégaso.
MÉGARA — golfo do mar Jônio (hoje: de Augusta).
MELAMPO — grande médico e adivinho; companheiro de Hércules.
MÉLITA — nereide (v.).
MÊMIOS — família romana, descendente de Mnesteu, companheiro de Enéias.
MÊMNON — rei dos Etíopes, aliado de Príamo, morto por Aquiles.
MENESTEU — guerreiro itálico, irmão de Ácmon.
MENETES — guerreiro itálico, companheiro de Enéias.
MÉON — guerreiro itálico, companheiro de Turno.
MERCÚRIO — entre os gregos: Hermes, isto é, intérprete ou mensageiro. Filho de Júpiter e de Maia, nasceu no monte Cilênio, na Arcádia. Tinha multíssimos encargos: era deus dos negócios em geral e se encarregava da paz e da guerra, do comércio e da eloqüência dos mercadores e dos ladrões (ainda criança roubou os bois de Apolo e não foi punido porque deu ao deus a lira); inventou a escrita. Júpiter o fêz mensageiro dos deuses e lhe deu o poder de guiar as almas dos mortais aos Infernos (por isso foi chamado Hermes Psicopompos). Para poder viajar mais depressa, tinha azas aos pés e no gorro (pétaso); e, como embaixador divino, sempre levava consigo o caduceu (varinha entrelaçada por duas serpentes). Protegia também os viajantes e as estradas: por isso nas encruzilhadas eram postas em sua honra as «hermas» (bustos do deus). Namorou várias deusas (de Afrodite teve o filho Hermafrodito) e ninfas (de uma ninfa teve o belo pastor siciliano Dáfnis; de Calisto o deus dos campos Pan).
MÉROPS — companheiro de Enéias.
MESSAPO — herói itálico.
MÉTABO — rei dos volscos, pai de Camila.
METISCO — cocheiro de Turno.
METO — ditador de Alba-Longa; traiu o rei Tulo Hostílio, que o mandou esquartejar.
MEZÊNCIO — tirano da cidade etrusca de Ceres.
MICENAS — um dos centros maiores da Grécia, na região da Argólida.
MICONO — pequena ilha do mar Egeu.
MIGDÃO — pai de Corebo (v.).

MIMANTE — companheiro de Enéias.
MÍNCIO — rio que corre perto de Mântua.
MINERVA — é a grega Atena, deusa da sabedoria, da guerra, das ciências e das artes. Filha de Júpiter e de Juno, saiu inteiramente armada do cérebro do pai: dêste modo, logo o socorreu na guerra contra os gigantes; e tendo morto o gigante Palas, tomou o seu nome como símbolo de deusa belicosa. Disputou com Netuno a honra de dar o nome a uma nova grande cidade da Ática: teria saído vencedor quem tivesse oferecido ao povo a coisa mais útil. Netuno feriu a terra com o tridente e fez nascer o cavalo; Minerva por sua vez deu-lhe a oliveira. E ganhou: a cidade foi chamada Atenas No acrópole foi-lhe dedicado um templo grandioso, o Parténon (templo de Atena Partênia, isto é, virgem: no interior estava a estátua áurea da deusa esculpida por Fídias). Também em Tróia a deusa era honrada com uma estátua alta três metros (o Paládio), que Enéias levou consigo para a Itália). Durante as festas em honra de Atena (as Panatenéais), se reuniam todos os povos da Ática; em Roma celebrava-se as festais Minervais (na ocasião os estudantes davam aos professores os presentes, chamados «minervalia»). A deusa era representada com a égide, escudo asim chamado porque coberto com a pele de um monstro (Égide), que vomitava fogo e morto pela deusa
MÍNIO — pequeno rio da Etrúria (hoje Migone).
MINOS — rei de Creta. pelo seu amor à justiça foi posto como juís no além-túmulo. Reduziu à miséria Atenas, da qual pretendia todos os anos sete mancebos e sete donzelas, para serem pasto do Minotauro. (v.).
MINOTAURO — monstro com corpo humano e cabeça de touro, filho de Pasifae (v.). Minos encarcerou-o no labirinto, pois não se sustentava senão de carne humana. Foi morto por Teseu, que conseguiu sair do labirinto por meio de um novelo de fio que Ariadne, filha de Minos e apaixonada pelo jovem, lhe tinha dado.
MISENO — companheiro de Enéias, famoso na arte de tocar trombeta, Atrevendo-se a desafiar os deuses do mar a tocarem melhor, um tritão precipitou-o ao mar, onde pereceu. Enéias encontrou o cadáver perto de um promontório da Itália, ao qual deu o nome de Miseno.
MIRMIDONES — povo da Tessália; seu rei foi Aquiles. Foram chamados com êste nome — formigas — porque Júpiter, a pedido do rei Éaco, mudou um enchame de formigas em homens, para aumentar a população daquela terra. Éaco, avô de Aquiles, com Apolo e Netuno fabricou as muralhas de Tróia. Pela sua justiça foi enviado juíz nos Infernos.
MNESTEU — companheiro de Enéias.
MONECO — cidade (hoje Mônaco) nos confins da Ligúria.
MORINOS — povo da Gália bélgica.
MURARO — guerreiro itálico, companheiro de Turno.
MUSAS — filhas de Júpiter e Mnemósine, eram nove irmãs igualmente belas, que tinham atribuições bem determinadas como deusas das artes e das ciências. Clio (glória) era a deusa da história; Euterpe (que sabe agradar) presidia à música, Tália (florecer) à comédia, Melpômene (cantar) à tragédia; Terpsícore (que ama a dança) era a deusa da dança; Erato (amável) presidia à lírica; Polímnia (muitos hinos) era a musa da retórica; Urânia (céu) presidia à astronomia; Caliope (bela voz) à épica e à eloqüência. As musas preferiam morar nas grutas e nos bosques dos montes Parnaso, Hélicon, Pindo, Piério (por isso as musas eram chamadas também Piérides), freqüentemente guiadas por Apolo. Gostavam das fontes Hipocrênia, Castália, Libetra (e por isso tinham os nomes de Hipocrênias ou Libétrides). Os romanos chamavam-nas Camenes (agradáveis cantoras).

MUSEU — discípulo de Orfeu (v.).
NAR — rio do Lácio (hoje Nera).
NARÍCIO — cidade da Lócrida, região da Grécia. Parte dos seus habitantes emigraram para a Itália, onde fundaram uma colônia na Calábria.
NAUTES — companheiro de Enéias.
NAXO — ilha do mar Egeu, célebre pela videira e o vinho. Nela nasceu Baco.
NEALCES — guerreiro itálico, companheiro de Turno.
MEMÉIA — vale da Argólida, onde Hércules matou um terrível leão.
NEOPTÔLEMO — sobrenome de Pirro, filho de Aquiles. Guerreiro valente e cruel: matou Príamo, Polissena e o filho de Heitor; desposou Andrômaca, depois Hermíone, filha de Menelau, mas foi morto por Orestes, que Hermíone tinha deixado para se casar com Pirro.
NEREIDES — filhas de Doris e de Nereu (v).
NEREU — filho de Oceano e de Tetis: deus marinho, casou-se com a irmã Doris, de quem teve cinqüenta filhas, chamadas Nereides. Morava no mar Egeu, cercado pelas filhas, que cavalgavam delfins.
NÉRITOS — ilha do mar Jônio, perto de Ítaca.
NERSA — cidade dos equículas, na Itália central.
NETUNO — filho de Cronos e de Réia, irmão de Júpiter e de Plutão: vencidos os titãs, o mundo foi dividido entre os três irmãos e Netuno teve o govêrno das águas. Os gregos chamaram-no Poseidon (padrão). Vivia na profundidade do mar com a espôsa Anfitrite, da qual teve Tritão; mas inúmeras foram as suas infidelidades. Era representado com o tridente na mão, muitas vêzes num carro puxado por cavalos marinhos.
NIFEU — guerreiro itálico, companheiro de Turno.
NILO — rio do Egito. ao qual se ofereciam sacrifícios como a um deus. Deságua no Mediterrâneo por um amplo delta.
NINFAS — Oceano, filho de Netuno e de Anfitrite, considerava-se pai dos rios; casou-se com Tétis e teve um filho (Nereu) e uma filha (Dóris), os quais, casando-se, procrearam um grande número de moças (em grego: ninfas). Essas ninfas dividiam-se em grupos, conforme suas atribuições: as Díades, Hamadríade ou Napéias presidiam aos bosques e aos prados; as Náiades eram os guardas das fontes e dos rios; as Oréades habitavam os montes.
NISA — cidade e monte da Etiópia ou da Índia, onde foi criado o deus Dinôniso ou Baco.
NISÉIA — nereide (v.).
NISO — companheiro de Enéias.
NOÉMON — companheiro de Enéias.
NOITE — filha do Caos, deusa das trevas. Sòzinha procriou o Des-

tino, a Morte, o Sono, os Sonhos, a Miséria, as Parcas, a Fraude, a Velhice, a Discórdia, Nemesis, etc. Desposou Érebo, seu irmão, de quem teve o Éter e o Dia.

NOMENTO — cidade latina, perto de Roma (hoje Mentana).

NOTO — um dos principais ventos (v.).

NUMA — guerreiro itálico, companheiro de Turno.

NUMANO — guerreiro itálico, companheiro de Turno.

NUMICO — rio do Lácio, em cujas margens estava o túmulo de Enéias; suas águas eram usadas para os sacrifícios de Vesta.

NUMÍDIA — região da África,setentrional perto de Cartago, de Getúlia e da Mauritânia. Corresponde à moderna Algéria.

NUMITOR — filho de Prócas, rei de Alba-Longa, avô de Rômulo e Remo. — Guerreiro itálico, companheiro de Turno.

NÚRSIA — cidade da Sabínia (hoje Nórcia).

OCNO — guerreiro itálico, filho da profetisa Manto e do rio Tibre (v. Mântua).

OFELTES — guerreiro troiano, pai de Euríalo.

OLÉARO — ilha do mar Egeu.

OLIMPO — é uma cadeias de montes, entre a Macedônia e a Tessália (maior cume: 2985 metros). Os antigos acreditavam que no alto dêsses montes fôsse o palácio misterioso, onde moravam os deuses. Júpiter foi chamado Olímpio e Olímpicos todos os deuses.

ONÉTRIA — terra dos enótrios, tribo itálica que morava na Calábria.

ORCO — deus dos Infernos; e o mesmo que Plutão. Dava-se o mesmo nome também ao lugar do além-túmulo.

ONITES — guerreiro itálico, companheiro de Turno.

ÓPIS — ninfa trácia, companheira de Diana.

OREADES — ninfas das montanhas (de «oros», monte).

ORESTES — filho de Agamenão e de Clitemnestra: devia casar-se com Hermíona, filha de Menelau e Helena; mas Helena tinha prometido Ermíona a Pirro, filho de Aquiles. Depois de ter morto a mãe Clitemnestra e seu amante Egisto, Orestes matou Pirro.

ORFEU — filho de Apolo e de Clio, tocava a cítara com tão grande perfeição que as árvores e os rochedos deixavam os seus lugares. Quando Eurídice, sua espôsa, faleceu, Orfeu desceu aos Ínferos, comoveu Plutão com as acordes da sua lira e voltou com a mulher, mas com a condição de não a olhar até sair do além-túmulo. Não podendo resistir à sua impaciência, voltou-se e perdeu definitivamente Eurídice. Foi morto pelas bacantes (v.), porque, depois da saída do inferno, preferiu não mais comunicar com mulheres.

ÓRICO — cidade do Epiro.

ORÍON — várias são as lendas que narram a vida de Oríon, a mais interessante diz que Hirieu, pobre camponês da Beócia, teve a honra de hospedar Júpiter, Netuno e Mercúrio na sua cabana; e para os três deuses matou o único boi que possuia. Em recompensa, pediu e obteve um filho, que os deuses fizeram nascer da pele do boi. Assim nasceu Oríon, um gigante que se tornou grande caçador. Namorou a deusa Eos, para sufocar o escândalo, Artemis o fêz picar por um escorpião; mas, arrependida, pediu a Júpiter que transformasse Oríon na mais brilhante constelação.

ORÍTIA — filha de Ereteu e espôsa de Bórea, deus dos ventos.

ÓRNITO — guerreiro etrusco, companheiro de Enéias.

ORONTES — piloto, companheiro de Enéias.

ORSES — companheiro de Enéias.

ORSÍLOCO — companheiro de Enéias.

ORTÍGIA — ilha perto da cidade de Siracusa, nas costas orientais da Sicília. — Outro nome dado em tempos antigos à ilha de Delos.

ORTÍGIO — guerreiro itálico, companheiro de Turno

OSCOS — antigo povo itálico, que morava ao sul da Láci.o

OSÍNIO — guerreiro itálico, companheiro de Enéias.

OSIRIS — guerreiro itálico, companheiro de Turno.

ÓTRIS — irmão da espôsa de Príamo, pai de Panto, sacerdote de Apolo. — Monte da Tessália.

PACTOLO — rio da Lídia: célebre na antigüidade, porque se dizia que nas suas águas havia ouro.

PÁDUA — cidade itálica, na região do Vêneto, fundada pelo troiano Antenor.

PAFOS — cidade da ilha de Chipre, onde era particularmente celebrado o culto de Vênus.

PÁGASO — companheiro de Enéias.

PALÁDIO — estátua de Minerva (Atena), que se pretendia haver descido do céu e ter-se pôsto por si mesma num templo desta deusa em Tróia. O oráculo assegurou que a cidade jamais seria tomada, enquanto a estátua não fôsse roubada. Mas Ulisses e Diomedes a roubaram e a cidade foi tomada. Conforme outra lenda, Enéias salvou a estátua, que levou consigo à Itália.

PALAMEDES — descendente de Belo, foi rei da ilha Eubéia. Uilsses, por inveja ou vingança, quis provar que Palamedes estava traindo os gregos, sendo em relações com Príamo, rei de Tróia. O povo apedrejou-o.

PALANTE — herói grego, que da Arcádia emigrou para a Itália e fundou a cidade de Palanteu às margens do rio Tibre, sôbre a colina chamada Palatino O mesmo nome teve o filho de Evandro.

PALAS — nome dado à deusa Atena, por ter morto o gigante Palas, pai da Aurora (v. Minerva).

PALATINO — uma das sete colinas de Roma, onde Palante fundou a cidade de Palanteu.

PALÊMON — divindade marinha (v. Ino).

PALICO — deus venerado na Sicília.

PALINURO — o piloto do navio de Enéias.

PALMO — guerreiro itálico, companheiro de Enéias.

PÂNDARO — filho de Lião: feriu Menelau, durante o cêrco de Tróia e foi morto por Diomede. — Companheiro de Enéias.

PANOPÉIA — nome de uma nereide (v.).

PÂNOPES — companheiro de Acestes.

PANTÁGIA — pequeno rio que desagua no mar Jôno (hoje Porcari).

PANTO — filho de Ótris, sacerdote troiano.

PAQUINO — promontório siciliano (v. Peloro).

PARCAS — filhas da Noite e do Érebo, eram três irmãs (em grego Móiras) que tinham em suas mãos o destino dos homens: de fato, Cloto (fiar)í, a mais nova das três, pegava na roca; Laquesis (sorte) punha o fio no fuso; Átropos (inflexível) cortava impiedosamente com a tesoura o fio, isto é, a vida humana. Os antigos representavam-nas sob a forma de três mulheres de rosto severo,

acabrunhadas de velhice: eram consideradas como superiores às divindades, pois não só dirigiam a sorte dos mortais, mas também o movimento dos astros e a harmonia do mundo.

PÁRIS — filho de Príamo: raptando Helena, desencadeou a guerra entre gregos e troianos.

PAROS — ilha do mar Egeu, célebre pelo belo mármore que dela se tira.

PARTÊNIO — companheiro de Enéias.

PARTENOPEU — rei da Arcádia (v. Adrasto).

PARTOS — povo da Ásia, entre o mar Cáspio e a Média.

PASIFAE — espôsa de Minos, rei de Creta. Era filha do Sol: Vênus por vingança contra o Sol (que a surpreendeu entre os braços de Marte), inspirou a Pasifae amor para com um touro; e a princesa transformada em vaca, deu à luz um monstro, o Minotauro (v.).

PATRO — companheiro de Enéias.

PELEU — pai de Aquiles.

PÉLIAS — companheiro de Enéias.

PELORO — promontório siciliano: com os promontórios Paquino (hoje Passaro) e Lilibeu (hoje Boeo), forma as três pontas extremas da ilha, que tem a forma de um triângulo.

PENATES — deuses domésticos (chamados também Lares) e particulares de cada família.

PENTESILÉIA — rainha das Amazonas, aliada de Príamo; foi morta por Aquiles.

PENTEU — rei de Tebas: tendo-se oposto à introdução do culto de Baco, o deus puniu-o com a loucura. Foi morto pelos familiares, guiados pela mãe Ágave e pelas bacantes.

PÉON — médico, curou Plutão da ferida que Hércules lhe fizera.

PÉRGAMO — a cidadela de Tróia.

PERIFANTE — guerreiro grego.

PERÍTOO — filho de Ixião; companheiro de Teseu, com êle lutou contra os centauros. Quando se casou com Hipodâmia, esqueceu-se de convidar o deus Marte, que se vingou suscitando uma terrível luta entre os lapitas e os centauros. Desceu aos Infernos para roubar Prosérpina e foi devorado pelo cão Cérbero.

PETÉLIA — cidade da Calábria, fundada por Filoctete (v.).

PICO — divindade campestre do Lácio: pai de Fauno, avô do rei Latino.

PIGMALIÃO — irmão de Dido: matou-lhe o espôso Siqueu.

PILUNO — avô de Turno.

PINÁRIOS — família dos árcades de Pananteu, que celebrava o culto de Hércules.

PIRÁCMON — um dos ciclopes (v.).

PIRGO — ama dos filhos de Príamo; acompanhou Enéias em suas viagens.

PIRGOS — cidade etrusca (hoje San Severo).

PIRRO — filho de Aquiles (v. Neoptólemo).

PISA — cidade etrusca.

PIVERNO — companheiro de Enéias.

PLÉIADES — filhas de Atlante e da ninfa Pléione: perseguidas pelo caçador Oríon (v.), pediram auxílio a Júpiter, que as transformou em constelação. Eram sete e tiveram amantes divinos: Maia, a mais velha e a mais bela, Eletra e Taigete foram amadas por Júpiter, ao qual respectivamente deram Hermes, Dárdano, Lacedémon. Alcíone foi, por obra de Netuno, mãe de Irineu; Celeno com o mesmo Netuno procreou Lico e Niteu; Astérope deu a Ares o filho Enomau, só Mérope se contentou do mortal Sísifo, do qual teve Glauco. O nome de Pléiades deriva talvez do verbo grego «pléin» (navegar), pois esta constelação é visível no mundo ocidental durante os meses de verão, favoráveis à navegação. Os romanos chamaram-nas Vergílias (de «ver», primavera).

PLEMIRO — promontório (hoje Punta dei Giganti) que abre o golfo de Siracusa, na Sicília oriental.

PLUTÃO — é o grego Hádes, deus dos Infernos, filho de Saturno e Réia. Quando Júpiter destronou Saturno, deu a Plutão os Infernos em partilha. Casou-se com Prosérpina (v. Démeter).

PÓ — rio da Itália setentrional (v. Erídano).

PODALÍRIO — companheiro de Enéias.

POLIBETES — sacerdote de Ceres.

POLIDORO — último filho de Príamo.

POLIFEMO — um dos ciclopes (v.), filho de Netuno e da ninfa Toosa. Nas suas peripécias, Ulisses chegou até a caverna dêste gigante, que devorou alguns companheiros do herói grego, mas foi por êste cegado do único ôlho. Polifemo amou a ninfa Galatéia, que não lhe correspondeu, pois lhe preferira o jovem Ácis: o ciclope matou o moço, que foi transformado em rio.

POLITES — filho do rei Príamo e de Hécuba, morto por Pirro.

PÓLUX — irmão de Castor, Helena e Clitemnestra, filho de Júpiter e Leda. Amou de tal maneira o irmão Cástor que, quando Júpiter lhe dera a imortalidade, a repartiu com êle: assim, viviam e morrim alternativamente. Ambos foram metamorfoseados em astros e colocados na constelação dos Gêmeos.

POMÉCIA — antiga cidade do Lácio.

POPULÔNIA — cidade etrusca.

PORSENA — rei etrusco.

PORTUNO — deus marinho, que presidia aos portos e às portas.

POTÍCIO — iniciador do culto de Hércules em Palanteu, a cidade de Evandro.

PRENESTRE — cidade do Lácio (hoje Palestrina).

PRÍAMO — último rei de Tróia; desposou Hécuba, da qual teve muitos filhos; morto pelo grego Pirro, filho de Aquiles. — Filho de Polites, neto de Príamo; companheiro de Enéias.

PRÍTANIS — companheiro de Enéias.

PRIVERNO — antiga cidade volsca, depois latina (hoje Piperno).

PROCAS — pai de Numitor, rei de Alba-Longa.

PRÓCRIS — filha de Ereteu, rei de Arenas: ciumenta, às escondidas seguiu a marido Céfalo à caça e foi morta por êle, involuntàriamente.

PRÔMOLO — companheiro de Enéias.

PRÓQUITA — ilha ao longo das costa da Campânia (hoje Prócida).

PROSÉRPINA — é a grega Perséfone, filha de Deméter (v.).

PROTEU — velho deus marinho, filho do Oceano e de Tetis: guardava rebanhos de Netuno e como recompensa podia ver o passado, o

presente e o futuro. Mas não era fácil abordá-lo, pois êle se transformava em qualquer animal ou árvore. A filha Idotéia ensinou a Menelau o modo de obrigar o pai, amarrando-o, a descobrir-lhe o futuro.

QUERENTE — guerreiro itálico, companheiro de Turno.

QUIMERA — monstro composto com cabeça de leão, corpo de cobra e cauda de dragão, vomitando fogo e labaredas. Devastou largo tempo a Lícia, até ser exterminado por Beloforonte.

QUIRINO — nome romano do deus Marte (de «quiris», lança); em Roma, com êste nome foi chamado Rômolo, depois de sua apoteose.

RADAMANTE — rei da Lícia, filho de Júpiter e de Europa: administrou a justiça com tanta severidade e imparcialidade que foi nomeado juiz nos Inferos.

RAPO — guerreiro itálico, companheiro de Turno.

REBO — nome do cavalo de Mezêncio.

RAMNES — guerreiro itálico, adivinho e companheiro de Turno.

RÉIA — espôsa de Cronos (v.), foi chamada mãe dos deuses, a Grande Mãe, e venerada também com o nome de Cibele (v.). Filha do Céu e da Terra, foi criada pelas feras: o seu culto, especialmente na Ásia Menor, era orgiástico. Os seus sacerdotes, chamados com vários nomes conforme as regiões, a honravam dançando ao redor da sua estátua com horrorosas contorsões.

REMO — irmão de Rômolo (v.) — Nome de um guerreiro itálico, companheiro de Turno.

RÊMULO — guerreiro itálico, cognominado Numano, espôso de uma irmã de Turno.

RENO — rio da Europa central; no seu curso inferior, divide-se em dois ramos.

RESO — rei da Trácia, foi socorrer Príamo; porém, na primeira noite da sua chegada, um troiano traidor (Dólon), facilitou a Ulisses e Diomedes o meio de o matar e de levar os seus cavalos, dos quais dependia uma parte dos destinos de Tróia.

RETEU — promontório do mar Egeu setentrional, onde foi sepultado Ájax. — Nome de um guerreiro itálico, companheiro de Turno.

RETO — guerreiro itálico, companheiro de Turno.

RIPEU — ou Rifeu, troiano, muito louvado pela justiça e equidade.

RÔMULO — neto de Numitor, rei de Alba-Longa; filho de Ília (ou Réia) Sílvia e do deus Marte; irmão de Remo, mítico fundador de Roma.

RÓSEA DO VELINO — os campos entre Rieti e o lago Velino, no Lácio.

RUFRAS — cidade da Itália meridional.

RÚTULOS — antigo povo da Itália central.

SABÉIA — região da Arábia meridional.

SABINO — rei dos Sabinos, povo da Itália central, honrado como divindade campestre.

SACRANOS — antigo povo da Itália central.

SACRÁTOR — guerreiro itálico, companheiro de Turno.

SÁGARIS — companheiro de Enéias.

SALAMINA — ilha do golfo Sarônico, famosa pela vitória dos gregos contra os persas.

SÁLIO — companheiro de Enéias.

SÁLIOS — sacerdotes do culto de Hércules em Palanteu (v.); depois devotados a Marte, custodes dos escudos do rei Numa Pomílio (um escudo caíu do céu, os outros onze iguais para proteger o verdadeiro).

SALMONEU — rei da Élida: foi despedaçado por Júpiter em razão de falsificar o raio e obrigar os seus a dedicarem-lhe honras divinas.

SAME — ilha do mar Jônio (hoje chamada Cefalônia).

SAMOS — ilha do mar Egeu, onde nasceu a deusa Juno e onde recebeu o nome de Hera; aí havia um grande templo.

SARPÉDON — rei dos Lícios, filho de Júpiter e Laudâmia: foi auxiliar Tróia durante o sítio e lá foi morto; seu filho foi Antífates (v.).

SARNO — rio da Itália meridional.

SERRASTES — povo da Itália central.

SATÍCULA — cidade da Campânia.

SÁTURA — paul no Lácio (hoje Paludi Pontine).

SATÚRNIA — fortificação sôbre a colina do Capitólio.

SATURNO — nome romano de Cronos (v.).

SEBÉTIS — ninfa, mãe de Ébalo (v.).

SELINUNTE — cidade siciliana fundada pelos gregos: ricas de palmeiras.

SERESTO — companheiro de Enéias.

SERGESTO — companheiro de Enéias.

SÉRGIA — família romana, descendendte de Sergesto, companheiro de Enéias.

SERRANO — guerreiro itálico, companheiro de Turno.

SEVERO — monte da Sabínia.

SÍBARIS — companheiro de Enéias.

SIBILA — uma das mais afamadas profetisas: morava em Cuma, na Campânia. Envelheceu tanto que lhe ficou só a voz para proferir os oráculos.

SICANOS — ou sículos, antigo povo da Itália central, que passou depois a morar na ilha da Sicília.

SICÍLIA — grande ilha do mar Mediterrâneo, quase que um prolongamento da península itálica.

SIDICINA — cidade da Campânia.

SÍDON — cidade da Fenícia, perto de Tiro.

SIDÔNIO — fenício (de Sídon).

SILA — planalto da Calábria, coberto de florestas.

SÍLVIA — filha de Tirro, pastor dos rebanhos do rei Turno.

SÍLVIO — filho de Enéias e de Lavínia, foi rei de Alba-Longa.

SIMETO — rio da Sicília.

SIMOENTE — um dos dois rios da planície de Tróia.

SINÃO — filho de Sísifo, amigo de Ulisses, homem astucioso.

SIQUEU — marido de Dido, morto pelo cunhado Pigmalião.

SIRACUSA — cidade da Sicília, fundada pelos gregos.

SÍRIUS — era o cão fiel de Oríon (v.): foi transformado na mais brilhante estrela da constelação do Cão ou Canícula.

SIRTES — amplos golfos do mar líbico, perigosos pelas camadas móveis das areias, onde os navios encalhavam.

SOL — (v. Hélios).

SORACTE — monte da Etrúria.

SUCRÃO — guerreiro itálico, companheiro de Turno.
SULMÃO — guerreiro itálico, companheiro de Turno.
TABURNO — monte da Campânia.
TÁCIO — rei dos Sabinos.
TAGO — guerreiro itálico, companheiro de Turno.
TÁLIA — nereide (v.).
TALOS — guerreiro itálico, companheiro de Turno.
TÂNAIS — guerreiro itálico, companheiro de Turno.
TAPSOS — península no mar Jônio, ao sul do golfo de Augusta, na Calábria.
TARCÃO — chefe dos exércitos etruscos.
TARENTO — cidade da Lucânia, na Itália meridional: dizia-se fundada por Hércules.
TARPÉIA — rocha do Capitólio, asim chamada porque ali morava a jovem Tarpéia, que traiu os romanos, dando as chaves da cidade aos sabinos. Daquela rocha eram jogados os condenados à morte por traição. — Nome de uma companheira da guerreira Camila.
TARQÜÍNIOS — família etrusca, que governou Roma.
TÁRQÜITO — guerreiro itálico, companheiro de Turno.
TÁRTARO — era, segundo os poetas, um lugar nos Infernos, onde iam ter as pessoas de má vida, para nele serem atormentadas com todo o gênero de horrores e de suplícios. Mas, em geral, êsse nome equivale a Infernos, ou além-túmulo.
TEBAS — capital da Beócia, região da Grécia central.
TELÃO — rei dos teléboas, povo da Acarnânia, com o filho Ébalo emigrou para a ilha de Capri, perto de Nápoles.
TEMÂO — companheiro de Enéias.
TEMILA — guerreiro itálico, companheiro de Turno.
TEMPESTADE — divindade simbólica, criada pelos romanos.
TÊNEDOS — ilha do mar Egeu, diante das praias de Tróia.
TERMODONTE — rio da Ásia Menor.
TERÃO — guerreiro itálico, companheiro de Turno.
TÉREU — companheiro de Enéias.
TERRA — corresponde à grega Géa: considerada como mãe de todos os seres.
TERSÍLOCO — guerreiro itálico, companheiro de Enéias.
TESEU — herói grego, filho de Egeu, teve muitas peripécias durante a sua agitada vida. Entre os episódios mais importantes, deve ser lembrada a viagem aos Ínferos para ajudar Perítoo (v.) a roubar Prosérpina: condenado por Plutão a ser amarrado a uma pedra, aí se conservou até que Hércules o pôs em liberdade. Veja-se também a luta que Teseu teve contra o Minotáuro (v.). Venceu as Amazonas e casou com a sua rainha Hipólita, da qual teve Hipólito (v. Fedra).
TESSANDRO — guerreiro grego.
TÉTIS — irmã e espôsa de Oceano, mãe de Doris, Nereu e de três mil ninfas chamadas Oceânicas.
TÉTRICO — monte da Sabínia.
TEUCRO — primeiro rei da Troada: deu o seu nome aos troianos (também denominados teucros).
TEUTRAS — companheiro de Enéias.
TIBRE — o rio que atravessa Roma. Chamava-se antes Álbula, por causa da brancura das suas águas. Tiberino, rei de Alba, afogou no rio, que mudou o nome em Tibre (italiano Tévere).

TÍBUR — antiga cidade do Lácio (hoje Tívoli).
TIBURTO — senhor de Tíbur e neto de Anfiarão, rei de Argos; companheiro de Turno.
TÍCIO — gigante prodigioso: o seu corpo cobria nove alqueires. Um abutre lhe devorava o fígado imortal e as vísceras, que continuavam a renascer.
TIFEU — gigante (v.) que foi enterrado debaixo da ilha Inárime, nas costas da Calábria.
TIMAVO — rio da região vêneta: desaparece nas profundezas da terra e reaparece depois de longo caminho subterrâneo.
TIMBER — guerreiro itálico, companheiro de Turno.
TIMBREU — companheiro de Enéias.
TIMBRES — companheiro de Enéias.
TIMETES — vassalo de Príamo; talvez entrou a entender-se com os gregos para lhe facilitar a tomada de Tróia. — Nome de um companheiro de Enéias.
TIRE — companheiro de Enéias.
TIRO — antiga capital da Fenícia.
TÍRIOS — fenícios (de Tiro).
TIRRENO — filho de Átis, deu o nome ao mar que banha as costas ocidentais da Itália. — Guerreiro etrusco, companheiro de Enéias.
TIRRO — pastor dos rebanhos de Turno.
TISÍFONE — uma das três Fúrias infernais (v. Fúrias).
TITÃS — gigantes, filhos do Céu e da Terra, que se rebelaram contra Júpiter e foram mortos pelo raio do Todo-poderoso.
TITEU — pai de Diomede (v. Adrasto).
TITONO — amado por Eos (v.).
TMÁRIO — de Tmaro, monte do Epiro.
TMARO — monte do Epiro. — Guerreiro itálico, companheiro de Turno.
TOANTE — guerreiro itálico, companheiro de Enéias.
TOAS — guerreiro grego.
TODO-PODEROSO — Júpiter (v.), chefe dos deuses.
TOLÚNIO — sacerdote e áugure latino, companheiro de Turno.
TORQUATO — cônsul e ditador romano, condenou à morte o filho por ter desobedecido às suas ordens durante a guerra.
TRÁCIA — grande região ao norte do mar Egeu.
TRITÃO — filho de Netuno e de Anfitrite, foi um semi-deus marinho: a parte superior do corpo era de homem, a parte inferior de peixe. Arauto dos deuses, anunciava a chegada ao som de uma concha recurva. Outro seu ofício era de acalmar as águas, fazendo cessar as tempestades.
TRITÔNIA — Minerva (Palas ou Atena) foi assim chamada por causa de ter sido criada nas margens de uma lagoa denominada Tríton.
TRÓADA — a região da Ásia Menor, cuja capital foi Tróia.
TRÓIA — cidade da Ásia Menor, capital da Tróada, destruída pelos gregos.
TRÓILO — filho do rei Príamo, morto por Aquiles.
TRÔNIO — companheiro de Enéias.
TULA — companheira da guerreira Camila.
TULO HOSTÍLIO — rei de Roma.

TURNO — rei dos rútulos, filho de Dauno e da ninfa Venília (esta era irmã de Amata, espôsa do rei Latino).

UCALEGONTE — velho conselheiro do rei Príamo.

UFENTE — senhor de Nersa (v.); guerreiro itálico, companheiro de Turno.

ULISSES — rei de Ítaca, filho de Laertes, marido de Penélope, pai de Telêmaco; durante o sítio de Tróia prestou grandes serviços aos gregos com a sua astúcia; de volta, depois da destruição da cidade, navegou durante dez anos, lutando contra a má sorte e teev muitas peripécias (que constituem a matéria da «Odisséia» homérica).

UMBRO — sacerdote e guerreiro dos marruvianos, morto por Enéias.

URANO — é o Céu, filho do Éter e do Dia; desposou Titéia, da qual teve além de outros filhos, os titãs, Satúrno e Oceano: êstes se revoltaram contra o pai, instigados pela mãe, e o mutilaram. A Urano sucedeu Cronos (v.) no império do mundo.

URSA — constelação (v. Calisto).

VÁLERO — guerreiro itálico, companheiro de Turno.

VENÍLIA — mãe de Turno.

VANULO — companheiro de Turno.

VÉLIA — cidade da Lucânia, na Itália meridional pátria do filósofo Parmênide.

VELINO — rio do Lácio.

VENTOS — filhos do titã Astreu e da Aurora, moravam nas ilhas Eólias, ao norte da Sicília. O rei Eolo mantinha-os encerrados nas cavernas. Quatro eram os ventos principais: Euro (o impetuoso do Oriente), Bóreas (o frio do Norte), Noto (ou Austro, o quente do Sul) e Zéfiro (o suave do Ocidente).

VÊNULO — conselheiro do rei Latino.

VÊNUS — é a deusa mais famosa da antigüidade: presidia os prazeres do amor. Os gregos a veneravam com o nome de Afrodite, isto é, nascida da espuma do mar, perto da ilha de Chipre; o nome latino deriva de «venustus», belo, pois para os romanos Vênus foi sobretudo deusa da primavera, da linda natureza e por isso da beleza em geral. Possuía um cinto, onde estavam encerradas as graças e os atrativos mais sedutores. O capítulo dos amores de Vênus é o mais rico da mitologia: esposa do feio Vulcano, o traiu com inúmeros deuses, heróis e mortais. Depois do escândalo com Marte (o marido envolveu-os numa rêde sólida e invisível), Vênus namorou Mercúrio e Baco; do mortal Anquises teve Enéias; outro célebre amante foi Adônis. Cheia de complicações tornou-se a sua vitória no julgamento de Páris, que a preferiu a Juno e Minerva. A deusa costumava andar acompanhada por um cortejo, do qual faziam parte Cupido, Himeneu, as Graças, tritões e nereides. Tinha vários apelidos, que atestam os maiores centros do culto: Cípris (de Chipre), Citeréia (da ilha de Citera), Páfia (da cidade de Pafos), Idália (do monte Idálio), Ericina (de Erix, monte da Sicília), etc.

VÉSPER — é o astro chamado Hésperos (v.) pelos gregos.

VESTA — é a Héstia (v.) dos gregos.

VESULO — monte dos Alpes (hoje Monviso).

VÍRBIO — filho de Hipólito e de Fedra (v.). Conforme a lenda, o deus Esculápio (ou o médico Péon) ressuscitou Hipólito, que viveu depois escondido nos bosques itálicos, onde se casou com a ninfa Arícia e teve um filho, chamado Vírbio.

VOLCENTE — herói itálico, companheiro de Turno.

VOLTURNO — rio da Campânia.

VOLSCOS — antigo povo do Lácio meridional.

XANTO — rio da Tróada, chamado também Escamandro (v.).

ZACINTO — ilha do mar Jônio (hoje Zante).

ZÉFIRO — um dos principais ventos (v.).

ÍNDICE

Vergílio no ambiente histórico e literário de seu tempo 7

Notas 31

A ENEIDA.

Livro I: À procura do reino prometido 35

Livro II: A narração de Enéias: a queda de Troia 59

Livro III: A narração de Enéias: os reveses do exílio 85

Livro IV: Um amor impossível 109

Livro V: A viagem continua 131

Livro VI: A visão do futuro 157

Livro VII: O início da guerra 185

Livro VIII: Em busca de aliados 211

Livro IX: Na ausência do chefe 235

Livro X: Enéias em combate 261

Livro XI: E a guerra continua 291

Livro XII: A vitória de Enéias 321

Glossário Mitológico e dos Nomes Próprios 387

Êste livro foi composto e impresso nas oficinas gráficas de D. GIOSA — INDÚSTRIAS GRÁFICAS S/A. — Seção: A T E N A E D I T Ô R A —— Rua Jaraguá, 600 —— São Paulo, em Março de 1966